

**VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS**

**EVAS E MARIAS EM SERROLÂNDIA:  
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS MULHERES  
EM UMA CIDADE DO INTERIOR (1960-1990)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Valdemir Donizette Zamparoni

Salvador  
2006

---

Vasconcelos, Vânia Nara Pereira Vasconcelos

Evas e Marias em Serrolândia: práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990) / Vânia Nara Pereira Vasconcelos. Salvador : V. N. P. Vasconcelos, 2006.

221f.

Orientador: Professor Dr. Valdemir Donizette Zamparoni.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

1. Mulheres. 2. Representações. 3. Relações de gênero. 4. Sexualidade. 5. Casamento. 6. Cidade do interior. I. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. II. Zamparoni, Valdemir Donizette. III Título.

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

VÂNIA NARA PEREIRA VASCONCELOS

**EVAS E MARIAS EM SERROLÂNDIA:  
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE AS MULHERES  
EM UMA CIDADE DO INTERIOR (1960-1990)**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Valdemir Donizette Zamparoni - Orientador \_\_\_\_\_  
Doutor em História Social, Universidade de São Paulo (USP)  
Universidade Federal da Bahia

Ligia Bellini \_\_\_\_\_  
Doutora em História, University of Essex, U.E., Inglaterra  
Universidade Federal da Bahia

Cecília \_\_\_\_\_ Sardenberg  
Doutora em Antropologia Social, Boston University, B.U., Estados Unidos  
Universidade Federal da Bahia

Salvador, 21 de dezembro de 2006.

Às mulheres de Serrolândia, por suas sutis lições de rebeldia.

Para Tânia, Cláudia, Rita e Clara,  
as mulheres da minha vida.

## AGRADECIMENTOS

Concluir a escrita de uma dissertação de Mestrado nos faz voltar os olhos para o passado e rememorar os encontros ocorridos ao longo desses “eternos” meses. Lembro-me de quando tudo começou... das visitas prazerosas à “roça” de “Tia Di”, quando ouvíamos histórias contadas de um tempo não tão distante, mas aparentemente tão diferente do vivido por nós naquele momento. Histórias sobre a vigilância aos comportamentos das mulheres “de antigamente”. Isso nos despertou uma enorme curiosidade de entender como em tão pouco tempo tantas coisas pareciam tão “diferentes” e ao mesmo tempo tão “iguais”. Essa curiosidade nos levou, a mim e a Tânia, irmã querida e colega de faculdade, a buscar estudar as relações de gênero em Serrolândia, aquela cidade tão pequenina e tão especial para nós, onde crescemos, vivemos, estudamos, namoramos e fizemos “história”... A pesquisa se iniciou ainda no Curso de Graduação em História na UNEB de Jacobina. Ao estudar as inovações teórico-metodológicas dos estudos históricos, compreendemos que poderia ser possível pesquisar aquele lugar, considerado “sem história” em uma concepção mais tradicional. Ao ingressar na Especialização em Teoria e Metodologia da História na UEFS, acabei “apropriando-me” do tema. De lá para cá nunca mais consegui me separar dele. Por tudo isso, faço aqui um agradecimento mais que especial à Professora Tânia Vasconcelos, que agora envereda por outros caminhos da história, pelo seu desprendimento ao ter me concedido a “apropriação” do nosso objeto de estudo, além da leitura e sugestões feitas a essa dissertação.

Agradeço ainda às mulheres e homens que concederam entrevistas e me encantaram com suas narrativas cheias de detalhes, típico da cultura popular sertaneja. Também aos que disponibilizaram seus arquivos pessoais.

Ao professor Dr. Valdemir Zamparoni, pela orientação, diálogo e incentivo, contribuindo para que fosse possível a concretização deste trabalho.

À professora Dr<sup>a</sup>. Lúgia Bellini, pela leitura cuidadosa e sugestões sempre muito bem vindas.

Às amadas irmãs Cláudia Vasconcelos, irmã de “verdade”, Izabel Dantas e Luciana Teixeira, irmãs por opção, pelas conversas “furiosas” e divertidas, pelo carinho e solidariedade, dedicando-me todo o seu apoio ao longo desse processo.

Minha mãe, Rita Vasconcelos, talvez não se dê conta como ela foi importante para a escolha deste tema de pesquisa. Mulher aparentemente frágil, sutilmente me ensinou a questionar os modelos “tradicionais” de relações de gênero. A meu pai, Touzinho Pereira, que me ensinou desde criança a “primeiro estudar, depois casar”, incentivando a conquista da minha independência financeira. Talvez em alguns momentos ele já se tenha arrependido desses “conselhos” nada convencionais... Mas agora é um pouco tarde... esse é um caminho sem volta...

A Clara e Mateus, sobrinhos amados, por me transportarem para o delicioso “mundo infantil”, me permitindo incorporar a “bruxa nem boa, nem má”.

À amiga Lysie Reis, pelo encontro especial que a “História” nos proporcionou, possibilitando uma grande amizade. Aos amigos, Regi, Iuri e CAPL, que sempre estiveram por perto dando aquele apoio necessário, e a Júnior, Marcone, Mariza, Zel, Luzy e Zilma, que mesmo distante foram carinhosos e solidários.

Às amigas Lena e Cecília, mulheres importantes na minha formação fora dos bancos da universidade, pelas lições de vida.

Agradeço ainda a Telma Insuela que, com suas massagens e aromas, cuidou tão bem de mim, dando-me tranquilidade e equilíbrio, essenciais no processo de escrita do texto. À Rita, por me permitir ficar livre dos cuidados com a casa.

Às professoras Vera Romariz e Jane Vasconcelos, pela leitura cuidadosa, pelas críticas e sugestões, nos ajudando a superar as dificuldades com a Língua Portuguesa. Também ao professor Henrique Santos, “meu professor de inglês preferido”, pela colaboração.

Aos professores e colegas desta pós-graduação, pelas discussões proporcionadas, em especial a Kleber, Neli e Jacimara, que se tornaram grandes amigos.

Aos meus colegas da Universidade do Estado da Bahia/Campus V, pelo incentivo, liberando-me das atividades de trabalho para que eu pudesse me dedicar a esta dissertação. Agradeço também a esta Universidade por ter me concedido a bolsa PAC durante o curso.

Aos alunos-historiadores Ademário, Jose, Thaise e a Péricles, pelas transcrições. A Léo, pela ajuda na coleta de dados.

Às funcionárias do Arquivo Público Municipal de Jacobina, Celeste e Celma, por facilitar o acesso aos processos judiciais, essenciais para a pesquisa. A Edinete, secretária da Paróquia de Capim Grosso e a Ivacilda, da Paróquia de Serrolândia, pelo acesso dado aos documentos de casamento religioso. Aos funcionários dos Fóruns Jorge Calmon, em Jacobina e Manoel Pereira Lima, em Serrolândia, especialmente a Zildete, pela disposição e boa vontade e aos juízes Walter Caldas, Ângela Torres e José Carlos Nascimento, que me autorizaram o acesso aos processos judiciais das Varas Cível e Crime.

Em Serrolândia, algumas pessoas foram muito gentis colaborando com o acesso a documentos importantes para a pesquisa. Dentre elas estão as professoras Edite, Izailda e Célia, do Colégio Estadual de Serrolândia, Deraldino, funcionário do CRESS e Marilton, da Câmara Municipal de Vereadores.

O acesso a dissertações do mestrado da UFBA, necessários para leitura, foi possível devido ao gentil atendimento da bibliotecária Marina da Silva. Os dados do IBGE, foram colhidos graças a boa vontade da funcionária Ana Lúcia e da estagiária Michele. Agradeço ainda A cora, do CPD da UFBA, pela disponibilidade na orientação do uso do SPSS.

Enfim, agradeço a todos, que direta ou indiretamente contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho.

Há um princípio bom que criou a ordem, a luz e o homem,  
e um princípio mau que criou o caos, as trevas e a mulher

Pitágoras

Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres  
deve ser suspeito, pois eles são há um tempo, juiz e parte



## RESUMO

Este estudo se propõe a discutir concepções sobre as mulheres em uma pequena cidade do interior da Bahia. Analisa práticas e representações sobre as mulheres em Serrolândia entre as décadas de 1960 e 1980, enfocando a sexualidade, o casamento e a família, a educação, o trabalho e o lazer, além das formas de repressão e de resistência feminina. As fontes utilizadas foram processos judiciais, livros de registro de casamentos, entrevistas orais, livros de matrículas e atas de escolas, dados dos Censos do IBGE e alguns materiais dos entrevistados, como cadernos de confidências, diário, cartas de amor e outros. Trata dos estereótipos femininos “moça de família”, “moça falada” e “puta”, apontando os resquícios da misoginia da Idade Média, que fundamentou as dicotomias Eva / Maria e prostituta / santa. A partir da análise de processos judiciais foi possível perceber um discurso misógino, no qual essas dicotomias estavam presentes. A desqualificação das mulheres envolvidas nos processos pressupõe a defesa de um modelo de mulher, associado à Santa. As mulheres que fugiam desse padrão eram desmoralizadas, associadas à prostituta. A importância da virgindade aparece como elemento fundamental nas relações de gênero, nessa sociedade, havendo conseqüências da sua perda no destino das “moças” serrolandenses. A investigação dos padrões de comportamento impostos às mulheres para que estas fossem bem aceitas socialmente e das alternativas por elas encontradas para burlar esse controle demonstra a existência de “poderes” femininos numa sociedade em que os valores machistas eram predominantes. Os resultados do estudo revelam a importância do casamento na sociedade serrolandense para a determinação dos papéis sociais do homem e da mulher; indicam ainda que havia uma predominância das mulheres na educação formal, no entanto, elas se encontravam parcialmente excluídas do mercado formal de trabalho e as que faziam parte da População Economicamente Ativa recebiam remuneração inferior aos homens. O estudo revela também que, no período estudado, ocorreram mudanças nas práticas e representações femininas, principalmente relativas à questão sexual, como fruto da influência dos movimentos de juventude ocorridos nos anos 1970 no Brasil.

Palavras-chaves: Mulheres; Representações; Relações de gênero; Sexualidade; Casamento; Cidade do interior.

## ABSTRACT

This study is aimed at discussing conceptual notions about women in Serrolândia, a small country town in the State of Bahia, Brazil. Practices and representations about women from the 1960s to the 1980s are analyzed by focusing on sexuality, marriage and family, education, work and leisure as well as ways of women's resistance and repression. Judicial trials, records of wedding registration, oral interviews, school enrollment records and meeting proceedings, data from the Brazilian Census Bureau and the interviewees' personal material, such as, intimate written reports, diaries and love letters, among others, were the sources of information. The stereotypes of "family girls" (i.e. "well-behaved girls"), "ill-famed girls" and "whores" are approached pointing to remains of a Middle Age misogyny, which, in turn, supported the dichotomy between Eve and Mary, on the one hand, and the prostitute and the saint, on the other. These dichotomies were shown to be present in the misogynous speech of the judicial trials examined. The disqualification of the women in the trials implies the defense of a saint-related female pattern. Those who deviated from the pattern were demoralized and linked to the prostitute. The importance of virginity was revealed as a critical element in that society's gender relations, and its loss brought on consequences to the town girls' fate. Upon investigating both the behavior patterns imposed on the women so that they could be socially accepted and the alternatives they found to overcome that control, female "powers" were shown to exist in a society with predominantly sexist values. The study results bring to light the importance marriage has in determining the male and female social roles in that society. Although a predominance of women was found in formal education, they were partially excluded from the formal labor market, and those who were part of the economically active population earned less than their male counterparts. The study also reveals a change in the practices and representations about women in the period under study, mainly related to sexual issues as a result of the influence of the Brazilian young movements in the 1970s.

Key Words: Women; Representations; Gender Relations; Sexuality; Marriage; Country town

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico de número de casamentos	
90	
Figura 2 - Gráfico da profissão dos pais dos alunos	151
Figura 3 - Gráfico da profissão das mães dos alunos	151
Figura 4 - Foto do Conjunto Los Cravos	167
Figura 5 - Foto do Conjunto Los Cravos	167
Figura 6 - Time de Futebol Feminino de Serrolândia	176

**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Cor das vítimas e dos acusados	44
Tabela 2 - Resultado dos Processos de Sedução	54
Tabela 3 - Número de casamentos religiosos e civis	89
Tabela 4 - Pessoas casadas, por tipo de casamento e sexo	91
Tabela 5 - Média de idade dos noivos nos casamentos religiosos e civis	92
Tabela 6 - Guarda dos filhos por tipo de processo	109
Tabela 7 - Estado conjugal, por sexo	113
Tabela 8 - Processos por ano, década e tipo de casamento	114
Tabela 9- Anos de estudo das pessoas de 10 anos e mais, por sexo	134
Tabela 10 - Curso completo das pessoas de 10 anos e mais, por sexo	135
Tabela 11 - Número de alunos do ensino ginasial / 5ª a 8ª séries do Colégio Estadual de Serrolândia	137
Tabela 12 - Número de alunos do ensino de 2º grau do Colégio Estadual de Serrolândia	138
Tabela 13 - População Economicamente Ativa, por setores de atividades	142
Tabela 14 - População Economicamente Ativa, por sexo	145
Tabela 15 - Rendimento médio mensal da População Economicamente Ativa, por sexo	155

**LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

APMJ	Arquivo Público Municipal de Jacobina
CRESS	Clube Recreativo, Esportivo e Social de Serrolândia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
FJC	Fórum Jorge Calmon
PEA	População Economicamente Ativa

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	15
<b>CAPÍTULO 1 - “MOÇAS HONESTAS” E “MULHERES PERDIDAS”: VISÕES SOBRE AS MULHERES</b>	24
1.1 EM BUSCA DE EVA: A DIABOLIZAÇÃO DA MULHER	26
1.2 DE EVA A MARIA	29
1.3 “FALADAS” E “PERDIDAS”: AS CONSEQÜÊNCIAS DA PERDA DA VIRGINDADE EM SERROLÂNDIA	31
1.4 “MOÇAS SEDUZIDAS”: MULHERES VÍTIMAS X HOMENS CULPADOS?	41
1.5 OS ANOS REBELDES	55
<b>CAPÍTULO 2 - MULHERES NO CASAMENTO: “ESPOSAS”, “MÃES”, “LARGADAS”, “AMIGADAS”...</b>	77
2.1 O CASAMENTO EM SERROLÂNDIA: A “BOA MOÇA” E O “RAPAZ TRABALHADOR”	82
2.2 MULHER: ESPOSA E MÃE	97
2.3 “MULHERES LARGADAS”: DESQUITES, SEPARAÇÕES E DIVÓRCIOS EM SERROLÂNDIA E AS CONSEQÜÊNCIAS PARA MULHERES E HOMENS	111
2.4 MUDANÇAS NA IMPORTÂNCIA DO CASAMENTO	120
<b>CAPÍTULO 3 - “MULHERES NA RUA”: EDUCAÇÃO, TRABALHO E LAZER</b>	123
3.1 MULHERES NA ESCOLA	128
3.2 MULHERES NA LIDA	141
3.3 FORMAS DE LAZER EM SERROLÂNDIA: DIVERSÃO E VIGILÂNCIA	157
3.4 O FUTEBOL FEMININO EM SERROLÂNDIA: LAZER OU TRABALHO?	171
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	179
<b>FONTES E REFERÊNCIAS</b>	182
<b>ANEXO</b>	194

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa práticas e representações femininas em Serrolândia, procurando perceber as mudanças relacionadas às visões sobre as mulheres nessa sociedade, entre os anos 1960 e 1990. O interesse em pesquisar as relações de gênero nessa cidade surgiu da observação de discursos - tanto de mulheres quanto de homens - que sugeriam concepções sobre o masculino e o feminino, presentes naquela comunidade.

Durante muito tempo, as mulheres estiveram à sombra da historiografia. Quando apenas o espaço público era levado em conta, só mereciam ser documentados os “grandes acontecimentos” em que os “atores de destaque” eram, em geral, homens. Michelet foi um dos raros historiadores do passado a desenvolver estudos sobre as mulheres, porém dentro de uma visão dominante no seu tempo, identificando a mulher com a natureza e o homem com a cultura.<sup>1</sup>

No final do século XIX, quando o positivismo dominava o campo da história, a mulher foi duplamente excluída: do próprio conhecimento histórico, uma vez que este somente tinha como objeto o que dizia respeito ao domínio público, e da produção deste conhecimento, visto que a história científica só era escrita por profissionais - homens, evidentemente.

A historiografia sobre as mulheres é muito recente. Desenvolveu-se nos últimos trinta anos, como fruto de um processo que se iniciou no século XIX, quando a família passou

---

<sup>1</sup> SOIHET, Rachel. “História das Mulheres” In CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 280.

a ser considerada como célula fundamental e evolutiva da sociedade, um tema de interesse da emergente antropologia histórica.<sup>2</sup>

A Escola dos Annales, surgida em 1929, apesar de não incorporar de imediato uma historiografia social das mulheres, abriu espaço para ela, na medida em que questionava uma história estática, que se dizia universal. Para Lucien Febvre,

A História não devia se interessar pelo homem abstrato, eterno, imóvel, no fundo, perpetuamente idêntico a si mesmo, e sim voltar-se para os homens sempre tomados no enquadramento da sociedade de que são membros e inseridos numa época bem determinada de seu desenvolvimento.<sup>3</sup>

Apesar da contribuição da Escola dos Annales para a construção de uma História das mulheres, os estudos de conjuntura e estrutura não levavam em conta a dimensão sexual. A emergência e consolidação da História das mulheres é, sobretudo, fruto do movimento das mulheres que lutaram dentro e fora da universidade, por uma mudança no ensino e na pesquisa, com o objetivo de compreenderem as raízes da dominação que suportavam. As inglesas e americanas foram pioneiras desse movimento.<sup>4</sup>

A partir de 1970, a Nova História colocou em debate o papel da família e da sexualidade e, com a História das Mentalidades, mais aberta para o estudo de temas associados à mulher, passou a haver a preocupação de se aprofundar o estudo de gênero.<sup>5</sup>

A partir dos anos 1980, os historiadores passaram a utilizar a categoria gênero para caracterizar as relações entre os sexos, partindo da compreensão de que a história das mulheres passa necessariamente pelo estudo de sua relação com o homem. Joan Scott<sup>6</sup>, compreende gênero como uma categoria de análise e um conceito relacional, destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais, bem como a se referir a um conjunto mutante de processos sociais historicamente variáveis.

---

<sup>2</sup> Uma discussão a respeito das questões aqui mencionadas encontra-se em DUBY, Georges & PERROT, Michelle. “Escrever a história das mulheres” In DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 1. A Antigüidade. Porto: Afrontamento, 1990, especialmente p. 13.

<sup>3</sup> Citado por DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano” In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 46.

<sup>4</sup> SCOTT, Joan, “História das Mulheres” In Burke, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

<sup>5</sup> SOIHET, Rachel. “História das Mulheres” In CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 279.

<sup>6</sup> Ver especialmente SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica” In *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2): jul./dez. 1990 e “Prefácio a ‘Gender and Politics of history’”. *Cadernos Pagu*, nº 03, 1994. Campinas/SP. p. 111-27.



O desenvolvimento dos estudos de gênero está intimamente ligado às inovações teóricas e metodológicas no campo das pesquisas historiográficas. Ao abrir espaço para novas temáticas - não se restringindo apenas àquelas que enfocam as mulheres como participante do espaço público como trabalho, política, educação e direitos civis. - esses novos estudos focalizam espaços alternativos relacionados ao cotidiano, tais como a família, a maternidade, os gestos, a sexualidade e o corpo, entre outros<sup>7</sup>.

Esses estudos<sup>8</sup>, bastante influenciados por Michel Foucault, trazem com uma nova concepção de poder, que não a do poder formal, relacionado ao Estado. Substitui-se o poder, no singular, por “poderes”, no plural, buscando perceber as resistências presentes nas estratégias cotidianas, superando a idéia da passividade atribuída às mulheres do passado. Michelle Perrot, em seus trabalhos, apresentou uma nova análise das relações de poder, procurando superar a visão de vitimização das mulheres:

Se elas não têm o poder, as mulheres têm, diz-se, poderes. No Ocidente contemporâneo, elas investem no privado, no familiar e mesmo no social, na sociedade civil. Reinam no imaginário dos homens, preenchem suas noites e ocupam seus sonhos.<sup>9</sup>

No Brasil, abordagens mais recentes<sup>10</sup> têm se preocupado com uma análise das relações de gênero levando em conta as resistências femininas; estas abordagens rompem com a idéia da mulher-vítima / homem-culpado, procurando identificar como no processo de dominação das mulheres, estas se utilizaram de formas, muitas vezes sutis, de resistência, outras vezes, foram mais diretas no enfrentamento.

Maria Odila Leite da Silva Dias destacou as dificuldades de se estudar “as mulheres enquanto seres sociais”, visto que o estudo da história das mulheres pressupõe uma total modificação nos parâmetros históricos tradicionais. A inclusão destas como sujeitos da história implica, assim, o questionamento, senão a destruição, dos principais paradigmas estabelecidos há muito tempo pela disciplina histórica. “O tema pressupõe soterradas as

<sup>7</sup> SOIHET, Rachel. “História das Mulheres” In CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 280.

<sup>8</sup> Ver PERROT, Michelle *Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988 e RAGO, Margareth *Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

<sup>9</sup> PERROT, Michelle. “As mulheres, o poder, a história”. In Idem, *ibidem*, p. 167.

<sup>10</sup> Dentre estas destacamos RAGO, *op.cit.*, DIAS, Maria Odila. *Cotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984 e SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

balizas epistemológicas tradicionais, como o sujeito humano universal, a Verdade, a Razão, que norteavam as Ciências Humanas no século passado”.<sup>11</sup>

Maria Izilda Matos considerou um desafio para os historiadores romper com a tradição iluminista baseada na primazia da razão, fazendo uma história crítica das subjetividades; nesse sentido, os novos estudos deverão procurar desconstruir o caráter essencialista e parcial dos estudos tradicionais, que aceitavam a superioridade do homem branco ocidental. Assim, cabe aos historiadores de gênero desnaturalizar as diferenças construídas historicamente a respeito do masculino e do feminino.<sup>12</sup>

A história das mulheres, segundo Joan Scott, desafia a pretensão da história de fazer um “relato completo quanto à perfeição e à presença intrínseca do objeto da História - o Homem Universal”, provocando uma grande reviravolta no próprio fazer histórico<sup>13</sup>, não sendo possível, a partir daí, se pensar em qualquer tema histórico sem se levar em conta os questionamentos que o “movimento das mulheres” na história acabou provocando.

Essas mudanças fizeram surgir muitos trabalhos com temáticas relacionadas à história das mulheres e das relações de gênero no Brasil. Porém, a maioria dos estudos realizados até hoje tratam, em geral, apenas de questões relacionadas às mulheres e homens nas grandes cidades, não havendo ainda uma produção conhecida sobre estes nas pequenas cidades. Estes fatores fizeram-me perceber a importância de um estudo para analisar as relações de gênero em uma cidade do interior do Nordeste brasileiro. Desta forma, me propus a estudar as práticas e representações sociais da cidade de Serrolândia em relação às mulheres, enfocando a sexualidade, o casamento e a família, a educação, o trabalho e o lazer, além de formas de repressão e de resistência feminina.

Serrolândia é um pequeno município do interior da Bahia, localizado no Piemonte da Chapada Diamantina, a 319,9 Km de Salvador, na região Norte baiana. Iniciou seu povoamento em 1929 e foi fundada como povoado de Serrote<sup>14</sup>, pertencente ao município de

---

<sup>11</sup> DIAS, Maria Odila L. S. “Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano” In COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). *Uma Questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 39.

<sup>12</sup> MATOS, Maria Izilda. “História das sensibilidades em foco, a masculinidade”. In *História, Questões e debates*. Ano 18, nº 34, jan/junho, 2001. Curitiba: APAH/UFPR. pp. 45-63.

<sup>13</sup> SCOTT, Joan, “História das Mulheres” In Burke, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 78.

<sup>14</sup> De acordo com Diomedes Reis o nome do povoado “Serrote” foi originário de uma pequena serra avistada pelos primeiros moradores. Esta serra, atualmente denominada “Monte Serrote”, divide a cidade geograficamente. A mudança do nome de Serrote para Serrolândia se deu quando houve a emancipação política do município. Ver REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press Color, 1994, p. 15.

Jacobina, na década de 1940. Tornou-se vila em 1953, tendo sido emancipada em 1962.<sup>15</sup> De acordo com o Censo Demográfico de 1960<sup>16</sup>, a população do distrito de Serrote era de 11.971, sendo que apenas 1.660 habitavam a zona urbana e 10.311 a zona rural. Em 1970, a população de Serrolândia passou para 19.812, sendo de 2.367 a população urbana e 17.445 a rural; em 1980, de um total de 22.359, 3.673 era urbana e 18.686 rural. No Censo de 1991, houve uma queda significativa do número da população, devido à emancipação do distrito de Quixabeira em 1987, passando para 11.798, sendo 4.737 a população urbana e 7.061 a população rural. De acordo com o último Censo do IBGE em 2000, Serrolândia contava com uma população de 12.616 pessoas, sendo que a maioria destas (52,11 %) ainda residia na zona rural.

Como vimos, de 1960, marco inicial desta pesquisa, até 1990, Serrolândia teve a maioria da população residindo na zona rural, sendo que a taxa de urbanização, cresceu de 13,85 % em 1960 para 40,15 % em 1991. Sendo uma cidade predominantemente rural a sua principal atividade econômica nesse período era a Agricultura, destacando-se a plantação de mandioca. A maior parte da produção deste setor era de subsistência, sendo que alguns produtos abasteciam outros municípios<sup>17</sup>. A partir de dados sobre a População Economicamente Ativa, por setores de atividades, a Agricultura ocupou o primeiro lugar entre 1970 e 1991.<sup>18</sup> Depois da Agricultura, os setores de atividades mais importantes em Serrolândia eram o de Serviços e o da Indústria, que tiveram algumas variações nos seus percentuais ao longo do período estudado. O comércio que ocupou o quarto lugar em 1970 e em 1980, teve um declínio da sua importância em 1991, passando a ocupar o sexto lugar da PEA. Ao contrário do Comércio, os setores de Atividades Sociais e Administração Pública foram crescendo ao longo das décadas.

Analisando a participação das mulheres no trabalho em Serrolândia, vimos que elas estiveram parcialmente excluídas do mercado de trabalho formal, visto que a População Economicamente Ativa era predominantemente masculina nas três décadas pesquisadas. Além disso, consideramos nesse estudo também a sua participação em outros espaços públicos como educação e lazer.

A escolha dos anos 1960 como marco cronológico inicial desta pesquisa está relacionada ao fato destes terem sido marcados pela contestação aos valores tradicionais no

---

<sup>15</sup> O Distrito foi criado em 30.12.1953, pela Lei Estadual nº 628 e o Município em 23.07.1962, pela Lei Estadual nº 1746. Idem, ibidem. pp.19-20.

<sup>16</sup> IBGE. Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980 e 1991.

<sup>17</sup> REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press Color, 1994, p. 31.

<sup>18</sup> IBGE. Censos Demográficos de 1970, 1980 e 1991.

Brasil e no mundo, ocorrendo uma série de mudanças, principalmente relativas à relação homem / mulher. Procuramos investigar como as idéias da chamada “revolução sexual”, como

o questionamento a valores como virgindade e casamento influenciaram os comportamentos em Serrolândia. Além disso, esta cidade teve sua emancipação conquistada no início desta década, o que proporcionou algumas mudanças importantes na vida das mulheres, a exemplo da implementação do Curso Ginásial, considerado passo importante para a educação feminina. Estendemos a baliza temporal até o ano de 1990, para que fosse possível analisar as mudanças ocorridas desde a década de 1960 até o final dos anos 1980.

A realização deste trabalho só foi possível devido às inovações teórico-metodológicas ocorridas nas últimas décadas, discutidas acima. A chamada “Nova História” tornou possível o estudo de espaços antes considerados “sem história”, lugares onde não ocorreram fatos políticos considerados importantes como guerras e revoluções, nem se destacaram “heróis” por algum feito importante para a Nação. Este é o caso de Serrolândia. Além das mudanças na concepção do que “é a história”, ou “quem faz a história”, ampliando os objetos, foi importante também as transformações que expandiram as possibilidades do “fazer histórico”. A ampliação das fontes históricas, considerando documentos antes desprezados por não serem oficiais, a exemplo dos arquivos privados ou das fontes orais também foram essenciais para a realização desta pesquisa.

A diversidade de fontes é uma marca deste trabalho. Diante da inexistência de arquivo público em Serrolândia, recorreremos aos mais diversos tipos de fontes históricas, de forma que foram incorporadas à análise praticamente todas as encontradas; estas se constituíram de entrevistas orais com pessoas que viveram em Serrolândia no período estudado, assim como de processos judiciais, livros de registro de casamentos, livros de matrículas e atas do Colégio Estadual de Serrolândia, estatuto do Clube da cidade, além de materiais recolhidos dos entrevistados.

A escrita da História das mulheres exige uma preocupação específica com as fontes. Primeiro por que elas estiveram historicamente mais ligadas ao espaço privado e, portanto, tiveram menos acesso à palavra escrita, o que as excluiu de uma produção de fontes tradicionais. Desta forma, tem-se constituído em um problema para os historiadores a escassez de documentos produzidos pelas próprias mulheres, o que os tem levado a analisar as representações sobre as mulheres a partir de um olhar masculino, presente nos discursos encontrados nas fontes escritas. As mulheres que aparecem nestes documentos são geralmente

aquelas que subverteram a ordem pública, reivindicando um espaço que não era considerado seu<sup>19</sup>. Um exemplo destas fontes são os processos judiciais. Utilizei esta fonte como forma de perceber e analisar representações sobre as mulheres nos discursos jurídicos em Serrolândia, bem como investigar práticas deste grupo social. Os processos judiciais utilizados na pesquisa foram processos da Vara Cível, como desquite, separação, divórcio, ação de alimentos e investigação de paternidade e da Vara Crime, como sedução, lesão corporal e homicídio.

Michelle Perrot afirmou que os “arquivos privados são mais generosos”<sup>20</sup>, constituindo-se numa possibilidade de fonte para análise das relações de gênero. No entanto, sua destruição é muito comum, visto que as mulheres temem ser criticadas por estes escritos, ou mesmo, como verifiquei em Serrolândia, algumas depois de casadas, temiam que seus maridos encontrassem este material, o que poderia causar-lhes problemas conjugais. Os documentos dos arquivos privados analisados foram: caderno de confidências, diário, carta de amor, poema, uma ata do Reveillon de 1979 e fotografias, além de revistas e um livro. Essas fontes foram utilizadas como forma de perceber as visões dos sujeitos pesquisados sobre suas vivências, tornando possível uma análise mais ampla dessa sociedade, bem como das mudanças ocorridas no período estudado. Optamos por conservar os textos originais destas fontes, sem fazer alterações gramaticais; quanto às fontes orais, ao transcrever as entrevistas fizemos pequenas alterações, apenas para torná-las legíveis, mantendo a linguagem original. Optamos por utilizar nomes fictícios para identificar os sujeitos desta pesquisa (depoentes e envolvidos nos processos), uma vez que ela trata de temas que exigem a preservação da identidade destes.

A escolha da fonte oral, “instrumento dos mais adequados para registrar a memória feminina, na medida em que o acesso feminino à escrita não se deu no mesmo ritmo dos homens”<sup>21</sup>, foi feita por viabilizar um certo tipo de análise. Como pesquisamos questões relacionadas ao comportamento, utilizamos entrevistas como forma de perceber, através dos discursos, as práticas e representações dos membros da comunidade sobre determinados aspectos. Entrevistamos pessoas que viveram em Serrolândia no período estudado, dentre elas dezenove mulheres e sete homens.

---

<sup>19</sup> SOIHET, Rachel. “História das Mulheres” In CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campos, 1997, p. 295.

<sup>20</sup> Idem, ibidem, p. 295.

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 296.

Para Sylvie Van de Castele e Danielle Voleman as fontes orais são essenciais para a escrita da história da atualidade<sup>22</sup>. As autoras defendem que além da carência de fontes

escritas, da falta de acesso aos arquivos, a possibilidade de dialogar com os atores sociais pesquisados não deve ser descartada, considerando a importância de se trabalhar com a subjetividade, inerente às fontes orais. As autoras discutem as problemáticas em torno da entrevista, que implica uma relação de distanciamento ou não entre pesquisador e entrevistado, envolvendo variantes como classe social, faixa etária, gênero e eu acrescentaria raça. Elas defendem que, no caso de mulheres entrevistadas por mulheres, ocorre um processo de solidariedade, por um “sentimento de pertencimento de sexo”, supondo haver uma cumplicidade, superando o distanciamento entre sujeito e objeto, entre historiadora e “historiada”<sup>23</sup>.

Trabalhar com fontes orais exige alguns cuidados. Não podemos ver as entrevistas como “vozes do passado”, é preciso atentar para os silêncios, para as interferências do presente nas histórias sobre o passado. Segundo Alistair Thomson<sup>24</sup>, nos últimos anos os historiadores orais têm atentado para a importância de “explorar os processos de afloramento de lembranças e ‘recompor’ as reminiscências por eles registrados”, ao invés de ver o testemunho oral como “pura e autêntica ‘voz do passado’”. Thomson afirma que cada vez mais os historiadores orais são influenciados por estas novas abordagens sobre reminiscências e subjetividade, inclusive os brasileiros.<sup>25</sup>

Os dados dos Censos do IBGE sobre Serrolândia e o Brasil contribuíram para a análise de vários temas tratados neste trabalho. No Censo de 1960, conseguimos apenas informações sobre a população do Serrote, visto que Serrolândia ainda não tinha adquirido sua emancipação. Nos Censos de 1970, 1980 e 1991, além dos índices populacionais, foram pesquisados dados sobre educação, trabalho, religião, cor e estado conjugal. Embora o período pesquisado se estenda até 1990, tivemos que utilizar o Censo de 1991, considerando que não houve Censo naquele ano.

---

<sup>22</sup> VAN DE CASTEELE, Sylvie y VOLEMAN Danielle. “Fuentes orales para la historia de las mujeres” In ESCANDÓN, C. R. (org.) *Gênero e História*. México: Instituto Mora/UAM, 1992, p. 100.

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 101.

<sup>24</sup> THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias” In *Projeto História*: PUC-SP. São Paulo. nº 15, Abril/1997, pp. 51-84.

<sup>25</sup> Segundo Marieta de Moraes, as primeiras experiências sistemáticas no campo da História Oral, no Brasil, foram iniciadas em 1975. Ao fazer um balanço do processo de ampliação de trabalhos neste campo, ela coloca os anos noventa como momento de “desenvolvimento da História Oral no Brasil, com o pleno reconhecimento e

Este trabalho se constitui de três capítulos, o primeiro, intitulado “‘Moças Honestas’ e ‘Mulheres Perdidas’: visões sobre as mulheres”, traz uma introdução indispensável para a discussão das representações sobre a mulheres, tratando dos estereótipos femininos, baseados nas dicotomias Eva / Maria, prostituta / santa, discutindo a supervalorização da virgindade como símbolo da virtude feminina, bem como as conseqüências da sua perda no destino das “moças” serrolandenses. Partindo de um breve histórico das transformações que se deram entre as décadas de 1960 e 1970 no Brasil e no mundo, aborda as mudanças relacionadas aos comportamentos, ocorridas ao longo do período estudado em Serrolândia.

O segundo – “Mulheres no Casamento: ‘esposas’, ‘mães’, ‘largadas’, ‘amigadas’...” - apresenta uma reflexão a respeito da importância do matrimônio na sociedade serrolandense, tratando dos papéis sociais de gênero. Através da análise de processos judiciais, percebemos a presença de um discurso misógino, que constrói a imagem da antiesposa para legitimar o papel da mulher casada, idealizada como mulher “honesta”.

O terceiro capítulo, intitulado “‘Mulheres na Rua’: educação, trabalho e lazer”, aborda a participação das mulheres nos espaços públicos em Serrolândia, investigando a atuação destas na educação formal, bem a ocupação dos postos de trabalho por elas ao longo das décadas de 1960 e 1980. Analisamos ainda formas de lazer dos serrolandenses e a existência de um time de futebol feminino que se destacou na micro-região de Serrolândia.

Uma das dificuldades encontradas neste projeto de pesquisa foi a de definir a classe social ou segmento econômico a ser pesquisado, pois em Serrolândia, por se tratar de um município muito pequeno e de economia precária<sup>26</sup>, pessoas de diferentes condições econômicas geralmente conviviam nos mesmos espaços. Não estamos com isso, querendo negar a existência de diferenças sociais nessa cidade, apenas queremos destacar a dificuldade de uma conceituação precisa para definir estes segmentos. Pelo fato da maior parte da população ser muito pobre e do custo de vida ser razoavelmente baixo (em comparação com as grandes cidades), as pessoas que ganhavam acima de dois salários mínimos conseguiam ter um nível de vida superior à maioria da população, sendo consideradas uma camada média mas que, a nosso ver, não corresponderia à classe média brasileira. Como pretendíamos focar de forma geral padrões de comportamento impostos às mulheres, e modos de resistência a eles,

---

institucionalização da área”. In MORAIS, Marieta de. *História Oral e Multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994. Ver a Introdução.

<sup>26</sup> De acordo com o Censo do IBGE de 2000, o rendimento médio real dos chefes de domicílios era de R\$ 117,00.

optamos por trabalhar com as mulheres de todas as classes sociais, procurando atentar para as diferenças existentes entre suas práticas e representações.

## **CAPÍTULO I**

### **“MOÇAS HONESTAS” E “MULHERES PERDIDAS”: visões sobre as mulheres**



A representação do feminino esteve, no decorrer da história da sociedade ocidental, quase sempre associada a imagens dicotômicas. Frágil ou forte, vítima ou culpada, santa ou pecadora, a mulher aparece na história prioritariamente através do olhar masculino, sendo as figuras de Eva e Maria os principais referenciais simbólicos dessa oposição.

Os sentimentos do homem em relação à mulher sempre foram expressos de forma ambígua e contraditória, variando da atração à repulsão, do amor ao ódio. Jean Delumeau, em *História do Medo no Ocidente*, ao discutir a mulher como “agente de Satã”, analisou a ambigüidade das representações masculinas acerca dela. Associada às forças da natureza, devido ao seu poder de fertilidade, e conseqüente papel na reprodução da espécie, a mulher representaria um mistério para o homem, provocando-lhe medo. Medo diante do desconhecido, que o levou a procurar garantir sua superioridade em relação a ela, definindo-se como racional e apolíneo, em oposição à mulher, instintiva e dionisíaca.<sup>27</sup>

Howard Bloch, em *Misoginia Medieval*, afirmou que não é fácil precisar quando e onde teria surgido essa visão ambígua sobre a mulher. Para ele “é difícil determinar quando o cristianismo tornou-se dividido entre a possibilidade da salvação e do prazer e, ao mesmo tempo, entre atitudes de igualdade sexual *versus* a subordinação da mulher ao homem”.<sup>28</sup>

Como é possível pensar a mulher como fonte do mal ou “portão do inferno” e fonte do bem ou “esposa de Cristo” simultaneamente?

De acordo com Silvia Nunes a concepção de mulher que predominou da Idade Média até o Renascimento é oriunda do Cristianismo primitivo e associava a mulher ao

---

<sup>27</sup> DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, pp. 310-311.

carnal, ao mal e ao desregramento sexual<sup>29</sup>. Essa associação da mulher com o carnal foi também

abordada por H. Bloch que, a partir dos escritos dos primeiros Padres da Igreja, afirmou ter ocorrido uma feminização da carne “ou seja, de acordo com a metáfora da mente e do corpo, a associação do homem com *mens* ou *ratio* e da mulher com o corporal”.<sup>30</sup>

### 1.1 EM BUSCA DE EVA: A DIABOLIZAÇÃO DA MULHER

No ocidente cristão medieval a mulher passou a ser associada à imagem do demônio e com a reforma gregoriana, no final da Idade Média, foi instituído o celibato dos padres, tendo início, na Igreja, uma literatura misógina, que criou a dicotomia Eva / Maria. Ocorreu então uma diabolização da mulher, que passou a ser representada centralmente como a descendente de Eva, símbolo do pecado e da tentação. Ao mesmo tempo em que teve lugar esse processo, emergiu uma tendência em certo sentido oposta, com o fortalecimento do culto à Virgem Maria. Como as mulheres comuns estavam muito distantes do ideal da Virgem, criado pela Igreja, foram consideradas agentes de Satã, responsáveis pela desgraça do homem, por desviá-lo do caminho da salvação.<sup>31</sup>

(...) Tu deverias usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano  
 (...) Mulher, tu és a porta do diabo. Foste tu que tocaste a árvore de Satã e que, em primeiro lugar, violaste a lei divina.<sup>32</sup>

Tertuliano revelou nesse texto uma profunda aversão ao sexo feminino. Percebemos claramente a diabolização da mulher que, comparada a Eva, foi considerada culpada por todos os males. Era aconselhado aos homens afastarem-se dela se pretendessem conseguir a salvação.

---

<sup>28</sup> BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, p. 93.

<sup>29</sup> NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 22.

<sup>30</sup> BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, p. 17.

<sup>31</sup> DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 315.

<sup>32</sup> TERTULIANO. *Cultu feminarum, em Corpus Cristianorum*, série latinam, apud idem, ibidem, p. 316.

Como resistir à tentação se as mulheres estavam por toda parte? Segundo os eruditos, estudados por Georges Duby em *Eva e os padres*, os celibatários eram os que mais corriam perigo e, dentre estes, os clérigos ou os cavaleiros sem mulher. O perigo estava em toda parte, nas cidades, nos campos, e também no interior da casa, onde a tentação era constante. Apropriar-se das “mulheres da casa” (geralmente criadas) não era considerado adultério, já que elas estavam disponíveis, “tomá-las ou masturbar-se, ambos os atos tem a mesma tarifa nos penitenciais”.<sup>33</sup>

Diante desse quadro, alguns padres aconselhavam o casamento como uma forma de defesa para os homens. São Paulo inclusive recomendava: “É bom que o homem se abstenha de mulher. Todavia, para evitar a imoralidade, cada homem tenha a sua esposa e cada mulher o seu marido”.<sup>34</sup> No século XII, as autoridades da Igreja o tornaram o sétimo sacramento<sup>35</sup>. No entanto, havia uma questão a ser resolvida: como considerar o casamento um sacramento se nele ocorre a união carnal? A resposta foi buscada no Gênesis: o casamento foi instituído por Deus no Paraíso, e só a procriação justificaria os prazeres carnis. Também de acordo com o Gênesis, está claro o papel da mulher nessa instituição: esta deve servir o homem, ser sujeita a ele, podendo sofrer todas as humilhações, senão logo trará discórdia ao leito matrimonial. Os padres buscavam os defeitos das mulheres, vêem-nas como eternas Evas, na busca pelo prazer sexual, na busca pela dominação do homem.

Contudo, esse discurso não é homogêneo. Há uma série de autores que se opõem completamente ao casamento, considerando que o melhor caminho para o homem é afastar-se das mulheres, estes seres traiçoeiros. Vejamos o exemplo de Petrarca neste texto escrito no século XIV:

A mulher (...) é um verdadeiro diabo, uma inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade (...) Que se casem, aqueles que encontram atrativo na companhia de uma esposa, nos abraços noturnos, nos ganidos das crianças e nos tormentos da insônia (...) Por nós, se está em nosso poder, perpetuamos nosso nome pelo talento e não pelo casamento, por livros e não por filhos, com o concurso da virtude e não com o de uma mulher.<sup>36</sup>

<sup>33</sup> DUBY, Georges. *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 65.

<sup>34</sup> BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990, 1 Cor. 7: 1-2. p.1466.

<sup>35</sup> DUBY, op. cit., pp. 66-67.

<sup>36</sup> PETRARCA, *Des remedes de l'une et de l'autre fortune*, apud DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990, p. 319.

Embora o texto revele uma motivação diferente da Igreja para a condenação ao casamento, visto que considera a mulher um entrave ao desenvolvimento intelectual dos homens, ele também reprovava veementemente esta prática.

De acordo com Howard Bloch é possível encontrar escritos antifeministas em vários momentos na sociedade ocidental, a exemplo do *Roman de la rose*, de Jean de Meun, escrito entre 1275 e 1280:

Ah, se eu tivesse acreditado em Teoafrostos, jamais teria esposado uma mulher. Ele não tem por sábio o homem que toma uma mulher em casamento, seja feia ou bonita, pobre ou rica. Pois ele diz, e acredite, em seu nobre livro Aureole, que seria bom ler na escola, que ali há uma vida cheia demais de tormento e desgosto.<sup>37</sup>

O texto é parte das *molestiae nuptiarum*, as dores do casamento, que qualificam as esposas como briguentas, orgulhosas, exigentes, queixosas e tolas, além de incontroláveis, instáveis e insaciáveis. O “tormento e desgosto” a que se refere o texto está relacionado a uma visão da mulher como mais faladora que o homem. Bloch argumentou que a ligação do feminino com as seduções e as armadilhas da fala “já estava latente muito antes do século XIX e mesmo antes da era cristã”.<sup>38</sup> Ela apareceu nas sereias de Homero, na figura de Pandora em Hesíodo, ou mesmo no Velho Testamento, na narrativa da Queda, em que a mulher semeou discórdia entre Deus e o homem através da fala.

Vimos que a imagem da mulher tagarela não desapareceu, estando presente na visão de homens do século XIX, a exemplo de Proudhon, que elaborou justificativa pseudocientífica e legal para a privação dos direitos políticos das mulheres, baseando-se numa decadência feminina na fala, que ele chamou de “ninfomania literária” ou ainda em Lombroso que, com suas teses biologizantes, afirmou que naturalmente as mulheres (ou as fêmeas) falam mais que os homens (ou os machos), usando exemplos entre os animais, mostrando que as cadelas latem mais que os cães<sup>39</sup>. É provável que todas essas imagens tenham sido construídas em uma tentativa de silenciá-las.

A mulher abordada como um problema para o homem pelos “inimigos do casamento” foi vista como aquela que provoca confusão. Esta frase de Jerônimo ilustra bem essa visão: “se uma mulher for bela, logo achará amantes; se for feia, é fácil ser licenciosa. É difícil guardar o que muitos desejam; é maçante ter o que ninguém acha valer a pena possuir”

---

<sup>37</sup> MEUN, Jean de. *Roman de la rose*, apud BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995, p. 23.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, p. 24.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*, pp. 25-26.

ou ainda, se for rica é arrogante, se for pobre o marido terá que sustentá-la. Além disso, a literatura medieval mostrou a mulher como ardilosa, impossível de ser vigiada, como pergunta João de Salisbury, no século XII: “de que vale uma guarda rigorosa, se uma esposa lasciva não pode ser vigiada e a casta não precisa sê-lo?”.<sup>40</sup>

## 1.2 DE EVA A MARIA

A associação da mulher com o demônio, com o mal e a perdição da humanidade foi fundamentada em uma época - a Baixa Idade Média - de intenso fervor religioso, em que a ameaça do demônio era vista e sentida por toda parte. Entretanto, desde o final do século XI, um número cada vez maior de padres esforçava-se para transformar este ser diabólico numa fonte do bem. Essa tentativa de “desenraizar os vícios da alma feminina” provavelmente se dava para melhor proteger os homens. Baseados nas histórias de Maria Madalena, a pecadora arrependida, homens da Igreja esforçavam-se em ajudar “as virgens a permanecer puras, as viúvas a permanecer castas e as damas a cumprir sua função de esposa”.<sup>41</sup>

Mas a imagem da mulher que predominou nesse período ainda foi a da descendente de Eva, pecadora e sedutora e, não esqueçamos, a de “portão do inferno”. A partir do século XII, o culto à Virgem Maria ganhou força; Maria representa a mulher pura, assexuada, aquela que foi capaz de conceber sem pecar. Enquanto Eva carrega o castigo na sua sexualidade, Maria a redime, mostrando que é possível à mulher cumprir o seu papel de procriadora, sem exercer o desejo carnal. Mas Maria é apenas um ideal, o qual as mulheres comuns nunca alcançaram. Para os padres da Igreja, era preciso perseguir este modelo, pois ainda que não fosse possível conceber virgem, era necessário conceber sem prazer sexual.

O culto à Virgem Maria está associado à defesa da virgindade. Nos escritos dos padres do século XII estudados por Duby, há uma hierarquia das pecadoras elaborada por Adam. Tendo a virgindade como “medidor” da pureza feminina, ele considerou que nesta hierarquia as casadas estão em primeiro lugar, pois ainda que estas copulem apenas por obrigação, já perderam o seu bem mais precioso; em segundo estão as viúvas que, embora não mais copulem, já não possuem sua virgindade. E finalmente, consideradas pecadoras apenas pela sua origem, estão as virgens, que são aconselhadas a assim permanecerem, pois são as preferidas de Jesus.

---

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*, p. 27.

<sup>41</sup> DUBY, Georges. *Eva e os padres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp. 67-68.

Apenas às virgens as bodas são prometidas. As esposas permanecem no pecado. Jesus as mantém a distância. Mostra-lhes como se conduzirem. Misericordioso, alimenta sua esperança. Mas não as acolhe imediatamente em seu leito.<sup>42</sup>

O culto mariano não ficou restrito apenas à Europa, ele foi trazido para o Brasil com os colonizadores, assim como foi levado para outras regiões colonizadas e ocupadas por portugueses e espanhóis. Segundo Charles Boxer, “a popularidade e fervor do culto da Virgem não perdeu em nada com a emigração através dos Sete Mares e, se possível, teve tendência a aumentar”.<sup>43</sup> Boxer mostra que este culto se generalizou em diversos lugares, citando o exemplo de Macau, considerado por um de seus historiadores como “Terra de Santa Maria”. Citando o padre Rafael Bluteau, em um sermão de 1723 sobre os cidadãos de Lisboa, este afirma que havia maior devoção ao culto a Nossa Senhora do que o respeito aos domingos, dia de Nosso Senhor. Em *Arte de criar bem os filhos na idade puerícia*, de 1685, Alexandre de Gusmão, jesuíta que passou a maior parte da sua vida no Brasil, mostra que a preocupação dos padres com a educação dos jovens se relacionava com a defesa da virgindade e a valorização desta seria possível educando os filhos na devoção a Nossa Senhora<sup>44</sup>.

Thales de Azevedo também relacionou o culto mariano com a defesa da virgindade no Brasil, afirmando que o “florescimento deste culto desde o século XIX tinha como efeito da exaltação de Maria ‘dissociar o que é nefasto, a sexualidade, do que é bom, a maternidade’.”<sup>45</sup>

O quadro traçado pela maioria dos estudiosos do Brasil colonial é de que para os europeus deste período aqui era uma terra de absoluto desregramento sexual. De acordo com Ronaldo Vainfas<sup>46</sup>, apesar das inúmeras razões para se confirmar essa tese, como a falta de mulheres brancas para o casamento, “empurrando” os colonos para as relações com índias e negras, e a inoperância dos poderes civis e eclesiásticos na vigilância das transgressões, havia regras morais em que aparentemente imperava o caos. Para ele,

Por mais sexualmente intoxicada que tenha sido a Colônia, como quer Gilberto Freyre, os valores da família, mescla da cultura popular e do discurso oficial, se fizeram presentes. E, desde o século XVI, andaram a povoar a imaginação e as

<sup>42</sup> Idem, *ibidem*, p. 94.

<sup>43</sup> BOXER, Charles R. “Culto de Maria e prática da misoginia”. In BOXER, Charles. *A mulher na expansão ultramarina ibérica (1415-1815)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 129.

<sup>44</sup> Idem, *ibidem*, pp. 129-130.

<sup>45</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, pp. 111-112.

<sup>46</sup> VAINFAS, Ronaldo *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997, especialmente capítulo 2.

palavras dos colonos lusitanos, articulados à tradicional misoginia herdada de Portugal, e ao preconceito racial que o colonialismo escravista não tardaria a difundir.<sup>47</sup>

A visão de uma “colônia intoxicada sexualmente” estaria relacionada a uma nova visibilidade para o sexo, que afetou os observadores dos séculos XVI, XVII e XVIII, sobre os quais muito se basearam os historiadores estudiosos da Colônia. Houve uma proliferação dos discursos morais do Ocidente moderno em torno da sexualidade e, para Vainfas, a enorme preocupação com as descrições sobre as práticas sexuais coloniais era por si só uma regra.

Apesar de suas práticas consideradas “libertinas”, os portugueses recém-chegados ao Brasil não o faziam “sem crises de consciência, portadores do sentimento de culpa que a Igreja insistia em difundir entre a massa de fiéis”.<sup>48</sup> Para eles a virgindade era um valor importante para o casamento, pelo menos a das mulheres brancas. A fornicação não era considerada pecado quando realizada com mulheres “solteiras”<sup>49</sup> (este termo não significava mulher não casada como hoje, mas mulher desimpedida, livre, sem proteção da família ou do marido) com as “negras da terra” (as índias) inicialmente ou ainda com as “mulatas, africanas, ladinhas e caboclas”<sup>50</sup> posteriormente. A dicotomia das representações femininas é visível nessa sociedade, havendo uma associação das mulheres negras e índias com a imagem da prostituta, vistas todas como disponíveis, fáceis de serem seduzidas, enquanto as mulheres brancas eram idealizadas para as relações dentro do casamento. Essas concepções permaneceram no Brasil durante séculos, pois embora questionadas através das práticas, elas ainda podem ser percebidas até muito recentemente.

Analisaremos a seguir práticas e representações sobre as mulheres em Serrolândia, considerando a importância da virgindade como símbolo da “pureza” feminina, essencial para a realização do casamento nessa sociedade.

### **1.3 “FALADAS” E “PERDIDAS”: AS CONSEQÜÊNCIAS DA PERDA DA VIRGINDADE EM SERROLÂNDIA**

(...) Eu tenho raiva de uma pessoa aqui, não sei se ele já morreu, mas eu não quero ver a cara dele nunca mais, num é raiva, eu tenho sentimento, não é magoa, eu tenho

---

<sup>47</sup> Idem, ibidem p. 73.

<sup>48</sup> Idem, ibidem p. 62.

<sup>49</sup> De acordo com Vainfas as “solteiras” eram mulheres que provinham da Europa, em decorrência da miséria, filhas ou viúvas de gente pobre, vítimas de abandono, estupros ou violações. Idem, ibidem, p. 70.

<sup>50</sup> Idem, ibidem p. 73.

um sentimento, porque eu tinha 15 anos, e ele um dia falou que eu era “perdida”. Isso porque tinha um rapaz aqui, Alberto, eu namorava com Alberto. (...) Era aquela brigaiada danada, aquela discussão por causa do rapaz, então ele achou que a gente vivia..., tanto eu quanto Cidinha, éramos “perdidas”. Meu pai quis me levar... no médico, pra fazer vistoria e tudo, por causa dessa conversa, pra condenar ele, e eu queria demais ir, aí depois deram conselho a meu pai “que nada, sua filha se garante, deixe isso pra lá”...<sup>51</sup>

A raiva sentida por esta jovem moradora de Serrolândia nos anos 1960 parece ter razões de ser, pois para uma “moça de família” ou mesmo uma “moça falada” como ela própria dizia ser considerada, não era fácil ser acusada de “perdida”. O fato de ela afirmar que “queria demais” fazer o exame de conjunção carnal no intuito de “fazer vistoria” a respeito da sua virgindade, mostra o quão importante era “provar” ao “difamador” e à sociedade em geral ser uma “moça honesta”.

Apesar de não ter sido realizado neste caso, em que houve apenas um boato, o exame de conjunção carnal era praticado com muita frequência em casos de defloramento que iam parar na Justiça em Serrolândia. Dos dezoito processos de Sedução da Vara Crime<sup>52</sup> consultados, o exame foi realizado em dezessete deles e até nos casos em que a mulher afirmava estar grávida ou havia suspeita de gravidez (essa informação aparece em quatro processos). No único caso em que o exame não foi feito, o réu aceitou casar-se com a vítima, que estava grávida, sem exigi-lo.

A importância da virgindade em Serrolândia na década de 1960 apareceu de forma bastante enfática nas entrevistas realizadas com pessoas que ali viveram nesse período. As exigências em torno do comportamento feminino estavam relacionadas à preservação deste “bem”, ainda precioso e necessário para a garantia do casamento. Ainda que as mulheres tivessem comportamentos considerados inadequados a uma “moça de família”, estas faziam questão de “não se perder”, pois sabiam, ou pelo menos imaginavam, as conseqüências deste ato. Apesar disso, algumas se arriscavam mantendo relações sexuais com seus parceiros.

Thales de Azevedo, ao discutir um sistema de normas e regras presente no Brasil relativo às relações de gêneros, analisou os prejuízos da moça desvirginada e comentou que muitos namorados ou noivos rompiam o compromisso após conseguir manter relações sexuais, supondo que a mulher havia tido experiências anteriores, não sendo adequada para tornar-se sua esposa.<sup>53</sup>

<sup>51</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>52</sup> Os processos citados referem-se às décadas de 1960 a 1980, sendo o primeiro de 1961 e o último de 1987. Eles encontram-se no arquivo da Vara Crime no Fórum Jorge Calmon, na cidade de Jacobina.

<sup>53</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, p. 71.



Mas a valorização da virgindade por parte das famílias pareceu ser compartilhada, de alguma forma, pela maioria das jovens entrevistadas; assim, Regina compreendia as razões pelas quais seus pais exerciam uma vigilância sobre seu comportamento:

(...) E é por isso que os pais da gente dizia, cuidado minha filha porque as vezes você não faz mas leva a fama. E a gente pensando bem os pais tinha até razão mesmo, porque o preconceito feminino é tão grande...<sup>54</sup>

Vera afirmou que era considerada uma “moça falada”, pois era namoradeira, adorava festas e tinha muitos amigos do sexo masculino que “só viviam abraçados (com ela) na rua”. No entanto, ao longo da entrevista, além de falar sobre a discriminação que sofria pelo seu comportamento, ela fez questão de dizer que se casou virgem:

... não é por que hoje eu me casei, me casei virgem, Deus sabe disso, que eu vou dizer eu tive... que a minha vida foi um mar de rosas, foi não. Pelo meu jeito de ser, brincalhona e tal, o povo metia bomba. Quantos pais não diziam por ai, não diziam pra mim saber, pra meu pai saber, mas quantos não diziam, eu não quero que você ande com Vera, que é puta, mas no entanto, todos que falaram já me pagou.<sup>55</sup>

Além de estarem preocupadas com sua virgindade, essas mulheres deveriam atentar para o próprio comportamento, pois podiam ficar “faladas” sem ter perdido a virgindade; não era suficiente “ser” virgem, mas demonstrar sê-lo:

Moça falada era moça que namorava na rua, que se beijava na rua, que vivia abraçada com os rapazes...<sup>56</sup>

Uma moça falada era assim. Tinha uma festa, numa comparação uma festa naquele tempo, nas laterais era tudo escuro. Ai a moça ia lá escondido do pai e grudava lá mais os caras, ai o povo via certos namoros que naquela época achava que era um absurdo, ai pronto, no outro dia ficava a resenha, (...) ai ficava a dúvida será que tava tendo relação ou não?<sup>57</sup>

Em diário recolhido de uma entrevistada, esta se mostrou culpada por agir de forma considerada inadequada a uma “moça de família”, percebemos que sua maior preocupação era com a sua reputação, com o medo de ficar uma “moça falada”:

(...) Ai não foi possível resistir mais. Sei que estou bem enrolada com isso, fiz um papelão, uma sacanagem namorando um homem noivo e agora não sei se o quero

<sup>54</sup> Entrevista com Regina, em 12.05.2005.

<sup>55</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>56</sup> Idem.

<sup>57</sup> Entrevista com Regina, em 12.05.2005.

mais, pois tenho certeza que não dará certo. Espero que não haja comentário em Maracujá.<sup>58</sup>

Nesse período, essa sociedade era marcada por estereótipos femininos razoavelmente definidos. Nos relatos de pessoas que viveram em Serrolândia identificamos basicamente três categorias de mulheres: as “moças de família”, as “moças faladas” e as “putas”.

Percebemos que a possibilidade do casamento estava diretamente relacionada a um ideal de mulher. O comportamento exigido para ser uma “moça de família” era, entre outras coisas, o de obedecer aos horários e freqüentar locais estabelecidos pelos pais, usar roupas “decentes”, ser prendada e, acima de tudo, virgem. Desta maneira, essas mulheres correspondiam à imagem da “santa”.

As “moças faladas” fugiam deste padrão de comportamento: trocavam muito de namorado, namoravam em locais não permitidos, saíam sozinhas com o namorado, freqüentavam festas desacompanhadas dos pais, beijavam na boca em locais públicos, namoravam em pé, falavam palavrão. Elas podiam até serem consideradas de família, mas subvertiam a ordem estabelecida. Consideramos as “moças faladas” como intermediárias entre a “santa” e a “puta”, pois elas resistiam, de certa forma, ao modelo imposto à mulher na época, como Simone, considerada uma “moça falada” nos anos 1960, que demonstrou na entrevista um certo orgulho do próprio comportamento:

Ah, falavam de mim muito, mas eu não dava nem ousadia. Falavam de mim porque eu namorei muito cedo, quando comecei a namorar Edilson eu tinha 11 anos (...) Eu me levantava, isso na frente da minha casa. E pegava ele, me agarrava de frente. E elas (*as vizinhas*) me lascavam e eu fazia mesmo de propósito.(...) Se contavam, meu pai dizia “coisa feia, um namoro escandaloso”, todo mundo falava. E eu “é comigo que o senhor tá falando?” Eu era ousada. E eu não dava ousadia, não dava, não dava mesmo.<sup>59</sup>

As “putas” eram mulheres que trabalhavam em bares, local onde eram procuradas pelos homens. Em entrevista a uma mulher que foi dona de um desses estabelecimentos, percebemos que o tema foi tratado de forma dramática. De acordo com D. Ana, ela só aceitou a prática da prostituição em seu bar por não ter outra alternativa de sobrevivência:

<sup>58</sup> Diário recolhido de uma entrevistada, escrito entre 1977 a 1981 e em 1991. Trecho do dia 23.04.1979. Maracujá é um povoado pertencente ao município de Serrolândia.

<sup>59</sup> Entrevista com Simone, em 05.02.2006.

(...) Depois de eu separada eu botei um barzinho de cachaça pra arrumar um dinheiro pra dá comida os menino, ai aparecia aquelas mulheres que num tinha marido, também vinha beber, vinha comer um tira gosto, vinha farrar. E era aquilo ali, e ali é que eu conheci um bocado de mulher... Mas na época da roca, não conhecia ninguém. Era difícil a vida minha filha, era difícil, era difícil, era difícil, era difícil na minha época, minha filha...<sup>60</sup>

A associação entre prostituição e sobrevivência também foi feita por Suzana em sua entrevista. Ao falar do “brega Três Coqueiros”, estabelecimento de seu pai, que existiu em Serrolândia na década de 1970, contou:

(...) Viemos embora para Serrolândia, isso em 1970. Quando viemos embora ele (*seu pai*) começou a trabalhar como fiscal da prefeitura. Aí ganhou outro prefeito (...) e aí ele ficou sem trabalho, aí começou a trazer galinha, requeijão pra vender aqui em Salvador, essas coisas, mas não deu certo. Aí ele resolveu colocar esse estabelecimento comercial. E por coincidência como Serrolândia é a terra do licuri, ele colocou três pés de licuri na porta.<sup>61</sup>

Segundo Suzana o “Três Coqueiros” funcionou em Serrolândia entre os anos de 1974 e 1978. Seu pai trazia mulheres de outras cidades pra trabalharem e “cada uma tinha seu quarto”; além destas, outras mulheres de “vida livre” da cidade “iam fazer ponto lá”. Na entrevista, ela relatou suas lembranças de infância, afirmando que o mistério em torno desse “bar” marcou sua memória:

(...) Mas no estabelecimento dele a gente não podia ir lá de noite, só podia ir lá de dia. E começou ele levar as meninas novas. Era um bar que funcionava como um brega, como era chamado. (...) Mas pra gente aquilo ali era um bar, um bar (...) A gente ouvia murmúrios... (...) Era uma casinha rosa. Era rosa uma porta e três janelas, uma sala grande um balcão e três quartos assim que tinha. Tinha uma escadinha assim que dava no banheiro (...) Então era assim, marcou muito isso. Eu me lembro assim com detalhes...<sup>62</sup>

O “bar” de D. Ana parecia não se diferenciar muito dos “Três Coqueiros”. Ele funcionou por volta do final dos anos 1970 e início de 1980, mas não recebia mulheres de outras cidades: “as meninas eram daqui mesmo, minhas amigas, minhas conhecidas...”<sup>63</sup> Tanto Suzana, como D. Ana falaram com ênfase a respeito da discriminação sofrida pelas pessoas envolvidas com esse “comércio”:

---

<sup>60</sup> Depoimento citado.

<sup>61</sup> Entrevista com Suzana, em 28.02.2006.

<sup>62</sup> Idem.

<sup>63</sup> Depoimento citado.

A primeira pessoa que brigava com mainha e esculhambava era tia Célia. Painho arroteava ali o curral, por ali tudo para ir para os três coqueiros para ninguém ver. E tia Célia brigava com mainha porque mainha dava ousadia a painho, mas que culpa mainha tinha, coitada. Ela sofria tanto meu Deus do céu.<sup>64</sup>

(...) Naquela época falava muito, era minha fia, era queimada e botada fogo. E eu pedia a Jesus e a Nossa Senhora Aparecida dela me mostrar um ramo pra eu viver, sobreviver com meus filhos e sair daquela vida, eu pedia a Deus, (...) quando é um dia, minha fia eu levantei de manhã (...) fui atrás de um aluguel. Fui atrás de Luiz na roça, cheguei lá falei com ele: Luiz, me alugue um pontinho daquele pra eu cozinhar mocotó, fazer caldo de mocotó, fazer pirão de mocotó, fazer alguma coisa pra eu arrumar o pão de cada dia pra eu dá aos meus filhos que hoje o meu comércio morreu, eu não quero mais.<sup>65</sup>

A fala de D. Ana é muito marcada por esse sentimento de auto-vitimização. Ao longo da entrevista ela fez questão de afirmar seu orgulho de ter deixado “aquela vida”, demonstrando revolta pelo tratamento que lhe era dispensado pelas “mulheres de família” daquela sociedade:

Ai tudo foi melhorando, aquelas que me condenava me encontra na rua, há muito tempo atrás, me encontra e diz; “oh Ana minha fia é essa, minha fia virou uma quenga, minha fia tá uma rapariga, minha fia ta num sei o que... Eu digo, oxee! Ave Maria! É nada, filha de família não vira essas coisa não, dou as costas. E todas é minha amiga, não me intriguei, não fiquei intrigada com quem me queimou, quem me queimou esperei o tempo, não é desejando, mas, me pagaram pra cidade de Serrolândia vê o que fizeram comigo.<sup>66</sup>

Não obtivemos quase nenhuma informação sobre a prostituição na década de 1960. Conseguimos realizar apenas uma entrevista com uma senhora que havia sido prostituta no início dessa década, que não falou sobre sua vida, nem sobre a prostituição, mas comparou a sociedade atual com aquela que vivenciou quando jovem. Seu depoimento será analisado no segundo capítulo.

Nos anos 1980 surgiu outro “brega” em Serrolândia. Entrevistamos dois frequentadores que, ao mesmo tempo em que afirmaram ser esse um espaço de lazer e diversão frequentado pelos jovens da cidade, não necessariamente para fazer sexo, o definiram como um lugar desprezível:

(...) Mas olhe bem, não pra dizer assim “eu vou pegar uma menina lá”, entendeu? Que muitas vezes, os meninos, a gente ia pra bagunçar mesmo, brincar, dançava com as meninas lá. Tomar cachaça, brincar, depois no outro dia ia resenhar. Dançava com as meninas, mas não fazia nada né? Então você, não, porque, primeiro eu vou lhe

---

<sup>64</sup> Depoimento citado.

<sup>65</sup> Depoimento citado.

<sup>66</sup> Depoimento citado.

dizer um negócio, é lá aqueles quartozinho, aqueles quarto lá, os quarto lá era uma imundice, era um negócio, que você nem podia entrar. (...) então aquele pessoal, quem não tinha mais consciência. Então enchia o rabo de cachaça, e não tinha outra coisa pra fazer (...) e eles vinha e pegava as meninas. Mas, se sabia que podia pegar uma doença, um negócio e aí? E os cara lá não ligava não.<sup>67</sup>

Tinha, tinha prostituição, mas, veja bem. (...) E era assim um negócio totalmente incubado. A gente as vezes freqüentou lá e tal, até mesmo pra ver de perto como era né, (...) ia por curiosidade. Só tarde da noite que as pessoas procurava. (...) Mas era o local baixo, baixo mesmo. (...) Quem freqüentava eram aqueles cachaceiros, aqueles caras que não tinha responsabilidade nenhuma com a vida. Mas morreu cedo também isso. Não foi pra frente também não, pelo menos em minha época.<sup>68</sup>

As representações femininas e masculinas sobre a prostituição se diferenciaram em decorrência da forma como cada sexo se relacionou com ela. As mulheres envolvidas nessa prática falaram da prostituição como um lugar de passagem, indigno para elas e os homens a definiram como lugar de prazer e diversão. No entanto, tanto homens como mulheres compartilharam de representações construídas historicamente a respeito da prostituição, associando-a com o mal, o “sujo”, o “baixo”.

Mas a prostituição também foi historicamente considerada um “mal necessário”, visto que cumpria o papel de preservar a virgindade das “moças de família”<sup>69</sup>. A dicotomia Santa / Prostituta permeou as representações femininas no Brasil ao longo de séculos. Em Serrolândia não foi muito diferente; nos anos 1960, o status da mulher ainda era definido de acordo com o seu comportamento, mais ou menos aproximado do ideal da santa. A mulher ideal para o matrimônio era aquela “confiavelmente virgem”, que seguia as normas estabelecidas, representando assim a imagem da boa esposa e mãe, pura e assexuada como a Virgem Maria.

As fronteiras entre ser “moça de família” e “moça falada” não eram tão rígidas. Nem sempre as moças de família obedeciam às regras estabelecidas, ou as “moças faladas” faziam tudo o que se dizia delas; como dito anteriormente, muitas se mantinham virgens, resguardando-se para o casamento. A importância da virgindade é essencial para se refletir sobre essa sociedade. Um fato que define bem essa importância é que algumas moças mais rebeldes começavam a ter mais intimidade com os namorados, porém, evitavam uma relação sexual completa. Empregava-se com certa frequência a expressão “dar as coxas”, para traduzir o ato em que o casal evita a penetração para que a mulher não perca o hímen. Este tipo de

<sup>67</sup> Entrevista com Paulo, em 14.02.2006.

<sup>68</sup> Entrevista com Reginaldo, em 28.12.2005.

<sup>69</sup> SANTANA, Nélia. *A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)*. 1996. 107 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. pp. 23-24.

intimidade provocava algumas vezes a gravidez indesejada, citada na entrevista abaixo, demonstrando a falta de informação sexual da época:

Ela se sujeitou um tanto desse porque ficou com medo, ela ficou com medo de perder a virgindade e ganhou o filho (*risos*) e depois criou. Então se ela perdesse a virgindade, que diferença fazia? Nenhuma, mas era o medo. (...) No final todo mundo soube. Ela era, ela morava pertinho da gente, morava na roça (...) a gente veio saber que ela era virgem depois do parto, que o médico deu o atestado que ela era virgem, tadinha, deixou escapulir. Isso parece que foi em 78.<sup>70</sup>

Apesar da grande maioria dos entrevistados ter afirmado que nessa época era “tudo direito<sup>71</sup>”, “era tudo virgem<sup>72</sup>” ou “naquela época não tinha isso não, era tudo puro, era casadinha na igreja de véu e grinalda<sup>73</sup>”, apareceram também outras manifestações femininas em que o desejo sexual ultrapassava os valores em torno da preservação da virgindade para o casamento. Ao ser questionada se a virgindade era importante para ela, Simone respondeu:

Não, não era. Nunca foi, eu nunca me liguei nessa coisa. (...) Eu tive a minha primeira relação, teve aquele sangramento assim besta, ardeu um pouquinho, sangrou um pouquinho e depois acabou e acabou e eu não senti mais nada. (...) Eu não tive isso, eu toda lubrificada, doida pra transar e olhe, eu só sei que ardeu e sangrou um pouquinho.<sup>74</sup>

Ao descrever com detalhes a sua primeira relação sexual, ocorrida aos 17 anos, Simone não parecia nem um pouco preocupada com as conseqüências do seu ato. Em sua entrevista, contou que engravidou após algumas relações sexuais com o namorado e o seu pai lamentava o fato de ela não se casar de “véu e grinalda”.

Eu só casei porque ele (*seu namorado*) quis casar, porque eu me lembro que eu tava grávida e um dia eu perguntei a ele, se você não quiser casar não tem nada não. “Você é louca, seu pai me mata!” Eu vou ter esse filho de qualquer jeito. Aí meu pai ficou: “se ele não casar como é que eu vou ficar desse jeito, uma filha, uma filha solteira (...) eu vou morrer de vergonha, eu não vou ter filha prostituta...”<sup>75</sup>

<sup>70</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>71</sup> Entrevista com Geraldo, em 08.04.2005.

<sup>72</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>73</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04.2005.

<sup>74</sup> Depoimento citado.

<sup>75</sup> Idem.

A associação da “mulher perdida”, principalmente se esta se tornasse mãe solteira, com a prostituta é bastante corriqueira nas entrevistas e nos processos. Autores<sup>76</sup> que estudaram processos da Vara Crime no início do século, a exemplo de Defloramento e Estupro, afirmaram que havia um consenso entre os juristas de que o Defloramento deveria ser punido severamente, visto que uma mulher que perdesse a virgindade estaria correndo risco de cair na prostituição, chegando a haver discursos que defendiam que o Defloramento era mais grave que o Estupro pelas conseqüências causadas às mulheres.

Expressões do tipo “ficar perdida”, “deixar de ser moça”, “ser passada para trás”, “ser desonrada”, “ser tirada de casa”, muito utilizadas na época, revelam a importância da virgindade e a desvalorização a que estavam submetidas as mulheres que a perdiam antes do casamento. As conseqüências dessa perda apareceram nas entrevistas e também nos processos.

“Ficar perdida” significava, para a mulher, ser abandonada à própria sorte, não tendo mais chance de exercer o seu papel social de constituir uma família. Ela deixou de ser “moça”- virgem, pura e ingênua - e passou a ser “mulher” - símbolo do pecado, a tentadora, descendente de Eva<sup>77</sup>. É interessante notar como a palavra “mulher” permaneceu com essa conotação, herdada da misoginia da Idade Média, a não ser quando acompanhada do título “casada”. “Mulher casada” representava uma mulher de respeito, pois só o homem teria o poder de torná-la mulher, para a realização de sua plenitude, no casamento, ou para a sua desgraça, fora dele. A mulher que foi “tirada de casa” (lar, lugar seguro, familiar, espaço privado) passou a pertencer à rua (mulher pública).

A dicotomia casa / rua, discutida por Roberto Da Matta, está relacionada à separação dos espaços público e privado, tradicionalmente definidos como pertencentes ao campo do masculino e do feminino, respectivamente.<sup>78</sup> A expressão “mulher pública”, utilizada ainda hoje para denominar a prostituta, é indicativa desta visão; já o termo “homem

---

<sup>76</sup> FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 e CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000.

<sup>77</sup> Na análise de processos crimes do Rio de Janeiro, Luiz Carlos Duarte também estabelece a relação entre “moça” como sinônimo de mulher virgem e “mulher” como pessoa do sexo feminino que não é mais virgem. Ver DUARTE, Luiz Carlos. “Representações da virgindade” In *Cadernos Pagu*, 2000, n° 14. p. 162.

<sup>78</sup> Para uma discussão mais aprofundada, ver DA MATTA, Roberto. *Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro: Guanabara, 1990, especialmente capítulo 2.

público” não possui essa conotação pejorativa, significando apenas homem que exerce influência na esfera pública<sup>79</sup>.

Nessa perspectiva, a figura da “moça” é infantilizada, oposta à figura da mulher-demônio, pois quem exerce o papel do sedutor, dominador, aquele que “fez o mal”, é o homem. Nos Processos de Sedução encontrados, a imagem que predominou foi a das mulheres como ingênuas, vítimas da sedução do homem, aquelas que precisam ser protegidas pela lei pois não foram capazes de defender-se das “garras” dos seus predadores. Em apenas três processos (dos dezoito encontrados) as mulheres afirmaram que tiveram relações sexuais por opção própria, não culpabilizando seu “devedor”; nos demais elas se disseram forçadas ou enganadas pelos acusados. Discutiremos mais adiante as implicações em torno desses discursos e os interesses envolvidos na construção dos processos.

Em Serrolândia era comum os homens proporem sexo antes do casamento às suas parceiras, como uma “prova de amor”, parecendo-nos que era uma forma de comprovar a virgindade da moça. Muitos faziam uma espécie de chantagem, dizendo não confiar na sua “pureza”, mas as moças eram ensinadas pelas mães a resistirem a essas tentações.

Veja bem como era. Então ele queria que a namorada desse prova que gostava dele, tendo relações com ele. Quer dizer, se entregando, que era o que aconteceu muito antigamente, prova que gosta entregando, a prova de amor. Justamente, era a prova de amor.<sup>80</sup>

Mais uma vez a mulher apareceu como vítima, “se entregando”. O sexo antes do casamento para a mulher não era visto como uma opção, necessitando ser justificado como fruto da ingenuidade feminina.

#### 1.4 “MOÇAS SEDUZIDAS”: MULHERES VÍTIMAS X HOMENS CULPADOS?

---

<sup>79</sup> Michelle Perrot discute esta relação homem público/poder político e mulher pública/prostituta; ver Introdução de PERROT, Michelle. *Mulheres Públicas*. São Paulo: UNESP, 1998. Amparo Sardà analisa como o discurso acadêmico supervaloriza o espaço público em detrimento do privado, criando uma hierarquia para as relações de gênero, justificando a inferioridade da mulher por esta se encontrar historicamente mais próxima do espaço privado. Esta autora questiona a dicotomia público / privado, considerando que estas esferas estão extremamente relacionadas, não sendo possível analisá-las de forma tão separadas. Ela critica este discurso por empobrecer a análise sobre o público, pois ao excluir o privado não consegue perceber as relações entre as duas esferas, perdendo de vista as transformações históricas. SARDÀ, Amparo Moreno. “Em torno al androcentrismo en la história” In SARDÀ, Amparo Moreno. *El arquetipo viril protagonista de la história. Ejercicios de lecturas no androcentrica*. Cuadernos inacabados, Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991, p. 87-99.



Embora os discursos predominantes em relação às mulheres serrolandenses fossem de passividade e ingenuidade, podemos perceber que as práticas de algumas delas não correspondiam a esta imagem. Estas se arriscavam, em busca da satisfação dos seus desejos, mantendo relações sexuais com os namorados, noivos ou mesmo com parceiros de relações eventuais. Algumas dessas histórias foram parar na justiça, geralmente em denúncias feitas pelos pais das moças, que buscavam uma solução para o problema da filha desvirginada, sem garantia de casamento.

O pequeno número de Processos de Sedução<sup>81</sup> encontrados sugere que nem todos procuravam a Justiça, uma vez que provavelmente muitos pais resolviam a questão em acordos que garantiam o casamento da “moça perdida”. Regina narrou uma história que ilustra bem esse tipo de situação:

Vou dar um exemplo do que aconteceu na minha família. Minha tia era... ela dava aula, era professora, naquele tempo quem sabia ler e escrever qualquer coisa, um fazendeiro colocava em casa pra ensinar ao filho, então o filho do fazendeiro se engraçou nela e ela teve caso com o rapaz da casa. Mas porque ele era mais “alto”, ele não quis casar com ela, então ele jogou ela pra casar com o primo dele que era empregado da casa e ela casou, pagou. Ela não tava grávida, mas quando ela se sentiu que tinha acontecido o caso ela contou pra mãe do rapaz, e aí ela disse é, não queria casar com ela não, porque ela era mais velha do que ele um pouco, parece que uns cinco anos mais velha do que ele, e também ele não ia casar com ela não porque não achava ela bonita, aconteceu por acaso. Mas, disse o primo dele pra casar com ela, que o primo dele queria casar com ela mas ela não queria, queria namorar com ela mas ela não queria e o primo era empregado da casa. Aí ele deu um sítio, até hoje tem, mora a filha dela, ela já morreu e mora a filha lá...<sup>82</sup>

Embora esteja presente no imaginário sobre o sertão a idéia de que a violência era o caminho mais comum nesses casos, não encontramos nenhuma referência a isso (nem nos processos de lesão corporal e homicídio, nem nas entrevistas). Para essa análise, é preciso levar em conta a variante classe social ou “condição econômica” (como aparece nos processos); a grande maioria (75%) das vítimas dos processos se declarou pobre, o que sugere que as famílias das moças pertencentes às camadas mais altas da sociedade raramente procuravam a justiça, resolvendo seu “problema” de outras formas<sup>83</sup>. Quanto aos réus

<sup>80</sup> Entrevista com Neide, em 25.12.2005.

<sup>81</sup> Foram encontrados dezoito processos. Na década de 1960 encontramos apenas três, em 1970 esse número aumentou consideravelmente, passando para dez e nos anos 1980 diminuiu para cinco.

<sup>82</sup> Depoimento citado.

<sup>83</sup> Dados semelhantes são encontrados em trabalhos sobre Salvador, Rio de Janeiro e Minas Gerais. FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas:* os

envolvidos nos processos, 37,5% apareceram como regular e 37,5% como médio, somando 75% contra 25% de pobres. Embora esses dados estejam incompletos, pois se referem a menos da metade (44,4%) destes, visto que boa parte não comparecia aos julgamentos, foi possível perceber que na maioria das vezes meninas pobres enfrentavam homens de condição superior à sua nos julgamentos, sendo algumas vezes acusadas de estarem interessadas em ascender socialmente. Esse tipo de afirmação apareceu em três processos.

No Processo de Sedução de Margarida dos Santos contra Daniel Silva, de 1961, o seu pai declarou que a mãe do acusado era contra o namoro, por considerar sua filha “fraca” (pobre). No seu depoimento a vítima confirmou a mesma história, acrescentando que a mãe do seu namorado também exigia que ela mudasse de religião, deixando de ser católica para tornar-se batista. Além disso, uma testemunha disse ter aconselhado à vítima a “sair disto porque não dava certo mesmo por ser uma menina pobre e ele de ‘recursos e Família’”.<sup>84</sup>

Em 1977, o depoimento de Abdias Neves, réu do Processo pela Sedução de Maria de Jesus, foi enfático ao afirmar que não compreendia o motivo da acusação, visto que nunca manteve nenhum tipo de relação com a vítima, tudo “indicando que é pelo fato dele dispor de algum recurso”.<sup>85</sup>

Mas o que mais nos chamou a atenção, não só neste, mas na grande maioria dos processos de Sedução de Serrolândia nas três décadas pesquisadas (1960-1990), não foram as acusações às mulheres como “interesseiras”, mas a tentativa de desqualificá-las, acusando-os de serem mulheres “mal” comportadas, propensas à “perdição”.

Apesar de 75 % dos homens envolvidos nos processos de Sedução como acusados terem aparecido como de condição econômica média ou regular, o que sugere que eles não eram pobres, a maioria declarou sua profissão como lavrador. Embora não constem dados sobre 27 % deles, por motivos já discutidos acima, dos treze que relataram sua profissão oito eram lavradores, três comerciantes, um motorista e um comerciário. É provável que esses lavradores se considerassem de condição econômica “média” ou “regular”; não compreendemos então por que eles se declararam lavradores e não fazendeiros. Supomos que

---

populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989 e CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000 e MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Proteção para quem? O código penal de 1940 e a produção da ‘virgindade moral’” In *Revista Labrys*, Brasília, vol. 1/2, 2005, respectivamente.

<sup>84</sup> Fórum Jorge Calmon, doravante FJC, Processo de Sedução de 1961.

<sup>85</sup> FJC, Processo de Sedução de 1977.

nessa sociedade eram denominados fazendeiros apenas as pessoas que possuíam muita terra, o que atingia uma parte ínfima da população.

As mulheres vítimas dos processos de Sedução eram em sua maioria estudantes (oito delas); tal denominação deve ter se dado em função de elas serem ainda muito jovens e não possuírem uma profissão. Apesar disso, cinco se declararam domésticas. Não é possível saber ao certo se a denominação “doméstica”, neste caso, se refere à empregada doméstica ou à dona de casa; entretanto, supomos que se refira à empregada, uma vez que ainda era comum estas serem vistas como mulheres disponíveis para atividade sexual. Alberto Heráclito Ferreira Filho, ao estudar os processos de defloramento do início no século XX mostrou que a grande maioria (58,43 %) das mulheres defloradas em Salvador tinha como ocupação os serviços domésticos<sup>86</sup>.

Um dado que nos chamou a atenção foi o aparecimento da informação sobre a cor das vítimas e dos acusados. No caso das vítimas, a cor era registrada tanto no termo de declarações da Justiça, como no laudo do exame de conjunção carnal. De acordo com Sueann Caulfield, a menção à cor em documentos oficiais, que era muito comum no início do século XIX desapareceu nos registros do final deste século. No entanto, no Rio de Janeiro “essa tendência foi invertida na década de 1930, quando a Polícia reintroduziu o registro racial numa tentativa de melhor identificar as pessoas suspeitas”. Desta forma, nos processos de Defloramento das primeiras décadas do século XX no Rio de Janeiro, pesquisados por essa autora, os registros sobre a cor dos envolvidos foi muito maior nos casos entre 1930 e 1941 que entre 1917 e 1929<sup>87</sup>. Percebemos que em Serrolândia, entre as décadas de 1960 e 1980, o registro ainda era recorrente, visto que a grande maioria dos processos trazia essa informação. Somente nos processos em que o acusado não compareceu às audiências ou o registro estava ilegível não obtivemos dados sobre a cor, o que teve como consequência a falta de informação não só deste dado como de outros: profissão, idade, religião e domicílio.

A tabela abaixo apresenta índices sobre a cor dos envolvidos nos Processos de Sedução da Vara Crime de Serrolândia, assim como da população desta cidade, de acordo com o Censo de 1980:

---

<sup>86</sup> FERREIRA FILHO, *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. p.131. Sueann Caulfield também destacou os altos índices de empregadas domésticas envolvidas nos processos de Sedução como vítimas no Rio de Janeiro no mesmo período. CAULFIELD, *Em defesa da honra, moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, pp. 286.

**TABELA 1 – COR DAS VÍTIMAS E DOS ACUSADOS DOS PROCESSOS DE SEDUÇÃO DA VARA CRIME DE SERROLÂNDIA<sup>88</sup>**

Cor	Vítimas	%	Acusados	%	População	
					Feminina 1980 %	Masculina 1980 %
Parda	07	47	04	45	67	<b>70</b>
Branca	08	53	04	45	26	<b>23</b>
Preta	-	-	01	10	6	<b>6</b>
<b>Total</b>	<b>15</b>	<b>100</b>	<b>09</b>	<b>100</b>	<b>99</b>	<b>99</b>

Fontes: Fórum Jorge Calmon – Jacobina / BA e IBGE - Censo de 1980.

Um dado que nos chamou a atenção na tabela é que embora a maioria da população feminina de Serrolândia de 1980 aparecesse como parda (67 %), nos processos esse índice é menor, representando 47 %, restando 53 % de vítimas brancas. No caso dos homens isso não era muito diferente. Os pardos eram 70 % da população masculina, enquanto os brancos eram 23 %; no entanto, nos processos eles representaram o mesmo percentual (45 %). A população serrolandense, tanto feminina como masculina, classificada como preta era de apenas 6 % em 1980. Nos processos apareceu apenas um homem identificado com esta cor.

Esses dados nos fazem refletir a respeito da dificuldade de definição da “cor” ou “raça” no Brasil, estas sendo geralmente definidas pela subjetividade de quem as registra. No caso do Censo, em 1980 já havia sido adotado o critério da auto-declaração<sup>89</sup>. No entanto, nos processos eram os médicos e/ou os juízes que determinavam a cor das vítimas e dos acusados. Outra questão a ser levantada é a amplitude da categoria “parda”, que incluía uma variedade de tipos reconhecidos pelos brasileiros como uma mistura de negros, índios e descendentes de europeus: morenos, mulatos ou mestiços.

Os números nos levam a perguntar por que em uma sociedade predominantemente parda os envolvidos nos processos judiciais eram em sua maioria brancos? Mas essa é uma questão difícil de ser respondida; primeiro, por causa dos problemas discutidos acima, em torno da definição da cor. Supomos que muitas pessoas registradas no Censo como pardas podem ter sido identificadas pelos médicos e juízes como brancas. Além disso, temos uma amostra pouco significativa em termos numéricos para uma análise mais aprofundada desse tema.

<sup>87</sup> CAULFIELD, op.cit, pp. 281-282.

<sup>88</sup> Excluímos três mulheres e nove homens de processos que não tinham informações de dados pessoais sobre os envolvidos. Os percentuais da tabela foram arredondados. Os totais dos percentuais da cor da população de Serrolândia não são iguais a 100 devido a exclusão dos que não a declararam no Censo.

<sup>89</sup> Essa informação foi obtida junto ao IBGE. De acordo com José Luis Petruccelli nos Estados Unidos esse critério já era utilizado desde 1960, enquanto a França o adotou em 1971. PETRUCCELLI, José Luis. “Raça,

Os processos aqui analisados foram orientados juridicamente pelo Código Penal Brasileiro de 1940. De acordo com Diva Muniz<sup>90</sup>, que investigou o contexto de implementação desse Código, ele foi uma “resposta jurídica” às mudanças ocorridas na primeira metade do século XX no Brasil, como a modernização conservadora do governo Vargas, incluindo a industrialização, urbanização e os novos meios de comunicação. Para os juristas essas transformações trouxeram “excessiva liberdade para as mulheres modernas”, as quais se tornaram um perigo para a sociedade; dentro dessa perspectiva, crimes como estupro, sedução, rapto e atentado ao pudor, passaram a ser classificados como crimes contra os costumes sociais<sup>91</sup> e não mais como crime contra a família. De acordo com Diva Gontijo,

O interesse esteve, assim, centrado em analisar como se processou o exercício do poder de controlar o campo do significado social pelo aparato jurídico, ao nomear tal tipo de delito como “*crime contra os costumes sociais*”, em perceber seus efeitos sobre corpos, sexualidade e comportamentos femininos. Separado formalmente dos crimes contra a família, tal construção fundamentava-se em duas outras, intrinsecamente associadas – a de “*crise moral*” da sociedade e a “*liberdade excessiva das mulheres modernas*” –, vistas como condições de possibilidade de degeneração das famílias e de degradação dos costumes.<sup>92</sup>

Outra importante mudança no Código de 1940 foi a substituição do Crime de Defloração (código anterior, de 1890) pelo o Crime de Sedução<sup>93</sup>; por trás dessa mudança havia um debate em torno da importância da virgindade física das mulheres. Sueann Caulfield, em sua obra *Em Defesa da Honra*, traz uma interessante discussão em torno da importância do hímen para a sociedade brasileira. Ela afirmou que entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX foi produzida uma vasta literatura sobre o estudo do hímen, de forma que os especialistas brasileiros, embora baseados em estudos europeus, se tornaram autoridades mundiais no assunto<sup>94</sup>. Alguns publicaram “estudos científicos” no intuito de corrigir erros recorrentes nos laudos dos exames de defloração; dentre esses estava Afrânio Peixoto, fundador e primeiro diretor do Serviço de Medicina Legal do Rio de Janeiro,

---

etnicidade e origem nos censos de EUA, França, Canadá e Grã-Bretanha” In *Estudos Afro-asiáticos*, 2002, vol.24, no.3, pp.533-562.

<sup>90</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Proteção para quem? O código penal de 1940 e a produção da ‘virgindade moral’” In *Revista Labrys*, Brasília, vol. 1/2, 2005, p. 2.

<sup>91</sup> CAULFIELD, Sueann “Que virgindade é essa? A mulher moderna e a reforma do código penal no Rio de Janeiro, 1918 a 1940” In *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1996, p.167.

<sup>92</sup> MUNIZ, op. cit., p. 2.

<sup>93</sup> Esse crime foi definido nos seguintes termos: “Seduzir mulher virgem, menor de dezoito anos e maior de catorze, e ter com ela conjunção carnal, aproveitando de sua inexperiência ou justificável confiança. Pena: reclusão de dois a quatro anos”.

<sup>94</sup> CAULFIELD, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, p. 51.

considerado um dos homens mais experientes no assunto, que chegou a examinar 2.701 hímens, no período entre 1907 e 1915. A enorme demanda por este tipo de serviço no Rio de Janeiro (essa era uma das funções mais importantes da medicina legal nos anos 1920) suscitou vários debates para se compreender por que tantas famílias das classes populares procuravam a justiça denunciando o defloramento de mulheres.

Entre as décadas de 1920 e 1930 ocorreu uma série de debates em torno da valorização da virgindade física feminina. Alguns estudiosos, a exemplo dos médicos Miguel Sales e Afrânio Peixoto, consideravam que havia “uma preocupação jurídica excessiva com a virgindade fisiológica (em vez da “virgindade moral”) das mulheres”<sup>95</sup> e que isso era evidência do atraso nacional, chegando a desenvolver campanhas contra a himenolatria. De acordo com Caulfield, esse movimento estaria relacionado a uma redefinição da honra sexual, trazida à tona no contexto de elaboração do Código de 1940.

Para Luiz Carlos Duarte “a sedução será concebida, a partir do Código de 1940, como uma violação à liberdade sexual”. Essa violação se daria pela força (estupro) ou pela sedução das moças, que, sendo inexperientes e ingênuas, visto que o sedutor se aproveitaria “de sua inexperiência ou justificável confiança”, se “entregariam”, geralmente enganadas por promessas de casamento. Nessa visão, a mulher a ser defendida seria aquela que não praticou ato sexual por vontade própria<sup>96</sup>, mas o código trouxe uma contradição que foi pouco explorada pelos juizes, promotores e advogados. Diferentemente do código de 1890, o novo código trouxe o conceito “científico” de “excitação sexual”, considerando que homens e mulheres estavam vulneráveis a serem atingidas pelos estímulos eróticos da vida moderna (meios de comunicação, espaços de trabalho e lazer agora menos separados por sexo)<sup>97</sup>.

Mas a discussão central do novo código é a defesa da “virgindade moral” das mulheres. Não era necessário apenas comprovar virgindade anterior à conjunção carnal; mais importante que isso era a compreensão de que as mulheres deveriam demonstrar ser “moça honesta”, para tornarem-se merecedoras de defesa. Para Duarte, em sua análise de processos de educação de Campos dos Goytacazes (RJ) no período de 1960 a 1974, havia cada vez mais no discurso jurídico uma diminuição do valor do hímen, assim como dos elementos referentes aos detalhes do ato sexual, como dor e sangramento<sup>98</sup>. Já Diva Muniz defende que “a

---

<sup>95</sup> Idem, *idibem*, p. 54.

<sup>96</sup> DUARTE, Luiz Carlos. “Representações da virgindade” In *Cadernos Pagu*, 2000, n° 14, pp.157-158.

<sup>97</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Proteção para quem? O código penal de 1940 e a produção da ‘virgindade moral’” In *Revista Labrys*, Brasília, vol. 1/2, 2005, cit., p. 4.

<sup>98</sup> DUARTE, Luiz Carlos. “Representações da virgindade” In *Cadernos Pagu*, 2000, n° 14, p.156.

substituição do ‘defloramento’ por ‘sedução’, ao invés de romper com a cultura do hímen, como havia proposto um grupo de juristas (...) reafirmou-a e fortaleceu-a”<sup>99</sup>.

Nos Processos de Sedução encontrados em Serrolândia podemos afirmar que embora fosse muito evidente a busca de elementos para a “comprovação” da “virgindade moral”, a virgindade física ainda era bastante valorizada no período estudado. Como dito anteriormente, o exame de conjunção carnal foi realizado em quase todos os processos, servindo de peça chave na produção de resultados. Outro elemento significativo que foi observado nos laudos dos exames é que referenciais como sangramento, dor, detalhamento do corpo feminino foram sendo aperfeiçoados ao longo das décadas; assim, em vez de haver uma diminuição das preocupações em torno dessas questões, elas parecem ter se tornado mais relevantes, especialmente a partir do final da década de 1970 e na década de 1980.

Nos processos consultados não houve nenhum caso em que as mulheres tenham se recusado a fazer o exame de conjunção carnal, como ocorreu no Rio de Janeiro no início do século XX<sup>100</sup>. Essa falta de resistência poderia estar relacionada ao desejo que tinham de atingir seus objetivos, como o de conseguir casar-se com seu “devedor”. Este termo apareceu em inúmeros processos sugerindo que o homem que seduz (e que deflora) tem uma dívida, e um dever a cumprir, pois convenceu sua parceira a adiantar os direitos do casamento. No Processo de Sedução de 1977<sup>101</sup> de Maria de Jesus contra Abdias Neves, citado anteriormente, a mãe da moça afirmou que, ao saber que sua filha estava “perdida” de Abdias, chamou-o em sua residência, conversou com o mesmo sobre o fato e este lhe respondeu “que não devia nada a sua filha, que não era devedor da honra dela, porém teve relações sexuais com a mesma algumas vezes”. Segundo a mãe, ele ainda afirmou que “se levasse a moça para o exame e fosse ele o devedor que casaria com ela”. A mãe, preocupada com o destino da sua filha deflorada, disse ter conversado também com o pai do acusado, que lhe garantiu que, “se o seu filho fosse o devedor, que ele tinha que casar com a filha da depoente (...), mas se o filho não fosse o devedor não interessava nada a ele”. Há nesses discursos uma supervalorização do exame médico como revelador de quem teria desvirginado a vítima. Embora (de acordo com a mãe da vítima) o acusado tenha afirmado não ser o “devedor”, este teria dito que se o exame o comprovasse ele se casaria com a vítima. A honra feminina estaria totalmente vinculada à sua

---

<sup>99</sup> Idem. *ibidem*, p. 51.

<sup>100</sup> CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, p. 226-227.

<sup>101</sup> FJC, Processo de Sedução de 1977.

virgindade física, de forma que tanto o acusado quanto seu pai se comprometeram com o casamento na medida em que ficasse “provado” que o acusado fosse mesmo o deflorador.

O quesito presente em alguns laudos dos exames de conjunção carnal: “Se há vestígio de desvirginamento recente?”, sugere que os médicos tinham condições de avaliar (através do exame) se o desvirginamento era antigo ou recente, podendo assim afirmar se o acusado era ou não o deflorador da vítima. Além do exame do hímen, eles deveriam avaliar também outras partes do corpo feminino, como seios, pêlos pubianos, grandes e pequenos lábios, etc.<sup>102</sup>. Embora os questionamentos a respeito da ineficácia dos exames médicos tenham surgido desde o final do século XIX, quando se desenvolveram estudos sobre os vários tipos de hímen, inclusive com a descoberta dos hímens complacentes<sup>103</sup>, em Serrolândia até final da década de 1980 o saber médico ainda se sobrepunha como um conhecimento inquestionável.

Adriana Luz discute a relação entre medicina e direito no início do século XX, no interesse pelo defloramento, no desvendar dos corpos femininos como forma de disciplinar e higienizar as famílias das classes populares. A autora mostrou como os médicos contribuíram para descrever as mulheres que haviam perdido a sua virgindade, sendo considerados autoridades indispensáveis nesta tarefa.<sup>104</sup>

A análise de processos judiciais nos interessa aqui não como uma busca de fatos, ou de uma “verdade” histórica; assim, consideramos que eles nos ajudaram a compreender valores estratégicos e interesses presentes na sociedade pesquisada. Os processos crimes trazem contradições nos depoimentos, com cada parte apresentando aquilo que considera melhor para o convencimento das autoridades jurídicas. A melhor versão - a “fábula jurídica” - provavelmente terá sentença favorável<sup>105</sup>. No entanto, concordamos com Luiz Carlos Duarte quando afirma que os discursos das camadas populares presentes nos processos não são apenas estratégias para ter um resultado favorável, embora também o sejam, pois neles estão presentes processos de subjetividade, nos quais aparecem valores e visões de mundo dos

---

<sup>102</sup> Ver LUZ, Adriana de Carvalho *Mulheres e doutores: discursos sobre o corpo feminino*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. p. 125

<sup>103</sup> CAULFIELD, Sueann. *Em Defesa da Honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, p. 75.

<sup>104</sup> LUZ. op.cit., pp. 119-134.

<sup>105</sup> FERREIRA FILHO, *Quem pariu e bateu, que balance!:* mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003, p. 134.



envolvidos. Do contrário, os processos crimes “tornar-se-iam inúteis ao estudo dos valores dos homens e mulheres das camadas populares”<sup>106</sup>.

Na maioria dos processos de Serrolândia, as vítimas contaram o episódio do seu defloramento a amigas ou vizinhas, sendo que apenas duas delas contaram a alguém da família (mãe ou tia); esses dados sugerem que nem sempre essas mulheres tinham intenção de denunciar seus defloradores, pois muitas delas contaram que aguardaram um tempo pelo cumprimento da promessa, feita pelo namorado, de que o casamento seria realizado, até decidir “se abrir” e contar a alguém. É provável que suas famílias fossem as principais interessadas em fazer a denúncia contra seus parceiros, como uma forma de “limpar a honra da família”. Das queixas apresentadas, 70 % foram feitas pelo pai da vítima. Esse índice é bem diferente dos estudos realizados no início do século XX em Salvador e no Rio de Janeiro, em que as mães eram as principais denunciante. Em Serrolândia, nos casos em que a mãe procurou a justiça, uma era viúva, duas eram separadas e a outra tinha o marido trabalhando em São Paulo, tendo havido, nesse último caso, uma tentativa de anulação do processo<sup>107</sup> por parte do advogado do réu, com a justificativa da denunciante ter se comprometido a apresentar representação assinada pelo pai da ofendida e não tê-lo feito. Estes dados demonstram que os homens nessa sociedade ainda assumiam quase totalmente a defesa da honra da família, tendo a autoridade patriarcal um significado ainda muito acentuado.

O Crime de Sedução pressupõe a defesa de mulheres ingênuas, inexperientes nas artes sexuais, vítimas da enganação dos seus sedutores. No entanto, o que se percebeu na maioria dos processos foi uma inversão de papéis<sup>108</sup>, em que as mulheres passaram de vítimas a culpadas, de seduzidas a sedutoras, de Maria a Eva. Essa foi geralmente a tentativa feita pelos advogados e testemunhas de defesa, enquanto a acusação teve que provar a “virgindade moral” das vítimas.

Em processo de 1983, Marina Lopes citou a promessa de casamento como justificativa para ceder à sedução de Edivaldo Lima. No processo ela relatou que ele havia dito que ter relações sexuais seria “o único meio para se casarem”, visto que a sua mãe não gostava dela. No entanto, no seu depoimento o acusado inverteu completamente a versão da vítima afirmando ter sido seduzido por ela:

---

<sup>106</sup> DUARTE. “Representações da virgindade” In *Cadernos Pagu*, 2000, nº 14, pp.152-153.

<sup>107</sup> FJC, Processo de Sedução de 1963.

<sup>108</sup> BESSA, Karla Adriana Martins. “O crime de sedução e as relações de gênero” In *Cadernos Pagu*, 1994, nº 2, p. 177.

(...) Eu estava conversando com Marina na porta da casa dela, do lado de fora, ai ela me chamou para me mostrar uma revista sobre sexo, em várias posições, ai ela me chamou para também fazer, ai fizemos tudo de putaria nesse dia. (...) E teve uma hora que ela tirou o short e ficou só de calcinha, ai nesse momento, Joana (*amiga que estava na casa*) se buliu na cama, ai eu disse “Marina, sua amiga vai acordar, eu vou embora”, ela então disse para eu não ir embora.<sup>109</sup>

O que mais nos chamou a atenção nesse processo é que ele é o único em que um homem se disse seduzido por uma mulher. Por mais que os acusados negassem a sedução, tentando inverter a acusação, como discutido acima, eles não se colocavam no papel de “seduzidos”, visto assumir esse lugar seria subverter a lógica das representações sociais dos papéis de gênero. Apesar do trecho exposto acima, Edivaldo relatou que não sabia dizer se foi ele que a deflorou, já que estava “meio tomado”. Após uma investigação do comportamento da vítima para comprovar sua “virgindade moral”, concluiu-se que ele foi o autor do defloramento, mas o processo foi encerrado por ser ele menor de idade.

Em processo de 1961, Margarida dos Santos é questionada “Se entregou-se espontaneamente a ele ou resistiu e pediu socorro?”. Essa pergunta é por si só bastante significativa, impondo aos envolvidos uma visão estereotipada sobre o comportamento feminino, sugerindo que uma “moça honesta” deveria “resistir e pedir socorro”. Mas a vítima em questão não correspondeu ao comportamento esperado em defesa da sua “virgindade moral”, respondendo que “entregou-se espontaneamente”, demonstrando sua atuação no episódio e não a passividade esperada de uma “moça honesta”. É provável que Margarida não se desse conta de que sua resposta poderia prejudicá-la no resultado da sentença, visto que não correspondia aos estereótipos homem culpado / mulher vítima. No processo ela foi acusada por seu “devedor” de “ter sumido, depois aparecido, sabendo que achava-se na fazenda (...), em uma casa de sua prima onde a mesma estava gostando de um senhor casado”. Apesar das testemunhas terem afirmado que “nunca ouviram falar mal do seu procedimento”, ela teve uma sentença desfavorável, pois já havia completado 18 anos.

Outros quesitos<sup>110</sup> presentes nos Processos de Sedução remetem a representações jurídicas sobre as mulheres, induzindo os envolvidos a compartilhar as mesmas representações como forma de sobrevivência nos julgamentos. Os quesitos “Se foi a ofendida quem se despiu ou foi seu namorado?” e “Se durante o período em que conviveu com o acusado ele havia usado algum método acariciante que viesse a descontrolar emocionalmente

<sup>109</sup> FJC, Processo de Sedução de 1983.

<sup>110</sup> Esses quesitos foram retirados dos Processos de Sedução de 1961 a 1987 da Vara Crime de Serrolândia.

a ofendida?” adotam a mesma perspectiva da questão analisada acima: esperava-se passividade da mulher no momento do ato sexual.

Os quesitos seguintes dizem respeito ao comportamento feminino no cotidiano: “Se é uma moça recatada, de bons costumes e, se procede bem?”, “O que sabe sobre a vida da ofendida com referência ao seu comportamento de namoro?” e “Se ela é moça que anda de festa em festa?”. É muito significativa a quantidade de processos que traziam perguntas relativas à frequência de festas, especialmente a partir dos anos 1970; nesse período as formas de lazer em Serrolândia ampliaram-se um pouco, sendo inaugurados a primeira boate em 1974 e o Clube da cidade em 1979. Dados que discutiremos no terceiro capítulo.

Os processos também traziam questões sobre a forma como os pais (principalmente as mães) educavam as filhas. Ao questionar “Se a sua mãe a educa presa em casa, ou ao contrário, se não se incomoda que a ofendida saia para onde quer?”, “Se a ofendida é acostumada a sair sem o consentimento de seus genitores?” ou “Se a ofendida é desobediente?” os advogados tentavam construir uma argumentação associando vigilância dos pais com honestidade feminina. Algumas testemunhas das vítimas se apropriavam desse discurso, a exemplo de D. Maria de Lourdes, testemunha de Regina de Jesus, vítima no Processo de Sedução de 1975 contra Miguel Santos:

(...) Não é moça de festa, só sai de sua casa com seus pais, não é moça de farra, nem de feira. Pois seu pai é pessoa de grande responsabilidade, pois soube criar seus filhos. (...) <sup>111</sup>.

De acordo com essa visão, uma mulher que tivesse liberdade de sair de casa sem ter que “prestar contas” dos seus atos à família não merecia ser defendida pela justiça. Se possuísse independência financeira, a possibilidade de defesa se tornaria ainda menor, visto que essas mulheres eram associadas à prostituição: “Se a ofendida é “moça de programa”, de festa e se vive por conta própria?”

O passado da ofendida era investigado, especialmente no que diz respeito a sua experiência com outros namorados, pois era muito importante justificar a inexperiência para que tivesse êxito sua defesa. Vejamos as questões: “Se já namorou outros rapazes?”, “Se é moça inexperiente?” e “Se já ouviu falar mal do procedimento da ofendida com relação à sua virgindade?”. Muitos acusados se utilizavam desse argumento para se livrar do crime de sedução, a exemplo de Antônio Alves que relatou em seu depoimento:

---

<sup>111</sup> FJC, Processo de Sedução de 1975.

(...) Que não era mais virgem (*a vítima*), por que vários homens já haviam namorado com ela (...) que o interrogado não confirma que ela fosse virgem por que há meses passados a ofendida namorou um homem casado. (...) <sup>112</sup>

Apareceram ainda quesitos que procuravam interrogar os detalhes do ato sexual: “Se teve relações sexuais em pé ou deitada?” e “Onde foi e qual a posição da relação sexual?”. Ao questionar sobre a posição em que o mesmo ocorreu, os juristas e advogados estavam preocupados mais uma vez em associar a mulher à passividade. Esta deveria demonstrar que foi possuída, seguindo uma concepção convencional sobre a posição da mulher no ato sexual <sup>113</sup>.

Ao questionar uma depoente (testemunha de defesa da vítima) se ela própria era virgem, o jurídico mostrou que, além das vítimas, as outras mulheres também estavam sendo julgadas através do seu comportamento, das suas práticas, do seu passado conhecido pela comunidade. Nos dois processos <sup>114</sup> em que a mãe da vítima era separada maritalmente, houve uma referência a este fato, relacionando-o com o “mau” comportamento da moça, visto considerar-se que ela não era bem vigiada. No processo de Joana Santana contra José Amâncio dos Reis de 1980 <sup>115</sup>, uma das testemunhas de acusação (vítima em outro processo do mesmo ano <sup>116</sup>) disse estar grávida, mas que não era casada, o que tornou o seu depoimento frágil e suspeito. Apenas “mulheres honestas” poderiam defender a honestidade feminina.

Na petição inicial de processo de 1963, de Célia Oliveira contra Alexandre Bispo, apareceu o seguinte texto: “O indiciado namorava com Célia, (...) valendo-se da sua justificável confiança e de sua inexperiência dada a sua condição de moça simples e da roça, teve com a mesma conjunção carnal deflorando-a, depois de seduzi-la” <sup>117</sup>. A associação das mulheres da zona rural com a inexperiência sexual era recorrente nos processos e também nas entrevistas. Embora Serrolândia fosse uma cidade em que a maioria da população morava na

<sup>112</sup> FJC, Processo de Sedução de 1979.

<sup>113</sup> A importância da passividade feminina para sua defesa como “moça honesta” é abordada por vários autores. Ver FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!*: mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003, ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989, CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2000, DUARTE, Luiz Carlos. “Representações da virgindade” In *Cadernos Pagu*, 2000, nº 14 e MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Proteção para quem? O código penal de 1940 e a produção da ‘virgindade moral’” In *Revista Labrys*, Brasília, vol. 1/2, 2005.

<sup>114</sup> FJC, Processo de Sedução de 1963 e 1977, citados anteriormente.

<sup>115</sup> FJC, Processo de Sedução de 1980.

<sup>116</sup> FJC, Processo de Sedução de 1980.

<sup>117</sup> FJC, Processo de Sedução de 1963.

zona rural nas décadas pesquisadas<sup>118</sup>, havia uma diferença nas representações entre “moça da cidade” e “moça da roça”. Regina e Marinalva, “moças da roça”, falaram de suas experiências:

(...) Quando a gente vinha na cidade, lá a gente via que tava mais avançado do que nós. Lá a gente já via as meninas se agarrar, namorar mais corpo a corpo, na praça, nas festas, elas grudava muito assim nas festas e agente via, a gente via olha como as meninas da cidade namora diferente! E os rapazes da cidade que dizia a gente que queria casar com moça da roça, porque as moças da roça era mais, tinha mais respeito do que a moça da cidade. Isso era a idéia que as moças da roça era mais bem comportada do que as moças da cidade.<sup>119</sup>

(...) Eu nunca fui numa festa, ouvia falar daquela festa, era assim. Por isso muitas coisas eu acho errado e muitas coisas eu acho que hoje é tudo comum. Porque naquela época aquela segurança horrível e acontecia também, não tinha chance nunca e quando tinha... outras eram tão tímidas, as moças era tão tímida que se deixava levar, quando começava a namorar às vezes não tinha experiência, né? E caía naquele erro por ignorância, coitadas, por falta de experiência, tudo isso acontecia.<sup>120</sup>

A maioria dos envolvidos nos processos de Sedução que declaram informações sobre seus domicílios morava na zona rural; no entanto, não constam dados sobre domicílios de 27,8 % dos réus e 16,7 % das vítimas.

As representações femininas de passividade, inexperiência e ingenuidade eram utilizadas pelas mulheres nos processos. Em quase 90 % deles as vítimas afirmaram terem sido seduzidas pela promessa de casamento; já a grande maioria dos réus<sup>121</sup> não mencionou isto em seus depoimentos, sendo que apenas dois confirmaram a promessa e seis negaram.

Cecília Nunes, vítima no processo de Sedução contra João da Silva<sup>122</sup>, citou a promessa de casamento em seu depoimento, ao mesmo tempo em que relatou que começou a namorar com o acusado no dia em que ocorreu o ato sexual. É provável que a promessa não tenha sido feita e que a vítima se tenha utilizado de um argumento considerado essencial para sua defesa; no entanto, ainda que esta tenha ocorrido, o juiz não a considerou, visto que para ele uma “mulher honesta”, por mais ingênua que fosse, não aceitaria um convite para manter

<sup>118</sup> De acordo com o Censo Demográfico de 1960, a população do distrito de Serrote (nome de Serrolândia antes da sua emancipação de Jacobina em 1962) era de 11.971 habitantes, sendo que apenas 1.660 habitavam a zona urbana e 10.311 a zona rural. Em 1970 a população de Serrolândia era de 19.812, sendo de 2.367 a população urbana e 17.445 a rural, em 1980 de um total de 22.359, 3.673 era urbana e 18.686 rural. No Censo de 1991, houve uma queda significativa da população, devido à emancipação do distrito de Quixabeira em 1987, passando para 11.798, sendo 4.737 a população urbana e 7.061 a população rural, havendo uma elevação da taxa de urbanização, que passou a representar 40,15 % da população.

<sup>119</sup> Depoimento citado.

<sup>120</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>121</sup> Em 10 processos não constam nenhuma menção à promessa de casamento nas versões dos acusados.

relações sexuais com um homem em um primeiro encontro do casal, dando sentença favorável ao acusado.

Essa visão da mulher-vítima / homem-culpado parece-nos uma inversão do discurso misógino medieval, uma vez que naquele discurso a mulher era responsabilizada pela sedução, devendo o homem afastar-se dela para obter a salvação. O apetite pelo sexo, que antes era considerado um atributo do instinto feminino, passou a ser associado ao masculino. A responsabilidade pela sedução passou a ser do homem, mas sua “culpa” era justificada por ser “próprio dele” o desejo sexual, um mecanismo de justificação que não se percebe quando o desejo sexual era considerado como próprio dela. Agora, a ela era atribuída a responsabilidade de resistir ao desejo, e de impedir que o pecado fosse consumado; porém a mulher continuava sendo vista como inferior, uma vez que era considerada fraca diante da tentação, devendo ser reprimida. A metamorfose, de tentadora à vítima, em nada contribuiu para modificar sua situação de inferioridade. Mesmo nos processos em que se conseguiu “provar” a culpa do acusado, através das testemunhas, ou quando ele próprio confessou, os resultados não foram favoráveis às vítimas.

A tabela a seguir apresenta os resultados dos Processos de Sedução da Vara Crime de Serrolândia, entre os anos de 1961 e 1987:

**TABELA 2 - RESULTADO DOS PROCESSOS DE SEDUÇÃO DA VARA CRIME DE SERROLÂNDIA<sup>123</sup>**

Resultado dos Processos	Quantidade	%
Arquivamento	5	28
Casamento	2	11
Acusado desapareceu	2	11
Vítima é maior de idade	3	17
Acusado é menor de idade	2	11
Não há resultado	3	17
Não consta	1	5
<b>Total</b>	<b>18</b>	<b>100</b>

Fonte: Fórum Jorge Calmon – Jacobina / BA

Como é possível ver na tabela acima, a maioria dos processos foi arquivada; se somarmos o número de processos arquivados (05), com os casos em o acusado desapareceu (02) e com os processos sem resultado (03), que provavelmente também foram arquivados posteriormente, teremos um total de 10 processos, contra 05 em que o processo foi suspenso

<sup>122</sup> FJC, Processo de Sedução de 1980.

<sup>123</sup> Os percentuais da tabela foram arredondados.

por estar fora dos termos da lei<sup>124</sup>, restando apenas 02 em que ocorreu o tão desejado casamento. Não houve nenhum caso de prisão, embora o crime de sedução tenha pena prevista de dois a quatro anos de reclusão.

Estes dados nos levam a refletir que, embora houvesse uma legislação que considerava a sedução como um crime, com pena prevista, isso não garantia nenhum tipo de punição para aqueles que a justiça considerasse culpados. Diante disso, nos perguntamos: por que as famílias, especialmente os pais das vítimas, continuavam procurando a justiça? Supomos que a procura por este tipo de resolução estava ligada a uma tentativa de defesa da honra das famílias, como forma de demonstração da não aceitação de um tipo de comportamento considerado ultrajante. Parece-nos que procurar a Justiça era uma forma de manifestar sua indignação e a negação das mudanças nos comportamentos de uma sociedade em transformação. Lembremos que em 1987 ainda foi encontrado um processo de sedução, quando os valores da virgindade e do casamento já começavam a ser questionados em Serrolândia, senão nos discursos, pelo menos nas práticas.

### 1.5 OS ANOS REBELDES

No final da década de 1960 e início de 1970, os movimentos de juventude ocorridos na Europa e nos Estados Unidos terão uma grande repercussão no Brasil. Numa época de ditadura militar violenta, os jovens expressavam seu desejo de mudar a sociedade de forma radical, propondo uma revolução que atingia uma extensa gama de aspectos da vida social. “Era uma juventude que se acreditava política e achava que tudo devia se submeter ao político: o amor, o sexo, a cultura, o comportamento”.<sup>125</sup>

Questionando valores tradicionais como a família, o casamento, a virgindade, a religião, a propriedade privada, jovens inconformados com o sistema formavam comunidades alternativas. Com o objetivo de criar uma nova sociedade cujo lema era “é proibido proibir”, essa juventude inventava sua própria forma de vestir, o sexo passou a ser dissociado da idéia de pecado e a exigência da virgindade e o casamento passaram a ser criticados. O estereótipo da mulher esposa-mãe-dona-de-casa, frágil e submissa, passou a não ser mais aceito por determinados grupos. A pílula anticoncepcional teve grande contribuição na mudança do

---

<sup>124</sup> A lei só considerava mulheres entre 14 e 18 anos como vítimas e homens acima dos 18 anos como acusados.

<sup>125</sup> VENTURA Zuenir. *1968: o ano que não terminou*, São Paulo: Círculo do Livro, 1988, p. 37.

comportamento sexual feminino, apesar de não atingir a todas as classes e existir muito preconceito, na época, quanto ao seu uso<sup>126</sup>. De forma geral, o que caracterizava essa juventude era a vontade de experimentar o que levava a um certo desprezo pelo passado e impaciência em relação ao futuro.

Essas mudanças ocorreram nas grandes cidades e atingiram principalmente os jovens da classe média, mas sua influência nas pequenas cidades foi pequena, pelo menos na época, provavelmente devido à pouca circulação de informações. Os meios de comunicação eram escassos; a primeira televisão chegou a Serrolândia por volta de 1972<sup>127</sup>, havendo apenas o rádio e revistas que eram trazidas de fora<sup>128</sup>. De qualquer modo, ecos das transformações chegaram a Serrolândia, por vias específicas.

Assim como a maioria das pequenas cidades do interior do Nordeste, Serrolândia sempre teve sérios problemas de desemprego. Como vimos, nos anos 1960 a grande maioria da população morava na zona rural tendo que enfrentar grandes períodos de seca, o que fazia com que a migração da população masculina fosse bastante elevada. Voltaremos a discutir esse tema no terceiro capítulo. A necessidade de os homens saírem para trabalhar em outras cidades gerava os “namoros por correspondência” e alguns casais, diante dessa situação, ficavam noivos até que fosse possível o retorno do noivo para que ocorresse o casamento, pois o noivado, neste caso, era uma forma de garantir o compromisso. Este parece ser o caso de João, motorista de caminhão, que fazia longas viagens e retornava para ver sua noiva, que morava na zona rural. Como eles passavam muito tempo sem se encontrar, costumavam comunicar-se através de cartas. Eis uma delas:

Serrolândia, 04.05.66

Queridinha Cida  
Saudações

Espero que ao receber destas esteja com saúde você e família. Cida, por intermédio desta quero dizer-te que estou morrendo de saudade de você meu bem, gostaria que

<sup>126</sup> PEDRO Joana Maria, “A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração” In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, nº 45, jul/2003, pp. 239-260.

<sup>127</sup> Entrevista com Jairo Rios, em 17.02.2006.

<sup>128</sup> Entre as últimas, as principais eram: Sétimo Céu, Manchete e O Cruzeiro.



você sentisse o mesmo por mim. Cida, sábado, dia 14 estarei aqui, tenho muito o que conversar com você, venha pra voltar domingo. Cida, se me ama faça o possível e venha. Cida, não me queira mal por que demorei de encontrar com você, se faço assim é a bem estar de nosso futuro. Cida, só pessoalmente posso dizer-te quanto te amo e a saudade que sinto de você. Sem mais meu abraço saudoso.

João<sup>129</sup>

João justificou a sua ausência argumentando ser ela necessária para a construção de um futuro, provavelmente no casamento. Ele insistiu na necessidade do encontro, já que pouco se viam, através do discurso romântico típico das cartas de amor.

Outro casal que conviveu com a distância foi Raimundo e Fátima. Ele se deslocou para o Rio de Janeiro na perspectiva de conseguir trabalho, casar-se e levar sua esposa para morar com ele na “cidade maravilhosa”. Nas cartas escritas entre 1969 e 1972, Raimundo mandava notícias para a sua amada pelos menos a cada dois meses, sendo que muitas vezes demorava bastante para se comunicar, tendo sido cobrado pela sua noiva pelo desaparecimento. Na maioria das cartas consultadas, ele se justificava pelo atraso nas respostas às cartas escritas por Fátima, alegando falta de tempo ou falta de um “portador”, visto que algumas cartas eram enviadas por amigos e parentes que o visitavam. Vejamos uma carta de 1972:

Rio de Janeiro, 23.03.72

Meu inesquecível amor, beijos

São os momentos de mais alegria para mim quando te escrevo esta carta e ao mesmo tempo respondo as suas. Olhe meu amor, eu não havia respondido não foi ruindade, era motivo de tempo (...) Cim, meu bem aqui todos com saúde graças a Deus. Quem esteve aqui foi Francisco, em dezembro vem com a esposa. Olhe, eles vão morar na mesma vila conosco, eu comprei uma casa junto com a deles, breve vamos cer visinho, ta? Vou finalizar por que já são 11 horas, estou com muito sono. As meninas enviam lembranças para todos da casa e agora o beijo ardente do seu amor.

OBS.: Se for possível casarei só no civil, ta? Responda urgente.

Raimundo<sup>130</sup>

Apesar das promessas de Raimundo, Fátima não foi morar com ele no Rio de Janeiro. Apesar de eles terem se casado em 1974, se separaram um ano depois quando, segundo ela descobriu que ele tinha uma outra “mulher”; é provável que isso explique a observação contida na carta acima.

<sup>129</sup> Carta recolhida de uma entrevistada.

<sup>130</sup> Idem.

A maioria dos homens saía, principalmente para São Paulo. Em consequência disso, eles tinham mais oportunidade de viajar do que as mulheres, e geralmente tinham mais contato com as mudanças ocorridas nas grandes cidades. Reginaldo, que saiu de Serrolândia no final da década de 1970 lembrou:

Naquela época o interior realmente era o interior. Não tinha os recursos que tem hoje (...). Já nas cidades onde convivi não, (...) lá no Espírito Santo era uma cidade é praiana e tal, então a cabeça do povo já era uma cabeça mais evoluída. Portanto, quando a gente vinha pra aqui, a gente sentia essa grande diferença, tanto que quando eu, a gente chegava aqui, que eu via amigos meus que tinha ficado aqui, que nunca tinha saído, eu sentia nele uma diferença muito grande e ele também sentia em mim.<sup>131</sup>

As atitudes de alguns rapazes, quando regressavam das cidades grandes, assustavam os mais velhos. Um dos entrevistados contou:

Quando eu cheguei de São Paulo fui vê meu pai lá na roça, quando saí eu esqueci de dar a bênção e ele ficou foi brabo, falando que não aceita essa “civildade” de hoje em dia... Ele era muito ignorante, costumava dizer que “homem de relógio no braço e cabeça no tempo não era homem”.<sup>132</sup>

Parece-nos que o fato desses jovens voltarem com um novo comportamento gerava sérios problemas com os pais. É muito interessante a rejeição do pai ao que ele chamava de “civildade”, que talvez significasse para ele uma ruptura com os valores tradicionais. A definição do “ser homem” estava relacionada à manutenção de costumes tradicionais como usar relógio de bolso e chapéu. Usar óculos escuros e beijar as moças no rosto também causava estranheza, como apareceu na fala de Conceição, ao nos contar sobre a chegada de seu noivo de São Paulo em 1969:

Ele chegou da casa de Dona Julieta, aí quando ele chegou eu tava no varandado. Ele falou comigo e me deu um beijo na testa e as meninas ficaro tudo amarela... por que foi na frente de papai.<sup>133</sup>

Em um processo de desquite judicial, de 1967, também apareceu um discurso relacionando o “mau comportamento” de um homem casado como “reflexo da juventude atual”. O advogado se referiu ao marido, acusado de infiel pela mulher, como “playboy”:

---

<sup>131</sup> Depoimento citado.

<sup>132</sup> Entrevista com João, em 17.12.1998.

<sup>133</sup> Entrevista com Conceição, em 19.11.1998.

“Voltava altas horas da madrugada das casas de tavolagem, dos lupanares, das tabernas onde diuturnamente joga baralho, (...) reflexos da juventude atual (...) um verdadeiro playboy”.<sup>134</sup>

É provável que as novidades tenham influenciado de certa forma a sociedade serrolandense, questionando seus valores, provocando algumas mudanças no comportamento, tanto dos homens, como das mulheres.

Como na década de 1970 não havia muitas formas de lazer em Serrolândia<sup>135</sup>, os jovens promoviam suas próprias diversões. Era realizado, entre essa juventude, um tipo de festa que eles chamavam de “assustado”. Essas festas ocorriam em suas casas com música e bebida, e só podiam durar até as 22:00 horas, horário normalmente estabelecido para as moças voltarem para casa. Até 1974 esse horário era determinado pelo desligamento da chamada “luz a motor”:

Tinha um assustado na casa do povo. (...) era radiola na cabeça, ai chegava aqui arrancava esses trens tudo daqui. Antigamente em Serrolândia era assim, até dez horas que a luz apagava dez horas. (...) Era uma coisa assim assustado, porque chegava gente de repente na casa e pegava a dona da casa assustado.<sup>136</sup>

Então quando tinha a luz era de motor na usina, onde ali é agora, é aquele salão paroquial. Quando dava o primeiro sinal, nove e pouca da noite, dava o primeiro sinal aí era pra gente voltar, todo mundo pras suas casa. E dez horas apagava a luz. A gente também não assistia mais televisão, a gente ficava na porta do posto assistindo televisão. A televisão preto e branco.<sup>137</sup>

Thales de Azevedo citou os “assustados” em seu livro *Regras do namoro à antiga*<sup>138</sup>, definindo-os como “simples festas dançantes”, não fazendo menção ao significado do termo. Seu Geraldo, que morou muitos anos em São Paulo, surpreendeu-se ao chegar em Serrolândia e ser convidado para esta festa, considerando-a um atraso:

Pra você vê as coisa aqui era tão assim... um pouco atrasado, que quando nós chegamos aqui era as menina que chamava assim: “Geraldo, chama os meninos e vamos ali no assustado”. E aí eu perguntei a mãe: mãe o que é assustado? E ai mãe dizia: é uma festinha que tem ali. E ai quando nós chegava lá era uma festinha que chamava por assustado, era uma radiolinha daquela Philips, que colocava seis pilhas e ali tocava aquela musiquinha e nós ia dançar, todo mundo ali. (...) Por que era uma festinha que pegava todo mundo de susto porque saia convidando...<sup>139</sup>

<sup>134</sup> Arquivo Público Municipal de Jacobina, doravante APMJ, Processo de Desquite Judicial, nº. 4865, 1967.

<sup>135</sup> Analisaremos as formas de lazer em Serrolândia no terceiro capítulo.

<sup>136</sup> Entrevista com Simone, em 05.02.2006.

<sup>137</sup> Entrevista com Maria José, em 29.12.2005.

<sup>138</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, p. 32.

As maiores mudanças no comportamento sexual das mulheres parecem ter ocorrido, em Serrolândia, por volta do final da década de 1970 e nos anos 1980, uma vez que algumas entrevistas realizadas sugeriram isso. Muitas “moças de família” começaram a casar grávidas, o que reflete uma mudança em relação ao ideal de virgindade, que começou a ser rejeitado. No diário recolhido de uma entrevistada, do dia 18.11.79, apareceu uma informação a esse respeito:

Outro dia anotei aqui os nomes do meu ciclo de amigas. Hoje alguns dias depois, volto a falar delas, ou seja, de duas que alguma coisa mudou: Júlia terminou com Carlinhos, deve estar sofrendo muito pois gostava a beça dele; e Ana, esta vai ser necessário um casamento apressado com Manoel. Quanto as outras tudo continua sem novidades.<sup>140</sup>

As moças passavam a ter relações sexuais com seus namorados, mas geralmente em relacionamentos que inspirassem segurança e um certo compromisso, pois temiam perdê-los depois de não serem mais virgens. Algumas se recusavam a tomar pílulas anticoncepcionais para garantir o casamento, a exemplo de Elizabete:

Todo namorado quando começava a transar se começava a tomar o anticoncepcional, a usar o anticoncepcional, aí pronto, os carinhos relaxam aí pronto, nem queriam mais saber de casar aí pronto, só queria continuar naquela vida de transa, então eu lembro que quando ele (*seu namorado*) me fez a proposta eu cai fora. Eu disse eu não vou tomar não. Se você quiser usar alguma coisa você usa, mas eu não vou usar nada. Aí ele acabou aceitando e tal.<sup>141</sup>

A vinculação do sexo com o casamento é bastante enfática nesse depoimento; para Elizabete, continuar “transando” com o seu namorado sem perspectiva de casamento, era algo que ela disse rejeitar, pelo menos no discurso. A relação sexo-casamento apareceu em quase todos os depoimentos, a exemplo do de Neide:

Naquele tempo a virgindade tem muito a ver com isso, você podia até perder, mas tinha que ser alguém que tinha confiança e tinha uma relação com o casamento. Que foi o que veio a aconteceu comigo, eu só me entreguei quando eu me senti segura. Que eu vi que eu gostava, que, né? Que eu também tava gostando, então eu tive coragem. E mainha até hoje acha que eu casei virgem.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> Depoimento citado.

<sup>140</sup> Diário, trecho do dia 18.11.1979.

<sup>141</sup> Entrevista com Elizabete, em 20.02.2006.

<sup>142</sup> Depoimento citado.

Apareceram depoimentos na contramão desse discurso; Carmem, uma depoente, orgulhou-se da sua experiência vivida em Serrolândia na década de 1980:

Não, casamento nunca foi o meu sonho! ... meu sonho sempre foi minha independência financeira, que eu acho que toda mulher, antes dela casar ou ter um filho, elas devia em primeiro lugar estudar, ter sua independência financeira pra depois ela pensar em casamento. (...) Porque eu fui a mais ousada. Até pra minha época de jovem eu fui a mais ousada de Serrolândia. Porque eu, aparentemente, parece que eu fui a primeira a encarar a realidade e achar assim: não, não é só o homem que tem aqui a liberdade de fazer o que ele quer. De ir numa festa, de curtir, de namorar com quem quer, ou de namorar com um, com dois, ou de não dar certo com um, de namorar com outro, né, de sentar numa mesa pra tomar uma cerveja...<sup>143</sup>

Apesar de muitas mulheres começarem a ter vida sexual ativa, a maioria afirmou nas entrevistas que não compartilhava isso com as amigas, havendo uma grande necessidade de se informar sobre questões sexuais. Uma leitura muito comum entre as mulheres era a de revistas como *Carinho*, *Carícia* e *Capricho*, e romances do tipo *Júlia*, *Sabrina* e *Bianca*, que traziam um “ideal romântico” no qual sexo e amor estão diretamente relacionados, superando a idéia de pecado.

Tivemos muita dificuldade em conseguir encontrar as revistas citadas nas entrevistas, pois as depoentes que as citaram não as possuíam mais e as bibliotecas as consideram uma literatura sem relevância, que não merece ser arquivada. Conseguimos encontrar apenas quatro exemplares do final da década de 1980, sendo três da revista *Carícia* e um da *Capricho*, tornando difícil uma análise mais aprofundada do seu conteúdo. No entanto, apresentaremos a seguir algumas idéias presentes nesses exemplares.

De acordo com Raquel Miguel, a Revista *Capricho*, quando foi criada em 1952, era chamada a “revista da moça moderna”, tornando-se mais tarde a “revista da gatinha”, assim denominada nos anos 1980. Nas décadas de 1950 e 1960 pesquisadas pela autora, a revista tratava de temas como “moda, beleza, comportamento, contos e variedades; contemplando assuntos como: técnicas de conquista, namoro e virgindade”<sup>144</sup>. No exemplar recolhido em Serrolândia, de 1988<sup>145</sup>, quase não apareceram temas relacionados à sexualidade, tendo apenas uma matéria na seção “Comportamento”, que trazia como título:

<sup>143</sup> Entrevista com Carmem, em 29.12.2005.

<sup>144</sup> MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. “A revista da moça moderna’: relações de gênero e modos de ser femininos estampados nas páginas da revista *Capricho* (décadas 1950 –1960)” In *Seminário Internacional Fazendo Gênero 7*, 2006, Florianópolis, Anais, 2006.

<sup>145</sup> Revista *Capricho*, nº 636, ago/1988.

“Você e ele: primos, um amor proibido”. As outras seções trataram de atualidades, beleza, moda, e outros assuntos.

Diferente da Revista Capricho consultada, os exemplares da Revista Carícia, de 1987 e 1988, recolhidos em Serrolândia, tiveram como prioridade temática assuntos ligados à sexualidade, tendo uma seção chamada “Amor e sexo” e na seção “Sempre em Carícia” um espaço denominado “Você pergunta sexo” e “Você pergunta namoro”, no qual os leitores enviavam cartas com dúvidas que eram geralmente respondidas por psicólogos. As respostas a essas questões oscilavam entre uma postura “liberal” e conservadora.

No exemplar de 1988<sup>146</sup>, as matérias relacionadas à sexualidade foram: “masturbação sem preconceitos” (que apareceu na seção “Especial” e não na de “Amor e sexo”), “O desafio de amar um homem mais velho”, “Amor à distância sobrevive?”, além de uma matéria sobre “O primeiro beijo”. Na seção “Cartas” nos chamou a atenção um agradecimento de uma leitora à revista por ter descoberto que “certos tipos de sonhos não são pecados, nem fazem mal à saúde” como ela supunha. Um dos exemplares de 1987<sup>147</sup> trouxe uma reportagem especial sobre anticoncepcionais, apresentando opções e orientando os leitores de como se prevenir da gravidez, mas a matéria que melhor representou as mudanças no comportamento dessa década foi sobre virgindade. Também de 1987<sup>148</sup>, na seção “Amor e sexo”, três mulheres relataram sua “primeira vez”. Parece-nos que a intenção da revista era mostrar a perda da virgindade como um ato positivo e aconselhável, já que apenas uma das depoentes relacionou sexo com casamento, sendo que as outras duas fizeram questão de afirmar que perderam a virgindade com parceiros de relações eventuais.

Infelizmente não conseguimos encontrar nenhum estudo sobre a Revista Carícia que pudesse nos ajudar a fazer uma análise mais ampla do seu conteúdo; sabemos apenas que era uma revista direcionada para adolescentes.

Não é possível saber ao certo qual a influência que as revistas tiveram nas mudanças de comportamento das mulheres em Serrolândia no período pesquisado, mas supomos que elas foram importantes por proporcionar um contato destas com experiências de mulheres de outros lugares, principalmente dos grandes centros. Além disso, algumas entrevistadas relataram que as revistas traziam informações sobre sexo desconhecidas para

---

<sup>146</sup> Revista Carícia, nº 173, mar/1988.

<sup>147</sup> Revista Carícia, nº 169, nov/1987.

<sup>148</sup> Revista Carícia, nº 163, mai/1987.

elas. Elizabete relatou como as revistas contribuíram para descobertas sobre assuntos ligados à sexualidade:

Eu não lembro exatamente assim dos temas não. Mas é, eu, eu acho que, que falava dessa coisa da virgindade, que eu lembro que, que eu fiquei através da revista sabendo que existia essa coisa de o hímen complacentes, o hímen né? Os tipos de hímen, né? Essa coisa toda. Tinha também muito aquela coisinha de entrevista, testesinho, né? Aqueles testes, pra saber essa coisa. Falava, eu lembro que falava de frigidez. Esses temas assim, né? Essas revistas abordavam muito, essa coisa de mulher que ninguém discutia.<sup>149</sup>

Além das revistas e dos romances, uma leitura citada por duas entrevistadas foi um livro chamado “Relações sexuais no matrimônio”. Escrito por um médico<sup>150</sup> e lido por elas em 1980, era uma espécie de manual de “instrução sexual para os casados e para os que vão se casar”. Numa linguagem acessível, o “Dr.” William C. Hazer explica aos noivos noções básicas sobre o ato sexual, exame pré-nupcial, impotência, frigidez, orgasmo feminino e ejaculação precoce. Além das orientações sobre a “parte física” das relações sexuais, o médico ainda orienta sobre “amor físico e amor espiritual”, sendo este o título de um dos capítulos do livro. Optamos por não fazer uma análise do seu conteúdo, visto não ser esse o propósito desse trabalho; citaremos apenas um pequeno trecho da introdução em que o médico justifica a necessidade deste tipo de publicação naquele contexto:

A ignorância em assuntos sexuais não se justifica nos dias de hoje. No mundo inteiro os educadores, médicos, os confessores, os orientadores religiosos ou leigos reconhecem que a causa de grande número de infelicidade e males é o desajustamento sexual. Esse desajustamento entra com parte importante como causa de divórcios e de lares desfeitos.(...) A ignorância sexual é a responsável por crimes e neuroses. (...)<sup>151</sup>

Esse trecho ilustra bem o teor da obra. A partir de uma visão iluminista, o “Dr.” Hazer defendia que apenas o conhecimento sobre as questões sexuais poderia evitar os divórcios, “salvando” assim os casamentos. Em vários momentos do livro ele reafirmou essa tese. Como dito acima, o livro não era apenas um manual de técnicas sexuais, ele foi direcionado para aqueles que iriam fazer “sexo no matrimônio”, trazendo uma abordagem extremamente conservadora.

Além de comentarem suas leituras nas entrevistas, as mulheres de Serrolândia também falaram sobre seus escritos, tendo algumas depoentes informado que escreviam

<sup>149</sup> Depoimento citado.

<sup>150</sup> Infelizmente não encontramos o ano de publicação deste livro.

diário, cadernos de recordações e cadernos de confidências, além de cartas e cartões de amor que enviavam para seus “amados”. Conseguimos recolher um diário, escrito entre 1977 a 1981 e em 1991, que apesar de ser chamado “diário”, nele sua dona não escrevia todos os dias, sendo mais recorrente a escrita no final de semana, quando tinha mais novidades para contar. Priorizava temas relacionados a questões amorosas, referindo-se também a formas de lazer e amizades, fazendo pouca menção à família, a trabalho e estudos.

Os “Cadernos de Confidências”, muito comuns a partir da década de 1970, traziam perguntas pedindo a opinião dos confidenciados sobre vários assuntos e tinham circulação entre os amigos homens e mulheres. Foi bastante difícil encontrar esses cadernos da época, pois muitas de suas donas, após se casarem, tratavam de destruí-los para evitar o ciúme dos maridos em relação ao seu passado. Conseguimos encontrar apenas três, dois datados de 1978 e 1989 e outro provavelmente escrito por volta de 1983<sup>152</sup>.

O primeiro caderno de 1978, apesar de incompleto, visto que seu questionário foi respondido apenas por uma mulher, nos ajuda a refletir sobre alguns valores da época. Eis as perguntas:

1. Seu perfil.
2. Onde reside?
3. Que achas da amizade?
- 4. Que achas do aborto?**
5. Estudas? Que achas?
- 6. Que acha do mundo atual?**
7. Gosta de música?
8. Que acha da simplicidade?
9. Tem namorado (a)?
10. Seria possível citar o nome dele (a)?
11. Onde reside e o que faz?
12. O que sente por ele (a)?
13. Que música trouxe mais recordações a vocês?
- 14. Seria capaz de trair seu namorado?**
- 15. Que achas do matrimônio?**
- 16. O que mais admira na mulher?**
- 17. E no homem?**
18. Qual o seu hobby?
19. Queres casar?
- 20. Qual a sua opinião sobre o divórcio?**
21. Gosta de crianças? Que vê nelas?<sup>153</sup>

---

<sup>151</sup> HAZER William C. *Relações sexuais no matrimônio*. Rio de Janeiro: Editora Universo, s/ data, p. 5.

<sup>152</sup> Como esse caderno não possuía nenhuma data, pesquisamos vários elementos presentes nele, a exemplo de nomes de novelas, para chegarmos a esta conclusão.

<sup>153</sup> Caderno de Confidências de 1978, recolhido de uma entrevistada.



Destacamos algumas respostas que estão diretamente relacionadas ao tema estudado:

Questão 4 - “Condeno, matar uma vida no ventre de uma mulher é doloroso.”

Questão 6 - “Muito evoluído, mas temos que aceitar a realidade dela”.

Questão 14 - “Jamais, ninguém merece um tipo de humilhação dessas.”

Questão 15 - “Na verdade eu não sei definir o que é casamento, mas deve ser um passo muito decisivo da pessoa.”

Questão 16 - “A personalidade, o jeito de se vestir, a maneira dela agir consciente.”

Questão 17 - “A honestidade, responsabilidade, compreensão, maneira de se vestir e agir.”

Questão 20 - “Sou a favor, mas faria o possível para não chegar a esse ponto.”<sup>154</sup>

É significativo observar que já em 1978 começava a haver uma certa inquietação em razão de o mundo estar “muito evoluído”, parecendo-nos que as transformações discutidas acima começaram a influenciar Serrolândia. A determinação dos papéis tradicionais de homens e mulheres, em que o feminino estaria associado ao privado e o masculino ao público, mantiveram-se de alguma forma. Quando se admiravam no homem características como honestidade e responsabilidade, talvez se estivesse relacionando-o às atividades tradicionalmente masculinas. As características admiradas na mulher (personalidade, modo de vestir e de agir) apareceram de forma muito vaga, mas podemos perceber um certo distanciamento do modelo anterior, mais tradicional, visto que não apareceram os atributos “tipicamente femininos” como delicadeza, bondade e compreensão, esta última admirada no homem. As respostas às perguntas sobre aborto e divórcio serão analisadas mais adiante na comparação entre os cadernos.

O segundo caderno, provavelmente escrito em 1983<sup>155</sup>, é bastante extenso, contendo oitenta perguntas; trata de temas variados, mas há uma predominância de questões sexo-afetivas. Diferentemente do questionário do caderno anterior, que estava incompleto, este foi respondido por vinte pessoas, todas mulheres; a maioria tinha entre 16 e 23 anos, sendo que apenas uma tinha 33 anos. A maioria dos temas abordados no primeiro caderno apareceu no segundo e embora seja difícil fazermos uma comparação entre os dois, visto que a análise sobre o primeiro é bastante limitada por conter apenas uma resposta, tentaremos traçar um rápido paralelo entre ambos. Não apresentaremos aqui todas as perguntas e respostas deste caderno, devido a sua extensão, já que elas constarão em anexo, no final da dissertação. Uma comparação entre as observações acima sobre o caderno de confidências de 1978 e os

<sup>154</sup> Idem.

<sup>155</sup> Caderno de Confidências escrito provavelmente em 1983, recolhido de uma entrevistada.

resultados que apresentaremos a seguir relativos ao de 1983, dá-nos indicações sobre mudanças no período estudado.

As respostas à questão “Como você vê o mundo hoje?” do segundo caderno não se diferenciaram muito da resposta do primeiro, analisado acima. A maioria lamentou o fato de o mundo estar “difícil, tumultuado, louco, mudado, evoluído e desgraçado”, sendo que apenas em uma resposta o mundo foi visto como “maravilhoso”. Essa visão pessimista parece estar relacionada a uma tentativa de demonstrar rejeição às mudanças ocorridas nesse momento no Brasil e também em Serrolândia.

Sobre o tema casamento, a dona do caderno elaborou uma questão interessante: “Você seria capaz de se casar sem amor? Para nossa surpresa, cinco das entrevistadas responderam: “depende / quem sabe?”, fugindo completamente das representações sobre amor e casamento presentes no caderno. A resposta à maioria das perguntas nele contidas (até quando não eram questões ligadas ao tema) se reportavam a um ideal de amor romântico. Em resposta à questão “Você já pensou em se casar algum dia?”, 85 % das entrevistadas responderam sim, sete delas afirmando ser “o sonho de toda mulher” e apenas duas responderam negativamente à questão.

Para discutir a importância do casamento para essas mulheres analisamos também as respostas à questão: “O que deseja ser no futuro?”: das vinte entrevistadas, nove responderam que pretendem ser esposas, mães e/ou donas de casa, sendo que quatro destas afirmaram também o desejo de terem uma profissão, considerando o casamento e o trabalho como funções compatíveis; seis entrevistadas, ou seja 30 % delas citaram apenas a profissão que desejam seguir no futuro, dentre elas: atriz, advogada, médica, assistente social e psicóloga. Essas respostas sugerem que o casamento não era mais o único objetivo das mulheres nessa sociedade. Apareceu ainda a resposta “pretendo ser amante”, que consideramos ousada, levando em conta que o caderno era lido por várias pessoas.

O caderno trouxe duas perguntas sobre maternidade: “O que você entende por ser mãe?” e “Você gostaria de ter filhos?”. Em resposta à segunda, 85 % das entrevistadas disseram que sim; em relação à primeira questão a maioria considerou a maternidade “linda, maravilhosa”, sendo que duas afirmaram que “ser mãe” pode “trazer muita tristeza”, pois “ser mãe é padecer num paraíso”, indo de encontro às representações idealizadas sobre a maternidade.

Quanto ao divórcio, as opiniões se dividiram: das vinte mulheres, sete disseram que o divórcio é “bom, normal” e foram a favor dele, seis o consideraram “ruim, errado,

terrível” e foram contra, enquanto o restante não respondeu a essa questão ou disse não saber o que pensa. No caderno de 1978, a única confidente que o respondeu foi a favor do divórcio, embora tenha dito que “faria o possível para não chegar a esse ponto”. Consideramos essa resposta significativa, visto que o Divórcio havia sido aprovado um ano antes (1977), o que indica que provavelmente as discussões em torno desse tema que estavam se dando no Brasil nessa época, influenciaram, de alguma forma as mulheres em Serrolândia.

As representações sobre o masculino que apareceram nesse caderno fugiram um pouco das visões tradicionais, visto que quase 50 % das entrevistadas disseram que “o mais importante em um homem” era o físico, parecendo-nos menos preocupadas com os valores morais, estando mais voltadas para o seu desejo como mulheres. Entretanto, as representações sobre o feminino reproduziram visões tradicionais, sendo a honestidade, o respeito e o comportamento os atributos mais admirados em uma mulher.

É muito significativa a quantidade de perguntas referentes ao tema amor no caderno de 1983, sendo que das oitenta questões, 12 mencionaram de alguma forma este sentimento. Em resposta à pergunta “O que você acha do amor?”, a maioria, ou seja 70 % das entrevistadas associaram o amor a sentimentos positivos, sendo que os principais adjetivos citados foram “maravilhoso” e “lindo”. No entanto, cinco delas mostraram uma visão mais pragmática sobre o amor ao afirmarem que este sentimento “só é bom quando correspondido”, fugindo um pouco da idealização do amor romântico, apenas uma pessoa associou amor com dor. Essa idealização foi percebida na maioria das respostas às questões relativas a esse tema. A grande maioria das entrevistadas revelou um romantismo nos seus discursos, afirmando que já amaram, sofreram e declararam seu amor, mas o que nos chamou a atenção, ainda nesse caderno, foi a dicotomia entre amor e paixão. Embora algumas entrevistadas tenham associado amor com paixão, a maioria a via como um sentimento “ruim, triste, péssimo, horrível” ou ainda “passageiro e irreal”, o que sugere uma hierarquização desses sentimentos, o amor sendo visto como superior à paixão.

Na comparação dessas opiniões com o caderno de 1989, que apresentaremos a seguir, não vimos muitas diferenças quanto a este tema, os adjetivos mais apontados pelos entrevistados foram: inexplicável, lindo, puro, respeitoso. O amor apareceu neste caderno, de uma forma mais geral, associado à relação homem / mulher e em algumas respostas percebemos uma preocupação com a possessividade, vista como negativa, ao contrário de valores como o diálogo, a compreensão e a troca, considerados fundamentais em uma relação de amor.

O último caderno, de 1989, foi respondido por vinte e uma pessoas, das quais onze eram do sexo feminino e dez do masculino, com idades que variaram entre 11 e 23 anos. Estão listadas abaixo todas as perguntas<sup>156</sup> contidas nele, porém nossa análise se restringirá às que julgamos mais relacionadas ao tema estudado, que estão em negrito:

1. Qual o seu nome?
2. Qual o seu endereço?
3. Qual a sua data de nascimento e qual o seu signo?
4. Qual a sua opinião sobre amizade?
5. O que você acha da natureza?
6. Quem é Deus para você?
7. **O que é sexo para você? Você ainda acha a virgindade importante?**
8. **Qual a sua opinião sobre o amor?**
9. O que você acha da sua vida e o que você gostaria que mudasse?
10. Você se sente uma pessoa realizada?
11. Você se sente preparada (o) para enfrentar todas as dificuldades que podem surgir no dia-a-dia?
12. O que ou quem você culparia pela violência, drogas e a prostituição no mundo de hoje?
13. **O que você acha das mães solteiras?**
14. **Você é a favor do aborto? Porque?**
15. Qual a sua opinião sobre os candidatos a presidência do Brasil?
16. Você acha que a sua cidade está sendo bem administrada, quais as mudanças que devem ser feitas?
17. **Qual a sua opinião sobre o namoro?**
18. **Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?**
19. O que você acha dos jovens de hoje?
20. Cite três qualidades e três defeitos seus:
21. Cite um dos seus sonhos que você mais deseja realizar:
22. Cite provérbio que mais chama ou chamou sua atenção:
23. O que você mais gosta de fazer?
24. Deixem-me alguma frase ou mensagem:<sup>157</sup>

Analisando as questões elaboradas pela dona do caderno, percebemos que apareceram outras preocupações não tratadas nos cadernos anteriores, como política, projetos e perspectivas dos entrevistados e problemas sociais, Além disso não apareceu nenhuma questão relacionada ao casamento e ao divórcio, o que sugere que esses temas já não eram tão relevantes. Comparando as respostas dadas, percebemos um certo modismo nos discursos.

Nos dois cadernos percebemos uma tendência de as opiniões seguirem a mesma linha de pensamento das respostas anteriores. Não podemos esquecer que eles geralmente eram respondidos por pessoas de um mesmo círculo de amizades, o que também contribuía para certa uniformização das respostas.

<sup>156</sup> As respostas aos temas de especial interesse para este estudo encontram-se no anexo.

<sup>157</sup> Caderno de Confidências de 1989, recolhido de uma entrevistada.

O fato de os cadernos serem lidos por várias pessoas provavelmente levou os entrevistados a procurarem ser “politicamente corretos”, tentando mostrar-se “liberais”. No entanto, há contradições evidentes nas respostas. Exemplo disso são as respostas à primeira questão do caderno de 1989, em que a maioria disse achar sexo “uma coisa linda”, ratificando, logo em seguida, a importância da virgindade; tal posição foi defendida por quase 70% dos entrevistados. Apareceu, ainda, um discurso religioso quando se associou sexo à natureza, procriação, justificando sua importância por ser “feito por Deus”, da mesma forma, na questão sobre virgindade, apareceu uma defesa da pureza, considerada mais importante que o hímen, idéia presente em cinco das 21 respostas. Também apareceu um conceito confuso de virgindade, uma vez que ela não podia ser medida pelo físico e sim pelo comportamento: “a virgem pode ser impura e a não virgem pode ser pura”. Isso nos lembra a “virgindade moral”, defendida no Código Penal de 1940.

O status da mulher continuava sendo medido pela sua “pureza”, o que nos remete à imagem da santa. A beleza do sexo, tão enfatizada nas respostas, geralmente vinha acompanhada das condições como ele deveria ser feito, sendo os substantivos mais ressaltados o amor e o respeito. Em quase metade das respostas houve uma certa revolta contra a banalização do sexo, aparecendo um ideal romântico, em que sexo e amor são inseparáveis. Em apenas duas respostas - masculinas -, o sexo foi associado a prazer e a satisfação.

No caderno de 1983 também apareceu uma associação entre sexo e amor em sete respostas à questão: “O que você entende de sexo?”. No entanto, as respostas foram mais variadas que as do terceiro caderno: quatro falaram de sexo como “natural, fundamental ou necessário”, três como “uma coisa linda”, uma associou sexo com Deus e outra afirmou que “quando a gente sabe usá-lo é uma coisa muito legal”. Interessante é que apenas cinco entrevistadas responderam “não saber”, ou “não conhecer”; no entanto, 95 % delas responderam negativamente à pergunta feita logo após a questão sobre sexo: “Você já teve relação sexual?”. Algumas inclusive se sentiram ofendidas com a pergunta, respondendo de forma revoltada: “nunca!”, ou “está louca?” ou ainda “claro que não, sua louquinha”. A única que respondeu “sim” era casada. É muito provável que as mulheres que não fossem mais virgens não revelariam isso em um caderno de confidências. Isso nos faz refletir sobre o caráter público deles. Fica claro que havia um limite para as respostas, já que as entrevistadas sabiam que muitas opiniões não deveriam ser reveladas, uma vez que elas poderiam ser lidas não só por quem respondia ao caderno, mas por qualquer pessoa da comunidade que tivesse acesso a ele.

O único tema abordado pelos três cadernos de confidências recolhidos foi o aborto. As respostas relativas a este tema foram as mais uniformes, em todos os cadernos. Com vimos no primeiro, de 1978, a única entrevistada que respondeu se colocou contra, “condenando” esta prática. No segundo caderno, de 1983, em que a pergunta era “O que você acha do aborto?”, 90 % das entrevistadas se colocaram contra, sendo que sete delas disseram ser “horrível/terrível” e cinco o consideraram um “crime/assassinato”. Apenas duas mulheres não se colocaram contra, uma dizendo ser “natural” e a outra respondendo “acho que não seria fácil”; duas não responderam à questão.

No caderno de 1989 o resultado não foi muito diferente, sendo que nenhum dos entrevistados se manifestou a favor deste, com 85% totalmente contra. Os outros 15% relativizaram sua opinião, levando em conta a falta de apoio e as condições financeiras da mulher. Podemos concluir que essa era uma prática totalmente condenável, visto que dos vinte e um entrevistados, quinze usaram a palavra “crime” ou “assassinato”.

O fato de o aborto ter sido o único tema tratado nos três cadernos, faz-nos pensar que isso reflete as discussões feitas em torno dessa temática no Brasil nas décadas de 1970 e 1980. De acordo com Eleonora Menicucci de Oliveira:

No final da década de 70, com a anistia política, retornam as mulheres exiladas e saem da prisão as ex - presas políticas, retornam as viajantes históricas. Foi um encontro mediado pelo feminismo, com tensões, conflitos e muita vontade de fazer e agir a partir de outros marcos, ou seja, o marco do prazer. As mulheres feministas da área da saúde engendraram, na ação política, o enunciado de “meu corpo me pertence”, e sua base foi buscada na matriz do resgate do direito ao corpo e ao conhecimento sobre ele, para terem nas mãos o destino e caminho de suas vidas.<sup>158</sup>

Foi a partir desse movimento que as mulheres brasileiras colocaram em pauta de forma incisiva a questão do aborto. De acordo com Joana Maria Pedro, “a década de 1970 é considerada um período marcante na conquista de legislações mais liberais sobre a interrupção voluntária da gravidez” em vários países do mundo.<sup>159</sup> No diário recolhido de uma entrevista, citado acima, encontramos uma passagem que mostra que em 1980 o debate em torno da legalização deste já estava na mídia:

Não fui ao jardim hoje, fiquei em casa diante da televisão ouvindo boas notícias como o remédio tão bom ou melhor que a penicilina e que é de grande ajuda na cura

<sup>158</sup> Eleonora Menicucci de Oliveira. “Nosso corpo nos pertence: Uma reflexão pós anos 70” In Revista Labrys, Brasília, jan-jul/2005.

<sup>159</sup> PEDRO, Joana Maria (org), *Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX*. Florianópolis: Cidade Futura, 2003, p.169.

do câncer, e más notícias como o falecimento do pai de Roberto Carlos e a luta contra e a favor da legalização do aborto, mas quanto a isso não cabe a mim julgar, por vários motivos: não ter conhecimento fundo do assunto e não ser casada, coisa que eu duvido muito que aconteça comigo pois já faz meses que não namoro, estou me sentindo muito só e isso não é bom, só espero que no carnaval alguma coisa maravilhosa aconteça.<sup>160</sup>

Apesar de ela considerar a notícia sobre a luta pela legalização do aborto ruim, é muito interessante a forma como avalia a questão, não se colocando contra, como ocorreu com as entrevistadas dos cadernos de confidências. Isso nos faz refletir sobre a diferença entre o diário e os cadernos de confidências, sendo o primeiro um escrito privado, enquanto o segundo, apesar do seu nome, pode ser considerado um escrito público. Fazemos essa afirmação, visto que nos três cadernos constatamos que logo nas primeiras páginas suas donas solicitavam a identificação dos entrevistados e apenas uma entrevistada, do caderno de 1983, se recusou a declarar seu nome, colocando apenas as iniciais.

O último caderno foi o único a abordar a questão sobre “mães solteiras”, sendo significativo o moralismo camuflado da maioria das respostas. Quase 50% dos entrevistados qualificaram as mães solteiras como “seres humanos”, consideradas vítimas da sociedade ou culpadas pelo seu ato “irresponsável”, devendo ser “acolhidas”, para que possam se redimir, pois afinal “um erro na vida não significa uma vida de erros”, o que implicaria uma estigmatização destas. A idéia da mulher culpada estava associada à concepção religiosa de pecado, em que a misericórdia da sociedade apareceu como possibilidade de redenção. Continuava presente o discurso da purificação, através do bom comportamento, a transformação da Eva em Maria. A resposta número catorze destoou desse padrão e sugeriu que as respostas anteriores eram hipócritas, ironizando “ela não tem culpa, só estava fazendo o que muitas de vocês fazem”. Apenas em uma resposta o pai foi lembrado como também “culpado” pela gravidez, mas a mãe solteira foi ainda associada à prostituta, mesmo que de forma implícita. É interessante perceber que em muitas respostas apareceu a preocupação em demonstrar “não ter preconceito” contra ela e a necessidade dessa afirmação parece indicar uma legitimação do casamento como única alternativa de procriação, visto que nenhum entrevistado pensou a condição de mãe solteira como opção.

Suzana, que foi mãe solteira em Serrolândia nos anos 1980, relatou em sua entrevista as exigências feitas por sua mãe para que ela mudasse seu comportamento e demonstrasse arrependimento, mostrando-se uma moça “bem comportada”:

---

<sup>160</sup> Diário, trecho do dia 27.01.1980.

Eu sofri muito, porque eu sempre fui dente aberto, gaiata, assanhada, desaforada, sempre fui, né? Até hoje, minha filha. E aí eu não podia sair na rua de, de bermuda que ela (*a mãe*) brigava, eu gostava de sainha justa abaixo da barriga. Se eu andasse na rua sorrindo ela dizia que eu estava com safadeza. Ela não queria que eu saísse. Não era pra sair. E se tivesse uma necessidade era pra sair com uma mascara, que não era eu. Porque eu estava grávida. Porque eu andava sorrindo da porta lá de casa até a praça. Eu ia da praça até o Banco do Brasil com os dentes do lado de fora e quando ela me via dizia “feche os dentes, caminha”. Teve muita cobrança dela por isso aí.<sup>161</sup>

As opiniões sobre namoro demonstraram uma certa mudança em relação aos anos 1960, já que ele não era visto pela maioria como uma etapa obrigatória para o casamento, mas como uma “troca de experiências” e uma “forma de se conhecer melhor”. Apenas duas respostas lembraram o casamento; percebemos a busca de um ideal de igualdade entre os sexos, quando se exigia compreensão, carinho, fidelidade e respeito de ambas as partes. Essa mudança também foi percebida nas falas de algumas depoentes:

Eu fui aquela menina que paquerei muito, eu fui aquela menina que corria atrás, quando eu via alguém que eu gostava eu ia, chegava junto mesmo, paquerava, entendeu, e paquerava também, não paquerava só pensando em namoro, não só pensava em namoro. É lógico que quando pintava um namoro mais sério, a gente pensava em casamento, mas, tinha aquelas paqueras também de festa e a gente ia pra festa também pra paquerar, só pra paquerar, a gente namorava também nas festas. E que depois podia continuar e as vezes não, era só o namorinho que acabava ali mesmo naquele dia.<sup>162</sup>

Em resposta à questão “Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?”, os entrevistados se dividiram: 43% responderam afirmativamente, enquanto 57% não colocaram o tempo como uma questão importante. Alguns destes apontaram outros requisitos para essa “maior intimidade” como maturidade, respeito, compreensão e confiança. Em geral, nas respostas não apareceram opiniões contrárias à intimidade no namoro, com exceção de uma, que nos chamou a atenção por associar intimidade no namoro com prostituição.

De uma forma geral, podemos perceber algumas mudanças, expressas nas falas dos entrevistados desse caderno de confidências, muitas vezes de forma implícita. Nos discursos, apareceu uma certa preocupação com essas mudanças. Na primeira questão analisada, que se referia a sexo e a virgindade, a dona do caderno perguntou se os entrevistados “ainda acham a virgindade importante”. Isso nos parece significativo, uma vez

---

<sup>161</sup> Depoimento citado.



que a palavra “ainda” sugere que, nesse momento, o valor da virgindade estava sendo questionado. Algumas respostas também refletiram essa tendência, quando apontaram a virgindade como uma coisa “rara”, “sem importância hoje em dia”. Apesar disso, a maioria dos entrevistados se posicionou contra essa idéia, manifestando um certo saudosismo. Isso também apareceu em algumas respostas sobre o amor e o namoro, sendo o primeiro visto como “escasso” e “difícil hoje em dia”; a respeito do segundo, houve uma queixa contra a falta de romantismo, o medo de se envolver e a infidelidade.

A última questão é por si só significativa. Questionar “se deve haver um determinado tempo para maior intimidade no namoro” é admitir que era comum haver esta intimidade. Em uma resposta, a entrevistada chegou a afirmar que “hoje em dia há casais de namorados que no primeiro encontro já vão para a cama”. É interessante notar que os entrevistados se referiam a “hoje em dia” sempre de forma negativa, o que parece indicar que, para essa juventude, havia um ideal de amor, sexo, namoro que não correspondia à prática.

Esse tipo de saudosismo estava muito presente nos depoimentos das pessoas que viveram nos anos 1970 em Serrolândia; os entrevistados lembraram esse tempo idealizando o passado sempre como mais agradável que o presente. Maria José e Reginaldo lembraram um tempo “sem maldade”:

Mas era tão gostoso, era uma coisa sem maldade. A gente confiava nos nossos colegas. Quer ver uma coisa que a gente mais gostava nisso, era o momento das piadas com nossos colegas ali no jardim. O jardim antigo. A gente ficava atrás paquerando e aí quando nosso pai vinha, a gente por de trás das árvores do jardim. E a gente confiava plenamente nos nossos colegas, não tinha maldade. E tudo era uma coisa assim muito simples e mesmo sem maldade. A gente não tinha, porque os nossos colegas nos respeitava mesmo, sabe?<sup>163</sup>

(...) O sentimento acabou, o sentimento acabou. (...) Eu era... mandava flor, mandava carta com flor, mandava verso em carta, é. Totalmente romântico, na minha época. Perderam o romantismo, perderam, naquela época tinha muito romantismo.<sup>164</sup>

A entrada da década de 1980 foi marcada, para um grupo de jovens de Serrolândia, por uma aventura que representava bem o desejo de liberdade da época. Um grupo de moças promoveu uma festa de Reveillon na casa de uma delas, que morava sozinha. Em preparação da festa, três delas se reuniram, para decidir os detalhes. Essa reunião foi documentada numa ata, que guardam até hoje:

---

<sup>162</sup> Entrevista com Neide, em 28.12.2005.

<sup>163</sup> Depoimento citado.

## ATA Nº 1

Às 12:10 h do dia 31.12.79, reuniram-se na casa da Srta. (...) para uma reunião onde tratamos de assunto do Reveillon, que se realizará na casa da Srt. (...), na mesma reunião estavam presentes Srtas. de destaque da sociedade de Serrolândia, as belas jovens, sempre com o sorriso nos lábios (...).

As mesmas ficaram encarregadas de roubarem nas suas devidas casas para a tão desejada festa.

Se tudo ocorrer bem nós teremos pratos deliciosos como champagne, caviar, strogonof, vinho do porto, pizzas.

Programação:

A festa terá início às 22:00, com som ao vivo.

As 23:00 será feita a contagem regressiva do tempo e será lida uma mensagem para enterrarmos o ano que se findou.

Nada mais a acrescentar, eu (...), assino como os demais presentes.

Serrolândia, 31.12.79<sup>165</sup>

Esta festa ocorreu sem a presença de “ninguém com mais de trinta” e nela homens e mulheres dançaram, beberam, namoraram, enfim, se divertiram livremente; no final, um deles dormiu com as amigas, todos juntos, o que era um motivo de escândalo na época. A anfitriã da festa e sua amiga relembrou esse momento com saudosismo:

Pra mim o lazer daquele tempo era melhor do que o de hoje. Eu acho que era, às vezes eu até comento assim: que tudo o que a gente fazia era sem maldade. Teve uma época que a gente fez uma festa aqui mesmo. Uma época de reveillon, que a gente quando terminou a festa, lá pela uma ou duas horas da manhã, acabou que dormiu eu, quatro colegas e um colega. E ele ri até hoje, que a gente conversa, que ele diz assim: “poxa, eu dormi mais quatro mulher, servi de travesseiro e não fiz nada”. (risos) Mas foi engraçado mesmo, mas era porque a amizade era saudável, era saudável. Amizade sem maldade. Eram moças, rapazes, um sonzinho, uma radiola. Que naquele tempo era radiola, né. Um salgadinho pra... uma biritinha, uma caipirinha, que era de lei, né? (...) É bem diferente. Hoje você não pode dormir com um colega íntimo assim de conversa porque já pode tá rolando alguma coisa, né? E realmente o tempo mudou, hoje não tá mais como dez, vinte anos atrás não, já nem digo a dez, mas há vinte anos atrás.<sup>166</sup>

Ah, essa festa marcou. Foi um reveillon que a gente fez na casa de Sandra. Só foi moças e rapazes, quer dizer, pra época já foi uma coisa. Nós fizemos lá porque os pais de Sandra moravam na roça. Então escolhemos a casa de Sandra, ela morava sozinha. Eu acho que naquela época as coisas eram mais, acho que não tinha maldade. A gente não ia pensando em maldade nenhuma. A gente ia mesmo pra se divertir, pra dançar, eu não me lembro mais quem eram os rapazes. Mas um grupinho enorme de rapazes. E no final da festa, eu lembro que Beto dormiu com a gente. Beto de Paulo. E nós fizemos até ata, nós lavramos uma ata. E a gente conta tudo. Beto dormiu com a gente, (...). No outro dia: “é, dormiu com a gente, não aconteceu nada”, a gente ainda fazia pouco de Beto. A gente foi dormir, mandou

<sup>164</sup> Depoimento citado.

<sup>165</sup> Ata de 31.12.79, recolhida de uma entrevistada.

<sup>166</sup> Entrevista com Sandra, em 29.12.2005.

todo mundo embora, mas Beto era assim, muito, aquela pessoa assim sem vergonha, cara de pau mesmo. E aí ele dormiu. Deitou todo mundo num colchão no chão.<sup>167</sup>

A festa também foi documentada no diário da entrevistada acima que dela participou:

Mais um ano se foi, levando consigo muitos acontecimentos bons e ruins. Ontem, fizemos em casa de Sandra um Reveillon improvisado, apesar de ter ido muita gente não esperada, tudo correu bem. Faltando 3 minutos para 12 horas, lemos uma mensagem e saudamos uns aos outros, desejando feliz 1980. Depois comemos alguma coisa, bebemos e entramos o novo ano com muita animação. Eu como sempre estava sozinha, mas nem por isso deixei de me divertir.<sup>168</sup>

É interessante notar que, apesar de ter revelado na entrevista que participou da finalização da festa, dormindo com os amigos, ela não mencionou isso no seu diário. Não é possível saber se ela não registrou essa informação porque considerava arriscado alguém ler o diário ou se para ela esse fato não a marcou, o que sugere que talvez não fosse tão incomum tal atitude.

Observa-se que esse é um período em que a imagem da mulher recatada não é mais considerada ideal. Elizabete contou como perdeu sua virgindade nos anos 1980:

Mas aos pouco a gente começou, né? Um namoro assim, mas carícias mesmo, né? E foi acontecendo devagar e tal. Mas foi uma coisa assim que foi, que foi lento, um processo lento, não foi rápido não. Foi acontecendo. A gente foi avançando, foi avançando, avançando e tal. E aí a gente acabou, os dois mesmo sentiu necessidade de avançando um pouquinho. Só que a demora, eu lembro que demorou bastante, que eu tinha medo, quando a gente tentava, daí a pouco eu tá. Aí não aceitava aquela coisa toda né?<sup>169</sup>

Outras entrevistadas que viveram nessa época também falaram desse momento de mudança. Muitas moças se orgulhavam de namorar com mais de um rapaz em uma mesma festa. As disputas por rapazes e as cantadas femininas demonstravam que os padrões de comportamento masculino e feminino não eram os mesmos. As mulheres passaram a adotar comportamentos que antes eram permitidos só aos homens. Os estereótipos “moça de família” e “moça falada” não desapareceram, mas começaram a se confundir, uma vez que a virgindade perdeu em parte sua importância.

As “Evas” e as “Marias” parecem continuar presentes no imaginário dessa sociedade no final dos anos 1980. No entanto, na prática se torna difícil separá-las, uma vez

<sup>167</sup> Entrevista com Neide, em 28.12.2005.

<sup>168</sup> Diário, trecho do dia 01.01.1980.

que sexo antes do casamento já não representava o mesmo tabu. A partir dos depoimentos orais e do último caderno de confidências analisado, podemos deduzir que o comportamento exigido das mulheres não era mais o mesmo. O fato de as moças começarem a ter relações sexuais não as levava necessariamente a ficarem “faladas”, mas a importância do casamento permaneceu, visto que questões como o aborto e ser mãe solteira continuaram a ser tratadas de forma moralizadora.

---

<sup>169</sup> Depoimento citado.

## **CAPÍTULO II**

### **MULHERES NO CASAMENTO: “esposas”, “mães”, “largadas”, “amigadas”...**

De acordo com Thales de Azevedo, “em todos os grupos sociais (...) a constituição da família é mediada por certas regras ritualizadas segundo determinados padrões

válidos em cada cultura”.<sup>170</sup> Como a cultura não é algo estático, essas regras são constantemente modificadas, embora algumas permaneçam em ritmo lento ao longo dos séculos.

No Brasil colonial, onde o modelo da família patriarcal era predominante, embora existissem outras formas de organização familiar<sup>171</sup>, a escolha dos cônjuges era feita pelo *pater familias*<sup>172</sup>. Levando em conta os interesses econômicos, políticos e sociais envolvidos nos casamentos das famílias das classes abastadas, é possível imaginar que não eram necessários muitos argumentos para o convencimento dos noivos sobre essas escolhas, visto que estes eram educados para acatarem a determinação dos seus pais.

Na Bahia do século XIX, estudada por Kátia Mattoso<sup>173</sup>, as famílias dos senhores de engenho quando não estabeleciam alianças matrimoniais endogâmicas, casando-se no grupo doméstico a que pertenciam, praticavam o que Mattoso chamou de “endogamia de classe”, contraindo matrimônio entre famílias da mesma classe social. Independente de ocorrer endogamia ou exogamia, a historiadora afirma que a escolha dos cônjuges se dava pelos pais, como no período colonial. No entanto, observa as resistências constantes:

(...) A cor, o dinheiro e as restrições da Igreja em matéria de afinidade espiritual ou de consangüinidade não eram suficientes para impedir algumas relações sexuais e até casamentos. (...) os raptos demonstram a força das paixões dos que, com ou sem êxito, não acatavam as regras impostas pela Igreja e pelas famílias.<sup>174</sup>

Analisando ainda o século XIX, Alberto Heráclito estudou as relações sexo-afetivas nas camadas populares em Salvador, e embora defenda que as mulheres desta classe tinham maior autonomia que as das classes altas, especialmente por estarem nas ruas de Salvador como vendedoras, isso não significou que não houvesse interesses econômicos

<sup>170</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986. p. 4

<sup>171</sup> Leila Mezan Algranti discute como a historiografia recente tem estudado outras formas de família colonial, enfatizando a multiplicidade e especificidades em função das características regionais da colonização e da estratificação dos indivíduos. Ver ALGRANTI, Leila Mezan “Famílias e vida doméstica” In SOUZA, Laura de Mello e (org.) *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 83-154.

<sup>172</sup> AZEVEDO, op.cit., p. 7.

<sup>173</sup> MATTOSO, Kátia, *Bahia século XIX: uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992. pp. 177-192.

<sup>174</sup> Idem, *ibidem*, p. 178.

envolvidos em suas uniões maritais, embora esses estivessem “ligados à sobrevivência ou à vida prática dos parceiros”, visto que não possuíam riqueza nem prestígio para manter<sup>175</sup>.

Só a partir da segunda metade do século XIX é que o ideal de amor romântico influenciou mais fortemente as relações conjugais. Isso não significa dizer que os interesses envolvidos nos enlances matrimoniais não continuassem existindo; no entanto, por conta do crescente individualismo, o sexo e o casamento passaram a ter um sentido mais afetivo e menos familiar. Foi nesse contexto que surgiu o que Thales de Azevedo chamou de “namoro tradicional”.<sup>176</sup>

Entre o final do século XIX e início do XX muitas mudanças marcaram várias cidades brasileiras e o processo de modernização que atingiu cidades como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, entre outras, acabou por influenciar alterações no comportamento feminino. As mulheres das classes altas e médias começaram a “tomar as ruas”, apropriando-se cada vez mais do espaço público; essa apropriação se deu em duas atividades primordiais do ser humano: o lazer e o trabalho.

Historiadoras<sup>177</sup> têm discutido que a imagem das mulheres, das classes médias e altas, reclusas no lar não correspondia mais às práticas cotidianas das grandes cidades republicanas. De acordo com Marina Maluf e Maria Lúcia Mott:

As mudanças no comportamento feminino ocorridas ao longo das três primeiras décadas desse século (referindo-se ao século XX) incomodaram conservadores, deixaram perplexos os desavisados, estimularam debates entre os mais progressistas.<sup>178</sup>

Em Salvador, quando as “senhorinhas” iam às compras e aos passeios, já desacompanhadas, pelas ruas da cidade, esse comportamento parecia fazer parte dos “novos tempos”. De acordo com o modelo burguês, a esposa dedicada e mãe de família devia preocupar-se com a educação de seus filhos e não mais ficar confinada ao espaço doméstico,

<sup>175</sup> FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. (Centro de Estudos Baianos, 152), especialmente o capítulo I.

<sup>176</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, pp. 8-9.

<sup>177</sup> Ver LEITE, Márcia M. S. B. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. TRINDADE, Etelvina “Cidade moderna e espaços urbanos” In *Revista Projeto História*. nº 13, São Paulo: jun/1996 e MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. “Recônditos do mundo feminino” In SEVCENKO, Nicolau (org.) *História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio*. vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, entre outras.

<sup>178</sup> MALUF e MOTT, op. cit. p. 368.

sendo importante sua participação na vida social<sup>179</sup>. A crescente presença da mulher no espaço público já não incomodava a sociedade, no entanto, o mesmo não ocorria quando estas ocupavam postos de trabalho. Segundo Susan Besse, até mulheres das classes médias e altas urbanas se inseriram no mercado assalariado de forma que houve uma preocupação social com o destino das famílias, sendo comum a censura às mulheres que trabalhavam fora de casa, dando a entender que os homens seriam obrigados a “tomar conta” dos filhos e da casa, o que seria o fim da família brasileira. De acordo com Rachel Soihet alguns jornais cariocas do início do século XX dedicaram algumas de suas páginas à ridicularização das mulheres profissionais e principalmente das feministas. Estas apareciam como mulheres feias e destruidoras da ordem social<sup>180</sup>.

A Igreja Católica desempenhou um importante papel na condenação ao trabalho feminino. Desde o final do século XIX, quando lançou a encíclica *Rerum Novarum* (1891), o Papa Leão XIII conclamava as mulheres a voltarem para o lar, visto que muitas já ocupavam postos de trabalho na Europa. “Contra o comunismo como fonte de empobrecimento, pela defesa da família e do Estado e a propósito do trabalho operário” essa encíclica, de acordo com Maria Antonietta Macciocchi, “voltava ao princípio intangível do poder paterno, direito que é necessário reconhecer ao homem como chefe de família”. Em seu texto o Papa deixava claro qual deveria ser o papel da mulher na sociedade:

Trabalhos há também que não se adaptam tanto à mulher, a qual a natureza destina de preferência aos arranjos domésticos, que, por outro lado salvaguardam admiravelmente a honestidade do sexo, e correspondem melhor, pela sua natureza, ao que pede a boa educação dos filhos e a prosperidade da família.<sup>181</sup>

Quase quarenta anos após a publicação da *Rerum Novarum*, a Igreja voltou a manifestar-se contra a emancipação feminina, lançando uma encíclica em defesa dos deveres femininos de esposa e mãe: a *Casti Conubii*, “acerca do Matrimônio Cristão em face das atuais condições, exigências, erros e vícios da família e da sociedade”; ela foi publicada em 1930, pelo Papa Pio XI. Nessa encíclica, o matrimônio é visto como fonte de procriação e as

---

<sup>179</sup> LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. *Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, pp. 138-141.

<sup>180</sup> SOIHET, Rachel. “Pisando no ‘sexo frágil’” In *Revista Nossa História*, ano 1, nº 03, jan/2004.

<sup>181</sup> PAPA LEÃO XIII. *Rerum Novarum* In MONTFORT Associação Cultural. Disponível em <http://www.montfort.org.br/index>. Trecho retirado do tópico “Proteção do trabalho dos operários, das mulheres e das crianças”. Acesso em 17.10.2006.



mulheres são aconselhadas a se dedicarem exclusivamente a este, evitando o trabalho, que atrapalharia sua função natural de mãe:

(...) Se o homem não consegue encontrar oportunidade de arranjar trabalho e alimento, se as coisas necessárias para os usos cotidianos não puderem comprar-se senão a preços exagerados, se, finalmente, as mães de família, com grande prejuízo da economia doméstica, estão sobrecarregadas pela necessidade e pelo gravame de ganhar dinheiro à custa do próprio trabalho, se nos trabalhos ordinários e até nos trabalhos extraordinários da maternidade lhes faltar o alimento conveniente, os remédios, o auxílio de um médico competente e outras coisas semelhantes — não há ninguém que não veja quão difícil se lhes torna a vida doméstica e a observância dos preceitos divinos. (...) <sup>182</sup>

A *Casti Conubii* apresenta ainda uma “hierarquia doméstica”, definindo os lugares de homens e mulheres no casamento:

(...) A ordem do amor implica de um lado a superioridade do marido sobre a mulher e os filhos, e de outro a pronta sujeição e obediência da mulher, não pela violência. (...) O grau e o modo desta sujeição da mulher ao marido pode variar segundo a variedade das pessoas, dos lugares e dos tempos; e até, se o homem menosprezar o seu dever, compete à mulher supri-lo na direção da família. Mas em nenhum tempo e lugar é lícito subverter ou prejudicar a estrutura essencial da própria família e a sua lei firmemente estabelecida por Deus. <sup>183</sup>

Apesar da forte influência das idéias da Igreja Católica sobre a sociedade brasileira, as primeiras décadas do século XX foram marcadas por movimentos em favor da participação das mulheres na vida pública. O processo de luta do movimento feminista no Brasil nos anos 1920 e 1930, em que se conquistou o direito ao voto feminino, foi retomado mais fortemente nos anos 1970. Como discutido no capítulo anterior, esses anos foram marcados por questionamentos de valores ligados ao comportamento como virgindade e casamento. No início dos anos 1960, a pílula anticoncepcional começou a ser comercializada no Brasil e, embora fizesse parte das políticas internacionais voltadas para a redução da população <sup>184</sup>, provocou insatisfação de setores conservadores, especialmente da Igreja Católica. Além disso, a lei do Divórcio de 1977, que discutiremos posteriormente, também representou uma conquista importante para as mulheres.

<sup>182</sup> PAPA PIO XI. *Casti Conubii* In Capela Nossa Senhora da Conceição. Disponível em [www.capela.org.br/Magisterio/conubii](http://www.capela.org.br/Magisterio/conubii). Trecho retirado do tópico “O que compete aos poderes públicos. Assistência pública”. Acesso em 17.10.2006.

<sup>183</sup> Idem. Trechos retirados dos tópicos “A ordem no amor” e “Hierarquia doméstica”.

<sup>184</sup> PEDRO, Joana Maria. “A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração” In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 23, nº 45, julho/2003, pp. 239-260.

## 2.1 O CASAMENTO EM SERROLÂNDIA: A “BOA MOÇA” E O “RAPAZ TRABALHADOR”

Apesar de todas as mudanças ocorridas no Brasil ao longo do século XX a respeito do comportamento, algumas práticas ligadas às relações afetivas ainda permaneceram. Em Serrolândia, nos anos 1960, apesar da escolha dos cônjuges para o casamento não ser mais feita pelos pais, a relação deveria ser aceita por eles, tanto que ocorriam casos em que o pai da moça decidia por ela o término do namoro, como descreveu Simone: “Ele (*o namorado*) brigou lá com meu pai, ai acabou meu casamento. Eles que acabaram por que antigamente não era assim? Os pais que acabavam o namoro”<sup>185</sup>. Em alguns momentos parece haver ainda uma tentativa de predominância da autoridade paterna na escolha dos parceiros, embora ela já fosse questionada. Rosa contou que quando Emiliano (seu atual marido) foi pedir a sua “mão” para namorar, seu pai ofereceu sua irmã mais velha para ele, afirmando que ela era ainda muito nova para namorar.<sup>186</sup>

Os depoentes contaram histórias de fugas ocorridas quando a família não aceitava a escolha feita pelos casais; essas histórias são recheadas de um ideal de amor romântico, em que o casal enfrentava corajosamente as imposições familiares, arriscando-se ao agir contra os costumes da época. Praticamente todos os depoentes afirmaram que as fugas eram muito comuns e uma das entrevistadas falou da sua própria experiência:

A família dele não queria, porque queria que ele se casasse com moça rica, e tal e tal, não devido à família porque minha família é pobre, mas toda vida foi uma família digna e direita, entendeu? Mas não tinha a condição que a dele tinha, então eles queriam que ele casasse com uma moça no nível deles, na altura deles só que ele não queria, ele queria era eu e acabou.<sup>187</sup>

Além de apresentar os motivos pelos quais as famílias não queriam o casamento, Vera contou detalhadamente a sua história, dizendo ter namorado apenas 15 dias antes de fugir com seu “amor”, obrigando os pais a aceitarem seu casamento:

---

<sup>185</sup> Entrevista com Simone, em 05.02.2006.

<sup>186</sup> Entrevista com Rosa, em 24.07.1998.

<sup>187</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

Depois todo mundo aceitou. Meu pai... meu marido pra ele era um filho... Depois que eu me casei, no mesmo dia, eu me casei em Jacobina, dia 24 de maio, casei 10 h da manhã, passamos o dia lá na casa da minha tia, (...) meu pai fez questão de me trazer, e me deixou na casa dele, eu morei o tempo inteiro na casa dele, ele nunca quis que eu saísse de lá, ele considerava Zacarias um filho, tanto que minha mãe adulava Zacarias demais, todos eles chamavam Zacarias era “meu filho”.<sup>188</sup>

Como vimos, não era só a família do namorado de Vera que era contra seu casamento; seu pai se opôs a este argumentando que ela era muito nova para se casar e que pretendia mandá-la para Salvador para estudar. Essa posição da família de Vera vai de encontro à idéia de que as famílias pobres procuravam no casamento das filhas ou filhos uma forma de ascensão social. A preferência do pai pela sua educação em detrimento do casamento será discutida no terceiro capítulo.

Ao falar sobre os preconceitos que impediam os casamentos, Vera sempre apresentava uma defesa do amor romântico; para ela, a resistência ao diferente vinha sempre da família, não dos casais. No entanto, houve outras falas que sugeriram que muitas vezes os filhos também compartilhavam as idéias dos pais.

Porque naquele tempo era por amor mesmo, não tô lhe dizendo, fosse como fosse, se ele fosse pobrezinho ou ela pobrezinha... (...) naquele tempo existia casamento por amor, era amor verdadeiro, hoje não casamento é um copo descartável e que usa e joga fora, o cara só quer curtir, curtir e pronto.<sup>189</sup>

Os principais motivos citados pelos depoentes para a resistência dos pais aos casamentos eram preconceitos raciais, quando um dos cônjuges era negro; de classe social, quando uma das famílias era considerada pobre, ou mais pobre que a outra, ou ainda, quando o pai da moça não considerava o pretendente um “rapaz trabalhador”. Esse discurso do trabalho como um valor para o “homem do sertão” está muito presente nas entrevistas e por isso, voltaremos a discuti-lo no terceiro capítulo. Apareceram ainda problemas como condição civil, caso um dos pretendentes fosse separado, ou preconceitos ligados ao comportamento feminino, exigindo que a moça fosse virgem, proibindo casamentos de “bons rapazes” com “moças faladas”. Vejamos outra entrevista:

As pessoas fugiam porque o pai não queria o casamento. Ai, porque naquele tempo era uma coisa incrível por qualquer coisa o pai não queria que os filhos casassem. Às vezes o rapaz não era trabalhador, às vezes também por causa de cor, encrencava que não queria, outras vezes porque era separado, e ai ninguém queria o

---

<sup>188</sup> Depoimento citado.

<sup>189</sup> Depoimento citado.

casamento e ai anoitecia e não amanhecia, ia pra outro lugar. Quando os pais chegavam a moça tava fora de casa. Agora quando essa moça não dava certo com esse homem pra voltar pra casa isso era dose, tinham pais que aceitavam e tinham outros que não aceitavam mais não, ficava intrigado da família, era uma discriminação terrível, ai umas casavam e outras ficavam lá morava um tempo e depois separava e ai construía a família, mas ficava aquela coisa, aquela discriminação. A mãe não, mais era o pai.<sup>190</sup>

Além da narrativa sobre os motivos da não aceitação do casamento por parte do pai, a autoridade paterna é aqui enfatizada e a depoente aborda as possíveis conseqüências da fuga. O risco de não ser aceita de volta se o casamento não fosse bem sucedido era muito grande, levando inclusive algumas moças a desistirem de fugir:

Eu tive um namorado que eu era muito apaixonada, mas não pensei em fugir, porque eu tinha medo de pai. Tinha medo de fugir e não me dar bem e não ter pra onde voltar depois. Não tinha conversa, se isso acontecesse, não voltava, não tinha casa não, eu acho que não, do jeito que era, ele detestava essas coisas.<sup>191</sup>

A fuga era, nas palavras de Marinalva, “uma boa estratégia para resolver o problema, era ótimo”, pois depois do casamento realizado “não tinha mais jeito, já tava morando junto”, afirmando ainda que alguns padres realizavam estes casamentos. O medo de fugir e “não dar certo” ainda estava presente nos anos 1980; em resposta à pergunta do caderno de confidências de 1983 “Seria capaz de fugir?”, duas entrevistadas responderam que não fugiriam, uma por medo de “quebrar a cara” e a outra de “enfrentar a barra”. 65 % responderam “não” e o restante disse “não sei”/“nunca pensei”.

As fugas representavam possibilidades de resistência ao modelo considerado ideal, em que famílias de uma mesma cor e condição social deveriam casar seus filhos solteiros, com idade “compatível” (a mulher deveria ser sempre mais jovem que o homem) com moças virgens e “bem comportadas”, para a garantia de uma família honrada e bem vista pela sociedade, constituindo uma forma de obrigar a realização do casamento.

De acordo com Thales de Azevedo, as fugas e os raptos foram muito freqüentes nas culturas de vários países latino-americanos no passado e na maioria das vezes visavam o casamento. O cônjuge masculino esperava encontrar sua pretendida virgem, casar-se com ela e ter então resolvido seus problemas com as famílias.<sup>192</sup> As fugas não necessariamente eram seguidas de desvirginamento, como foi o caso de Vera, citada acima, que afirmou ter

<sup>190</sup> Entrevista com Regina, em 12.08.2005.

<sup>191</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>192</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, p. 44.

permanecido virgem até a realização do casamento. Neste caso, a virgindade não era um valor importante apenas para a família, sendo também compartilhado pelos jovens.

Nessa sociedade, nos anos 1960, o namoro tinha como finalidade o casamento; neste sentido, o namorado ou a namorada deveria ter a aprovação dos pais. Isso não significa que não ocorressem namoros sem este objetivo. Nas entrevistas alguns depoentes descreveram as formas como se namorava em Serrolândia nessa década: “O namoro daquele tempo era pegar na mão, era um namoro os pais vigiando, tinha que sentar num banco na frente da casa, conversar, né?”<sup>193</sup>

De acordo com os depoimentos, os “raros” beijos na boca que aconteciam em público e “chamavam atenção” ocorriam em festas na cidade. Na zona rural a vigilância sobre os casais era ainda maior, fazendo as “moças da roça” tornarem-se preferidas por alguns, em um mercado matrimonial que buscava virgens<sup>194</sup>.

(...) por que eu beijei muito, mas a maioria não se beijava não, nossa senhora, e não existia beijo na boca também, mas só “selinho”. (...) Não fazia parte. Quando o pessoal via uma moça namorando, se beijando, dizia aquilo num é mais de nada não. E depois de você ser falada ou perdida você não saía na rua não tinha amizade com ninguém, não podia ir numa festa.<sup>195</sup>

(...) ah, era beijo do lado, na mão, era o máximo.<sup>196</sup>  
Beijo na boca? Não, não, num tinha não. Pra lhe falar a verdade quando eu vim falar de um beijo na boca em uma festa lá, de uma menina, de um rapaz beijando na boca da moça chamou a festa atenção, nos outros dias. Foi mais ou menos nos anos 1960 mesmo, no ano de 1960, foi que eu lembro que foi uma festa na casa de João e foi mais ou menos nesse período, 1960 mesmo. (...) Quando a gente ficava com namorado ele passava a mão no ombro da gente, mas pros pais não vê, né? E aí beijava na mão, mas na boca não. Eu não sei o gosto de um beijo de boca, não, não sei.<sup>197</sup>

É significativo que em seus depoimentos as entrevistadas tenham assegurado não ter beijado na boca dos seus namorados, falando das conseqüências para as poucas que se arriscavam. É muito provável que os namoros não fossem tão “bem comportados” como apareceu nos depoimentos; no entanto, supomos que os depoentes, principalmente as mulheres, ao falarem das suas experiências afetivas do passado, necessitassem afirmar seu “bom comportamento”.

Sendo uma etapa para o casamento, os “namoros consentidos” não deveriam durar muito tempo, pois “pegava mal” para a moça. Quando o namoro ficava muito longo, as

<sup>193</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04.2005.

<sup>194</sup> Ver discussão sobre as representações em torno da “moça da roça” no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>195</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.05.

<sup>196</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08. 2005.

<sup>197</sup> Entrevista com Regina, em 12.08. 2005.

peças comentavam que o rapaz estava “enrolando” a moça; assim havia uma exigência de que o noivado ocorresse logo, para garantir o compromisso. Para ficarem noivos, o rapaz pedia a mão da moça em casamento ao pai. Thales de Azevedo observa que “o pedido de casamento, que estabelece o noivado oficial, é um ato que envolve as famílias e tem um caráter cerimonial ainda importante para muitos”,<sup>198</sup> sendo portanto o momento no qual se fixa o compromisso social.

A partir do momento em que uma moça ficava noiva, deveria mudar o seu comportamento, mostrando-se mais séria, recatada, não devendo ter amigos homens. Na prática, algumas mulheres subvertiam essa regra, a exemplo de Simone:

(...) tinha mais amigos homem. Era Zé de Alfredo, ave Maria era meu amiguinho, andava pegado na minha mão. Era Zé, era Jonas, era Edgar e Mauricinho e Pedro e Tinho, todos meus amigos. E Eduardo e Mário.(...) Não, não tinha ciúme (*o noivo*) por que eles (*os amigos*) sabiam que a gente namorava.<sup>199</sup>

O noivado nessa sociedade tinha uma importância social muito grande, representando uma etapa obrigatória entre namoro e casamento. Ainda nos anos 1960 o fim do noivado não era bem aceito pela família da noiva; se a mulher resolvesse rompê-lo, teria que encontrar um motivo muito convincente para que a família aceitasse. Apesar disso, algumas o faziam, mesmo sofrendo uma certa pressão social. Deveriam se recolher durante algum tempo, sem namorar, para não correr o risco de ficarem “faladas”. De acordo com Regina:

Quando terminava o noivado, tem os dois lados, tem o lado da paixão e provavelmente quando termina um dos dois se apaixonou num é? Se fosse a mulher que apaixonasse o homem ia logo arranjar outra namorada e ia viver a vida dele. Ai ia ficar, daqui pra ela namorar com outro oh! dava trabalho porque os pais não gostavam que terminasse hoje e amanhã já tivesse com outro. Tinha que dá um tempinho né, pra depois arranjar outro. (...) quando eles gostavam da mulher que foi noiva, num era porque ela era noiva que eles deixavam de namorar, mas não casava sem entrevistar antes, pra saber se teve algum caso. Ate que ponto foi a intimidade deles. O noivado permitia uma intimidade.<sup>200</sup>

Entretanto, Simone mostra que não teve problemas em ter sido noiva quando iniciou uma nova relação:

Não, não, não. Até porque meu noivo, esse que casou comigo ele chegou lá e soube que eu tinha acabado o noivado, e ele se apaixonou por mim, e ficou doido. Como ele era de fora, e eu não namorava com ninguém de lá... (...) E eu comecei a

<sup>198</sup> AZEVEDO, Thales de. *As Regras do Namoro à Antiga*. São Paulo: Ática, 1986, p. 91.

<sup>199</sup> Depoimento citado.

<sup>200</sup> Depoimento citado.

namorar com ele, e ele não se incomodava, ele ficou até feliz que eu tinha terminado o noivado, e queria mesmo, ele era doido, apaixonado...<sup>201</sup>

Como discutido anteriormente, o rígido sistema de controle da sexualidade era muitas vezes desobedecido. Os namoros proibidos eram muito comuns e lugares como o “monte” e o “açude”<sup>202</sup> foram citados como ideais para esses namoros secretos. As moças inventavam desculpas para sair de casa e contavam com o apoio das amigas para marcarem encontros e levarem bilhetes românticos.

A determinação dos papéis feminino e masculino dentro da estrutura do casamento, começava pela forma como eram divididas as obrigações da montagem do novo lar. Ao homem caberia a maior responsabilidade de aquisição dos bens, como providenciar a casa, os móveis para esta, com exceção dos móveis do quarto do casal, que geralmente era dado pelo pai da noiva; à mulher, levar o “enxoval”<sup>203</sup>. Segundo este padrão, o papel do homem era o de mantenedor, por isso ele precisava estar estruturado economicamente para manter uma família, enquanto o da mulher era o de cuidar dos filhos e do marido, não estando sob sua responsabilidade o sustento da casa, nem mesmo o de aportar qualquer contribuição financeira, visto que era esperado que as esposas não exercessem atividades remuneradas dentro e sobretudo fora do lar. Nas classes populares, esse modelo era constantemente subvertido.

Os processos judiciais analisados indicam a definição dos papéis feminino e masculino no casamento. Em um processo de Investigação de Paternidade de 1968, o advogado alegou, a propósito da obrigação do pai para com o sustento dos filhos: “não é justo que tais encargos (sustento e educação dos filhos) recaiam apenas sobre a mãe, quando *a maior responsabilidade é a paterna*” (grifo meu).<sup>204</sup> Em defesa de uma mulher que recorreu à Justiça para reivindicar o reconhecimento de paternidade dos seus três filhos, o advogado utilizou o argumento da obrigação paterna para com o sustento dos filhos. Percebemos aí a tradicional divisão dos papéis feminino e masculino, cabendo ao homem a “maior responsabilidade” financeira.

Em um outro processo, desta vez de Ação de Alimentos, de 1967, foi o papel da mulher que apareceu na fala de um juiz: “consiste à mulher ‘colaboradora dos encargos da

---

<sup>201</sup> Depoimento citado.

<sup>202</sup> Esses espaços, muito freqüentados pelos jovens em Serrolândia no período pesquisado, serão discutidos no terceiro capítulo.

<sup>203</sup> O “enxoval” consistia em objetos de “cama, mesa e banho”, essenciais para o funcionamento da casa.

<sup>204</sup> APMJ, Processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, 1968.

família’, cumprindo-lhe velar pela direção material e moral desta”.<sup>205</sup> Nesta mesma sentença o juiz destacou a obrigação do pai para com o sustento dos filhos e neste caso, podemos perceber o contraste dos papéis feminino e masculino, cabendo à mulher administrar o lar, como uma “colaboradora” do homem.

O zelo pela moral estava sempre vinculado ao papel da esposa, que deveria manter a harmonia do lar, estando presente aí um ideal de mulher como modelo de virtude, exigindo-se dela um comportamento exemplar, associado ao da santa. Ela deveria ser preparada desde cedo para o casamento, pois a moça ideal para o matrimônio deveria ser prendada. Os dotes que dela se esperava não incluíam uma maior capacitação intelectual, mas saber cozinhar, lavar, cuidar da casa e das crianças, costurar e bordar; para isso, muitas freqüentavam cursos de culinária e corte e costura ou aprendiam com suas mães, tias, madrastas, avós:

Eu aprendi a fazer o crochê quando era moça, o ponto de cruz também, agora o vagoniti eu aprendi depois de casada. Minhas irmãs também sabiam. (...) E a cozinhar foi com minha madrasta. E mais aprendi depois de casada, desde que eu me casei, aprendi a cozinhar bastante. Gosto de cozinhar, bolo, fazer bolo, eu gosto. Parece que tem coisa que a gente faz com aquele amor, num é?<sup>206</sup>

Como mencionado anteriormente, o casamento possuía uma importância social muito grande. Casar uma filha “donzela” com um “bom rapaz” era motivo de orgulho para os pais, por isso este momento deveria ser partilhado com toda a sociedade local. Era muito comum a realização do “pagode”, festa de comemoração de casamento oferecida pelo pai da noiva. Pela fala das depoentes, podemos avaliar o quanto a festa era importante. Vera, que nos relatou sua fuga para casar, afirmou ter ocorrido uma festa após seu casamento, mesmo numa situação não planejada:

(...) Depois que eu me casei, no mesmo dia (...) foi um festão e tal, mataram um carneiro, fizeram um churrasco... mas eu toda descalqueada (*desorientada, chateada*), nem participei de nada...<sup>207</sup>

Procuramos investigar a importância relativa do casamento religioso e civil, durante o período estudado, através da análise da freqüência de ambos os tipos de matrimônio. Vejamos a tabela abaixo:

**TABELA 3 - NÚMERO DE CASAMENTOS RELIGIOSOS E CIVIS**

<sup>205</sup> APMJ, Processo de Ação de Alimentos, nº 4845, 1967.

<sup>206</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>207</sup> Depoimento citado.

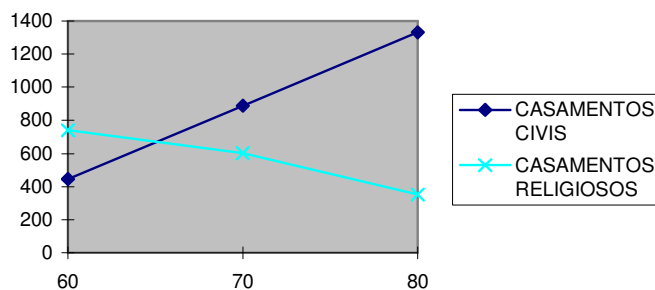


Ano	Casamentos Religiosos	%	Casamentos Cívicos	%
1961	36	40,5	53	59,5
1962	44	55,8	35	44,2
1963	93	58,9	65	41,1
1964	60	58,9	42	41,1
1965	77	51,7	72	48,3
1966	86	63,8	49	36
1967	88	62	54	38
1968	65	58,9	37	41,1
1969	55	58	40	42
1970	86	62,5	52	37,5
<b>Década de 60</b>	<b>740</b>	<b>62,4</b>	<b>447</b>	<b>37,6</b>
1971	61	62,3	37	37,7
1972	58	56,4	45	43,6
1973	58	47,5	64	52,5
1974	80	50	80	50
1975	102	46,1	119	53,9
1976	37	21,2	138	78,8
1977	54	29,2	131	70,8
1978	62	35,8	111	64,2
1979	52	31,7	112	68,3
1980	37	24,7	113	75,3
<b>Década de 70</b>	<b>601</b>	<b>40,4</b>	<b>889</b>	<b>59,6</b>
1981	36	22,8	122	77,2
1982	51	28	131	72
1983	47	28,5	118	71,5
1984	12	7,3	152	92,7
1985	18	11,5	138	88,5
1986	11	8	126	92
1987	58	26,7	159	73,3
1988	47	23	157	77
1989	41	25,6	119	74,4
1990	31	22,3	108	77,7
<b>Década de 80</b>	<b>352</b>	<b>20,9</b>	<b>1.330</b>	<b>79,1</b>
<b>Total</b>	<b>1.693</b>	<b>48,8</b>	<b>1.777</b>	<b>51,2</b>

Fontes: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA e Arquivo das Secretarias Paroquiais de Capim Grosso e Serrolândia.

## GRÁFICO 1

### NÚMERO DE CASAMENTOS



Tradicionalmente, o casamento deveria ser sacramentado pela Igreja Católica. Apesar de o casamento civil ser o único aceito legalmente, para a maioria dos casais o que importava era o casamento religioso. De acordo com D. Maria:

Quase todo mundo casava na igreja. Agora hoje, eu não sei se ainda fazem assim, mas só casava na igreja se casasse no civil, o religioso com efeito civil. Antes se casava só na igreja, casava no civil se quisesse, dava mais importância a igreja do que o civil.<sup>208</sup>

Na década de 1960, o número de casamentos civis correspondia a 60% do número de casamentos religiosos, sendo que em apenas um ano (1961) o número de casamentos civis superou o de religiosos, o que demonstra a importância deste sacramento e certo descaso com a legalidade. Para as pessoas criadas em um universo católico era imprescindível a bênção da Igreja, mas na década seguinte, houve uma inversão, visto que o casamento religioso passou a corresponder a 68% do número de casamentos civis. É provável que muitos desses casamentos correspondessem aos mesmos casais, que se casavam no civil e no religioso<sup>209</sup>, entretanto outros se casavam apenas em um dos dois. A partir de 1973, com a Lei de Registros Públicos nº 6.015/73, o casamento religioso passou a ter efeito civil, o que fez elevar o número de casamentos civis, visto que muitos padres passaram a não realizar mais o casamento apenas no religioso. Na década de 1980, o número de casamentos religiosos se reduziu para menos da metade em relação à década de 1960, correspondendo a apenas 26,5% do número de casamentos civis. Houve uma queda significativa no número de casamentos religiosos, principalmente entre os anos de 1984 e 1986, voltando a haver um crescimento a partir de 1987, devido à fundação da Paróquia São Roque em Serrolândia, em 08.03.1987, uma vez que anteriormente esta pertencia à Paróquia de Capim Grosso.

Os Censos do IBGE trazem informações sobre as declarações da população quanto ao seu Estado Conjugal<sup>210</sup>. A tabela a seguir traz índices da população que se declarou casada, por tipo de casamento e sexo:

**TABELA 4 - PESSOAS CASADAS,  
POR TIPO DE CASAMENTO E SEXO**

<sup>208</sup> Entrevista com D. Maria, em 06.04.2005.

<sup>209</sup> Dentre os casos encontrados estão Eunice Rodrigues Queiroz e José Queiroz Filho, que se casaram em 1970 no civil e no religioso e Maria Rita Pereira Vasconcelos e Antônio Pereira Neto que se casaram no religioso e um mês depois no civil no ano de 1969.

<sup>210</sup> Apresentaremos esses índices posteriormente.

Ano do Censo	Civil e Religioso	%	Somente Civil	%	Somente Religioso	%	União cons.	%	Totais casados
1970 Masc	904	29	522	16,75	1.554	49,86	137	4,4	3.117
1970 Fem	904	29,23	521	16,84	1.536	49,66	132	4,27	3.093
<b>1970 Total</b>	<b>1.808</b>	<b>29,11</b>	<b>1043</b>	<b>16,80</b>	<b>3.110</b>	<b>50,08</b>	<b>269</b>	<b>4,33</b>	<b>6.210</b>
1980 Masc	1.091	29,83	960	26,25	1.215	33,22	-	-	3.657
1980 Fem	1.097	30,35	931	25,76	1.211	33,51	-	-	3.614
<b>1980 Total</b>	<b>2.188</b>	<b>30,09</b>	<b>1.891</b>	<b>26,01</b>	<b>2.426</b>	<b>33,37</b>	-	-	<b>7.271</b>
1991 Masc	539	26,27	732	35,67	424	20,66	347	16,91	2.052
1991 Fem	539	26,27	732	35,67	424	20,66	347	16,91	2.052
<b>1991 Total</b>	<b>1.078</b>	<b>26,27</b>	<b>1.464</b>	<b>35,67</b>	<b>848</b>	<b>20,66</b>	<b>694</b>	<b>16,91</b>	<b>4.104</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970, 1980 e 1991.

Os índices apresentadas na tabela acima, quanto às pessoas casadas no civil e no religioso, confirmam o fenômeno percebido a partir dos dados do número de casamentos realizados entre as décadas de 1960 a 1980. Ou seja, no ano de 1970 (que corresponde à década de 1960), as pessoas que se declararam casadas apenas no religioso chegaram a 50 %; esse número vai-se reduzindo nas décadas posteriores, sendo de 33,37 % em 1980 e apenas 20,66 % no censo de 1991. O inverso ocorreu com os casados apenas civilmente: em 1970 eram 16,8 %, subindo para 26,01 em 1980, chegando a 35,67 em 1991. As pessoas casadas nos dois tipos de matrimônio permaneceram em torno dos 30 %, havendo uma pequena redução em 1991 para 26,27 %, provavelmente devido à diminuição da importância do casamento religioso, discutida anteriormente.

As Uniões Consensuais que somavam 4,33 em 1970 elevaram-se significativamente em 1991 para 16,91, o que representou um aumento de 400 %. Infelizmente não conseguimos dados sobre o ano de 1980, visto que o Censo deste ano não registrou essa informação. Esse crescimento revela que as uniões oficiais, embora ainda consideradas importantes, já não atingiam todo o universo da população. Discutiremos as mudanças em torno da importância no casamento na sociedade serrolandense mais adiante.

A tabela a seguir apresenta a média anual de idade em que homens e mulheres se casavam no período estudado; a partir desses dados foi possível fazer uma comparação entre essas idades em casamentos civis e religiosos. Tendo como objetivo montar um quadro que possibilite retratar a idade com que as pessoas se casavam pela primeira vez, excluímos os dados sobre os casamentos de viúvos.

**TABELA 5 – MÉDIA DE IDADE DOS NOIVOS NOS CASAMENTOS RELIGIOSOS E CIVIS**

	Idade Mulher	Idade Homem	Idade Mulher	Idade Homem
--	--------------	-------------	--------------	-------------

Ano	Casamentos Religiosos	Casamentos Religiosos	Casamentos Cívicos	Casamentos Cívicos
1961	20	22	24	29
1962	19	24	24	29
1963	20	24	24	30
1964	20	23	24	28
1965	20	23	22	25
1966	20	23	22	26
1967	20	22	24	27
1968	20	23	21	29
1969	20	24	21	24
1970	20	23	23	27
<b>Década de 60</b>	<b>20</b>	<b>23</b>	<b>23</b>	<b>28</b>
1971	20	23	23	27
1972	20	24	23	28
1973	20	24	25	30
1974	20	24	23	28
1975	21	25	23	28
1976	22	26	22	27
1977	24	29	21	26
1978	22	26	23	28
1979	23	27	21	25
1980	22	26	21	25
<b>Década de 70</b>	<b>21</b>	<b>25</b>	<b>23</b>	<b>27</b>
1981	22	25	23	27
1982	20	24	23	28
1983	21	25	25	30
1984	22	25	23	28
1985	22	25	23	28
1986	24	30	22	27
1987	23	26	21	26
1988	24	26	23	28
1989	26	29	21	25
1990	25	29	21	25
<b>Década de 80</b>	<b>23</b>	<b>26</b>	<b>23</b>	<b>27</b>

Fontes: Fórum Manoel Pereira Lima - Serrolândia/BA e Arquivo das Secretarias Paroquiais de Capim Grosso e Serrolândia.

Comparando os dados contidos nas duas tabelas, percebemos uma diferença significativa na média de idade entre os casamentos religiosos e os casamentos civis na década de 1960, sendo mais baixas as médias dos casamentos religiosos, o que vem indicar mais uma vez que a maioria das pessoas se casava pela primeira vez no religioso, sendo de 20 anos a média feminina e de 23 anos a masculina. É muito provável que esta seja a média real com que as pessoas se casavam nesse período. Esta diferença vai permanecer até a primeira metade da década de 1970, quando ocorre paralelamente um aumento do número de casamentos civis e a diminuição do número de casamentos religiosos, devido às mudanças legais analisadas acima. A partir daí, este quadro começou a inverter-se; a média de idade dos casamentos civis começou a cair, enquanto a de casamentos religiosos aumentou progressivamente, chegando a ser na década de 1980 de 23 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Já o casamento civil, que na década de 1960 era de 23 anos para a mulher e 28 anos para o homem, passou em

1980 para 22 anos para a mulher e 26 anos para o homem. Esta inversão pode revelar que a média real de idade em que as pessoas se casavam pela primeira vez até 1975 era a de casamentos religiosos, passando a ser, nos últimos quinze anos do período analisado, a de casamentos civis.

Como é possível ver nas tabelas, as diferenças de idade entre homens e mulheres não variavam muito; em geral, a diferença do homem para a mulher, de acordo com as médias, era de três a quatro anos. Eram raros os casos em que a mulher era mais velha que o homem. O caso que mais nos chamou a atenção, por ser a maior diferença encontrada no sentido inverso do comum, foi de 1967, em que uma mulher de 42 anos se casou com um homem de 25.

A preocupação em torno da diferença de idade entre os casais parece ainda estar presente no final dos anos 1970. No diário recolhido de uma entrevista, citado no primeiro capítulo, no dia 17.03.1979, ela relatou o “drama” de estar namorando um homem mais jovem (18 anos), uma vez que já estava em idade de “pensar” em casamento:

Faz hoje um mês que namoro o Gilson e hoje ele esteve aqui, quando cheguei da rua já o encontrei, estava com sua prima; estava ansiosa para vê-lo, mas quando o encontrei notei uma frieza em mim, não sei o porque; (...) tentei acabar tudo, mas ele sempre leva tudo na brincadeira, não sei até quando vou levar esse barco, o perigo de vir a gostar ambos um do outro é de 99 % e isso seria mal pois Gilson é novo e tem muito pela frente, enquanto eu já estou com 22 anos e já é hora de pensar num compromisso mais sério. (...) <sup>211</sup>

Apesar de não ser o mais comum, encontramos casos de mulheres que se casavam entre os treze e quinze anos de idade, sendo vinte e um deles na década de 1960 e vinte na década de 1970, o que corresponde respectivamente a 2,8 % e 3,3 % do total de casamentos religiosos. Estes casos não apareceram nos casamentos civis, visto que a lei não permitia casamentos de mulheres com idade inferior a 16 anos <sup>212</sup>. Os homens geralmente casavam-se um pouco mais tarde que as mulheres, sendo raros os casos de homens menores de 19 anos. A menor idade masculina encontrada foi de dezesseis anos em um casamento religioso ocorrido em 1962 em que a mulher tinha apenas treze anos.

Nessa sociedade, uma mulher ultrapassar os vinte e cinco anos de idade sem se casar já era motivo de preocupação. Dizia-se que ela estava entrando no “barricão” e, se

<sup>211</sup> Diário, trecho do dia 17.03.1979.

<sup>212</sup> O período pesquisado era regido pelo Código Civil de 1916 (Lei nº. 3.071), que entendia que a mulher, com 16 anos, já estaria apta para o matrimônio; entretanto, o homem atingiria essa capacidade apenas aos 18 anos. No novo Código Civil (Lei nº. 10.406, de 10 de janeiro de 2002) houve uma mudança apenas no que se refere à idade núbil do homem, que passou a ser de 16 anos.

“envelhecesse” nessa situação seria chamada de “moça velha”. O termo “moça velha” vem mais uma vez indicar o significado de ser “moça”, quer dizer, virgem; a palavra moça, no sentido literal, significa mulher jovem, havendo assim uma contradição aparente no termo “moça velha”.

A figura da mulher que “ficou para titia” era ridicularizada pela sociedade, visto que sua condição de “solteirona” não era vista como uma escolha, mas sim como uma rejeição. Ela não conseguiu ser selecionada para aquilo que foi determinado como seu principal papel: o casamento. Parece-nos que algumas dessas mulheres, quando conseguiam se casar, já depois da idade considerada “normal”, casavam-se com viúvos; nesse sentido, encontramos um caso bastante raro de uma mulher que se casou aos 83 anos com um viúvo de 84 anos, em 1970.

Parece-nos que a exigência do casamento para as mulheres fazia com que estas temessem a possibilidade de não se casar. Isso ficou bastante evidente nas entrevistas realizadas. Praticamente todas as depoentes mencionaram o medo feminino ou o seu próprio medo de ficarem “moças velhas”:

(...) Me pelava de medo...Porque “moça velha” antigamente chamava de coroa, ah essa é coroa, “moça velha”, achava tão feio, meu Deus. Eu tinha uma irmã, ela era “moça velha”, ela era muito ranzinza dentro de casa e mamãe dizia oh, menina pelo amor de Deus tu num fica “moça velha” não, como Rosalina por que senão tu vai me matar do coração (*risos*). Parece que era excluída assim, sei lá, todo mundo dizia, ah caduca e tal.<sup>213</sup>

(...) Porque, naquele tempo quando uma moça passava de 25 anos, já tava amansando coruja, era. Quando eu vejo hoje, né? Se eu fosse uma moça hoje eu queria casar? Eu queria minha liberdade de trabalhar. (...) Foi, falou comigo (*o atual marido*), e eu queria, doida pra casar eu tava, (*risos*), com medo de ficar no barrigão. Ai ele com 15 dias, ele veio pra aqui pra Serrolândia e falou, e ai já noivou. Ficou um ano certinho, casamos. Foi pegado assim.<sup>214</sup>

(...) Eu num tive amor, eu tive sofrimento, eu cai num esparro (*situação desfavorável*), eu casei sem gostar. Acontecia muito com os pais, os pais forçava até casar “a pulso”, mas os meus não, eles num queria que eu casasse com o cara que eu casei. Mas tinha uma vizinha da gente que era parente dele que me iludiu, que ele era um bom rapaz que queria casar e que eu já tinha 16 anos, e que ia ficar velha e que as moças nova chegava e que achava que já tava velha, e lá vai levando assim e ai eu dei o pulo de casar. (...) A principal coisa da vida era o casamento, era o que todas queria. Eu casei com medo, medo de ficar “moça velha”. Eu dizia mãe e agora eu vou viver aonde? Ai meu Deus eu desejava ter minha família, e Deus me deu e eu não tenho arrependimento, eu tenho amor aos meus filhos, eu tenho amor a Deus, obrigado.<sup>215</sup>

<sup>213</sup> Entrevista com Vera, em 30.03. 2005.

<sup>214</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>215</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04. 2005.

(...) então eu devia ter esperado mais, mas com aquele negócio, aquele ritual, que parece que sente como um ritual, né? Ah ficar coroa... e tem aquele negócio, medo de ficar coroa (*risos*) e o medo de ficar coroa, e o povo dizer: ah coroa! Então, voltava dizendo: se não casar a tristeza é. Eu me casei com 24 anos.<sup>216</sup>

Apenas duas depoentes que viveram nos anos 1960 em Serrolândia se diferenciaram da maioria em suas falas quanto a esse tema: a primeira, embora tenha assegurado não ter medo de ficar “moça velha”, casou-se muito cedo, com apenas dezessete anos e a segunda, que não se casou, contou um pouco da sua história:

Eu não tinha medo de ficar moça-velha e não me casar, eu não. Eu não tinha medo de nada. Eu era muito assediada, eu não tive tempo de fazer o que eu podia, e também não tinha experiência e tudo. Eu fui boba, eu tinha uma raiva, eu dizia: ah, se eu fosse com as cabeças das pessoas. Mas geralmente é assim mesmo.<sup>217</sup>

E aí o tempo foi passando e eu também levei mais minha vida assim, em festa. Eu gostava muito de dança, de festa e de rir. Quando a gente tava num lugar assim eu chamava todo mundo a atenção porque eu gostava mais assim, é tanto que eu não sou frustrada, num casei mas não sou frustrada.(...) Quando passava de 20 anos já era criticada, agora eu nunca, eu não me importava, eu dizia que eu nem casei e nem tenho inveja de quem casa, nunca tive, eu acho que é por isso que eu nunca tive depressão. Num casei porque também, Alvinho diz assim: você num casou porque você não era apaixonada pra casar, porque quando você quer casar você casa, num tem ninguém ruim pra num casar, num tem feiúra pra pessoa num casar. No meu caso foi uma opção, enquanto eu era bem jovem eu tinha aquela vontade de casar, me apaixonava, depois quando eu vi o outro lado da vida eu achei que casamento não era a coisa mais importante...<sup>218</sup>

O depoimento de Regina é bastante significativo para refletirmos sobre algumas questões. Quando ela enfatiza não ser frustrada, nem ter tido depressão, significa que era provável que mulheres que não se casassem poderiam enfrentar esse tipo de problema, o que reafirma a importância do casamento nessa sociedade. Entretanto, seu depoimento vai na contramão do que se espera de uma “moça velha”: ela não se vê como uma mulher rejeitada, afirmando sua condição de mulher solteira aos 68 anos como uma opção. Em outro trecho da sua entrevista, contou que, quando já estava mais velha, tentaram “arranjar-lhe” um casamento, que ela mais uma vez recusou:

Eu não, eu não quero casar com ele não, ele não é o meu tipo de homem. Nessa época eu tava ensinando corte e costura em Cachoeira Grande, que eu ensinava corte e costura em Cachoeira Grande, Itaitú ali, ali no Canequinho e nas roças, nas fazendas, nas comunidades eu ia ensinar corte e costura. Eu costurava e também ganhava dinheiro porque eu fazia uns cursinho de corte e costura e ai aparecia esses

<sup>216</sup> Entrevista com Celeste, em 12.08. 2005.

<sup>217</sup> Entrevista com Simone, em 05.02. 2006.

<sup>218</sup> Entrevista com Regina, em 12.08. 2005.

casamentos, ai eu dizia não, eu não quero casar com ele não. Ai Iranildo dizia, ah então tu não vai querer casar mais...(...) E ele era uma pessoa boa, mas eu não tinha simpatia, não ia casar por casar, né? Eu não quis casar por casar.<sup>219</sup>

Pertencente a uma família pobre, Regina conseguiu construir uma certa independência financeira, o que provavelmente facilitou sua opção em não se casar. Algumas mulheres em seus discursos desvincularam o casamento do amor romântico, vendo-o como uma possibilidade de adquirir independência em relação aos pais. Uma entrevistada afirmou que, se seu pai tivesse morrido antes de ela se casar, ela planejava comprar uma casa com o dinheiro da herança e assim não precisaria se casar para ter sua própria casa. A própria Regina estabelece essa relação em sua fala:

(...) eu tinha vontade de casar primeiro pra eu ter uma casa, né? Porque a casa da gente, a casa materna é a mãe que resolve, bom, depois que mãe caiu na idade não, eu sentir dona de casa, mas até a idade de 35 anos mãe era quem mandava na casa. Então eu tinha vontade de ter minha casa, de receber meus amigos e ser dona de minha casa e tinha vontade também de ter filhos. Tinha a maior vontade de ter filhos, agora marido, sei lá, parece que num sei por que eu não tive vontade de ter marido, porque pelo fato de eu nunca ter me apaixonado por ninguém eu não tinha aquela vontade de possuir um marido, eu achava lindo uma mãe com os filhos, eu achava a coisa mais importante e acho até hoje.<sup>220</sup>

## 2.2 MULHER: ESPOSA E MÃE

Depois de casada a mulher adquiria um novo papel social, devendo ser uma boa dona de casa, esposa submissa e boa mãe. A imagem da mãe estava relacionada à imagem de Maria, pura, assexuada, bondosa, aquela que é capaz de sacrificar-se constantemente, vivendo em função da família. O amor materno era considerado um dom natural, daí a expressão popular “mãe desnaturada”, usada em Serrolândia ainda hoje, referindo-se à mãe que abandona o lar, deixando os filhos.

Em um processo de desquite judicial (1967), em que a esposa foi acusada de abandono do lar, a fala do advogado do marido refletiu esta concepção: “cuidando da educação do menor, vem (o marido) desvelando no seu *duplo papel*, em vista do abandono a que se viu relegado por uma *imposição materna*” (grifos meus).<sup>221</sup> É enfatizado aqui o “duplo papel” exercido pelo marido abandonado. No discurso do advogado é inaceitável que o pai

<sup>219</sup> Depoimento citado.

<sup>220</sup> Depoimento citado.



cuide do filho, uma vez que esta é uma obrigação materna. O homem é colocado como vítima da irresponsabilidade da mulher, que não cumpriu o seu papel, vendo-se obrigado a assumir um papel que não é o seu.

Nas entrevistas também apareceu a idéia de que as mulheres são naturalmente mais adequadas ao cuidado com filhos. Marinalva considerou “desajeitado” um homem (seu irmão) cuidar das filhas sem a presença da mãe:

(...) Eles se separaram e ele ficou com as filhas, né? Ela entregou as filhas pra Anísio. Então, as meninas, duas crianças com o pai era muito desajeitado, mas a mãe, a mãe mesmo foi quem disse que ela era geniosa e não sei o que. E quem criou as meninas foi Anísio, e minhas irmãs que moravam pertinho, ajudaram criar. E ela foi embora, quando ela tava em São Paulo há muitos tempos, ai a menina Vanda, foi pra companhia dela.<sup>222</sup>

Os discursos de valorização da maternidade se desenvolveram ao longo do século XVIII. Por mais estranho que nos pareça, até esse momento as mães não eram consideradas essenciais para o desenvolvimento e a educação das crianças; essa ligação fundamental entre as mulheres e a maternidade se desenvolveu no bojo do pensamento iluminista<sup>223</sup>.

Segundo Philippe Ariès, a partir do século XVII na Europa os adultos começaram a modificar sua concepção de infância, dispensando-lhe uma nova atenção.<sup>224</sup> As preocupações em torno da criança avançaram ainda mais no século XVIII, quando os altos índices de mortalidade infantil impulsionam a criação de uma nova ordem familiar. Nessa nova ordem burguesa, que instituiu a família nuclear, houve uma grande preocupação com a relação entre mãe e filho. Começava-se a produzir manuais orientando as mulheres da burguesia sobre o seu papel de esposa e mãe, dando-lhes responsabilidade na educação dos filhos. Segundo Sílvia Nunes:

Transformar a mulher em mãe constituiu um processo que determinou uma reformulação profunda da imagem do sexo feminino, imagem característica das sociedades européias até aquele momento, a demandar um apelo à ciência médica, chamada a colaborar para descrever o que seria uma mulher nessa nova versão.<sup>225</sup>

---

<sup>221</sup> APMJ, Processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967.

<sup>222</sup> Depoimento citado.

<sup>223</sup> NUNES, Sílvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 19-20.

<sup>224</sup> ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

<sup>225</sup> NUNES, Sílvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha*. op. cit., p. 21.

No século XVIII, o grande problema em transformar a mulher burguesa em “guardiã da infância”, era convencer a sociedade de que um ser historicamente considerado perigoso poderia se tornar responsável pelo cuidado com as crianças. Ocorreu, de certa forma, uma inversão de valores, na qual se transformou a imagem da mulher diabólica em um ser dócil e sensato; assim, Eva dá lugar a Maria. A mulher, que antes era considerada imperfeita, passou a ser considerada perfeita e adequada a esta função que Deus lhe delegou.

Elizabeth Badinter, ao discutir o amor materno, desconstrói a idéia deste sentimento como inato, visto que ele teria sido naturalizado no mundo moderno; a autora demonstra que, no decorrer da história, a importância desse sentimento variou de acordo com as circunstâncias, sendo, como dito acima, o final do século XVIII o momento em que se desenvolveu um discurso moralizador no qual se construiu um ideal de mãe:

No fim do século XVIII, o amor materno parece um conceito novo. Não se ignora que esse sentimento existiu em todos os tempos, se não todo o tempo e em toda parte (...) Mas o que é novo, em relação aos dois séculos precedentes, é a exaltação do amor materno como um valor ao mesmo tempo natural e social, favorável à espécie e a sociedade.<sup>226</sup>

A naturalização do amor materno impôs às mulheres um modelo de abnegação e resignação, característico da “santa”, o que pode ser percebido nas comemorações do “Dia das Mães”, que ainda representam uma glorificação dessa mulher. Em um conhecido poema, muito utilizado nas comemorações em Serrolândia, apareceu representado esse ideal:

Ser mãe

Ser mãe é desdobrar fibra por fibra  
O coração! Ser mãe é ter no alheio  
lábio que suga, o pedestal do seio,  
onde a vida, onde o amor cantando a vibra.

Ser mãe é ser um anjo que se libra,  
Sobre um berço dormindo! É ser anseio,

é ser temeridade, é ser receio  
é ser força que os males equilibra!

Todo bem que não goza é bem do filho,  
espelho em que se mira afortunado  
luz que lhe põe nos olhos novo brilho

Ser Mãe é andar chorando num sorriso!

---

<sup>226</sup> BADINTER, Elizabeth. “Um novo valor: o amor materno”. In *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985. pp. 145-146.

Ser mãe é ter um mundo e não ter nada!  
Ser mãe é padecer num paraíso!<sup>227</sup>

Em Serrolândia, para uma mulher casada era difícil fugir deste modelo, uma vez que o controle social sobre ela era maior, sendo o seu comportamento submetido à vigilância de toda a sociedade. Isso foi observado na leitura de processos judiciais da Vara de Família entre as décadas de 1960 e 1980, dos quais destacamos alguns a seguir.

Duas histórias encontradas nos processos judiciais nos chamaram a atenção devido à agressividade contra a mulher presente nos discursos. Em 1967, um processo de desquite judicial<sup>228</sup> foi movido contra o prefeito da cidade por sua esposa. Maria da Conceição Silva, alegou ter sido maltratada e caluniada por Osvaldo dos Santos durante o tempo em que estiveram casados, sendo expulsa do “lar conjugal”, o que a fez reivindicar o desquite judicial. Diz ter sido ameaçada por seu marido após tê-lo denunciado à Justiça Eleitoral por possuir dois títulos de eleitor (um de Serrolândia e outro de Queimadas) e segundo o advogado dela, ele teria ficado detido por dois meses quando foi feita a denúncia. A informação a respeito da denúncia e da prisão do acusado foi confirmada por uma depoente, que disse ter sido amiga do casal e esclareceu que ele ficou em prisão domiciliar.<sup>229</sup>

O marido contestou a ação movida por ela e pediu a reconvenção, desmentindo-a e acusando-a de “ébria contumaz”, adúltera e prostituta. Vejamos alguns trechos do discurso do advogado. Ele queria se desquitar:

(...) de uma mulher a quem falecem os mínimos requisitos indispensáveis a uma esposa, (...) vem procedendo de modo reprovável, traindo o esposo e residindo em lugares condenados pela moral e bons costumes. Em verdade, a suplicante tem vendido por preço vil a sua honra, entregando-se ora a um ora a outro, uma verdadeira Messalina.

Aqui aparece a imagem da “antiesposa”. É provável que acusá-la de prostituta e infiel fazia parte da tentativa de desqualificá-la como esposa, transformando o homem, acusado de agressor, em vítima: “(...) atualmente (...) vive nos bordéis da capital paulista, dando largas ao seu temperamento lascivo, livre finalmente das convenções sociais que aqui em nossa zona acanhada, poderia obstacular o destino que escolheu”.

<sup>227</sup> Poema de Coelho Neto, publicado no Diário da Bahia, em 07.02.1901.

<sup>228</sup> APMJ, Processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967. Todas as citações desta página até a página 102 referem-se a este processo.

<sup>229</sup> Entrevista com D. Maria, em 06.05. 2005.

Ao destacar o “temperamento lascivo” da mulher, o advogado retomou o discurso da mulher naturalmente destinada à tentação, a descendente de Eva. As convenções sociais de uma pequena cidade serviriam para reprimir seu instinto libidinoso e impedi-la de cumprir seu destino.

Na defesa de Maria da Conceição Silva, acusada de não cumprir o seu papel de esposa, seu advogado usou argumentos para tentar comprovar a sua “honestidade”. Chamando de “novela de aldeia” e considerando “falsas suposições” os argumentos colocados pelo seu colega a respeito dela, ele informou que ela foi para São Paulo por não poder sobreviver aqui e lá vive, “HONESTAMENTE, empregada numa fábrica de plástico (...) vive humildemente, enquanto ele goza dos prazeres de chefe político, recebe visitas de ‘jovens princesas’ à noite”.

Os depoimentos das testemunhas do marido não se diferenciaram muito do discurso do advogado no que se refere ao papel da mulher nesta sociedade. Sobre ela:

J. M. J.: “ouviu dizer (...) que ela foi para São Paulo com J. M. e que bebia muito (...) deixou o lar conjugal”

V. M. M.: “... não sabe propriamente o motivo do abandono do lar por parte da autora, mas acha que se trata de mulher de vida irregular, uma vez que, saiu do seu lar para lugar ignorado, em companhia de outro homem.”

R. M. L.: “...não tinha vida regular de uma senhora casada, porque fazia compra de cachaça em bares e as deixava para que o marido as pagasse.”

V. D. S.: “...se valia de seu próprio filho menor, para comprar bebidas alcoólicas nos bares para seu marido pagar.”

Nos cinco depoimentos, de testemunhas do sexo masculino, percebemos uma certa uniformidade nos discursos. Provavelmente treinadas pelo advogado, as testemunhas confirmaram as mesmas informações, porém nenhuma delas afirmou ter presenciado os fatos relatados. Geralmente baseiaram-se no que ouviram dizer, emitindo opiniões subjetivas.

Por ser um fato que envolveu a vida íntima de um chefe político, é provável que esta história tenha gerado um grande escândalo numa cidade pequena, adquirindo um cunho político. Observamos que a relação das testemunhas apresentadas por ela é de inimigos políticos dele, tendo uma delas tornado-se prefeito depois. Estas testemunhas não chegaram a ser ouvidas, pois Maria da Conceição Silva desistiu do processo, não comparecendo à audiência final.

Na tentativa de investigar a repercussão que essa história teria causado na cidade, consultei as atas da Câmara de Vereadores do período estudado, mas não encontrei qualquer menção ao fato ocorrido, embora existissem no período dois grupos políticos em disputa.

O juiz julgou improcedente a ação de desquite nos termos propostos por Maria da Conceição, e procedente a reconvenção para decretar o desquite do casal solicitado por Osvaldo dos Santos. Sendo assim, ela perdeu o nome de casada, a guarda do filho e foi condenada a pagar os honorários do advogado dele. Observemos o que diz a sentença:

Ementa: “a mulher casada que abandona o lar conjugal em companhia de amante, incide no preceito do artigo 317, III Código Civil, justificando-se o pedido de desquite do marido em reconvenção cuja procedência se impõe ante a prova dos autos”.

É difícil chegarmos a certas conclusões a respeito desse processo, já que ele foi, interrompido pela ausência de uma das partes (a mulher), impossibilitando-nos saber qual teria sido o resultado final, caso Maria da Conceição não tivesse desistido. Entretanto, a própria desistência é significativa, quando pensamos que ela própria iniciou o processo, sendo provável que sua desistência esteja relacionada ao fato de que tenha percebido a impossibilidade de ter um resultado favorável. Outra hipótese é a de que tenha desistido por falta de condições financeiras, pois não seria fácil lutar contra um homem que tinha poder político e condição financeira bem melhor que a sua. O seu advogado afirmara que ela “vive humildemente, enquanto ele goza dos prazeres de chefe político”.

Parece-nos impossível analisar este fato sem levar em conta sua dimensão política. Um prefeito eleito pelo partido mais conservador (ARENA) e associado ao governo militar, em uma região em que as práticas coronelistas eram (ou ainda são) tão comuns, dificilmente deveria ser desafiado por qualquer pessoa, particularmente por uma mulher, visto que a perseguição política era uma prática corrente nesta sociedade. Podemos imaginar, portanto, o quão grave seria ser afrontado pela própria esposa, pois não deixa de ser uma ousadia para uma mulher, na década de 1960, fazer uma denúncia contra o próprio marido, prefeito da cidade, levando-o à prisão.

Outro processo, muito extenso e interessante trata de uma Investigação de Paternidade, de 1968<sup>230</sup>, encaminhado por uma mulher contra um homem com o qual viveu aproximadamente sete anos (existem controvérsias no processo) e teve três filhos, que nunca foram reconhecidos por ele, apesar dos dois terem sido casados no religioso. Ao encaminhar o processo, ela já se encontrava casada civilmente com outro homem, residindo em Senhor do Bonfim.

Na versão de Raquel Santana, autora do processo, ela teria sido seduzida por João Rodrigues, em 1949, quando morava em Mundo Novo, em companhia dos pais. Casaram-se no religioso um ano depois, em Itapeipu (município de Jacobina), “enfrentando a oposição da família” dela. Viveram juntos de 1950 a 1956, e tiveram três filhos. Até 1956 ele sustentava a família, quando, “(...) deixou de viver com a depoente não fornecendo mais os meios de subsistência (...)”. A partir daí, ela passou a ser sustentada, juntamente com os filhos, pelo irmão do acusado, quando tentou inutilmente a reconciliação, procurando apoio dos pais dele.

João Rodrigues contestou a ação através do seu advogado, que se manifestou de forma veementemente ofensiva contra Raquel Santana. Eis um trecho da contestação:

Conhecera uma hetaira astuciosa e audaz cortesã que vivia em Mundo Novo em patente poliandria, não em casa dos pais que jamais residiram lá, mas nos precários lupanares da cidade. Jogada na sarjeta da vida, cheia de moléstias adquiridas no mais vil bas fond daquela urbe (...) trouxe-a como sua concubina, na esperança de poder transformar aquela alma vil de bagaxa vulgar numa mulher honesta.

Com o intuito de desmentir totalmente a versão da autora, o advogado apresentou uma história novelesca, que procuraremos descrever aqui: João Rodrigues teria encontrado Raquel já grávida do primeiro filho, quando a tirou “dos precários lupanares da cidade” com a intenção de transformar uma prostituta numa “mulher honesta”. Sua tentativa foi inútil, pois descobriu mais tarde que sua “concubina” o traía, aproveitando sua ausência, já que ele era motorista e viajava, ficando fora por alguns dias: “(...) na sua ausência mandava brasa (...) A traiçoava o peticionário de todas as maneiras, dando evasão ao seu instinto poliândrico (...) insaciável concubina (...) mantinha relações íntimas e pecaminosas com o atual marido”.

Certa vez, após tentar suicídio “ateando fogo às vestes”, ela lhe confessou que os filhos não eram dele. Mesmo sabendo da traição, João deu-lhe novamente uma chance de redimir-se: “(...) o réu, humanamente, chamara a atenção dela, conformando-se com tudo e, pedindo que, daquela época em diante, fosse honesta e compreensiva”. Apesar do perdão do marido, Raquel continuou a traí-lo, tentou matá-lo com um punhal e finalmente fugiu com seu amante, que mais tarde se tornaria seu marido, levando junto os filhos. Além deste, ela possuiria outros amantes em Serrolândia: “Entre estes, figura Juvêncio Silva coagido pela infiel amante a com ela casar-se. Não fosse a consideração que Juvêncio dispensava ao réu, ter-lhe-ia tomado a volúvel concubina”.

---

<sup>230</sup> APMJ, Processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, 1968. Todas as citações desta página até a página 106 se referem a este processo.

Além de investir na destruição da imagem da ex-mulher do seu cliente, o advogado ainda tentou desqualificar seus filhos, “frutos da traição de sua mãe”. Não pode deixar de “salientar que uma investiganda (filha) vive atirada ao mundo, visitando lupanares e procedendo irregularmente enquanto outro deles mora no bas fond onde fuma maconha, joga, não trabalha (...)”.

As palavras usadas por este advogado, referindo-se à autora do processo, nos remetem aos discursos misóginos dos teólogos medievais. A mulher-demônio, descendente de Eva, perigosa e poderosa, aparece na construção de um contra-ideal à esposa-mãe; trata-se da mulher “astuciosa”, “audaz”, “alma vil”, capaz de enganar aquele que lhe estende a mão, dando-lhe a oportunidade de regenerar-se. O “instinto poliândrico” de “insaciável concubina” torna-a naturalmente destinada ao pecado, dada ao crime, atentando contra a própria vida e a de quem foi capaz de tudo perdoar-lhe. Esta imagem parece-nos próxima da “degenerada nata”, discutida por Margareth Rago ao analisar o discurso médico e jurídico do século XIX, que relacionava a prostituição com hereditariedade e destino.<sup>231</sup> Para reforçar a idéia de natureza má, o advogado também investiu contra o caráter dos filhos de Raquel pois, ao defini-los como “frutos da traição da sua mãe”, insinuou uma depravação hereditária.

Em *Os Prazeres da Noite*, Rago analisa o discurso de médicos e juristas do século XIX em relação à prostituta. As teorias científicas surgidas na Europa e reproduzidas no Brasil pelos médicos atestavam a inferioridade da mulher, considerada biologicamente mais frágil que o homem. A prostituta era vista como “mulher anormal”, “delinqüente nata”; em contrapartida, para estes a “mulher normal” tem baixa necessidade sexual, pois seu instinto materno a leva a fazer sexo apenas para procriar. A prostituição era vista como uma alteração do “quadro normal” da mulher. Ao mesmo tempo em que culpavam a prostituta pela prostituição, desenvolveu-se um ideal de mulher divinizada, pura, vista como altruísta, disciplinadora da sociedade. As dicotomias Eva / Maria, prostituta / santa aparecem novamente. No discurso jurídico, a prostituição era vista como hereditariedade e destino. Rago destaca a importância do pensamento de Cesare Lombroso na construção desse discurso, para quem há uma diferença genética entre a “mulher normal” e a prostituta, esta sendo vista como uma “mulher inacabada”, louca moral, criminosa, comparada ao louco mental na sua identidade psicológica.<sup>232</sup>

---

<sup>231</sup> RAGO, Margareth. *Os prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 142.

<sup>232</sup> Idem, ibidem. Ver parte II, cap. 3.

Na construção da imagem da mulher-demônio, o homem apareceu nesse processo como oposto, considerado vítima de sua astúcia. Exemplo de resignação, ao aceitar passivamente a traição, ele se enquadraria na figura popular do marido traído, considerado nessa sociedade como o que havia de mais degradante para um homem. De toda a história apresentada pelo advogado, talvez este seja o ponto com menor possibilidade de convencimento. Parece-nos difícil imaginar que um homem, vivendo em uma cidade tão pequena, em que os valores machistas eram predominantes, no início da década de cinquenta, aceitasse se casar (na Igreja) com uma prostituta grávida. Mais inacreditável ainda é, depois disso, aceitar uma traição tão evidente, segundo ele próprio, expondo-se ao ridículo.

É interessante notar que o advogado da mulher se utilizou do mesmo discurso dicotômico (Eva / Maria, prostituta / santa), porém, tentou inverter a imagem da mulher, colocando-a como exemplo de virtude e bom comportamento. De acordo com as testemunhas dela:

A. O.: “...quando iniciou o namoro com ele, era uma *moça honrada e de família*’ (...). Que ela conheceu o atual marido ‘depois que já tinha se separado de João (...) ela tem procedimento correto (...) nunca soube que ela mantivesse relações amorosas com outra pessoa.” (Grifo meu)  
 E. M. (irmão do acusado): “...que o procedimento de Raquel é exemplar (...) que L.M considerava os meninos como filhos (...) que não é inimigo do irmão”  
 J. F. M.: “... não sabe fato que venha desabonar a conduta dela, no que diz respeito à sinceridade conjugal”.

Por ter sido apresentada uma história tão fantasiosa pelo advogado do ex-marido, tornou-se difícil a comprovação dos fatos. Os depoimentos de suas testemunhas não confirmaram quase nenhuma informação e o próprio acusado não conseguiu manter a versão levantada pelo advogado, recusando-se inclusive a ser fotografado ao lado dos supostos filhos. Vejamos alguns trechos destes depoimentos. Depoimento Pessoal de João Rodrigues:

(...) que desta união o depoente teve com Raquel Santana três filhos (...) tem motivo para desconfiar da fidelidade (...) porque ela saía em viagem com pessoas desconhecidas, do sexo masculino (...) Em Serrolândia o povo fala muito da infidelidade de A A S (...) Em Itapeipu ouviu falar uma coisinha de A A S (...) não era uma mulher de vida, mas não era mais virgem.

Testemunhas dele:

L. J. S.: “...*é uma mulher honesta*, mas havia muito boato na rua contra ela (...) acusavam a autora de ser infiel a ele” (Grifo meu)  
 D. A. O.: “...ouvia falar que ela era infiel a João Rodrigues...”  
 A. R. R.: “...o comentário de alguém é grande (...) comentavam sobre sua infidelidade, porque a mesma hospedava pessoas. (...) Em Serrolândia se comenta que as crianças têm outro pai (...), a saber, destes fatos por conversas de rua”



B. P. M.: “...lá em Serrolândia o povo fala muito que Raquel não era fiel a João”.

É interessante notar que, como no outro processo, as fontes de informação dos depoentes são vagas. Os depoimentos demonstram insegurança nas afirmações e até uma defesa de Raquel como “mulher honesta”, baseados sempre em “ouvir dizer”, “o povo falava”, o que está presente no próprio depoimento do acusado. Sem dúvida alguma, isto influenciou no resultado da sentença, assim como as provas apresentadas pela acusação. Relacionamos aqui algumas delas: atestado comprovando que a filha estuda em escola religiosa, em regime de internato e que tem bom comportamento (assinado pela mãe); comprovante de pagamento do Colégio do filho; atestado do Promotor de Justiça, comprovando residência dos filhos e abaixo-assinado de pessoas influentes de Senhor do Bonfim: prefeito, delegado, comerciantes, profissionais liberais e fazendeiros, com o seguinte teor: “Conhecemos há muito tempo Dona Raquel Santana, e sempre foi uma pessoa de princípios, com procedimento correto e honrado, jamais praticando atos reprovados pela moral e bons costumes. Estamos prontos para depor se necessário (...)”.

O resultado da sentença judicial favorável a ela não nos surpreende, confirmando a paternidade dos filhos e obrigando o pai a pagar pensão para estes. O acusado recorreu da sentença, porém não acrescentou nenhum dado novo, não tendo assim muita chance de inverter o resultado a seu favor. Seu advogado insistiu no mesmo discurso:

voluptuosa que sempre foi (...) o bom senso não admite a alegação que A.A.S., com três filhos, estivesse *prendamente* em sua casa, *possuída de virtudes essencialmente femininas*, com candura angelical, e F. M. S. viesse e dela solicitasse a mão em casamento. (Grifo meu)

A “degenerada nata” reaparece. Neste discurso uma mulher considerada “voluptuosa” não poderia, de repente, se transformar numa “mulher normal”. A sentença final dada pelo juiz, novamente em favor da autora do processo, baseou-se no mesmo referencial da mulher honesta. A vitória de Raquel foi provavelmente facilitada pelo fato de seu advogado ter conseguido construir um discurso fundamentando sua “honestidade”, enquanto o outro se perdeu em contradições. A fala do Juiz reproduziu esse mesmo discurso; na argumentação da sentença, retomou todas as falas que procuravam comprovar a honestidade da autora, além de reforçar a idéia da normalidade, considerando impossível para um homem casar-se com uma prostituta e continuar vivendo com esta depois de traído: “(...) não se pode conceber que um

*homem normal* tendo certeza da infidelidade da companheira continuasse vivendo com a mesma (...) deixando que ela o abandone sem antes fazê-lo”. (grifo meu).

É muito provável que Raquel Santana não tivesse conseguido reunir as provas e as testemunhas que conseguiu, nem obtido o mesmo resultado da sentença, se estivesse sozinha, sem a proteção de um homem, com certo prestígio social, sendo este mencionado pelo seu advogado como “um homem de caráter e destaque”, o que não ocorreu com a personagem do processo de desquite judicial, analisado anteriormente. O prestígio social que ela adquiriu ao casar-se judicialmente com este homem pode ser notado tanto na comprovação de que seus filhos estudavam em escolas particulares caras, como as Sacramentinas, como também pelo fato de ter conseguido reunir assinaturas das pessoas mais influentes de Senhor de Bonfim, inclusive do prefeito.

É relevante notar aqui a predominância masculina nos dois processos. Além dos advogados, do juiz (que é o mesmo nos dois processos), e dos promotores, todas as testemunhas são do sexo masculino: a mulher vista pelo olhar masculino. Por ser uma cidade muito pequena, Serrolândia não contava com advogados, obrigando as pessoas a recorrerem aos serviços dos “doutores” de Jacobina, cidade de médio porte mais próxima. Nos processos analisados aqui, os dois advogados, que em um defende a mulher e no outro acusa, são os mesmos, e utilizaram o mesmo tipo de discurso. Nestes é possível perceber uma influência das idéias de Lombroso, que embora tenham chegado ao Brasil no século XIX ainda influenciavam o discurso jurídico da segunda metade do século XX em Serrolândia.

Dos vinte processos de Desquite, Separação e Divórcio litigiosos<sup>233</sup>, referentes às três décadas pesquisadas, as mulheres envolvidas foram acusadas de adúlteras em seis deles e em nove os maridos afirmaram que suas esposas “abandonaram o lar conjugal”. Independente de essas acusações serem verdadeiras, o que nos interessa aqui é pensar que apontar as mulheres como infiéis e irresponsáveis fazia parte de um discurso que poderia favorecer os homens nos tribunais. Como nos processos de Sedução (tratados no primeiro capítulo deste trabalho), a “melhor fábula” provavelmente traria o melhor resultado.

Não apenas nos anos 1960 foi possível observar discursos agressivos contra as mulheres nos processos judiciais de Serrolândia. No final dos anos 1970 e na década de 1980, em que algumas mudanças já estavam ocorrendo na sociedade serrolandense, ainda

---

<sup>233</sup> Em processos de Desquite Amigável ou Separação e Divórcio Consensuais os cônjuges dão entrada na justiça em comum acordo; nos não consensuais ou litigiosos o pedido é feito por um cônjuge contra o outro, tendo para o efeito de invocar um motivo. São fundamentos de divórcio litigioso a violação culposa de qualquer um dos deveres conjugais ou a ruptura da vida em comum.

identificamos representações sobre as mulheres que se aproximavam das construções dicotômicas Eva x Maria, prostituta x “santa”.

O processo de Divórcio de 1979<sup>234</sup> traz uma história que ocorreu no final dos anos 1940. Zulmira Oliveira entrou com o pedido de Divórcio com a intenção de solicitar a divisão dos bens que o casal possuía, pois disse “viver na miséria, enquanto ele (Juvêncio Moreira, seu “ex-marido”) vive bem”. Ele contestou a ação pedindo assistência gratuita, apresentando inclusive atestado de pobreza. De acordo com Juvêncio Moreira, a vida em comum durou apenas três anos, segundo ele “isso a autora silenciou, pois faz parte do seu passado infame...”. De acordo com sua versão, a sua “ex-mulher”:

(...) em data de 10.04.1940 fugiu, aproveitando-se da ausência do seu esposo, que encontrava-se em viagem, deixando em completo abandono as três crianças (de 12, 10 e 5 anos), partindo para lugar desconhecido na companhia de um tal de “Miro” (tropeiro). Além de abandonar o lar, os filhos menores, o esposo, *a confiança que lhe atribuíam às pessoas*, além disso a autora dera o maior desfalque de que se teve notícia: vendeu móveis do casal, carregou utensílios, danificou objetos em casa e uma série *diabolices* foram por ela praticadas... (Grifos meus).

Ao longo do processo ele negou a informação dada por ela de que era comerciante próspero em Serrolândia, afirmando ter apenas uma terra que segundo ele “não dá lucro”. Ao justificar por que nunca colaborou com o sustento dos filhos (não fica claro por que os filhos estariam com ela se ele mesmo afirmou que ela os abandonou) ele a acusa de prostituta:

(...) não seria tarefa muito fácil (*nem moralmente aconselhável*) o requerido, vítima de tão degradante infâmia sair de cidade em cidade, de *meretrício em meretrício, de bordel em bordel*, inquirindo, pesquisando, procurando localizar aquela pessoa que lhe abandonara o lar, a família os filhos menores para colaborar, com a sua subsistência... (Grifos meus).

Em outro trecho do processo, novamente ele se defende apontando-a como “mulher de vida decaída”:

Hoje envelhecida que se encontra, imprestável para o exercício da “profissão” de mulher de vida decaída, tenta a autora lançar a culpa do seu infortúnio ao requerido, que não se casou com ela com o intuito de prepará-la para essa “profissão ou arte” por ela abraçada.

---

<sup>234</sup> FJC, Processo de Divórcio, nº 4177, 1979. Todas as citações desta página até a página 108 referem-se a este processo.

Esses discursos se aproximam muitos das falas presentes nos processos da década de 1960, analisados acima. Podemos perceber que existia uma espécie de “fórmula” jurídica que se repetia constantemente no que se referia às representações femininas. A associação das mulheres com a prostituição e a acusação delas como sendo “mães desnaturadas”, que abandonam os filhos para fugir com outro homem é corriqueira nos processos analisados. Nesse caso específico parece-nos que a principal questão era a preocupação do marido em não dividir os bens do casal, sendo por isso necessário afirmar sua pobreza e se dizer “surpreendido por ela se dizer pobre, mas contratar advogados tão caros”.

Em 1986, Amália Cunha encaminhou processo de Separação Judicial Litigiosa<sup>235</sup> contra seu marido Álvaro Lima, alegando que ele a proibia de sair de casa, “verdadeiro cárcere privado”; por ela não aceitar a proibição, ele levou uma de suas filhas para casa da mãe dele. O marido contestou a ação afirmando que:

Estão de acordo com a partilha dos bens, havendo apenas a alegação *de adultério continuado da esposa, cuja conduta social lhe tiraria a condição moral para guarda e manutenção dos três filhos menores do casal,*(...) que encontram-se com ele há vários meses, por que a autora os abandonou para fazer as suas costumeiras farras por diversas localidades. (Grifos meus)

Embora ele assegure não haver divergências quanto à partilha, no processo consta que houve “briga” do casal pelos bens, chegando a haver uma solicitação da prisão de Álvaro por parte de Amália, alegando que ele não havia pago sua parte. Ele foi intimado e se recusou a assinar a intimação, mas finalmente ocorreu a audiência final que garantiu a divisão dos bens, sendo a guarda dos filhos dada para o pai. A declaração de um vizinho que testemunhou em favor dele provavelmente contribuiu com essa decisão: “Tenho presenciado a conduta irregular da ex-esposa (...) que só vive viajando pela redondeza, nas festas, à noite (...) filhos são cuidados pelo pai”.

O adultério e o abandono do lar são novamente citados pelos advogados nesse processo. Mas o que é enfático aqui é a associação da mãe com um modelo de mulher, “bem comportada” que deveria viver em casa, cuidando dos filhos e do marido; dentro dessa visão uma mulher que viajasse, freqüentasse festas, saísse durante a noite ou tivesse cometido o adultério não teria condições morais de cuidar dos filhos. Os pais que conseguiam a guarda dos filhos geralmente passavam essas crianças para avós ou tias paternas cuidarem, sendo

---

<sup>235</sup> FJC, Processo de Separação Judicial Litigiosa, nº 10.680, 1986. Todas as citações desta página até a página 109 referem-se a este processo.

raros os casos em que eles mesmos se dispunham a “tomar conta” dos filhos. Essa prática estava relacionada às representações sobre maternidade e paternidade, segundo as quais era atribuído exclusivamente às mulheres o cuidado com os filhos, no entanto não a qualquer mulher, apenas àquelas que se comportassem de acordo com o que se esperava de uma “mulher-mãe”.

A tabela abaixo apresenta dados sobre a guarda dos filhos nos processos de Desquite, Separação e Divórcio entre os anos 1960 e 1980 em Serrolândia:

**TABELA 6 - GUARDA DOS FILHOS POR TIPO DE PROCESSO<sup>236</sup>**

<b>Guarda dos filhos</b>	<b>Divórcio</b>	<b>Divórcio Consensual</b>	<b>Separação Judicial</b>	<b>Separação Consensual</b>	<b>Desquite Amigável</b>	<b>Desquite</b>	<b>Total</b>
Mãe	6	2	2	2	0	2	<b>14</b>
Pai	2	0	1	0	0	2	<b>5</b>
Pai / Mãe	0	0	0	1	1	0	<b>2</b>
Avós/Familiares	0	0	0	3	0	0	<b>3</b>
Filhos maiores	1	1	0	0	0	0	<b>2</b>
<b>Total</b>	<b>9</b>	<b>3</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>1</b>	<b>4</b>	<b>26</b>

Fontes: Fórum Jorge Calmon e Arquivo Público Municipal – Jacobina/BA

Como visto na tabela acima, 14 mães, ou seja 53,8 % das mulheres obtiveram a guarda dos filhos nos processos de separação, enquanto apenas 19,2 % dos pais a conseguiu. Como discutido anteriormente, provavelmente a maioria deles não reivindicava esse direito, visto ser este um direito considerado natural das mulheres. A guarda permitida para avós, familiares, ou dividida entre pais e mães só apareceu nos processos consensuais, já que seria necessário um acordo entre as partes para que esse tipo de situação fosse possível. Em um dos casos em que a guarda foi dada para pais e mães, houve uma separação dos filhos, sendo que alguns ficavam com o pai e os outros com a mãe; no outro processo com o mesmo resultado sobre a guarda, foi determinado que os filhos deveriam passar um tempo com cada um dos seus genitores.

A leitura dos processos judiciais de Desquite, Separação e Divórcio dos anos 1960 aos 1980 indicou que algumas mulheres em Serrolândia se recusavam a assumir o papel de esposa e mãe, tão esperado delas, tendo um comportamento considerado antinatural. Ficou evidenciado nos processos analisados e em algumas entrevistas que o adultério, termo utilizado apenas para os romances extraconjugais femininos, era o que havia de mais condenável para uma mulher nessa sociedade. Ela passava a ser considerada um ser destruidor da família, ao profanar o sacramento matrimonial. Percebemos a gravidade desse “pecado”

nos discursos das próprias mulheres. Vejamos parte de uma entrevista com uma ex-prostituta: “(...) o mundo de hoje tá perdido, minha filha, as mulheres não tem mais vergonha, arranja outro (...) eu me orgulho de nunca ter sujado um sacramento”.<sup>237</sup> Quando a depoente demonstrou orgulhar-se de “nunca ter sujado um sacramento”, pareceu-nos que, para ela, o adultério era mais grave que a prostituição, visto que a prostituta assume o seu papel, enquanto a mulher adúltera está subvertendo o seu.

Ao abordar a discriminação contra mulheres acusadas de adultério, Marinalva questionou o tratamento diferenciado dado a homens e mulheres:

Ave, ninguém queria conta, isolada, isolada. Agora os homens só não trazia pra dentro de casa por que... Ate hoje, os homens, porque eu não sei, porque o mesmo sacramento que a mulher recebe ele recebe, o mesmo juramento que um faz o outro faz, e os homens podem fazer e as mulheres não podem. Ate hoje, dizem ah é homem, limpa o nome. E a pobre da mulher fica com aquilo.<sup>238</sup>

Algumas mulheres autoras ou requeridas nos processos não pareciam estar preocupadas com a acusação de “mãe desnaturada”, a exemplo de Ubaldina Gonçalves, que foi ré no processo de Ação de Divórcio<sup>239</sup> encaminhado por Pedro Gonçalves em 1990. Segundo ele “quando a mulher se separou deixou a filha mais nova com seis meses, que o motivo da separação é de que sua mulher só vivia em salão de beleza e dizia que queria curtir e assim o fez abandonando o lar...”. Ela não compareceu a nenhuma audiência, sendo deferido o pedido em favor do homem. “Fábulas jurídicas” à parte, essas mulheres subverteram uma ordem estabelecida.

### **2.3 “MULHERES LARGADAS”: DESQUITES, SEPARAÇÕES E DIVÓRCIOS EM SERROLÂNDIA E AS CONSEQÜÊNCIAS PARA MULHERES E HOMENS**

O número de processos de Desquite encontrados na década de 1960 foi muito pequeno, tendo sido localizado somente um de Desquite Amigável, de 1966, e dois de Desquite Judicial, de 1967, tendo um deles já sido analisado aqui. Encontramos apenas um

---

<sup>236</sup> Apresentamos dados de apenas 26 processos dos 40 pesquisados, visto que 10 casais não possuíam filhos e em 04 processos não consta informações sobre a guarda de filhos.

<sup>237</sup> Entrevista com Joana, em 25.11.1998.

<sup>238</sup> Depoimento citado.

processo de Investigação de Paternidade e dois de Ação de Alimentos, neste mesmo período, o que nos leva a perguntar se nesta sociedade os homens costumavam sempre assumir a responsabilidade paterna no sustento dos filhos<sup>240</sup>. Acreditamos que essa não seja a causa do pequeno número de processos. É provável que as mulheres não procurassem a justiça com muita frequência. Não é difícil imaginar as razões disso, se lembrarmos a desmoralização a que estavam submetidas as que recorriam a um processo judicial, expondo-se a todos os tipos de acusação, como visto acima. Além disso, a grande maioria tinha dificuldade em arcar com os custos judiciais.

No caso dos desquites, o pequeno número de processos encontrados indica que esta não era uma prática muito comum na sociedade analisada. Para a mulher não era fácil separar-se, levando em conta que a maioria dependia economicamente do marido; além disso, ela perderia o status de “mulher casada”. A mulher separada era chamada de “mulher largada”, o que dá a idéia de abandono. Para se manter como uma “mulher direita” era exigida dela a castidade e o bom comportamento, pois parecia que ela representava uma ameaça constante às outras mulheres, a eterna Eva. De acordo com Marinalva:

Tinha preconceito e tem até hoje algum tem, viu? Porque uma mulher separada se ela der uma risada, ou ficar meio assim, todo mundo acha que é porque ela não tem um marido, é essa coisa. E permaneceu até hoje, eu acho que se eu fosse separada eu não podia sair não (*risos*), eu gosto muito de dá risada e prosar. (...) Alguém achava que ela é separada do marido: cuidado! (*risos*). Quando se reunia, todo mundo conversando naquela, brincando, quando chegava: ela é separada do marido, tem cuidado não? Avisando, né?<sup>241</sup>

Nos registros de casamentos não encontramos nenhum caso de pessoas desquitadas ou divorciadas que voltaram a se casar nas décadas de 1960 e 1970. Apenas na década de 1980 foram encontrados sete casos de homens divorciados que voltaram a se casar. No entanto, encontramos apenas uma mulher nesta mesma condição, que se casou com um homem também divorciado. Estes dados nos indicam que era muito mais difícil para as mulheres separadas voltarem a se casar do que para os homens; entretanto, os homens separados também sofriam algum tipo de preconceito, como vimos na entrevista com Geraldo, em que ele narrou a história do seu pedido de casamento à segunda esposa:

---

<sup>239</sup> FJC, Processo de Divórcio, 1990.

<sup>240</sup> Alberto Heráclito Ferreira Filho discute a responsabilização atribuída exclusivamente às mulheres na criação dos seus filhos, apontando a sua origem nas instituições e dinâmica escravistas. Ver FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003, p. 20.

<sup>241</sup> Depoimento citado.

Quando eu fui falar casamento era um dia de chuva, eu avisei a eles (*a família da sua namorada*) que eu ia lá, né? (...) ai fui lá falei com ela e Dona Joana, mãe dela, e eu fui lá na casa e falei com ela, a velha disse: eu num sou muito amigo desse casamento não, o senhor já foi casado, tal. Mas eu fui casado com uma moça paulista, ela nem fica aqui. Ai depois sei que a gente casou e tamo até hoje e vamos ficar velhinho. E tamo vivendo graças a Deus e vamos viver até o fim da vida, com fé em Deus.<sup>242</sup>

Para combater o preconceito da futura sogra, Geraldo usou como argumentou o fato da sua ex-esposa não morar na cidade, o que provavelmente diminuiria as pressões contra seu casamento com sua atual esposa.

A tabela abaixo apresenta índices do Estado Conjugal dos serrolandenses obtidos nos Censos de 1970, 1980 e 1991:

**TABELA 7 – ESTADO CONJUGAL, POR SEXO<sup>243</sup>**

Ano do Censo	Casado	Solteiro	Viúvo	Separado	Desq. / Divorc.	Sem dec.	Totais
1970 Masc	3.117	1.630	51	35	-	-	4.833
1970 Masc %	64,49	33,73	1,06	0,72	-	-	100
1970 Fem	3.093	1.464	347	259	-	-	5.163
1970 Fem %	59,87	28,34	6,72	5,01	-	-	100
1970 Total	6.210	3.094	398	294	-	-	9.996
<b>1970 Total %</b>	<b>62,11</b>	<b>30,94</b>	<b>3,98</b>	<b>2,94</b>	-	-	<b>100</b>
1980 Masc	3.657	1.863	70	44	02	59	5.695
1980 Masc %	64,21	32,71	1,23	0,77	0,04	1,04	100
1980 Fem	3.614	1.604	355	266	-	191	6.030
1980 Fem %	59,93	26,60	5,89	4,41	-	3,17	100
1980 Total	7.271	3.467	425	310	02	250	11.725
<b>1980 Total %</b>	<b>62,01</b>	<b>29,57</b>	<b>3,62</b>	<b>2,64</b>	<b>0,02</b>	<b>2,13</b>	<b>100</b>
1991 Masc	2.052	1.945	65	53	08	-	4.123
1991 Masc %	49,33	46,75	1,56	1,27	0,19	-	100
1991 Fem	2.052	1.775	319	231	15	-	4.392
1991 Fem %	45,99	39,78	7,15	5,18	0,33	-	100
1991 Total	4.104	3.720	384	284	23	-	8.516
<b>1991 Total %</b>	<b>47,60</b>	<b>43,16</b>	<b>4,45</b>	<b>3,29</b>	<b>0,27</b>	-	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970, 1980 e 1991.

A principal mudança observada nas informações sobre o Estado Conjugal dos serrolandenses, ao longo das décadas pesquisadas, refere-se à visível diminuição do número de pessoas casadas e conseqüente aumento de pessoas solteiras apontada pelo Censo de 1991.

<sup>242</sup> Entrevista com Geraldo, em 08.04.2005.

<sup>243</sup> Para o item Estado Conjugal os Censos de 1970 e 1980 consideraram pessoas de 15 anos e mais, enquanto o Censo de 1991 incluiu as de 10 anos e mais.



Nos censos de 1970 e 1980 as pessoas que se declararam casadas estavam em torno dos 62 %, enquanto as solteiras ficavam por volta dos 30 %. Em 1991 ocorreu um crescimento considerável das solteiras para 43,16 %, enquanto as casadas correspondiam a 47,6 % do total, ou seja a diferença entre pessoas casadas e solteiras, que era de quase 30 pontos percentuais nos censos anteriores, tornou-se praticamente insignificante, não atingindo 5 %. Esses dados sugerem que o casamento nesse período já não possuía mais a mesma importância das décadas de 1960 e 1970.

Em 1970, as pessoas que se declararam Separadas correspondiam a menos de 3 % dos que declararam seu Estado Conjugal. Em 1980, houve uma pequena queda em termos percentuais, passando a representar 2,64 % do total. No Censo de 1991 houve um pequeno crescimento, chegando a 3,29 %. Como é possível ver na tabela, o número de pessoas desquitadas ou divorciadas era muito menor que das pessoas separadas, sendo insignificante: em 1970 nenhuma pessoa declarou este estado conjugal e em 1980 elas representavam apenas 0,02 do total; em 1991 houve um aumento considerável para 0,27 %; apesar desse aumento em termos percentuais, o número de pessoas divorciadas continuava sendo muito pequeno. Esses dados sugerem que um número muito pequeno de pessoas recorria à Justiça em Serrolândia para resolver seus problemas conjugais. Supomos que, além de não poderem arcar com os custos dos processos, elas evitavam a exposição pública da sua situação conjugal.

O número de processos de separação e divórcio judiciais em Serrolândia aumentou significativamente nas décadas de 1970 e 1980 em relação aos desquites dos anos 1960 atingindo o triplo na década de 1970 e chegando a representar quase dez vezes em 1980.

Na tabela abaixo consta a quantidade de processos encontrados nos anos 1960, 1970 e 1980, distribuídos por tipo:

**TABELA 8 - PROCESSOS POR ANO, DÉCADA E TIPO DE CASAMENTO**

Ano do processo	Divórcio	Divórcio Consensual	Separação	Separação Consensual	Desquite	Desquite Amigável	Total
1966	-	-	-	-	0	1	1
1967	-	-	-	-	2	0	2
<b>Déc de 60</b>	-	-	-	-	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>03</b>
1972	-	-	-	-	0	1	1
1973	-	-	-	-	1	0	1
1975	-	-	-	-	0	1	1
1978	0	1	1	0	-	-	2
1979	1	0	0	0	-	-	1
1980	0	2	0	1	-	-	3
<b>Déc de 70</b>	<b>1</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>09</b>

1981	0	1	1	0	-	-	2
1982	1	0	0	0	-	-	1
1983	1	1	0	0	-	-	2
1984	3	0	4	2	-	-	9
1985	0	0	0	1	-	-	1
1986	1	1	1	3	-	-	6
1988	1	0	0	2	-	-	3
1990	2	2	0	0	-	-	4
<b>Déc de 80</b>	<b>9</b>	<b>5</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>-</b>	<b>-</b>	<b>28</b>
<b>Total</b>	<b>11</b>	<b>07</b>	<b>07</b>	<b>09</b>	<b>03</b>	<b>03</b>	<b>40</b>

Fontes: Fórum Jorge Calmon e Arquivo Público Municipal – Jacobina/BA

Podemos perceber nos dados apresentados nesta tabela o desaparecimento dos desquites a partir do ano 1978, quando aparecem apenas dados sobre separação e divórcio, devido à implementação da Lei 6.515, mais conhecida como “Lei do Divórcio”, no final de 1977. Esta lei, considerada por muitos como “verdadeiro avanço para a sociedade brasileira”, foi fruto dos movimentos ocorridos nos anos 1960 e 1970, especialmente do movimento feminista, que teve que lutar contra a oposição da Igreja Católica, “principal barreira para a introdução do divórcio em nosso país”,<sup>244</sup> e de outros setores conservadores da sociedade brasileira.

A “Lei do Divórcio” contrariava o § 1º do art. 175 da Constituição Federal de 1969, que tinha como princípio a indissolubilidade do vínculo matrimonial. O desquite, que “mantinha os cônjuges presos ao vínculo contratado, apenas pondo fim ao regime matrimonial de bens e do dever de coabitação”, impedindo-os de contraírem novo matrimônio, foi substituído pela separação judicial. O Divórcio, entretanto, permitia a dissolução do matrimônio após três anos de separação judicial e cinco anos de separação de fato, estes prazos foram alterados com a Constituição de 1988, passando a ser o divórcio por conversão após um ano de separação judicial e o divórcio direto decorridos mais de dois anos de separação de fato.<sup>245</sup>

Dos nove processos encontrados nos anos 1970, seis foram amigáveis ou consensuais, dos três restantes dois foram encaminhados por homens e um por uma mulher. Nos anos 1980 esses dados se modificaram, tendo um número significativamente maior (quinze, dos vinte e oito) de processos não consensuais em relação à década anterior e de mulheres autoras das ações (dos quinze, oito são de mulheres e sete são de homens). Esses dados sugerem que as pessoas, especialmente as mulheres, estavam mais dispostas a enfrentar

<sup>244</sup> PEREIRA, Áurea Pimentel. *Divórcio e Separação Judicial*. Rio de Janeiro: Renovar, 1989, pp. 13-15.

<sup>245</sup> Idem, *ibidem*, pp. 13-15.

seus parceiros na justiça, quando não havia possibilidade de acordos em processos de separação.

Apesar de ter havido um aumento significativo do número de processos de separação e divórcio, o preconceito contra mulheres separadas ainda era muito grande. Duas mulheres que se separaram na década de 1970 falaram das suas experiências:

E eu casei, me dei mal e segurei a barra, não vou largar pra eu não perder o meu nome de casada, não vou largar, não vou largar, e todo ano um filho, todo ano um filho, e quando eu acordei pra separar dele já estava na maioridade, velha, arrasada, acabada. Eu quando me separei dele tinha 43 anos. E então depois eu vim pra aqui, ai meu deus do céu que amargura. (...) A mulher casou, separou era desmoralizada. Era sofrendo e segurando o casamento. O nome da mulher casada era muito importante, era aquela era esposa de fulano ai era os céus e a terra.<sup>246</sup>

Agora que é difícil, né, uma cidade pequena, naquela época, a gente teve que ouvir muita coisa, quando a gente ficou separada naquela época Ave Maria... Eu passei por pouco bocado aqui naquela cidade, tanto na vida. (...) Uma mulher engravidar, casada e separada, as mulheres davam pra ciumar logo os marido, e ai foi barra viu?<sup>247</sup>

D. Judite, que se casou 06 vezes ao longo dos seus 76 anos, justificou sua “prática casadoira”, mostrando-se preocupada com sua “reputação no bairro”:

O povo fala... Eu é porque eu... além da pessoa ter precisão do companheiro, a gente se sente sozinha, a gente se sente tão envergonhada de sair, sair e o povo do bairro ficar falando que tá saindo é por que ta caçando. Então eu prefiro me casar com aqueles viúvos, aquelas pessoas desocupadas (...) E eu gostava de casar... eu num queria amigar, né? Também nunca tomei nome de rapariga de ninguém. Todo mundo dizia: “era a mulher de fulano”, né bonito?<sup>248</sup>

É muito provável que D. Judite não se casasse apenas para ser “a mulher de fulano”; é possível que esse não fosse o principal motivo que a levou a ter diversas experiências matrimoniais, já que afirmou na entrevista que nunca gostou de ficar sozinha; no entanto, talvez para ela fosse importante justificar seu comportamento considerado desviante. Essa senhora se tornou uma figura lendária em Serrolândia, por ter se casado mais vezes que o considerado normal para uma mulher:

Fui feliz nos meus casamentos todos, por isso que eu teimei, casei, casei, casei.... Eu casei seis vezes. O primeiro morreu (...) Não dava nem tempo de eu pensar. Eu me casei seis vezes, namorei com catorze anos e casei com dezesseis, vivi 28 anos,

<sup>246</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04.2005.

<sup>247</sup> Entrevista com Celeste, em 12.08.2005.

<sup>248</sup> Entrevista com Judite, em 13.04.2006.

o outro casamento durou três... (...) Primeira viuvez, com oito mês eu casei com um rapaz de Jacobina. Uma surpresa pro povo de Serrolândia. Porque eu tava com oito mês de viúva. (...) Ah! Isso ai virou uma baderna. Dentro de 5 anos eu casei três vezes.<sup>249</sup>

As histórias sobre D. Judite parecem ter permanecido no imaginário de pessoas que viveram na cidade, a exemplo de Suzana, que disse ter convivido com ela desde criança. Em sua entrevista, contou:

Era assim, todo mundo falava, ela era uma mulher falada, (...) e o interessante é que ela era muito exposta, se ela se interessasse por um homem, ela chorava. Era assim decidida. (...) E ela, tadinha um dia contou a mainha que foi falar em casamento com o avô de Nilsinho, ela disse que foi toda de preto, a bolsa preta, de sobrinha preta, vestido preto, óculos preto, sapato preto. Chegou lá e: “Benedito, boa tarde, vim aqui lhe falar um negocinho”... (...) Aí ele: “pois não dona Judite, a senhora por aqui é uma novidade”. “Novidade mesmo. É porque eu vim aqui porque o senhor é viúvo e eu também sou viúva e eu quero marcar um casamento com você”. Aí ele disse: “mas eu não estou querendo casar. Eu não estou procurando casamento”, na hora não mandou nem ela sentar não. “Tá bom, até logo, já que o senhor não quer”. Oh! foi atrás de outro.<sup>250</sup>

Ao descrever o comportamento de D. Judite, Suzana a apresentou como uma mulher completamente autônoma, que subvertia o modelo tradicional em que as mulheres esperavam ser cortejadas e requeridas para o casamento. É muito provável que ela realmente fosse uma “mulher falada”. Ela própria confirmou o incômodo que causava nas pessoas ao se comportar de forma não convencional:

(...) teve gente que me ciomou, ainda foram levar fuxico a mulher do homem.(...) E foram contar pra Vanice, que disse que Vanice não tava sabendo de nada. Eu andava mais Givaldo, que eu era rapariga de Givaldo. Ai levaram lá na casa de Vanice, pensando que Vanice... Aí Vanice chegou na minha casa me contou: “Oh, eu tô sabendo da sua amizade com Givaldo”. Eu disse: “Vanice, não pense isso, eu não sou mulher pra isso, eu não sou mulher pra isso!” Vanice disse: “Eu disse a essa burra da fofoca que você não era mulher pra isso e porque se você tinha precisão, você casava. Quando você tinha precisão de homem, casava”. Eu digo: Muito bem, não me interessa homem de ninguém.<sup>251</sup>

Além de ter se casado seis vezes, D. Judite também era muito conhecida por ser “casamenteira” em Serrolândia. Em sua entrevista ela contou detalhadamente como iniciou

<sup>249</sup> Depoimento citado.

<sup>250</sup> Entrevista com Suzana, em 28.02.2006.

<sup>251</sup> Depoimento citado.

sua experiência como “juíza” em “casamentos de contrato”<sup>252</sup>, que ela própria realizava, nos anos 1970:

Eu comecei porque eu conheci...(...) Tinha um cartório em Gavião e a Dona Ducilene e seu Elias era quem fazia o casamento lá. Então teve uma pessoa, (...) que eu fui testemunha dessa pessoa, eu levei no Gavião, (...) todo mundo sabia que eu acompanhava e fizemos linha, quando é um dia nós foi pro casamento... (...) Quando é um dia o guarda nos pegou na estrada (...). Ai nós chegamos atrasados no cartório. Depois que terminou o casamento, a dona Ducilene falou: “Dona Judite a senhora é representante do povo lá de Serrolândia, que vem pra aqui sempre trazer, porque a senhora não põe um cartório lá?” Eu disse assim: “Eu não posso mulher, como é que eu ponho lá?” Ela disse pra mim: “Você não tem suas amizades lá com o cartório civil?” Eu digo: “Tenho”. (...) Ai ela disse: “Você vai lá no cartório e você conversa com alguém no cartório e você explica, que esse casamento aqui só pra gente de maior, aqui não se casa moça, nem rapazinho, se casa porque é viúvo é largado”. (...) Disse oh: “Ninguém vai lhe bulir, a senhora sendo acertada pelo juiz de paz, pela mulher do cartório e pelo sargento ai, você vai abrir seu cartório em sua casa”<sup>253</sup>

Na versão de D. Judite ela teria estabelecido um acordo com o Juiz de Paz e a Escrivã do Cartório de Serrolândia para realizar os “casamentos de contrato”. Segundo ela, eles eram uma alternativa para as pessoas “largadas” (separadas não oficialmente), aquelas que não podiam se casar oficialmente, pois ainda não haviam conseguido o divórcio:

Agora ai eu fui em Maria. Maria disse: “Cuide de tu mulher, aqui é o seguinte, na hora que chegar uma moça em tua casa procurando casar, você manda pro meu cartório. Na hora que chegar uma aqui largada, que não seja divorciada eu mando pra você...” Que a pessoa tendo o divorcio pra casar no civil casava , não tendo o divórcio, voltava pra minha casa. Eu tendo minha filha eu não queria ver ela amigada. (...) Que era pra não ter aquele nome de ficar amigado.<sup>254</sup>

A escrivã do Cartório citada nesse trecho da entrevista contrariou esta versão e afirmou nunca ter concordado com a realização desse tipo de casamento. De acordo com ela, os juízes condenavam esse tipo de prática, no entanto os casamentos continuavam sendo feitos. No discurso de D. Judite estava muito presente a idéia de que os “casamentos de contrato” tinham uma função social, ajudando as pessoas a fugirem do estigma de serem

<sup>252</sup> Esses “casamentos de contrato” realizados por D. Judite não eram registrados em cartório, portanto não tinham nenhuma validade jurídica, eram assim chamados pois ela elaborava um “contrato” que era assinado pelos noivos. Ele não deve ser confundido com o contrato nupcial previsto pela lei para casamentos civis. O antigo Código Civil (lei nº 3.071 de janeiro de 1916) já regulava as disposições sobre a liberdade dos nubentes de estipular sobre os seus bens. Todos os casais, quando no enlace matrimonial no Civil, opinam (mesmo que tacitamente) no regime de bens, isso é um contrato nupcial. Assim como o anterior, o Novo Código Civil brasileiro regula dando os critérios para o pacto antenupcial. Nada impede aos nubentes de determinar os parâmetros que vigorarão em sua união civil, desde que esse acordo respeite o que rege a lei.

<sup>253</sup> Depoimento citado.

“amigadas”. Esse termo, usado por vários entrevistados, refere-se à União Consensual, estado conjugal no qual a pessoa vive em companhia de cônjuge com quem não contraiu casamento civil ou religioso. De acordo com eles as pessoas nessa condição eram discriminadas socialmente:

Tinha, tinha isso sempre teve. Agora não, isso tá tão comum que tão morando dentro de casa. Naquela época era menos comum, gerava muito comentário, as pessoas olhava diferente e quase sempre as pessoas não queria amizade com aquela pessoa e se afastava, tanto da mulher como do homem. Os homens, os homens relevam muita coisa, as mulheres não, mulher é sempre mais exigente, não queria amizade com aquela moça, ficava difamada.<sup>255</sup>

Era na igreja, a maioria na igreja. Mas tinha gente quer morava junto, mas a coisa era tão seria que até sexta feira da paixão aquele casal não ficava junto. Porque eram amigados, como dizem, porque não eram casados não podia ficar junto porque era pecado. Em casa, não podia nem sentar pra almoçar, pois era pecado.<sup>256</sup>

Morar junto sempre teve, mas era mais casamento. (...) As mulheres casadas, as casadas não queria muitas vezes, nem andar com aquelas que moravam juntas, existiu isso também, havia esse preconceito, fulana mora junto e eu sou casada, (...) chamava antigamente fulana é amancebada.<sup>257</sup>

Além de demonstrar a importância dada ao casamento, em sua entrevista D. Judite deixou claro também que os “casamentos de contrato” eram uma forma de sobrevivência para ela: “Tinha dia lá em casa, tinha semana deu fazer cinco, seis casamentos. Agora foi um ganha pão pra mim”.<sup>258</sup> É provável que os “casamentos de contratos” feitos por ela representassem uma alternativa para pessoas de baixa renda que não tinham condições de arcar com as despesas do cartório, roupas e principalmente com a festa, tão valorizada nessa sociedade. Ao descrever os detalhes da “cerimônia” isso fica claro:

(...) Eu era a juíza, porque eu era a juíza, porque eu sabia assinar e também era de idade. Mas as meninas como tinha leitura, Bela cansou de preencher e Noeme batia na máquina. Saia tudo bonitinho, certinho (...) Eu já tinha o vestido de noiva, até hoje ainda tenho a grinalda (risos) Alguém chegava lá pra casar e eu alugava tudo. Entendeu? Tirava retrato. Tudo na minha casa. Era uma festa. Depois, ali na pracinha enchia de carro, fazia até gosto! No dia que era coisa de casamento, as meninas arrumava a casa. E nós fazia o casamento ali.<sup>259</sup>

---

<sup>254</sup> Depoimento citado.

<sup>255</sup> Entrevista com D. Maria, em 06.04.2005.

<sup>256</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>257</sup> Entrevista com Celeste, em 12.08.2005.

<sup>258</sup> Depoimento citado.

<sup>259</sup> Depoimento citado.

Duas entrevistadas, sendo uma delas a escritã citada acima, afirmaram que apesar dos “casamentos de contrato” não terem nenhuma validade jurídica, como discutido acima, eles eram realizados com certa frequência. De acordo com Suzana:

O povo era muito bobo. O povo pagava e achava que aquilo tinha validade. Além disso ela não podia ver ninguém sozinho que ela queria fazer um casamento. (...) O casamento era de gente solteira. Tinha validade assim pra eles.(...) No dia do casamento era na casa dela, ela era a anfitriã da festa, aí tinha ki-suco, bolo, o que tiver. Ela fazia tudo, tudo, ela era a juíza.<sup>260</sup>

Mesmo sem “validade jurídica”, os “casamentos de contrato” feitos por D. Judite, sobreviveram em Serrolândia até o final da década de 1970. A existência desses “casamentos” nos leva a refletir sobre a importância que o casamento tinha para as classes populares nessa sociedade; eles sugerem que a realização de um ritual de união entre os casais ainda era imprescindível para aquela comunidade, independente da sua legalidade. Infelizmente não conseguimos entrevistar nenhum dos casais que vivenciou essa experiência, tornando-se difícil fazer uma análise mais aprofundada do tema. Entretanto, o temor de ser apontado como “amigado” pode ser uma das razões para sua existência, como discutido acima. Além disso o “contrato” possuía uma vantagem, ele poderia ser desfeito ou renovado, sem precisar de divórcio. De acordo com D. Judite:

Comercial mesmo. (...) Quem quer passar um contrato, faça de dez anos, faça de cinco anos, faça de um ano. (...) Renovava se quisesse, se vivesse bem, se não, não tinha divórcio.<sup>261</sup>

## 2.4 MUDANÇAS NA IMPORTÂNCIA DO CASAMENTO

A diminuição do número de pessoas casadas apontadas no Censo de 1991, a ampliação significativa das Uniões Consensuais e o aumento do número de processos de Separação e Divórcio na década de 1980 fazem-nos refletir sobre as transformações ocorridas nessa década. Como discutido no capítulo anterior, os anos 1980 trouxeram mudanças bastante significativas nos comportamentos, valores e práticas de mulheres e homens de Serrolândia.

---

<sup>260</sup> Depoimento citado.

<sup>261</sup> Depoimento citado.

Foi possível perceber nas entrevistas que, embora o casamento continuasse sendo importante para a maioria das pessoas, desde o final da década de 1970 ele já não era mais o principal objetivo da vida de algumas mulheres, a exemplo de Neide:

Eu acho que eu pensava muito mais na profissão, tinha muito medo de casar e depender do marido. Porque a gente via que naquele tempo as mães da gente no caso era tudo dependente, se via alguma coisa tinha que pedir ao marido, sei lá, eu pensava diferente eu achava que tinha que ter a minha independência. E relutei pra casar, eu achei que ainda não era a hora. (...) Namorei um ano e três meses mais ou menos, já fiquei noiva, já casei. Mas eu não queria, ainda achava que não era a hora ainda, achava que devia aproveitar mais a vida de solteira que era uma maravilha.(...) Eu lembro que eu me preocupava muito sim: de ter meu emprego, ter meu dinheiro, ter minha independência. Mas não me preocupava muito de ficar no barricão não. Se era normal também, se as pessoas se preocupavam, mas eu não tinha essa preocupação não.<sup>262</sup>

Essa professora, que se casou aos 26 anos, parece ter “aproveitado” bastante a vida antes de casar-se; em sua entrevista, relatou que freqüentava festas fora da cidade com amigos, especialmente a festa de Carnaval em Várzea do Poço (cidade vizinha a Serrolândia), que durava três dias:

É incrível que naquela época era difícil mas ele (*pai*) confiava sempre na gente. Ou é porque ia muita gente, aquele grupinho, não sei? Mas a gente ia sem ninguém assim, sem um casal, sem ninguém a gente ia só os rapazes e moças mesmo. E ele deixava é, aí também já foi depois, eu já tinha na certa, eu não lembro bem a época, mas eu já devia ter uns vinte e poucos anos, né? Eu não era tão novinha assim, né? E a gente ia e voltava, era de manhã, eram os três dias de carnaval em Várzea do Poço, era maravilhoso e aproveitei muito a vida. Eu costume dizer que eu namorei bastante, eu aproveitei demais a minha vida de solteira.<sup>263</sup>

Maria José parece compartilhar das mesmas idéias de Neide quanto à importância de “curtir” a vida de solteira, casando-se mais tarde que a maioria das mulheres:

Olhe, à princípio eu tive como profissão, eu coloquei ali no caderno de confiança, eu tinha vontade de ser médica pediatra, mas nunca pensei em casar cedo. Inclusive eu fui noiva por algum tempo, ainda jovem, mas esse não deu certo, esse casamento não deu certo. (...) E eu gostava mesmo era de praticar esporte, de ir à boate, de beber, de dançar. Eu ia a uma festa eu não ia com namorado não, eu gostava de ir sempre com a pessoa pra eu ficar dançando livre. Não flertando! Mas dançar beber e me divertir, eu gostava muito disso. Eu sempre tive a idéia de não ter filhos, quando eu casasse logo ter filhos e também e não casar jovem não. Foi tanto que quando eu casei, tinha 34 anos.<sup>264</sup>

---

<sup>262</sup> Depoimento citado.

<sup>263</sup> Depoimento citado.

<sup>264</sup> Depoimento citado.



Esses discursos nos fazem retomar a discussão das representações sobre a mulher casada, realizada anteriormente; parece-nos que a opção dessas mulheres em se casar mais tarde que o considerado ideal para elas relacionava-se com seu desejo de “aproveitar” a vida antes do casamento. A nosso ver isso estaria relacionado a uma visão de que uma “senhora casada” não deveria sair com amigos, nem freqüentar festas fora da cidade, a não ser quando acompanhada do marido. Contudo, essas mulheres também estavam preocupadas com sua vida profissional, não idealizando mais o papel de ser apenas “esposa e mãe”; por isso, muitas delas consideravam importante investir na sua educação como forma de garantir uma profissão:

Não, casamento nunca foi o meu sonho. Meu sonho sempre foi minha independência financeira, que eu acho que toda mulher, antes dela casar ou ter um filho, elas deviam em primeiro lugar estudar, ter sua independência financeira pra depois ela pensar em casamento. Casamento pra mim sempre foi último plano. Eu procurava mais curtir minha vida, namorar, é... sair com os amigos... balada, como se diz hoje (*risos*).<sup>265</sup>

(...) tanto é que mesmo tudo pronto pro casamento, eu nunca parei para pensar em casamento... o que era um casamento o que poderia trazer, não, num pensava muito nisso não. (...) Eu era muito assim, não levava nada muito a sério não. A única coisa que eu tive assim de projeto realmente foi de fazer vestibular que foi em 85, né? (...) Então era um projeto, um projeto de vida meu era o vestibular. Agora essa coisa de casamento, até por que primeiro eu falei eu, eu tinha vontade quando Zenilda se casasse que eu ia embora pro Rio. Aí depois eu comecei a namorar com Serginho já desistir disso, né?<sup>266</sup>

Ao analisar a importância do casamento na sociedade serrolandense, pudemos identificar mais uma vez a presença das imagens dicotômicas Eva / Maria, representadas pela construção de um ideal da mulher honesta, esposa e mãe, em oposição às mulheres desviantes, associadas à imagem da prostituta.

Os dados sobre educação e trabalho feminino mostram que houve mudanças importantes na condição das mulheres e homens serrolandenses; essas mudanças serão discutidas a seguir, no terceiro capítulo.

---

<sup>265</sup> Entrevista com Carmem, em 29.12.2005.

## **CAPÍTULO III**

### **“MULHERES NA RUA”: educação, trabalho e lazer**

---

<sup>266</sup> Entrevista com Elizabete, em 20.02. 2006.

A educação feminina foi tema de debate na Europa desde os séculos XVII e XVIII, quando se discutia a igualdade entre a razão feminina e a masculina e alguns compreendiam que os “defeitos femininos” poderiam ser conseqüência da sua falta de instrução. No Brasil, as preocupações em torno da educação feminina iniciaram-se no século XIX. Pioneiras do feminismo brasileiro já reivindicavam a “emancipação intelectual” das mulheres, não só por uma questão de justiça, mas como uma necessidade de desenvolver o “progresso” do país.

Dentro da visão de “instruir as mulheres”, a Lei de instrução pública do Brasil, de 1827, já tratava da educação feminina:

As mulheres carecem tanto mais de instrução, porquanto são elas que dão a primeira educação aos seus filhos. São elas que fazem os homens bons e maus; são

as origens das grandes desordens, como dos grandes bens; os homens moldam a sua conduta aos sentimentos delas.<sup>267</sup>

Percebemos que aparece aqui uma visão dicotômica sobre as mulheres: boas e más, desordeiras e disciplinarizadoras. No entanto, nesse trecho da Lei lhes foi atribuído um poder, visto que elas foram responsabilizadas pelo comportamento masculino, sendo capazes de moldar os homens. É aqui enfatizado o papel da mãe que, no final do século XIX se tornará a principal responsável pela educação da sociedade, vinculada à “modernização desta, à higienização da família e à construção da cidadania dos jovens”,<sup>268</sup>.

A preocupação em torno de “educar a mãe” não estava apenas na legislação, ela fundamentou praticamente toda concepção de educação das mulheres nas escolas brasileiras, onde a formação para tarefas domésticas era mais importante que o desenvolvimento intelectual, havendo uma grande preocupação moral e de controle da sexualidade feminina. Embora a legislação do início do século XIX já mencionasse a instrução feminina, na prática as mulheres só tiveram acesso às escolas normais em 1842, quando a Escola Normal da Bahia começou a funcionar<sup>269</sup>. Em São Paulo, a primeira Escola Normal, fundada em 1846, aceitou mulheres em 1876. No Rio Grande do Sul em 1874 a Escola Normal já formava mulheres que iriam ingressar no magistério e seu diretor se preocupava por estar formando mais mulheres que homens.<sup>270</sup> O acesso das mulheres a estas escolas foi o primeiro passo para que pudessem adquirir alguma instrução e conseguir uma profissão. Apesar da associação do magistério com a maternidade, esta foi uma conquista importante para elas; inicialmente das classes altas e, em seguida, de outras classes sociais.

No início do século XX, a educação feminina passou a ser uma necessidade prática da sociedade em processo de urbanização. De acordo com Susan Besse, “a indústria exigia uma mão-de-obra que fosse mais bem treinada e, ao mesmo tempo, moral e mentalmente disciplinada, mediante uma educação ‘racional’ e ‘científica’ moderna”.<sup>271</sup> Essa educação era vista como essencial para o “progresso” do país; importante para formar

<sup>267</sup> Citado por LOURO, Guacira Lopes “Mulheres na sala de aula” In DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 447.

<sup>268</sup> Idem, *ibidem*, p. 447.

<sup>269</sup> LIMA, Marta Maria Leone. *Magistério e condição feminina: um estudo sobre a identidade de gênero no ICEIA*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, pp. 102-106.

<sup>270</sup> ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 23.

<sup>271</sup> BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914 – 1940. São Paulo: Adusp, 1999, p. 122.

operárias eficientes e essencial para formar mães competentes e boas administradoras do lar, idealizadas pelo movimento eugenista.<sup>272</sup>

Com a urbanização e industrialização, o processo de feminização do magistério se tornou cada vez maior, os homens foram abandonando as salas de aula atraídos pelas novas oportunidades de trabalho e houve cada vez mais mulheres sendo formadas pelas escolas de normalistas<sup>273</sup>. Essa formação, como foi analisada anteriormente, ainda estava muito relacionada com os deveres femininos de esposa e mãe; a normalista, ou a “professorinha”, como muitas vezes costumava ser chamada, era educada para ter um “bom comportamento”, sendo construída uma imagem desta mulher como assexuada, exigindo-se muitas vezes dela a castidade<sup>274</sup>. O magistério primário parecia ser a profissão ideal para as “solteironas”, já que mulheres que não conseguiam casar-se e serem mães deveriam dedicar-se a um outro tipo de maternidade, cuidando dos filhos alheios.

D. Marcelina, professora da Escola Paroquial<sup>275</sup> de Serrolândia, relatou em sua entrevista as exigências em torno do comportamento das professoras desta escola:

(...) Agora tinha uma coisa, o Padre Alfredo proibia... a professora não podia namorar, no tempo de aula, não podia ter namorado na cidade (...) A gente não podia ir em festa naquela cidade que a gente morava, a gente não dançava... por isso que muitas nem casaram, né? Eu por exemplo...<sup>276</sup>

Ela dedicou trinta anos da sua vida à profissão de professora, lecionando em várias cidades, além de Serrolândia, visto que ficava à disposição da Escola Paroquial. Como havia várias escolas paroquiais na região, segundo ela, o Padre Alfredo fazia um sorteio para distribuir as professoras pelas cidades. Parece-nos que para D. Marcelina o fato de não ter se casado estava diretamente relacionado às exigências feitas às professoras das escolas

<sup>272</sup> Para uma discussão mais aprofundada ver LOURO, Guacira Lopes, “Mulheres na sala de aula” In DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 447 e BESSE, op. cit. p. 122.

<sup>273</sup> LOURO, op. cit. p. 449.

<sup>274</sup> Como exemplo disso Guacira Louro cita uma lei de 1917 em Santa Catarina, que ameaçava o emprego das professoras que se casassem. Apesar da luta das mulheres contra essa legislação em 1927 ela ainda estava em vigor. LOURO, op. cit., p. 450.

<sup>275</sup> Segundo Tânia Vasconcelos esta escola foi fundada no povoado de Serrote, em 1941, trazida pelo Padre alemão Alfredo Hasler, que ficou muito conhecido na região de Jacobina como um “grande catequizador”, tendo fundado escolas em toda a micro-região. O ensino era gratuito. As professoras eram formadas e vinham de outras cidades, ficando hospedadas em casas de pais de alunos. De acordo com a documentação pesquisada, essa escola permaneceu no Povoado de Serrote até 1951. Ver VASCONCELOS, Tânia M. P. “Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970)” In *Revista da FAEEBA*, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005. p. 182.

<sup>276</sup> Entrevista com D. Marcelina, em 12.08.2006, concedida a Tânia Vasconcelos.

paroquiais, que deveriam dar exemplo de “bom comportamento”, tornando-se inacessíveis para o casamento.

A partir de 1930, com as reformas educacionais e a expansão do ensino secundário, as mulheres passaram a ter mais oportunidade de acesso à educação superior<sup>277</sup>. Neste período a “professorinha” foi-se transformando na “mulher educadora”, mais influenciada pelas novas teorias científicas. Mas a imagem da professora só se modificou mais significativamente entre os anos 1960 e 1970, quando começou a haver uma preocupação em torno da profissionalização da carreira docente, tanto para homens, como para mulheres. As professoras e seus colegas buscaram melhores salários e condições de trabalho, passando a conviver com o conflito de lutar por dias melhores e de continuar a “cuidar” dos seus alunos<sup>278</sup>.

Este quadro estava presente nos grandes centros, onde a luta contra a ditadura foi mais visível. No entanto, nas pequenas cidades, a exemplo de Serrolândia, na década de 1970 ainda era muito recorrente a imagem da professora associada à mãe, exigindo-se das mulheres um comportamento baseado na mulher pura: se solteira, virgem e “de família” e se casada, fiel e um exemplo de virtude. Narrando sua história de vida, a professora Celeste nos contou suas dificuldades em ter sido mãe solteira, atuando como professora primária e ainda assumindo um cargo de direção educacional em fins da década de 1970:

Tinha preconceito sim porque com o passar do tempo, as pessoas já tinha isso. Inclusive uma certa época eu fui discriminada em Serrolândia. Tinha uma coisa que as pessoas achavam que eu não deveria assumir determinado tipo de coisa, determinado cargo, porque eu era mãe solteira. Então houve essa discriminação.(...) Uma vez foram conversar com o Prefeito, queriam me tirar do cargo simplesmente por que eu era mãe solteira, mas as pessoas viam que eu tava trabalhando pra minha sobrevivência, né? Inclusive criei o meu filho praticamente só, vivendo do meu trabalho.<sup>279</sup>

Essa professora foi da primeira turma do Ginásio Municipal de Serrolândia (que formava alunos de 5ª a 8ª séries). Concluindo seus estudos ginásiais em 1967, foi estudar em Jacobina durante três anos para se formar, tornando-se professora um ano depois, em 1971, aos vinte e um anos de idade. Foi uma das primeiras professoras de Serrolândia, uma vez que a maioria vinha de outras cidades para lecionar; casou-se em 1974 e separou-se um ano

<sup>277</sup> BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914-1940. São Paulo: Adusp, 1999, pp. 128-129.

<sup>278</sup> LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula” In DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp.471-479.

<sup>279</sup> Entrevista com Celeste, em 12.08.2005.

depois, tornando-se mãe solteira em 1977. De acordo com o seu depoimento, sofreu dois tipos de preconceito: por ser separada e mãe solteira. Segundo ela, o fato de ser professora (com cargo) aumentava a discriminação:

(...) Porque era professora não poderia errar, vamos dizer. A professora deveria ter aquela imagem, pra ser uma professora deveria ser casada. A idéia da professora como exemplo. Então pelo menos assim: é casada e tá com o marido, né? Então, a pensar que sou uma mãe solteira e que tô lá sendo uma diretora, assumindo um determinado cargo lá pra quem é casado sobre a coordenação dela, então, isso ai pesava pra elas. (...) Agora eu sempre tive minha cabeça erguida, eu era discriminada por isso, mas eu nunca deixei de ir. Tem gente que diz assim: Celeste você é uma pessoa batalhadora. A sobrinha de mãe dizia; oh Marcos, você tem que ter orgulho de sua mãe, pelo que sua mãe passou, ela é batalhadora...<sup>280</sup>

Em sua fala apareceu um certo orgulho pela discriminação sofrida. É preciso levar em conta que o seu depoimento foi produzido no presente sobre o passado; suas representações sobre a experiência de ter sido “mãe solteira” foram trazidas pela memória a partir de valores construídos no seu presente. Este é o seu olhar atual sobre a experiência do passado.

Essa história é significativa para pensarmos sobre o confronto entre a norma e a prática, visto que as experiências existentes no cotidiano vão transformando as relações de gênero, ainda que de forma lenta. Apesar de haver um “modelo” de como deveria ser a professora, o fato de esta mulher permanecer no cargo, sendo questionada durante todo o tempo pelo seu comportamento, considerado inadequado, é significativo. É possível que este fato tenha levado a comunidade a reelaborar alguns valores e regras.

### 3.1 MULHERES NA ESCOLA

Em Serrolândia, na década de 1960, o acesso à educação formal era bastante limitado; esse problema atingia principalmente a população que morava na zona rural, que era maior que a urbana. No Censo de 1960, quando Serrolândia ainda era distrito de Jacobina, visto que sua emancipação se deu em 1962, a população rural era de 86,1 %. Por isso, uma alternativa buscada pelos pais para que seus filhos pudessem estudar era a escola rural

---

<sup>280</sup> Idem.

particular<sup>281</sup>. De acordo com Tânia Vasconcelos, este tipo de escola surgiu com a finalidade de atender às necessidades de aprender a “ler, escrever e contar” daquela comunidade, numa época em que o Estado não assumia nenhuma responsabilidade com a educação. É provável que o seu surgimento tenha ocorrido logo após a chegada dos primeiros habitantes em 1929.<sup>282</sup> Em entrevista, Regina contou sua experiência com esse tipo de escola:

Eu nasci na zona rural, e quase que eu não estudei, na escola, era aquelas escola atrasada. Com uma professora só, que ficava ensinando as leitura dos livros e a gente só fazia aquelas cópias. Ai ficava passando de livro, de livro, começava de ABC, depois Cartilha, primeiro livro, quando chegava no quinto livro, tinha um livro que chamava, chamava, leitura manuscrita, era assim todo a mão sabe? E ai a gente ia se bater pra lê aquele livro pra dá aquela lição, quando terminava que num tinha mais nada a professora mandava a gente pra casa.<sup>283</sup>

No Censo do IBGE de 1970<sup>284</sup>, que reflete a conjuntura de Serrolândia da década de 1960, 75,64 % da população acima de 05 anos apareceu como “sem instrução”. Em números absolutos eram 12.153 pessoas que não tiveram nenhum acesso à educação formal. Apenas 21,23 % haviam cursado de 1 a 3 anos e 2,88 % tinham de 4 a 7 anos de estudo e somente 0,26 %, ou seja, 41 pessoas, tinham mais de 8 anos de estudo. Esses dados mostram que o ensino formal ainda era privilégio de poucos. Lembremos que em 1970 a grande maioria, ou seja, 88,02 %<sup>285</sup> da população serrolandense, morava na zona rural, dispondo de menos acesso à educação formal.

Além disso, percebemos que nesse período, na zona rural, os valores em torno do trabalho superavam a importância da educação formal. Em algumas entrevistas, tanto de mulheres filhas de fazendeiros como de mulheres pobres, apareceu a idéia de que todos deveriam “trabalhar na roça”, para a garantia dos bens já adquiridos no primeiro caso ou para sobreviver no segundo:

---

<sup>281</sup> A escola particular rural funcionava em casas de família, a partir da união de vizinhos, que contratavam um professor para dar instruções elementares aos filhos, geralmente por um curto período que fosse suficiente, na visão do professor, para que os alunos se “alfabetizassem” e aprendessem a fazer “alguns tipos de conta”. O professor, na maioria das vezes era leigo e tinha sido instruído por esse mesmo sistema. Ver VASCONCELOS, Tânia M. P. “Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970)” In *Revista da FAEBA*, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005, p. 178.

<sup>282</sup> Idem, ibidem, p. 178.

<sup>283</sup> Entrevista com Regina, em 12.08.2005.

<sup>284</sup> Os livros do Censo de 1970 encontram-se em péssimo estado de conservação, sendo que as primeiras páginas estão rasgadas, impedindo a leitura e impossibilitando-nos de citar referências.

<sup>285</sup> Como vimos, em 1970 o percentual de moradores da zona rural é ainda maior que em 1960. Supomos que isso ocorreu devido à incorporação de povoados rurais no momento da emancipação do município. Dados sobre população residente em Serrolândia encontram-se no primeiro capítulo.



Trabalhei na roça, com 10 anos, 15 anos comecei a trabalhar na roça. Estudei, mas só fiz até a 3ª série, lá na roça mesmo, escola particular. Pagava por mês e estudava de manhã pra meio dia e trabalhava a tarde, meu pai você sabe que era muito trabalhador e era nós que resolvia lá na roça, né? Eu e Reinalda minha irmã e Doralice, as três, nós trabalhamos muito. E de 15 anos em diante, trabalhando, trabalhei com meu pai até meus 24 anos, na roça, foi quando eu me casei. Quando eu me casei continuei trabalhando, morava distante da cidade, não é como hoje, era uma vida meio cansada, né? Mas toda vida eu vivi feliz, alegre, brincalhona, né?<sup>286</sup>

Não, não estudei. Não estudei nada, num tinha tempo, se estudasse num comprava um metro de pano pra vestir, era quebrando licuri, era raspando a mandioca, era quebrando a mamona, era catando o feijão, catava na roça da gente e também trabalhava na roça dos outros pra ganhar um dinheiro, né? Ai era um sofrimento brabo, ai eu fiquei na altura maior, me casei. Eu casei com 16 anos, casei e ai agora foi um sofrimento foi arrumar filho, trabalhar na enxada na roça, plantando e colhendo e é vai e todo ano um filho, todo ano um filho, sei que tive 17 filhos.<sup>287</sup>

O primeiro depoimento é de uma mulher filha de um fazendeiro. Durante a entrevista, ela afirmou que para o seu pai o trabalho não era apenas uma necessidade de sobrevivência, era antes de tudo um valor. Quando foi casar-se com o atual marido, um homem negro e pobre, seu pai, diferente dos seus irmãos que não gostavam da idéia de ver sua irmã casada com “aquele negrinho”, foi totalmente favorável ao casamento, argumentando ser ele “um rapaz trabalhador”. O pai, chamado Manoel, tinha 55 anos em 1960 e era contra as pessoas que iam para São Paulo para trabalhar: “Foi pra São Paulo, achava que era porque não prestava, era preguiçoso, não queria trabalhar. (...) ele não gostava que ninguém fosse. Ele achava que todo mundo tinha que ficar aqui trabalhando na roça”.<sup>288</sup>

No segundo depoimento, uma mulher pobre conta as dores de uma vida de amargura desde a adolescência, quando começou a trabalhar para sobreviver, o que não mudou com o casamento. Em todo o seu depoimento as palavras foram sempre de lamento, narrando discriminações, dificuldades com a sobrevivência e violência doméstica; ela relatou os vários tipos de trabalho que teve ao longo da vida, para sobreviver e “criar” seus sete filhos:

(...) eu nunca gostei das festas, gostei sempre do trabalho. E por isso que eu lhe disse que eu tive uma vendinha de bebida pra arrumar o dinheiro e me orgulho muito disso, graças a Deus. Passei e por isso que tô aqui, eu trabalhei roça, eu trabalhei de macaqueira (trabalhadora rural que vende o dia de trabalho), eu trabalhei de casa de farinha, eu trabalhei de lavadeira, eu trabalhei de faxineira, eu trabalhei de costureira, engomadeira, tudo, pra mim ganhar o dinheiro, por onde eu passei eu dou glórias a Deus, obrigado Jesus porque me deu força e coragem e eu venci. Só nunca roubei, nunca comprei pra num pagar (...) não, de jeito nenhum,

<sup>286</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

<sup>287</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04.2005.

<sup>288</sup> Entrevista com Marinalva, em 13.08.2005.

era o meu trabalho, eu tenho orgulho pelo trabalho que eu passei, pela vida que eu passei, e hoje eu tô aqui contando a vitória, graças a Deus, bem forte, trabalhadeira.<sup>289</sup>

Apesar das queixas sobre o tipo de vida presentes ao longo da entrevista, ela afirmou “gostar do trabalho” e orgulhar-se da vida difícil que levou. Sua concepção de trabalho parece aproximar-se da de Manoel, na qual o trabalho “dignifica o homem”.

Na cidade, percebemos algumas diferenças quanto à importância da educação feminina. Tanto famílias mais abastadas quanto famílias pobres tinham uma maior preocupação em colocar seus filhos, e também suas filhas, na escola; as escolas existentes na cidade que educaram meninas e meninos cuja juventude foi nos anos 1960 foram a Escola Paroquial, que durou de 1941 a 1951 e a Escola Pública, que se iniciou na década de 1950 como escola primária (1ª a 4ª séries)<sup>290</sup> tornando-se ginásial (5ª a 8ª séries) em 1964, formando sua primeira turma em 1967<sup>291</sup>.

Vera freqüentou a Escola Paroquial e parou de estudar aos dezessete anos quando fugiu para casar-se. Como visto antes<sup>292</sup>, ela era uma moça de família pobre e seu pai tinha intenções de mandá-la estudar em Salvador:

Aí de noite ele (*seu namorado*) foi em minha casa falar com meu pai, aí meu pai disse não, que não queria não, que tinha que pensar direitinho, que ele tinha chegado naquele dia e tal, minha filha é muito nova, eu não quero que ela se case assim, quero que ela vá estudar, que eu tava de plano pra ir pra Salvador pra estudar na casa de Dr. Edson.<sup>293</sup>

Diferente de Vera, Simone passou os anos de 1968 e 1969 estudando em um colégio interno na capital do estado; mas, assim como esta, desistiu dos estudos em Salvador, optando pelo casamento: “Eu vim pra Salvador antes de casar. Eu vim em 1968, 1969. Aí quando eu fui pra lá (*Serrolândia*) nas férias de 1970 foi aí que eu casei, aí eu já não voltei mais. Casei e fui morar no Junco”<sup>294</sup>.

<sup>289</sup> Entrevista com D. Ana, em 10.04.2005.

<sup>290</sup> De acordo com a professora Neuza a escola pública chegou ao povoado de Serrote em meados da década de 1950. Infelizmente não temos uma data precisa, pois tivemos a informação que toda a documentação escrita, anterior à década de 1970, a respeito dessa escola foi destruída. Esta professora começou a lecionar no povoado em 1956, sendo uma das primeiras professoras do curso ginásial, criado em 1964. Entrevista com Neuza, em 07.12.1999, concedida a Tânia Vasconcelos.

<sup>291</sup> Dados fornecidos pelo Colégio Estadual de Serrolândia, a partir da consulta de livros de matrículas e de atas.

<sup>292</sup> Ver primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>293</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>294</sup> Entrevista com Simone, em 05.02.2006.

As dificuldades que as mulheres enfrentavam para continuar estudando após o casamento foram muito enfatizadas nas entrevistas, sendo que muitas delas deixavam de frequentar a escola ao se tornarem esposas e mães, a exemplo de Vera:

Não continuei estudando depois que eu me casei... aí... depois de cinco anos eu fiz admissão e ficou pra mim estudar, mas foi quando eu engravidei, aí fiz supletivo, fiquei devendo três matérias e aí alguém me aconselhou pra eu ficar assistindo as aulas do 1º ano aqui no colégio, que logo eu me formava, mas eu..., preocupação de filho... acabou que eu desistir... comecei a ter filho, filho, filho, filho. Zacarias não podia fazer uma gracinha (*risos*), já tava prenha. Era todo ano, era um negócio sério... Mas eu não me arrependo dos meus filhos, não. Pra mim é uma jóia rara que eu tenho.<sup>295</sup>

Na década de 1960, e principalmente na década de 1970 em Serrolândia, era comum que os pais das camadas populares fizessem um esforço para que suas filhas tivessem acesso à escola, não apenas para cursar o primário, mas para se formarem e atuarem como professoras, o que seria uma possibilidade de ascenderem socialmente, melhorando as condições de vida da família. Como o curso normal só passou a ser oferecido em Serrolândia a partir de 1974, alguns pais se empenhavam em colocar suas filhas para estudar em outras cidades como Salvador ou Jacobina. No caso de Simone, sua ida para Salvador foi facilitada pelo recebimento de uma bolsa de estudos, conseguida através do prefeito da cidade, que distribuía esse tipo de “benefício” aos amigos. Segundo ela:

Era um tipo de internato assim, semi-aberto. Não era aquele internato de freira, nos ficamos ali em Ondina, era um órgão do governo, aí o governo que fornecia, nós tínhamos duas coordenadoras, que dava conta da gente. Nós morávamos lá e estudávamos na Caixa D'água, numa escola a parte. Era assim, nos éramos bolsistas, na época em que nos estudávamos era assim, ainda tínhamos direito a um salário todo mês. Além de tudo que nós tínhamos ainda ganhávamos um salário todo mês. É um curso bom. E esse curso era assim, que abrangia, era a preparação para o magistério.<sup>296</sup>

A mudança na importância que a educação passou a ter para as camadas populares da cidade também foi percebida nas famílias da zona rural; muitos pais se mudaram para a cidade na perspectiva de que seus filhos tivessem acesso à escola, a exemplo do pai de Maria José:

Foi por que meu pai... na realidade, eu já estudava na roça. Minha primeira professora foi minha mãe. Mas pai tinha assim uma vontade de colocar um

<sup>295</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>296</sup> Idem.

comércio e mudar de vida, sair daquela rotina da zona rural, né? “Vamos pra rua, morar na rua, de lá a gente... vocês têm chance de estudar, lá vão pro colégio. E vocês vão ter que estudar.” (...) Quando eu cheguei aqui, eu já tinha assim pra de uns 11 anos, uns 11 anos de idade. Aí também já tava começando o ensino primário; mas lá também na roça não oferecia muita coisa. Não tinha nem prédio, a gente estudava nas casas de pessoas, né, normalmente. A gente saía de uma casa ia pra outra botar uma escola, né? Não tinha prédio, não tinha escola específica. Aí no entanto, foi o que aconteceu e a cidade aqui tava crescendo, começando ainda a evoluir...<sup>297</sup>

Também da década de 1970, Sandra mudou-se da “roça” para a cidade para poder continuar os estudos. Segundo ela, o esforço valeu a pena, uma vez que aos 19 anos começou a trabalhar no serviço público de Serrolândia:

A adolescência na roça, ela foi muito boa. Nos meus 17 anos que eu vim pra cá pra cidade. Nesse período dos 12 aos 17 anos, foi muito bom. Morava na roça e vinha estudar aqui em Serrolândia. A gente vinha montada de cavalo, de burro, do jeito que dava certo. Andando, de bicicleta, do jeito que dava a gente chegava aqui até o colégio. (...) Depois daí então, comecei cansando. Cansei de animal, vim de pé. Aí foi que o jeito, mainha ajeitou eu vim estudar aqui. No primeiro ano eu era assim. Eu sou a mais nova, aí meus irmãos vinham me trazer na segunda e retornava na sexta de bicicleta. Eles me traziam segunda-feira. (...) porque eu não gostava realmente de ficar na casa dos outros. (...) Acabei ficando, morando com algumas pessoas, com minhas tias, alguns colegas. Aí depois, mãe comprou uma casa, eu vim morar só. Só vírgula, tinha algumas colegas que vinha ficar comigo, né? Aí daí acabei acostumando. Comecei a trabalhar em 1978, e concluí o segundo grau em 1980.<sup>298</sup>

O fato de sua mãe ter comprado uma casa, permitindo que ela morasse sozinha na cidade, é bastante significativo, uma vez que nos anos 1970 não era aconselhável que uma “moça de família” ficasse longe dos olhos vigilantes da família. Entretanto, a educação parece ter sido uma possibilidade de maior liberdade para as mulheres em Serrolândia.

Maria José deixou de trabalhar com o pai na feira livre quando terminou os estudos, passando por várias profissões até se tornar professora, sua profissão atual:

(...) E nossa vida foi assim, era trabalhando, a gente não ficava sem fazer nada, nós fazíamos crochê, eu trabalhava na feira-livre, aí foi quando chegou já o final da adolescência e aí também ainda assim a gente ainda pegava a feira-livre ainda. Aí quando eu concluí o 3º ano de magistério, nos meados de 82, aí foi depois que eu adquiri outras profissões e deixei de trabalhar na feira-livre. Mas eu ajudei muito o meu pai assim. É depois que eu me formei foi que eu fui fotógrafa, fui secretária da Câmara, fui garçonete, aí eu já cheguei à idade adulta né? Depois eu me tornei professora e tô atuando até hoje.<sup>299</sup>

<sup>297</sup> Entrevista com Maria José, em 29.12.2005.

<sup>298</sup> Entrevista com Sandra, em 29.12.2005.

<sup>299</sup> Depoimento citado.

Rose-Marie Lagrave, ao discutir a educação feminina em países europeus ao longo do século XX, apontou as estratégias usadas pelas “famílias das classes laboriosas” para reverter o destino das suas filhas de tornarem-se operárias, procurando dar condições de educação, visto que elas não tinham a garantia de casamento como as burguesas<sup>300</sup>.

Em Serrolândia, na década de 1960, a grande maioria dos professores que atuavam no município era do sexo feminino. De acordo com dados fornecidos pelo atual Colégio Estadual de Serrolândia, quando o Ginásio Municipal foi fundado em 1964, dois anos após a emancipação da cidade, as mulheres ocuparam todas as vagas existentes para professor e a primeira diretoria desta escola também foi ocupada por uma mulher. Como dito anteriormente, essas professoras vinham de outras cidades para lecionar em Serrolândia, visto que a cidade estava iniciando a formação ginásial, só vindo a oferecer curso normal de formação em magistério dez anos depois, em 1974.

Os dados sobre a educação em Serrolândia apontam para uma predominância das mulheres nas escolas também como alunas, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. As tabelas abaixo apresentam números dos Censos do IBGE de 1970 e 1980<sup>301</sup> sobre os Anos de estudo e o Curso completo das pessoas de 10 anos e mais, por sexo:

**TABELA 9– ANOS DE ESTUDO DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS, POR SEXO**

Ano do Censo	Sem instrução	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	11 a 14 anos	15 anos ou mais	Sem declarar	Totais
1970 Masc	5880	1739	202	5	10	0	0	<b>7.836</b>
<b>1970 Masc %</b>	<b>48,38</b>	<b>50,98</b>	<b>43,72</b>	<b>18,52</b>	<b>71,43</b>	-	-	<b>48,77</b>
1970 Fem	6273	1672	260	22	4	0	0	<b>8.231</b>
<b>1970 Fem %</b>	<b>51,62</b>	<b>49,02</b>	<b>56,28</b>	<b>81,48</b>	<b>28,57</b>	-	-	<b>51,23</b>
1970 Total	12.153	3411	462	27	14	0	0	16.067
<b>1970 Total %</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	-	-	<b>100</b>
1980 Masc	6.023	2616	473	42	10	3	0	<b>9.207</b>
<b>1980 Masc %</b>	<b>50</b>	<b>49,37</b>	<b>39,88</b>	<b>36,84</b>	<b>24,39</b>	<b>50,00</b>	-	<b>49,20</b>
1980 Fem	6.000	2683	713	72	31	3	3	<b>9.505</b>
<b>1980 Fem %</b>	<b>50</b>	<b>50,63</b>	<b>60,12</b>	<b>63,16</b>	<b>75,61</b>	<b>50,00</b>	-	<b>50,80</b>
1980 Total	12.063	5.299	1186	114	41	6	3	18.712
<b>1980 Total %</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970 e 1980

<sup>300</sup> LAGRAVE, Rose-Marie. “Uma educação sob tutela: educação e trabalho das mulheres no século XX” In DUBY, Georges & PERROT, Michelle. *História das Mulheres no Ocidente*. Vol. 5: o século XX. Porto: Afrontamento, 1990, pp. 511-513.

<sup>301</sup> Por conta das mudanças entre os Censos do IBGE infelizmente não obtivemos esses dados no Censo de 1991.

**TABELA 10 – CURSO COMPLETO DAS PESSOAS DE 10 ANOS E MAIS, POR SEXO<sup>302</sup>**

Ano do Censo	Elementar	1º ciclo 1º grau	2º ciclo 2º grau	Superior	Mest./ Dout.	Não determ.	Sem declar.	Totais
1970 Masc	90	10	5	0	0	0	0	<b>105</b>
<b>1970 Masc %</b>	<b>43,06</b>	<b>31,25</b>	<b>100</b>	-	-	-	-	<b>42,68</b>
1970 Fem	119	22	0	0	0	0	0	<b>141</b>
<b>1970 Fem %</b>	<b>56,94</b>	<b>68,75</b>	-	-	-	-	-	<b>57,32</b>
1970 Total	209	32	5	0	0	0	0	<b>246</b>
<b>1970 Total%</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	-	-	-	-	<b>100</b>
1980 Masc	417	42	10	3	0	0	0	<b>472</b>
<b>1980 Masc %</b>	<b>41</b>	<b>36,84</b>	<b>24,39</b>	<b>50</b>	-	-	-	<b>39,8</b>
1980 Fem	608	72	31	3	0	0	0	<b>714</b>
<b>1980 Fem %</b>	<b>59</b>	<b>63,16</b>	<b>75,61</b>	<b>50</b>	-	-	-	<b>60,2</b>
1980 Total	1.025	114	41	6	0	0	0	<b>1.186</b>
<b>1980 Total %</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	-	-	-	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970 e 1980.

Em 1970 as mulheres representavam um pouco mais de 51 % das pessoas “sem instrução” (tabela 1). Como dito anteriormente, o número de pessoas sem instrução era bastante significativo, não havendo grande diferença entre os sexos. Dos que frequentaram a escola de 1 a 3 anos, apenas um pouco mais (50,98 %) eram homens. As mulheres tornaram-

<sup>302</sup> Os termos utilizados pelos Censos de 1970 e 1980 acerca dos graus escolares basearam-se nas Leis n.º. 4.024 (LDB de 1961) e 5.692 (LDB de 1971) respectivamente. O nível Elementar, também chamado de Ensino Primário, deveria ser ministrado em, no mínimo, quatro séries anuais. Este nível corresponde ao que chamamos hoje de séries iniciais do Ensino Fundamental (LDB de 1996). Em 1970 o Ensino Médio se dividia em 1º e 2º ciclo, totalizando sete anos: o 1º ciclo, também conhecido como ginásial passou a ser denominado de 1º grau em 1980, correspondendo às séries 5ª a 8ª no Ensino Fundamental atual. O 2º ciclo (colegial) em 1980 passou a ser chamado de 2º grau, correspondendo ao que chamamos hoje de Ensino Médio.

se maioria a partir dos 4 anos de estudo, chegando a representar 81,48% da faixa que cursou de 8 a 10 anos. No entanto, os homens as superaram, representando quase 72 % dos que estudaram entre 11 e 14 anos; esses índices estão de acordo com os resultados a respeito da conclusão dos cursos mostrados na segunda tabela.

Como é possível ver na tabela 2, as mulheres constituíam a maioria das pessoas que concluiu os cursos Elementar (1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries atuais) e 1<sup>o</sup> ciclo / 1<sup>o</sup> grau (5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries atuais), tanto no Censo de 1970 como no de 1980, sendo que em 1970 elas chegaram a representar 68,75 % dos concluintes do 1<sup>o</sup> ciclo / 1<sup>o</sup> grau. Entretanto, esses índices se modificam, quando se referem ao 2<sup>o</sup> ciclo / 2<sup>o</sup> grau (Ensino Médio atual): houve apenas cinco concluintes desse grau em 1970, todos homens. Esses dados indicam que o fato de a cidade não oferecer curso de formação no Ensino Médio limitava as mulheres a concluírem apenas o Ensino Fundamental. Embora algumas saíssem de Serrolândia para estudar em outras cidades, elas ainda eram minoria, pelo menos até 1970. Na medida em que se elevava o grau de ensino, as mulheres tinham menos acesso à escola; contudo, no Censo de 1980, esse quadro se modificou completamente e as mulheres passaram a representar 75,61 % dos que concluíram o 2<sup>o</sup> grau, antes privilégio apenas dos homens. Isso ficou evidenciado também na tabela 1, pois as mulheres que freqüentaram a escola de 11 a 14 anos passaram de 28,57 % em 1970 para 75,61 % em 1980. Ou seja, em 1980 as mulheres passaram a ser maioria em quase todos os graus de ensino: 59 % do Elementar e 63,16 % da 8<sup>a</sup> série do 1<sup>o</sup> grau. Outra novidade nesse Censo é o aparecimento de pessoas que concluíram curso superior, sendo de 50 % de mulheres e 50% de homens.

Para complementar nossa análise sobre o acesso das mulheres à escola pública em Serrolândia, apresentaremos a seguir informações sobre a matrícula do Colégio Estadual de Serrolândia, nos cursos Fundamental e Médio, por sexo, entre os anos 1964 e 1990:

**TABELA 11 – NÚMERO DE ALUNOS DO ENSINO GINASIAL / 5ª A 8ª SÉRIES DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA<sup>303</sup>**

Ano da matrícula	Sexo Feminino	%	Sexo Masculino	%	Total
1964	10	62,5	6	37,5	16
1965	12	63,2	7	36,8	19
1966	20	62,5	12	37,5	32
1967	36	70,6	15	29,4	51
1968	45	67,2	22	32,8	67
1969	30	61,2	19	38,8	49
1970	43	59,72	29	40,28	72
<b>Dec de 60 (média)</b>	<b>28</b>	<b>65,12</b>	<b>15</b>	<b>34,88</b>	<b>43</b>
1971	76	71,70	30	28,30	106
1972	77	61,60	48	38,40	125
1973	72	64,29	40	35,71	112
1974	72	64,86	39	35,14	111
1975	84	64,62	46	35,38	130
1976	108	67,08	53	32,92	161
1977	90	67,16	44	32,84	134
1978	134	66,67	67	33,33	201
1979	132	66,33	67	33,67	199
1980	125	66,14	64	33,86	189
<b>Dec de 70 (média)</b>	<b>97</b>	<b>65,99</b>	<b>50</b>	<b>34,01</b>	<b>147</b>
1981	125	57,87	91	42,13	216
1982	164	60,52	107	39,48	271
1983	175	63,41	101	36,59	276
1984	161	63,39	93	36,61	254
1985	184	60,73	119	39,27	303
1986	176	63,54	101	36,46	277
1987	152	63,87	86	36,13	238
1988	142	62,01	87	37,99	229

<sup>303</sup> Optei por utilizar aqui o nome atual deste Colégio, antes chamado de Ginásio Municipal de Serrolândia.



1989	118	60,82	76	39,18	194
1990	92	54,44	77	45,56	169
<b>Dec de 80 (média)</b>	<b>149</b>	<b>61,32</b>	<b>94</b>	<b>38,68</b>	<b>243</b>
<b>Total (média)</b>	<b>91</b>	<b>64</b>	<b>53</b>	<b>36</b>	<b>144</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Colégio Estadual de Serrolândia.

**TABELA 12 – NÚMERO DE ALUNOS DO ENSINO DE 2º GRAU DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERROLÂNDIA<sup>304</sup>**

<b>Ano da matrícula</b>	<b>Sexo Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Sexo Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>
1975	20	83,33	4	16,67	24
1976	23	79,31	6	20,69	29
1977	37	84,09	7	15,91	44
1978	32	84,21	6	15,79	38
1979	45	76,27	14	23,73	59
1980	39	68,42	18	31,58	57
<b>Dec de 70 (média)</b>	<b>32</b>	<b>78,05</b>	<b>9</b>	<b>21,95</b>	<b>41</b>
1981	39	68,42	18	31,58	57
1982	50	60,24	23	27,71	83
1983	48	73,85	17	26,15	65
1984	59	75,64	19	24,36	78
1985	64	71,91	25	28,09	89
1986	64	69,57	28	30,43	92
1987	71	68,93	32	31,07	103
1988	54	64,29	30	35,71	84
1989	61	67,78	29	32,22	90
1990	55	73,33	20	26,67	75
<b>Dec de 80 (média)</b>	<b>57</b>	<b>70,37</b>	<b>24</b>	<b>29,63</b>	<b>81</b>
<b>Total (média)</b>	<b>44,5</b>	<b>72,95</b>	<b>16,5</b>	<b>27,05</b>	<b>61</b>

Fonte: Livros de Matrícula do Colégio Estadual de Serrolândia.

Os índices apresentados acima corroboram com os dados colhidos nos Censos do IBGE sobre educação feminina em Serrolândia. Como vimos, as mulheres constituíam a grande maioria das alunas do Ginásio Municipal, desde o ano de implementação do curso ginásial. No Ensino Fundamental a média do número de matrículas das mulheres girou em torno de 65 % nas décadas de 1960 e 1970, havendo uma pequena queda na década seguinte.

No Ensino Médio, as diferenças entre estudantes do sexo masculino e feminino eram ainda maiores, sendo de 78 % a média feminina relacionada aos primeiros cinco anos do Curso de Formação em Magistério e de 70 % na década de 1980.

Embora os índices do Censo de 1970 mostrem predominância das mulheres no Ensino Fundamental, no Ensino Médio elas não apareceram, visto que o curso normal de formação de magistério só foi implementado em Serrolândia na década de 1970, ou seja, só no Censo de 1980 é que sua presença pôde ser percebida.

Como vimos, em 1980 as mulheres eram maioria dos estudantes e concluintes, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio em Serrolândia. No Brasil, embora elas venham conquistando um espaço importante na educação ao longo das últimas décadas, o número médio de anos de estudo da população feminina brasileira só se tornou superior à masculina em 1991<sup>305</sup>. Essas informações nos fazem refletir sobre os motivos dessa predominância feminina na educação formal em Serrolândia. No caso do Ensino Médio, uma questão a ser considerada é a implementação do Curso Normal de Formação em Magistério na própria cidade. Como dito anteriormente, embora algumas mulheres saíssem para estudar em outras cidades, elas eram minoria; a grande maioria só passou a ter acesso a essa formação na própria cidade. Mas se a cidade passou a oferecer o curso, por que ele atraía majoritariamente as mulheres? Supomos que o principal motivo de os homens não freqüentarem a escola com a mesma constância que as mulheres estaria relacionado ao processo de migração, muito acentuado na cidade. Essa questão estaria ligada às representações sobre feminilidade e masculinidade. Além da exigência social de que os homens deveriam assumir seu papel de provedor, levando-o à migração, o fato de Serrolândia só oferecer curso de formação para o magistério<sup>306</sup> também pode ter afastado os homens da escola. Como analisado anteriormente, a profissão de professor (a) esteve historicamente associada ao feminino.<sup>307</sup>

Nessa sociedade, na década de 1970, os homens ainda eram considerados os principais responsáveis pelo sustento da família, embora na prática nem sempre isso se

---

<sup>304</sup> Idem. O curso de Formação em Magistério foi iniciado no Colégio Estadual de Serrolândia em 1974. No entanto, o livro de matrícula deste ano não foi encontrado.

<sup>305</sup> FÍGOLI, Moema Gonçalves Bueno. "Evolução da educação no Brasil: uma análise das taxas entre 1970 e 2000, segundo o grau da última série concluída" In *Revista Brasileira Estudos Populacionais*. vol. 23, no.1. São Paulo Jan./Jun 2006.

<sup>306</sup> O curso de Formação Geral só passou a ser oferecido na cidade a partir de 1997.

<sup>307</sup> ALMEIDA, Jane Soares. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: UNESP, 1998, ver especialmente o capítulo I.

concretizasse. Como a cidade quase não oferecia oportunidades de trabalho<sup>308</sup>, a grande maioria dos jovens do sexo masculino se deslocava para outras cidades como Feira de Santana, Salvador, e também para grandes centros urbanos em outros estados como, São Paulo e Rio de Janeiro. A ida a São Paulo representou, ou ainda representa, durante muitas décadas, o grande sonho do povo nordestino, configurando-se como alternativa à seca e à falta de perspectiva de trabalho. As mulheres também migravam, mas em uma proporção muito menor.

Os dados presentes nos Censos sobre a idade da população residente, por sexo, indicam que a migração era maior entre os homens que entre as mulheres, visto que a população feminina em 1970 passou a ser superior à masculina a partir dos 15 anos até os 49. Na faixa entre 20 e 24 anos as mulheres chegaram a representar 55 % desta população, sendo que elas eram 50,74 % da população residente.

Além disso, os depoentes foram unânimes em relatar esse fenômeno, tanto falando sobre a cidade, como da sua própria experiência de vida. Reginaldo, que migrou na década de 1970 relatou:

(...) São Paulo, Feira de Santana também absorveu muitos jovens daqui. A gente saía mais era pra estudar, os pais da gente achava que a gente tava saindo, e a gente também, tava saindo no intuito de estudar. Mas a coisa aconteceu totalmente diferente pra maioria. Não deu pra estudar, não deu. É trabalhar e, lá não tinha lugar pra moleza não. E o incentivo também da gente que mora numa república é muito pouco. A gente não tinha incentivo assim como tem hoje. Os jovens hoje já estão mais unidos, já tão agrupando mais em torno do estudo. E a gente não, saía pra trabalhar, saía 7:30, voltava às 5:00 da tarde e já chegava pra descansar mesmo, às vezes ia pro colégio de noite mas não ia nem com cabeça voltada mais pra estudar, ia só mesmo pra cochilar e aí pronto.<sup>309</sup>

Em 1980 esses dados não se modificaram muito, sendo que as mulheres eram maioria da população a partir dos 15 até os 39 anos de idade e dos 50 aos 59 anos. Em 1991 houve mudanças mais significativas: as mulheres passaram a ser maioria só a partir dos 20 anos, o que sugere que os homens começaram a migrar mais tarde e as mulheres passaram a migrar com maior frequência.

Para as mulheres, a educação parece ter sido uma possibilidade de conquista de uma maior liberdade no cotidiano. Tanto mulheres que viveram na década de 1960 em Serrolândia, como as que viveram na de 1980, contaram experiências parecidas a respeito de

---

<sup>308</sup> Apresentaremos índices sobre os setores de atividades da População Economicamente Ativa e rendimento médio mensal ainda nesse capítulo.

como a educação foi importante para elas como forma de adquirir certa autonomia financeira através do trabalho e maior liberdade nas práticas cotidianas de lazer, namoro e de outras.

### **3.2 MULHERES NA LIDA**

Como visto acima, a principal formação das mulheres de Serrolândia nas três décadas pesquisadas foi o Curso preparatório para o Magistério; conseqüentemente, o corpo docente da cidade era formado majoritariamente por mulheres. No entanto, a maioria das mulheres profissionais não eram professoras. Dados sobre a População Economicamente Ativa (PEA) mostraram que a principal atividade exercida pelas mulheres, nos Censos de 1970, 1980 e 1991, era a Agricultura. Contudo, nesse último houve uma queda significativa deste setor para as mulheres, em função do crescimento da sua participação no setor de Atividades Sociais<sup>310</sup>. Vejamos os números da População Economicamente Ativa, por setores de atividade, nos Censos de 1970, 1980 e 1991:

---

<sup>309</sup> Entrevista com Reginaldo, em 28.12.2005.

<sup>310</sup> De acordo com o IBGE o setor de Atividades Sociais refere-se a “comunitárias, médicas, odontológicas e ensino”.



**TABELA 13 - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA,  
POR SETORES DE ATIVIDADES**

Setores de atividade	1970	1970	1970	1970	1970	1970	1980	1980	1980	1980	1980	1980	1991	1991	1991	1991	1991	1991
	Masc	Masc %	Fem	Fem %	Total	Total %	Masc	Masc %	Fem	Fem %	Total	Total %	Masc	Masc %	Fem	Fem %	Total	Total %
Agricultura	4242	<b>88,26</b>	353	<b>51,91</b>	4595	<b>83,76</b>	4050	<b>78,66</b>	510	<b>56,29</b>	4560	<b>75,31</b>	1836	<b>70,29</b>	322	<b>35,38</b>	2158	<b>61,27</b>
Indústria	246	<b>5,12</b>	65	<b>9,56</b>	311	<b>5,67</b>	503	<b>9,77</b>	47	<b>5,19</b>	550	<b>9,08</b>	275	<b>10,53</b>	48	<b>5,27</b>	323	<b>9,17</b>
Comércio	145	<b>3,02</b>	7	<b>1,03</b>	152	<b>2,77</b>	200	<b>3,88</b>	51	<b>5,63</b>	251	<b>4,15</b>	95	<b>3,64</b>	36	<b>3,96</b>	131	<b>3,72</b>
Serviços	43	<b>0,89</b>	211	<b>31,03</b>	254	<b>4,63</b>	178	<b>3,46</b>	182	<b>20,09</b>	360	<b>5,95</b>	164	<b>6,28</b>	204	<b>22,42</b>	368	<b>10,45</b>
Transportes	48	<b>1,00</b>	-		48	<b>0,87</b>	117	<b>2,27</b>	3	<b>0,33</b>	120	<b>1,98</b>	40	<b>1,53</b>	-		40	<b>1,14</b>
Adm pública	37	<b>0,77</b>	-		37	<b>0,67</b>	40	<b>0,78</b>	4	<b>0,44</b>	44	<b>0,73</b>	112	<b>4,29</b>	24	<b>2,64</b>	136	<b>3,86</b>
Ativ sociais	5	<b>0,10</b>	21	<b>3,09</b>	26	<b>0,47</b>	19	<b>0,37</b>	104	<b>11,48</b>	123	<b>2,03</b>	35	<b>1,34</b>	273	<b>30,00</b>	308	<b>8,75</b>
Outras ativ	40	<b>0,83</b>	23	<b>3,38</b>	63	<b>1,15</b>	42	<b>0,82</b>	5	<b>0,55</b>	47	<b>0,78</b>	35	<b>1,34</b>	3	<b>0,33</b>	38	<b>1,08</b>
<b>Totais</b>	<b>4806</b>	<b>100</b>	<b>680</b>	<b>100</b>	<b>5486</b>	<b>100</b>	<b>5149</b>	<b>100</b>	<b>906</b>	<b>100</b>	<b>6055</b>	<b>100</b>	<b>2612</b>	<b>100</b>	<b>910</b>	<b>100</b>	<b>3522</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970 e 1980 e 1991

Analisando de forma geral a distribuição da População Economicamente Ativa por setores de atividades em Serrolândia, de 1970 a 1991, podemos perceber que a Agricultura foi a principal atividade nos três Censos, embora tenha havido queda da sua importância ao longo do período. Em 1970 ela representava 88,26 % dos setores de atividade, já em 1980 este percentual diminuiu para 83,76 %, chegando a 61,27 % em 1991. Essas mudanças acompanharam de certa forma as transformações ocorridas na situação de domicílio da população residente na cidade: em 1970 a população rural era de 88,02 %, em 1980 passou para 83,44 % e em 1991 caiu ainda mais para 59,85 %. Como vimos, os índices mostram que a População Economicamente Ativa que trabalhava no setor agrícola residia na zona rural, sendo que apenas em 1991 o percentual da população rural era um pouco menor que a da PEA deste setor, indicando que algumas pessoas residentes na zona urbana também trabalhavam na Agricultura. Por ser Serrolândia uma cidade com baixas taxas de urbanização, não nos surpreende ter sua população trabalhando maciçamente na Agricultura.

Depois da Agricultura, os setores de atividades mais importantes em Serrolândia eram o de Serviços<sup>1</sup> e o da Indústria, que tiveram algumas variações nos seus percentuais ao longo do período estudado. A Indústria ocupou o segundo lugar nos Censos de 1970 (representando 5,67 % da PEA) e 1980 (5,19 %) sendo ultrapassada pelos Serviços em 1991, quando ficou em terceiro lugar. O setor de Serviços, que em 1970 representava 4,63 % da PEA, aumentou seu percentual para 5,95 % em 1980, chegando a atingir quase o dobro em 1991 (10,45 %). De acordo com dados do CEI<sup>2</sup>, o número de estabelecimentos industriais em Serrolândia era de cinquenta e quatro em 1980, havendo vinte e quatro de transformação de produtos minerais não metálicos, dezoito de produtos alimentares, seguido de material de transporte e madeira (quatro de cada), dois de mobiliário, por último apareceu bebidas e demais gêneros (um de cada). Em 1985 esse número aumentou para sessenta e dois estabelecimentos<sup>3</sup>. O número de estabelecimentos do setor de Serviços em 1980 era bem maior que o da Indústria, sendo de cento e cinquenta e cinco, assim distribuídos: cento e onze de alojamento e alimentação; vinte e cinco de reparação, manutenção, instalação e confecção

---

<sup>1</sup> De acordo com o IBGE, o setor de Serviços diz respeito a “alojamento e alimentação, reparação e conservação pessoais e domiciliares, diversões, auxiliar das atividades econômicas e técnico-profissionais”.

<sup>2</sup> CEI (Centro de Estatística e Informações) BA - Informações Básicas dos Municípios Baianos: Região Nordeste - Salvador, 1994. Vol. 12, Piemonte da Diamantina. p. 454. Este Centro utilizou como fonte para essa pesquisa dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>3</sup> Infelizmente não conseguimos dados que especificassem os tipos de estabelecimentos neste ano.

sob medida; dezesseis de serviços pessoais e de higiene pessoal e três de radiodifusão, televisão e diversões.

O Comércio foi em 1970 e 1980 o quarto setor mais importante para a PEA em Serrolândia, obtendo um pequeno crescimento do Censo de 1970 para 1980, saindo dos 2,77 % para 4,15 %. Em 1980 havia cento e oitenta e cinco estabelecimentos comerciais em Serrolândia, sendo cento e trinta e quatro de comércio varejista e cinquenta e um de atacadista. Esses parecem ter sido os tempos áureos do comércio na cidade, visto que cinco anos depois (1985) esse número caiu consideravelmente, havendo apenas cinquenta e sete estabelecimentos, o que representava menos de um terço do número de estabelecimentos de 1980<sup>4</sup>. Isso explica em parte por que ele passou a ocupar o sexto lugar da PEA em 1991, com um percentual de apenas 3,72 %. Além disso, neste ano houve um crescimento dos setores de Atividades Sociais e Administração Pública, esta última com crescimento considerável, visto que em 1970 não chegava a representar 0,5 % da PEA e em 1991 chegou a quase 4 %. Esse crescimento se deu pela ampliação dos serviços públicos, a exemplo da área de saúde; Serrolândia passou a ter um número maior de estabelecimentos nesta área<sup>5</sup>.

Em relação às mudanças na distribuição da População Economicamente Ativa por setores de atividades ao longo das três décadas pesquisadas, o que mais nos chamou atenção foram os níveis de crescimento das Atividades Sociais. No Censo de 1970 elas eram quase inexistentes, representando apenas 0,47 % da PEA. No Censo seguinte, seu percentual subiu para 2,03 %, ou seja mais de quatro vezes em relação ao Censo anterior. Em 1991 o aumento foi ainda mais considerável chegando a 8,75 %, o que lhe conferiu o quarto lugar na distribuição da PEA. Para esta análise é importante considerarmos a variante gênero, visto que para as mulheres esse setor teve uma importância muito maior que para os homens. Para melhor fundamentar essa discussão, apresentaremos a seguir uma tabela com os mesmos números da anterior, porém com percentuais baseados no sexo e não nos setores de atividades:

---

<sup>4</sup> CEI (Centro de Estatística e Informações) BA - Informações Básicas dos Municípios Baianos: Região Nordeste - Salvador, 1994. Vol. 12, Piemonte da Diamantina, p. 455. Este Centro utilizou como fonte para essa pesquisa dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



**TABELA 14 - POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA,  
POR SEXO**

Ano do Censo	Agricultura	Indústria	Comércio	Serviços	Transporte	Adm pública	Ativ sociais	Outras ativ	Totais PEA
1970 Masc	4242	246	145	43	48	37	5	40	4806
<b>1970 Masc %</b>	<b>92,32</b>	<b>79,10</b>	<b>95,39</b>	<b>16,93</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>19,23</b>	<b>63,49</b>	<b>87,60</b>
1970 Fem	353	65	7	211	-	-	21	23	680
<b>1970 Fem %</b>	<b>7,68</b>	<b>20,90</b>	<b>4,61</b>	<b>83,07</b>	-	-	<b>80,77</b>	<b>36,51</b>	<b>12,40</b>
1970 Total	4595	311	152	254	48	37	26	63	5486
<b>1970 Total %</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
1980 Masc	4050	503	200	178	117	40	19	42	5149
<b>1980 Masc %</b>	<b>88,82</b>	<b>91,45</b>	<b>79,68</b>	<b>49,44</b>	<b>97,50</b>	<b>90,91</b>	<b>15,45</b>	<b>89,36</b>	<b>85,04</b>
1980 Fem	510	47	51	182	3	4	104	5	906
<b>1980 Fem %</b>	<b>11,18</b>		<b>20,32</b>	<b>50,56</b>	<b>2,50</b>	<b>9,09</b>	<b>84,55</b>	<b>10,64</b>	<b>14,96</b>
1980 Total	4560	550	251	360	120	44	123	47	6055
<b>1980 Total %</b>	<b>100</b>		<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>
1991 Masc	1836	275	95	164	40	112	35	35	2612
<b>1991 Masc %</b>	<b>85,08</b>	<b>85,14</b>	<b>72,52</b>	<b>44,57</b>	<b>100</b>	<b>82,35</b>	<b>11,36</b>	<b>92,11</b>	<b>74,16</b>
1991 Fem	322	48	36	204	0	24	273	3	910
<b>1991 Fem %</b>	<b>14,92</b>	<b>14,86</b>	<b>27,48</b>	<b>55,43</b>	-	<b>17,65</b>	<b>88,64</b>	<b>7,89</b>	<b>25,84</b>
1991 Total	2158	323	131	368	40	136	308	38	3522
<b>1991 Total %</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1970 e 1980 e 1991

De acordo com os Censos, embora a Agricultura fosse a principal atividade exercida pelas mulheres em 1970, ela ainda era uma atividade predominantemente masculina em Serrolândia. As mulheres representavam apenas 7,68 % da força produtiva no setor. Ao longo das décadas foi havendo um crescimento, de forma que elas chegaram a representar quase 15 % em 1991. Apesar de os Censos mostrarem esses índices, supomos que eles não correspondiam à realidade, visto que a grande maioria das mulheres da zona rural trabalhava na Agricultura, embora isso não fosse considerado pelo IBGE.

Em uma sociedade predominantemente rural como Serrolândia nos anos 1960, quando ainda havia a tradicional divisão sexual do trabalho, na qual os homens eram responsáveis pelo trabalho produtivo - agricultura, pecuária e tudo que se associava ao mercado - e as mulheres, pelo trabalho reprodutivo - trabalho doméstico, cuidados com a horta e os pequenos animais e tudo o que era feito para uso e consumo próprio, além dos

<sup>5</sup> De acordo com o CEI em 1980 havia apenas três postos e um centro de saúde. Em 1987, o número de estabelecimento subiu para nove, sendo cinco postos, um centro e dois PAM (Posto de Atendimento Médico). Idem, p. 444. Esses dados foram colhidos por este Centro junto à Prefeitura Municipal.

cuidados com os filhos -, na prática essa divisão não se concretizava, visto que o trabalho das mulheres ia muito além da esfera reprodutiva. Nessa sociedade, quando as mulheres iam para a “roça”, isso não era visto como trabalho, mas sim como ajuda ao homem. Nas entrevistas realizadas, muitas mulheres<sup>6</sup> falaram de suas experiências com o trabalho na “roça”; contudo, é muito provável que elas próprias não tenham se declarado como lavradoras e sim como domésticas (donas de casa), contribuindo para os resultados aqui apresentados nos Censos do IBGE. Na consulta aos livros de matrícula do Colégio Estadual de 1964 a 1969, no tópico relacionado à profissão dos pais dos alunos, 98,3 % das mães apareceram como doméstica, embora boa parte residisse na zona rural e muito provavelmente fosse lavradora. Apresentaremos e discutiremos esses índices mais adiante.

As mulheres lavradoras (que se declaravam domésticas) tinham uma dupla jornada de trabalho, na lavoura e em casa, visto que nessa sociedade a maioria dos homens não assumia as tarefas tidas como “femininas”. Vejamos a fala de Lourdes:

E lutei muito, você sabe o que é trabalhar? Eu trabalhava, e naquela época não tinha, não existia um fogão a gás, não existia tinha que botar água era na cabeça e tudo isso existia. Muitas vezes botava os filhos do lado e botava a lata na cabeça e ia buscar água, as vezes ia pra fonte, botava os meninos sentadinho e ia lavar roupa.<sup>7</sup>

Em comparação com o Brasil, a Agricultura em Serrolândia possuía uma importância muito grande para as mulheres, chegando a ocupar mais de 50 % da PEA feminina em 1970 (Tabela 13), enquanto no Brasil ocupava apenas um pouco mais de 20 % desta. Em 1980, este setor ultrapassou os 56 %, devido à queda do setor de serviços para as mulheres, enquanto no Brasil houve uma queda para 13,6 %. Em 1991, no entanto, houve uma diminuição significativa para 35,38 % em Serrolândia; embora continuasse sendo o setor que mais ocupava as mulheres, estas também estavam presentes de forma considerável nas Atividades Sociais e no setor de Serviços.

Ao longo dos Censos os setores em que houve predominância da mão-de-obra feminina foram o de Serviços e o de Atividades Sociais. Neste último setor, nos três Censos, as mulheres representaram mais que 80 %, chegando a atingir quase 90 % em 1991. Considerando que o IBGE definiu como Atividades Sociais, as “comunitárias, médicas, odontológicas e ensino”, é possível afirmar que nesse setor estavam presentes as professoras, profissão com grande predominância feminina, não só em Serrolândia, mas no Brasil desde o

---

<sup>6</sup> Ver trechos das entrevistas de Marinalva e D. Ana, citados na página 3 deste capítulo.

século XIX<sup>8</sup>. Em 1991 havia duzentos e cinquenta e dois docentes no município de Serrolândia, que representavam 82 % dos trabalhadores economicamente ativos atuantes no setor de Atividades Sociais. É interessante refletir que em 1970 o número desses trabalhadores era irrisório (apenas 26), o que nos faz pensar que só com as mudanças no acesso à formação em magistério, implementada em meados da década de 1970, foi possível o crescimento deste setor, que passou a ocupar em 1991 o segundo lugar para as mulheres (com 30 %), perdendo apenas para a Agricultura (35,38 %).

O crescimento do setor de Serviços, que em Serrolândia teve maioria de mulheres, foi um dos fatores que impulsionou o trabalho feminino no início do século XX no Brasil. De acordo com Susan Besse, “na década de 1910, as mulheres de classe média e até de classe alta urbanas estavam cada vez mais participando, juntamente com as mulheres pobres, da mão-de-obra assalariada”<sup>9</sup>. Para ela, isso era resultado de vários fatores, dentre eles: o declínio do valor econômico do trabalho doméstico, a crise econômica da classe média, a procura de funcionários no setor de serviços e a adoção pelas mulheres do valor burguês do trabalho. Enquanto as mulheres pobres sempre estiverem inseridas no mercado de trabalho, ainda que informalmente<sup>10</sup>, as mulheres das classes médias precisavam justificar o seu trabalho pela necessidade econômica. Besse afirmou que esse argumento era a justificação “mais poderosa para o emprego feminino”<sup>11</sup>. Nem os mais críticos deste trabalho conseguiam negar a importância de as mulheres serem remuneradas, visto que as famílias já não se sustentavam apenas com o salário dos homens; nesse sentido, o trabalho das mulheres era visto como complementar ao do homem. Além desse argumento, alguns defendiam que o trabalho feminino tinha uma utilidade social, uma vez que as mulheres, além da ajudarem suas famílias, estariam promovendo o progresso econômico do país. Contudo, muitos foram os argumentos contra; o maior deles girava em torno da preocupação com a ameaça ao modelo da família burguesa, o qual exigia uma divisão sexual do trabalho. Para muitos, o grande desafio era a conciliação entre o emprego feminino e a preservação dos deveres femininos na família. Até algumas feministas defendiam essa conciliação.

---

<sup>7</sup> Depoimento citado.

<sup>8</sup> Susan Besse apresenta dados sobre ocupação no Brasil, por sexo em três Censos. No Censo de 1872, havia 2.218 professoras e 1.307 professores; em 1920 38.158 professoras e 16.364 professores e em 1940 27.628 professoras e 14.066 professores. Ver BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914 – 1940. São Paulo: Adusp, 1999, pp. 160-161.

<sup>9</sup> Idem, *ibidem*, p. 143.

<sup>10</sup> Ver FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. Ver especialmente o capítulo II.

<sup>11</sup> BESSE, op. cit., p. 147.

A imprensa carioca do início do século XX investiu veementemente contra a emancipação feminina; charges eram publicadas em jornais do Rio de Janeiro, ironizando a “tragédia” da saída das mulheres para o trabalho, mostrando os homens completamente desorientados para cuidar dos filhos. Segundo Rachel Soihet, a idéia era chamar a atenção para a incompatibilidade entre o exercício de atividades extra-domésticas (o trabalho em especial) e as funções de mãe<sup>12</sup>.

Apesar das críticas e argumentos desfavoráveis ao trabalho feminino, as mulheres foram ocupando os postos de trabalho. De acordo com Margareth Rago, no início do século XX no Brasil, grande parte do proletariado era constituído por mulheres e crianças. No entanto, desde o final do século XIX, as mulheres já eram maioria na indústria têxtil<sup>13</sup>. Em 1894, no estado de São Paulo elas representavam 67,62 % da mão-de-obra empregada nas fábricas; em 1901, mulheres e crianças somavam 72,74 % do operariado têxtil. Isso se explica pela exploração ainda mais acentuada desses grupos, visto que os salários pagos eram muito mais baixos e as condições de trabalho piores que as dos homens. Em 1919 as mulheres ainda eram maioria no setor têxtil; entretanto, segundo Rago, ao contrário do que tradicionalmente se supunha, as mulheres foram perdendo espaço no mercado de trabalho industrial, tornando-se minoria. De 76 % em 1872 elas passaram a representar apenas 23 % em 1950<sup>14</sup>.

Em 1970 as mulheres continuavam sendo minoria no setor industrial brasileiro, sendo que a População Economicamente Ativa feminina se ocupava principalmente dos setores de Serviços (38,8 %), Agricultura (20,4 %) e Atividades Sociais (16,1 %). A indústria ocupava um insignificante quarto lugar, com apenas 10,3 %. Comparando esses índices com os números de Serrolândia, podemos perceber que o setor de Serviços também teve grande importância na distribuição da mão-de-obra feminina nessa cidade, embora não ocupasse o primeiro lugar; este, conferido à Agricultura como visto acima, ficava em segundo, ultrapassando os 30 %, não estando muito distante dos dados referentes ao Brasil.

A predominância das mulheres no setor de Serviços estava relacionada ao fato deste setor absorver trabalhadores em ocupações consideradas historicamente como “femininas”, a exemplo do emprego doméstico. Em Serrolândia, em 1970, havia 31

---

<sup>12</sup> SOIHET, Rachel. “Pisando no ‘sexo frágil’” In *Revista Nossa História*, ano 1, nº 03, jan/2004.

<sup>13</sup> Ver BESSE, Susan. *Modernizando a desigualdade*. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914 – 1940. São Paulo: Adusp, 1999, pp157-158, RAGO, Margareth. “Trabalho feminino e sexualidade” In DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, pp. 580-581 e RAGO, Magareth, “Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1980-1930” In *Caderno Espaço Feminino*, nº. 1, jan/jun, 1994.

<sup>14</sup> RAGO, Margareth, “Trabalho feminino e sexualidade”, op. cit., 582.

empregadas residentes em domicílios particulares; em 1991 este número aumentou para 43. Nos Censos não consta a presença de empregados do sexo masculino. De acordo com Cristina Bruschini e Maria Rosa Lombardi:

(...) O emprego doméstico é um dos maiores guetos femininos, pois trata-se de uma ocupação na qual mais de 90% dos trabalhadores são mulheres. Esse percentual, tem declinado ao longo dos últimos anos, em contrapartida a um ligeiro aumento do percentual masculino, mas a categoria mantém sua marca feminina - em 1970, as mulheres eram maioria absoluta (97,5%), em 1997 elas são 93% da categoria.<sup>15</sup>

No Brasil, além das empregadas domésticas, o setor de Serviços também ocupava mulheres que trabalhavam em atividades administrativas ou burocráticas, como secretárias, datilógrafas, telefonistas, recepcionistas, bancárias e outras profissões. Havia ainda as mulheres que trabalhavam como lavadeiras, arrumadeiras, costureiras, atividades consideradas “femininas”. Em Serrolândia o trabalho de costura era exercido exclusivamente por mulheres; ele foi uma importante alternativa para sua sobrevivência e independência, a exemplo do que ocorreu com Vera e Regina:

Sempre costurei, desde os oito anos de idade, graças a minha mãe. (...) no meu caso eu nunca tive dinheiro só pra mim, meu dinheiro toda vida é de Zacarias e o de Zacarias toda a vida é meu. A gente nunca teve assim essa separação, isso aqui é meu, não. Se eu tenho o meu dinheiro e precisa de alguma coisa dentro de casa eu não pergunto a ele vou e compro. Se ele precisa, ta aqui o dinheiro ele vai ta aqui e pega, se ele tem e eu preciso, vou lá e pego e não tem (...). Não, sobre casamento eu fui muito feliz, e sou graças a Deus ate hoje, não tenho o que reclamar. Tenho 43 anos de casada e não tenho o que reclamar.<sup>16</sup>

(...) Eu ter voltado sem casar (*de São Paulo*), eu acho que não foi mal não, e o trabalho assim eu nunca gostei de trabalho de roça não, mãe era quem mais ia pra roça e em casa eu ficava só costurando, toda vida, eu com 17 anos já cortava pano, e costurava e quando foi nessa ocasião eu fui pra Rui Barbosa, (...) tinha centro de treinamento e eu tive aula de, conversando que gostava de costurar e ai padre Amaro me levou pra lá, foi onde fizemos quatro etapas, (...) Então, o nosso dinheiro, o meu dinheiro e das minhas irmãs também era pra nós comprar nossas coisas, arrumar nosso quarto, comprar e fazer roupa. (...) toda vida eu tive meu dinheiro nesse sentido ai eu tinha liberdade, né? Disso eu não posso reclamar, não posso reclamar não. E também eu nunca fui aquela pessoa sem dinheiro, sempre tive meu dinheiro, que eu me virava por todo jeito.<sup>17</sup>

<sup>15</sup> BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria Rosa. “A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo” In *Cadernos de Pesquisa*, n°.110, São Paulo, jul/2000.

<sup>16</sup> Depoimento citado.

<sup>17</sup> Depoimento citado.

Por ser um trabalho que não exigia a “saída do lar”, era mais viável para mulheres casadas e com filhos, como era o caso de Vera. Regina, que não se casou, relatou que sempre foi independente financeiramente, o que contribuiu para que ela fizesse essa opção.

Em 1980 o setor de Serviços perdeu um pouco a sua importância na ocupação da PEA feminina em Serrolândia, caindo de 31 % em 1970 para 20 %. No Brasil também ocorreu queda deste setor, embora um pouco menor, de 38,8 % em 1970 para 31,8 %. Em 1991 em Serrolândia houve um pequeno crescimento, chegando a 22,42 %.

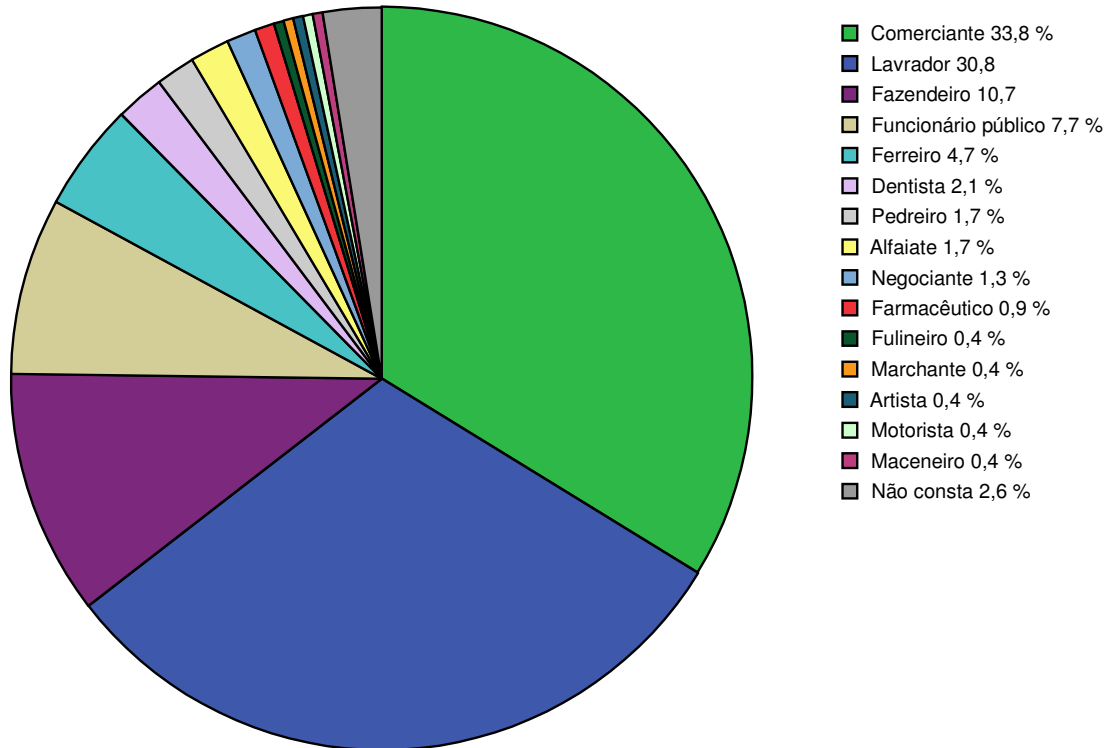
A Indústria em Serrolândia, que ocupava em 1970 quase 10 % da PEA feminina, igualando-se ao Brasil (10,3 %), diminuiu sua importância aos longos das décadas pesquisadas, passando a ocupar apenas um pouco mais de 5 % nos anos de 1980 e 1991. Enquanto Serrolândia teve queda neste setor, no Brasil houve crescimento da participação das mulheres nele nos mesmos anos.

Não encontramos dados no IBGE que tornassem possível uma análise mais detalhada das principais profissões em Serrolândia; no entanto, apresentaremos a seguir dados colhidos no Colégio Estadual de Serrolândia a respeito das profissões de pais e mães dos alunos deste estabelecimento escolar nos anos 1960<sup>18</sup>:

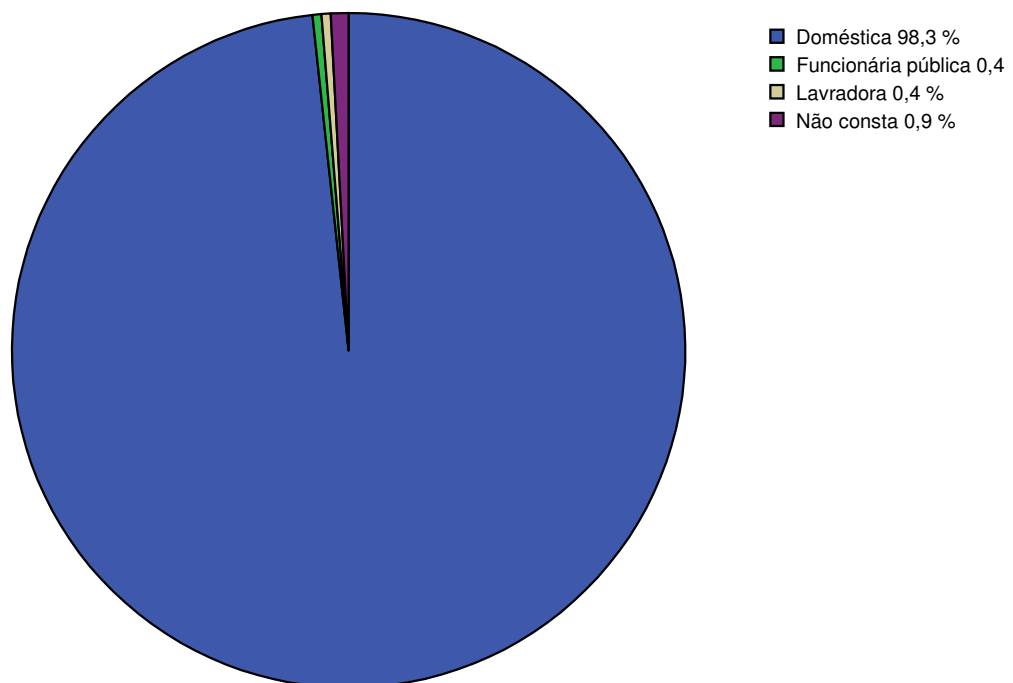
---

<sup>18</sup> Os índices apresentados referem-se aos anos 1964 a 1969, e dizem respeito a 234 alunos. Não conseguimos dados semelhantes a respeito das outras décadas devido às mudanças nos livros de matrícula, que passaram a ter menos informações sobre os alunos.

**GRÁFICO 2**  
**Profissão dos Pais dos Alunos**



**GRÁFICO 3**  
**Profissão das Mães dos Alunos**



Enquanto havia uma variedade de profissões masculinas, embora existissem duas predominantes (comerciante e lavrador), 98,3 % das mães dos alunos apareceram como “domésticas”. Como discutido anteriormente, é muito provável que o uso deste termo na maioria dos casos não diga respeito às empregadas domésticas, mas sim às donas-de-casa, mulheres consideradas “não ativas”<sup>19</sup> pelos Censos. Apenas uma mulher se declarou lavradora e uma funcionária pública e na matrícula de dois alunos não constava profissão da mãe, restando 230 mães “domésticas”.

O número de mulheres “não ativas” em Serrolândia era muito alto nas décadas pesquisadas; em 1970, apenas 12,4 % (tabela 6) das mulheres faziam parte da População Economicamente Ativa, enquanto no Brasil elas eram 20,8 %. Em 1980 houve um pequeno aumento para 14,96 %. Em 1991, embora tenha havido uma ampliação considerável, elas ainda eram um pouco mais de 25 %, ou seja, representavam apenas ¼ da população masculina ativa. No Brasil essa situação era um pouco melhor, não obstante as mulheres ainda fossem minoria no mercado de trabalho formal, sendo que em 1980 elas eram 27,4 % da PEA e em 1991 eram 32,5 %.

Apesar das mulheres estarem parcialmente excluídas do mercado formal de trabalho, muitas delas assumiam o papel de chefes de família, sendo as principais ou únicas mantenedoras do domicílio. Em 1991 elas eram 727, representando 25 % dessa condição na família em Serrolândia. Entrevistamos algumas delas, a exemplo de D. Ana, uma mulher muito pobre que, ao se separar do marido, “criou” sozinha seus sete filhos:

Então minha filha de qualquer maneira eu fui uma mulher muito sofredora tendo que criar os meus filhos, passei muita fome, necessidade, mas eu cansei de trocar o dia de trabalho por meio litro de farinha pra dá aos meus filhos pra comer. Outra vez uma amiga chegava, vai lá me ajudar catar um feijão que eu te dou um pouco. Eu ia, catava o feijão até meio dia, quando era meio dia ela pegava um tanto, botava num cestinho, me dava e eu ia pra casa muito alegre, cozinhava e dava de comer a meus filhos.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Segundo classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE –, que realiza o Censo Demográfico, as Pesquisas Domiciliares Anuais e outras pesquisas oficiais, a População Economicamente Ativa inclui os ocupados e os desocupados. Os ocupados são aqueles que estão empregados, no setor formal ou no informal, enquanto os desocupados são aqueles que estão à procura de emprego na ocasião da pesquisa. Já a População Economicamente Não Ativa inclui os aposentados, os que estão em asilos, os estudantes e as donas de casa.

<sup>20</sup> Depoimento citado.



Alberto Heráclito Ferreira Filho, ao estudar as mulheres das camadas populares em Salvador nas primeiras décadas do século XX<sup>21</sup>, mostrou que muitas mulheres pobres e negras eram as principais responsáveis pelo sustento dos seus filhos. De acordo com esse autor:

As razões que atribuíam às mulheres pobres a responsabilidade quase que exclusiva para com a prole têm suas origens nas instituições e dinâmicas escravistas. O preceito forense segundo o qual “o parto segue o ventre” fazia do filho da escrava em bem do seu senhor, não importando a paternidade do mesmo.<sup>22</sup>

Abandonadas pelos pais das crianças, essas mulheres se viam obrigadas a assumir inteiramente a responsabilidade paterna, trabalhando como vendedoras, empregadas domésticas, costureiras ou em outras profissões.<sup>23</sup>

Em Serrolândia as mulheres chefes de família, que assumiam sozinhas os “papéis” de pai e mãe, preocupavam-se com a criação das suas filhas, para mostrar à sociedade que eram capazes, mesmo estando sem um homem ao lado, de preservar a honra da família. Essas mulheres eram geralmente vigilantes na defesa da virgindade de suas “moças”, tema muito recorrente nas entrevistas. Suzana nos contou que quando engravidou sem ser casada tornando-se mãe solteira, sua mãe reagiu ao fato de forma dramática:

Eu acho que ela queria mostrar a ele (*o pai*) que ela soube criar, que ela foi mãe e pai... que... até pela educação que ela teve, né? (...) Ela trabalhava muito, que ela sempre teve hotel. E ela nunca estudou, e ela queria mostrar também, que... Mainha foi uma espécie de líder da família, então ela queria mostrar pra todos, ela tinha poucos irmãos, uns 32 irmãos dela (risos). Aí ela queria mostrar para os irmãos dela que mesmo sendo separada, mesmo painho tendo abandonado a casa, que ela criou direitinho a gente, e ter uma filha mãe solteira não era ter criado direitinho (...) Eu quase mato minha mãe.<sup>24</sup>

Em Serrolândia, dependendo da classe social a que as mulheres pertenciam, tinham condições diferenciadas para a criação dos filhos. D. Maria, por exemplo, que trabalhou como Serventuária da Justiça desde os dezenove anos, quando já estava casada, afirmou: “sempre trabalhei fora, isso me ajudou muito”. Quando se separou, assumiu quase integralmente as despesas com os quatro filhos, que ficaram com ela. O fato de ter sido

<sup>21</sup> FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. *Quem pariu e bateu, que balance!* : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940. Salvador: CEB/UFBA, 2003. Ver especialmente o capítulo I.

<sup>22</sup> Idem, ibidem, p. 20.

<sup>23</sup> Idem, ibidem, pp. 32-33.

<sup>24</sup> Entrevista com Suzana, em 28.02.2006.

funcionária pública, com um salário garantido no final do mês, a fez uma mulher independente financeiramente, apesar das queixas constantes do marido:

Independente financeiramente, mas no casamento não, porque na realidade ele (o marido) não queria, todo dia ele retrucava: você sai de casa e deixa os seus filhos aí, entrega a empregada. Aí eu, com o apoio dos grandões que sempre gostaram e mostraram gostar de mim como continuam gostando. Aí ele se acalmou e achou que eu tava certa, aí ele se acomodou, em vez de eu ficar acomodada quem ficou foi ele, e a vida continua.<sup>25</sup>

A fala de D. Maria é bastante significativa para pensarmos sobre duas questões: primeiro, a idéia de que o cuidado com os filhos era pensado como uma obrigação feminina, pois segundo ela, o argumento usado por seu marido para reivindicar sua presença em casa foi a preocupação com os filhos. O outro tema presente na entrevista é a relação entre trabalho e emancipação feminina, pois ficou muito evidente que as mulheres que trabalhavam fora de casa tinham maiores possibilidades de conquista de certa autonomia do que as mulheres que eram dependentes economicamente dos seus maridos. Entretanto, o fato de ser independente financeiramente não lhes garantia essa autonomia; isso estaria relacionado à idéia de que no casamento as mulheres possuíam deveres de esposa e mãe, muitas vezes incompatíveis com o cotidiano de trabalho, na visão dos homens. Isso não ocorria nas camadas populares, visto que as mulheres dessas camadas tinham que conciliar casamento e trabalho cotidianamente.

A relação entre trabalho e casamento foi abordada por algumas mulheres entrevistadas. Para a maioria delas, era importante conciliar os dois; no entanto, algumas não abriam mão da sua liberdade e consideravam o trabalho uma forma de conquistá-la, a exemplo de D. Maria:

Eu achava que os dois eram importantes, importante o casamento e o trabalho, eu conciliei bem. Eu com o casamento, com o casamento eu me librei, quebrei as correntes porque ele era muito ciumento. Então, pra mim trabalhar fora, pra mim aquilo era espetacular, a liberdade. Realmente fui livre.<sup>26</sup>

Embora tenham ocorrido algumas mudanças na participação feminina no mercado de trabalho em Serrolândia, como visto acima, a grande maioria das mulheres ainda estava excluída deste mercado, não possuindo nenhum rendimento. Muitas mulheres melhoravam suas condições de vida ao se aposentarem ou ficarem viúvas, quando passavam a receber pensão do Estado; em 1991 o número de mulheres pensionistas era incomparavelmente maior

---

<sup>25</sup> Entrevista com D. Maria, em 06.04.2005.

que o dos homens, chegando a quase 90 %. Também havia mais mulheres aposentadas; no entanto, a diferença era bem menor com relação aos homens: elas perfaziam um total de 56,4 %. Mas além de estarem menos inseridas no mercado de trabalho, as mulheres em Serrolândia ganhavam bem menos que os homens. Os dados sobre rendimento mensal mostram que a grande maioria das mulheres não tinha nenhum rendimento e as que tinham estavam nas faixas com menores salários. A tabela a seguir mostra o Rendimento Médio da População Economicamente Ativa, por sexo, nos anos de 1980 e 1991:

**TABELA 15 - RENDIMENTO MÉDIO MENSAL DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA, POR SEXO<sup>27</sup>**

<b>Rend. Médio Mensal</b>	<b>1980 Masc %</b>	<b>1980 Fem %</b>	<b>1980 Total %</b>	<b>1980 % de Mulheres no Total</b>	<b>1991 Masc %</b>	<b>1991 Fem %</b>	<b>1991 Total %</b>	<b>1991 % de Mulheres no Total</b>
Até ½ SM	11,44	9,26	10,32	45,86	20,76	13,95	17,23	41,96
+ 1/2 a 1 SM	30,7	3,31	16,69	10,13	26,21	10,76	18,2	30,63
+ 1 a 2 SM	16,61	1,04	8,65	6,16	11,9	2,29	6,92	17,13
+ 2 a 5 SM	5,37	0,15	2,7	2,92	4,47	0,86	2,6	17,21
+ 5 a 10 SM	0,63	0,04	0,33	6	1,15	0,12	0,62	10
+ 10 a 20 SM	0,04	-	0,02	-	0,58	-	0,28	-
+ 20 SM	0,04	-	0,02	-	-	-	-	-
Sem rendim.	34,7	85,58	60,72	72,08	34,5	71,37	53,61	69,01
Sem declar.	0,47	0,62	0,55	57,83	0,43	0,65	0,54	62,22
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE – Censos de 1980 e 1991.

O quadro mostrado acima é bastante revelador da pobreza que atingia Serrolândia nos anos 1980 e 1991. Analisando os dados gerais sobre os rendimentos da população, vemos que tanto em 1980 como em 1991 mais de 50 % da PEA não tinham rendimentos, o que indica uma situação de difícil sobrevivência, gerando um processo de migração intenso já discutido anteriormente. Além disso, da população que possuía rendimentos, a maioria se encontrava na faixa que recebia entre ½ e 1 salário mínimo, tanto em 1980 como em 1991. Se somarmos os trabalhadores que ganhavam até 2 salários mínimos, o percentual ficará em torno de 35 % em 1980 e 42 % em 1991, ou seja, quase a totalidade dos trabalhadores com rendimentos. Apenas 3 % da PEA recebiam acima de 2 salários

<sup>26</sup> Depoimento citado.

<sup>27</sup> No Censo de 1991, esse item aparece como: “Pessoas de 10 anos e mais, por classe de rendimento nominal mensal e por sexo”. Infelizmente não encontramos dados sobre rendimento em Serrolândia no Censo de 1970.

mínimos em 1980, tendo este percentual subido para 3,5 % em 1991. Apenas três pessoas (0,02 %) recebiam acima de 20 salários mínimos em 1980. Em 1991 não havia ninguém nessa faixa de rendimentos. As mudanças que podem ser percebidas neste quadro, entre os anos 1980 e 1991, são uma queda de sete pontos percentuais na população sem rendimentos. Contudo, a população que deixou a faixa dos “sem rendimentos” passou a receber apenas até ½ salário mínimo.

Se analisarmos os rendimentos a partir de uma ótica de gênero, vamos perceber que no caso das mulheres a situação se apresentava de forma ainda mais grave. Da População Economicamente Ativa total, mais de 72 % destas apareceram como “sem rendimentos” em 1980 e 69 % em 1991. Analisando a distribuição da PEA feminina com rendimentos, a maioria das mulheres ganhava até ½ salário mínimo, nos dois Censos, situação ainda pior que a dos homens e da população como um todo. O que fica claro é que quanto mais alta era a remuneração recebida, mais excluídas estavam as mulheres.

No Brasil, os padrões gerais de localização dos trabalhadores e das trabalhadoras no mercado de trabalho, quando tomados de forma agregada, pouco se modificaram entre 1970 e 1990. Elas continuaram sendo mais expressivamente absorvidas na prestação de serviços, na administração pública, no ensino e nos serviços domésticos e também em atividades do comércio e do setor agrícola. Eles, por sua vez, encontraram maiores oportunidades de colocação, pela ordem, na indústria, nos serviços e nas atividades agropecuárias.

Em Serrolândia essa realidade era um pouco diferente, visto que tanto homens como mulheres ainda se dedicavam prioritariamente à Agricultura até 1991. A experiência de uma sociedade ainda rural trouxe elementos que apontam especificidades nas relações de trabalho. Na “roça” as relações de solidariedade mostravam-se mais presentes entre os vizinhos e um exemplo disso eram os “batalhões”, prática ainda presente em algumas regiões da Bahia, que apontam a possibilidade da relação entre trabalho e lazer. É o que discutiremos no próximo tópico.

### **3.3 FORMAS DE LAZER EM SERROLÂNDIA: DIVERSÃO E VIGILÂNCIA**

Ai quando era quatro horas da manhã, a turma chegava, ai começava dar tiro na roça, ai o cara acordava doido sem saber o que era, ai já viu...o coro tava comendo lá. Todo mundo trabalhando. Ai o cara já levantava ia matar um porco, ou se fosse muito grande um boi, já mandava ir na rua comprar cachaça, a mulher levantava e já ia preparar os comes e bebes. E ai era aquela festa o dia todo.<sup>28</sup>

Os “batalhões” também eram chamados de “boi roubado” ou “adjutório”. Eles eram uma espécie de mutirão em que os vizinhos se reuniam para prestar solidariedade a um lavrador que tinha muito “serviço” de roça para fazer e não tinha como pagar empregados, nem contratar diaristas. Muito comum no sertão, mas também em outras regiões da Bahia<sup>29</sup>, de acordo com seu João, em Serrolândia “entre os anos 1950 a 1970, foi o forte disso”. É provável que essa prática se tenha estendido pelo menos até os anos 1980, mas não temos uma data precisa de quando ela deixou de existir.

Como visto acima, o dono da “roça” era “surpreendido” pelos companheiros ao amanhecer do dia; ele deveria providenciar comida e cachaça para os trabalhadores voluntários. Estes iam para a “roça” “limpar um tanque, que vinha chuva, (...) uma roça grande pra roçar, uma roça de mandioca grande pra limpar, ou de mamona. Então, tudo aquilo fazia no dia, de noite tava tudo pronto”<sup>30</sup>.

O papel das mulheres, citado acima por seu João foi confirmado por Lourdes que também acompanhou muitos “batalhões” feitos na “roça” de seu pai: “Os homens iam pra roça, as mulheres ficavam em casa cozinhando. Era, fazendo comida, levando café, levava o café de 10 horas, levava tanto pão pra eles merendar”<sup>31</sup>. Fica claro que a divisão sexual do trabalho estava presente nos “batalhões”.

O mais interessante desta prática é que ela não era apenas um momento de trabalho, mas uma mistura de trabalho e lazer, de trabalho e festa. Todos os entrevistados contaram emocionados e com um certo saudosismo que, no final do dia, às “seis horas da tarde”, o trabalho se encerrava e começava uma grande festa com a canto da “bandeira”. Segundo Lourdes:

Eles cantava a bandeira, na hora que chegavam da roça. Ai eles tudo com as enxadas, já tava com o pandeiro, era bonito demais. O trabalho com a festa. (...)

<sup>28</sup> Entrevista com João, em 16.02.2006.

<sup>29</sup> SANTOS, Fábio. Nem tabaréu/ao, nem doutor/a: o/a aluno/a da roça na escola da cidade – um estudo sobre identidade e escola. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

<sup>30</sup> Entrevista com João, em 16.02. 2006.

<sup>31</sup> Depoimento citado.

Tinha uma bandeira, eles lá pegava uns lenços, de primeiro os homens usava lenço e ate hoje alguns usa, eles marravam o lenço numa vara e fazia aquela bandeira com o lenço, mas nós em casa comprava o papel, esse papel transparente, e fazia aquelas bandeiras enfeitada, toda enfeitada, linda. (...) E ai as moças tudo ficava ali, a gente chamava muita moça, num sabe? Ai uma ficava segurando aquela bandeira, a de casa e a outra com uma garrafinha de cachaça, a garrafinha toda enfeitada de papel, ai os homens vinham de lá, chegava lá no terreiro e começava a bater pandeiro, e a enxada e cantando a bandeira.<sup>32</sup>

Cantar a “bandeira” é uma manifestação da cultura popular sertaneja presente em Serrolândia até recentemente, praticada por homens e mulheres. Seu João explicou-a com detalhes:

Quando era tardezinha já tinha a coisa preparada, já tinha uma bandeira, já vinham da roça com a bandeira, batendo a enxada e cantando. Ai chegava, formava duas filas, uma de cada lado, ai uns ia pra lá e voltava. Ia pra prá lá e voltava. E saldava o dono da casa. Era uma coisa maravilhosa.<sup>33</sup>

Com o término do canto da “bandeira” “amanhecia o dia sambando. Ai virava farra!”<sup>34</sup>. À noite chegavam convidados das “roças” vizinhas que, mesmo não tendo participado do trabalho, podiam compartilhar da festa. Como afirmou Lourdes, vinham homens e mulheres para beber, comer, dançar, namorar. Ao ser questionado se ocorriam namoros nas festas dos “batalhões”, seu João relatou:

Ah mais é claro, claro que sim. Os agarro! Você sabe a história da capa? Sabe o que é a capa não? Capa é uma veste do pessoal do Sul, eu não sei qual é o produto, sei que é uma coisa quente, ele esquenta. Não faz frio, chuva não passa por ela. É um casaco comprido. É uma capa comprida de lã boa. Eu esqueci... três coqueiros, era uma marca boa, três coqueiros. E ai as meninas mais esperta, iam pra de baixo da capa com o cara, ai o coro comia. Essas coisas dava muito, principalmente em tempo de chuva.<sup>35</sup>

Os “batalhões”, assim como outras manifestações<sup>36</sup> presentes em Serrolândia, representavam um momento de socialização entre os vizinhos na zona rural, uma forma de compartilhar alegrias e dificuldades, possibilitando a sobrevivência da cultura local. Nesse sentido, eles foram importantes para consolidar laços de amizade e solidificar formas de lazer para a população rural.

---

<sup>32</sup> Depoimento citado.

<sup>33</sup> Depoimento citado.

<sup>34</sup> Entrevista com João, em 16.02.2006.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Além dos “batalhões” havia a “debulha de licuri”, a “tarefa-de-farinha”, e outros tipos similares.

As formas de lazer das mulheres que viviam na “roça” em Serrolândia eram bastante limitadas nos anos 1960. Lourdes falou sobre suas diversões no tempo em que ainda era solteira:

As diversão era mais quando tinha uma missa, que demorava muito, aí a gente vinha praquela missa. Nas missões, teve umas missões aí que eu participei e aí chegava... foi bonita, traz ramo de anjo, e acompanhamos o bispo e aquilo pra nós foi uma novidade maior da vida, porque naquele tempo era assim a nossa vida.<sup>37</sup>

Além das opções de festas na própria localidade, a exemplo do “batalhão”, as diversões estavam muito associadas à religião católica: missas, festas de padroeiro, que muitas vezes duravam alguns dias, Semana Santa e Natal eram ocasiões em que as “moças de família” vinham para a cidade se distrair. Dependendo da vigilância que os pais exerciam, algumas vinham em outras ocasiões. Esse não era o caso de Lourdes:

(...) Uma vez nós viemos num sábado da Aleluia, antigamente tinha um tal do Judas, né? Queimava o Judas era aquela festona, e pai foi pra o São José (*cidade próxima a Serrolândia*) e nós ficamos com compadre Agripino, e ajeitamos tudo e dissemos vamos vê queimar o Judas hoje? Vamos, e nós viemos sem dizer a pai porque ele tava no São José, meia noite nós voltou pra casa. Quando pai soube que nós viemos foi um barulho danado. Os pais não confiava, sei lá como é. Eu nunca fui numa festa, ouvia falar daquela festa, era assim.<sup>38</sup>

As festas religiosas tinham uma grande importância em Serrolândia na década de 1960. De acordo com Jairo Rios, a Igreja Católica foi a única religião presente nesta cidade pelo menos até final dos anos cinquenta, quando surgiram as religiões evangélicas, especialmente a Batista<sup>39</sup>. A festa do padroeiro São Roque já era comemorada desde a década de 1930<sup>40</sup>, estendendo-se até os dias atuais. De acordo com os Censos do IBGE, em 1970, 94,5 % da população serrolandense se declarou católica. O número de católicos foi diminuindo ao longo dos anos mas em 1991 ele ainda era bastante elevado, chegando a 86,5 %<sup>41</sup>. Embora tenhamos que levar em conta que no Brasil a maioria das pessoas que não freqüentam nenhuma igreja geralmente se declara católica, não podemos desconsiderar a importância desta religião em Serrolândia. Neste sentido, é compreensível que as festividades católicas ocupassem um espaço importante na vida da sua comunidade.

<sup>37</sup> Depoimento citado.

<sup>38</sup> Depoimento citado.

<sup>39</sup> RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. “Formas de bem morrer: intimidade fúnebre em Serrote (memórias de um mundo rural)” In *Cadernos do CEOM – Chapecó*: Argos, 2002. pp. 57-58.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*, p. 53.

<sup>41</sup> Percentuais calculados a partir dos Censos do IBGE de 1970, 1980, 1991.

Apesar de a cidade oferecer poucas opções de lazer, elas iam um pouco além das manifestações religiosas. A partir das entrevistas realizadas foi possível perceber que uma das principais opções de lazer em 1960 eram os passeios para o Açude<sup>42</sup> da cidade. Construído na década de cinquenta<sup>43</sup>, durante muitos anos o Açude Público Serrote foi a principal fonte de abastecimento de água da cidade, mas embora essa fosse a sua principal função, a juventude da cidade criou outro papel para ele. Vários entrevistados afirmaram que o Açude era um ponto de encontro entre amigos e casais de namorados, tornando-se um “programa de domingo” o qual muita gente não queria perder. De acordo com Vera:

(...) área de lazer não tinha, não tinha um jardim, não tinha um clube, não tinha nada pra se divertir, a única diversão daqui era o açude, as moças iam namorar, lá na banca, todos os dias, domingo era assim (*faz gesto com as mãos mostrando grande quantidade*) de gente...<sup>44</sup>

Apesar da frequência dos jovens citada por Vera, segundo ela nem todos os pais permitiam que suas filhas fossem para o açude. Como era um espaço de namoro, sem a presença de adultos, não era aconselhável que uma “moça de família” o frequentasse. Entretanto muitas iam:

Escondido, ele (*seu pai*) sabia nada... Quando os pais sabiam já tinham ido e já tinham vindo (...) A gente num ia só não, eram muitas, muitas, todas as moças daqui de Serrolândia iam pra lá! Tudo, não tem uma do meu tempo que possa dizer eu nunca fui.. Iam as faladas, iam as de família, as moças que não eram faladas, tal, ia todo mundo escondido.<sup>45</sup>

Não obstante o exagero da depoente em afirmar que todos frequentavam o Açude, outras entrevistadas confirmaram que de fato ele era uma das principais opções de lazer da juventude na década de 1960. Segundo Celeste:

Eu sei que na banca do açude... o monte também era usado pra namoro. Êta que aquela banca do açude! Que a gente no dia de domingo não tinha outro lugar pra ir, então todo mundo ia pro açude. E eu lembro que no monte, um dia que eu for lá com tempo... tem uma pedra que era uma cadeirinha, eu já até namorei naquela cadeirinha, quer dizer, a pedra tem um lugar assim que parecia uma poltrona assim, eu nunca vi uma coisa daquela menina, aquela que servia pra duas pessoas sentar. E ai tinha vez que ia aquele grupo de pessoas pro monte. (...) e ai o lugar de namorar era no monte e no açude.<sup>46</sup>

<sup>42</sup> O Açude se localiza a cerca de 1 Km do centro da cidade.

<sup>43</sup> REIS, Diomedes Pereira dos. *Serrote de ontem, Serrolândia de hoje*. Salvador: Press Color, 1994. p. 19.

<sup>44</sup> Depoimento citado.

<sup>45</sup> Entrevista com Vera, em 30.03.2005.

<sup>46</sup> Depoimento citado.



O monte, a que se refere a depoente, é o “Monte Serrote”. Da mesma forma que o açude, o monte foi citado como espaço de lazer e principalmente de encontro para os casais de namorados. Esses espaços parecem ter permanecido na memória das pessoas de forma marcante, tendo também sido citados como formas de lazer nas décadas de 1970 e 1980, embora não mais com a mesma importância, visto que surgiram muitas outras opções. É interessante pensar que numa cidade bastante pequena, que não desenvolvia políticas públicas de lazer para a juventude, a própria comunidade criava suas diversões, sendo provável que o monte e o açude fossem espaços tão procurados pela juventude por estarem afastados da vigilância dos pais. Apesar disso, não significa dizer que não houvesse formas de controle entre os próprios jovens. De acordo com Joseli Maria Silva:

As relações sociais na cidade pequena são marcadas pela personalidade que geralmente exerce um controle muito eficaz sobre os membros de sua coletividade. (...) Além do ambiente da casa que tem como referência a família, o ambiente fora de casa é altamente controlado, em primeiro lugar pela "vizinhança", e só então o espaço fora da vizinhança ganha importância. O espaço limite dos "vizinhos" serve de encontros e lazer, como os bares, lanchonetes, salões de baile, salões paroquiais, ou campos de futebol de várzea. A forma de comportamento das pessoas está sujeita a uma determinada forma de controle. (...) Os espaços demarcados desta maneira são utilizados como referência para distinguir seus usuários como pertencentes a uma rede de relações e, para pertencer a esta rede, é preciso que se cumpram determinadas regras de convivência.<sup>47</sup>

O controle de que fala a autora pode ser percebido em Serrolândia em ambientes que deveriam representar espaços de liberdade e subversão e um exemplo disso era o controle existente na primeira boate da cidade. Os anos 1970 foram marcados por novas formas de lazer em Serrolândia; em 1974, surgiu a primeira boate e em 1979 foi inaugurado o Clube da cidade. Esta, chamada Boate Chic, foi citada por vários entrevistados como um espaço de diversão, mas também de controle dos comportamentos, exercido pelo seu proprietário. Na sua entrevista, ele demonstrou orgulhar-se de sua boate ter sido considerada “de família”, um local onde não eram permitidos comportamentos que colocassem em risco essa referência. Vejamos o que diz seu Miguel:

(...) E aqui toda vida teve respeito e sempre foi freqüentada pelas famílias. E pra... nunca nenhuma família empatou filha vim pra aqui, de jeito nenhum. Agora lá nas outra boate por aí, segundo comentários é que daqui a pouco tinha briga e palavrão aí os pais evitava de deixar. (...)<sup>48</sup>

<sup>47</sup> SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas: uma abordagem da pequena cidade” In *Revista de História Regional*, Ponta Grossa PR, V. 5, nº 2, 2000, pp. 09-38.

<sup>48</sup> Entrevista com Miguel, em 17.02.2006.

Ao contrário do que afirmou seu Miguel, muitos entrevistados disseram que era muito comum que os pais proibissem as filhas de freqüentarem as boates, inclusive a dele. A boate nesse período parece estar associada a um espaço perigoso para as “moças de família”, lugar escuro que aparentemente não podia ser controlado.

Tinha a de Miguel, tinha a Chaparral. E era muito proibida pelos pais, a boate, porque era um lugar assim meio escuro, né? Assim aquele jogo de luz, um lugar mais escuro. (...) A gente acabava indo, eu tiro por mim. Acabava indo. Acabei indo e muitas vezes, né?<sup>49</sup>

Bom, todo mundo não, porque tinha meninas, mulheres por exemplo que se o pai soubesse matava, né? Tinha umas que entrava escondidinha, ficava lá. Porque lá dentro era a luz negra na época, tinha luz negra, né? E aí a gente só via o clarão dos dentes, dos olhos porque a luz era negra. Ninguém conhecia ninguém, parecia uns lote de cão (risos). E a boate era boa demais. As músicas antigamente era totalmente diferente das de hoje, era músicas romântica mesmo. E lá foi de onde nasceu vários namoros, que de lá também partiram pro casamento, né? Tenho vários amigos que começaram a namorar nessas boates aí...a grande atração da gente era a boate. A mais freqüentada era a boate de Miguel, né?<sup>50</sup>

Em sua fala, Reginaldo tentou mostrar que apesar de a boate ter uma representação negativa para os pais, ela possuía um papel importante no sentido de “contribuir” com as relações amorosas, levando inclusive alguns casais ao casamento, parecendo-nos uma tentativa de justificar a importância que a boate tinha para a comunidade. As mulheres também contaram que eram proibidas de freqüentar as boates:

(...) Eu fui uma jovem pimenta, mas eu nunca fui a uma festa escondido, nunca entrei em uma boate. Um dia eu pedi a Miguel, tinha uma boate dele né? Pra conhecer de dia que eu tinha vontade. (...) Aí um dia eu disse a ele oh Miguel deixa eu conhecer a boate, porque mainha não deixa eu vim de noite. Pedi a ele para acender a luz negra. Aí eu: oh Miguel acende aí pra eu olhar. (...) A noite eu ia e ficava na pracinha, ali no jardim. Todo mundo ficava me olhando, mas eu não entrava, porque eu tinha medo de apanhar. E mainha era de ir me buscar na rua. Mainha se sonhasse que eu estava lá passando na porta ela ia me buscar.<sup>51</sup>

Eu não fui aquela que seguiu à risca as recomendações. A gente tava sempre burlando, com certeza. Era boate escondido, o namoro no jardim no escuro mais cedo, por que depois vinha pra casa. Mas a gente tava sempre burlando, porque o gostoso da vida era isso. O namorar escondido era uma maravilha e entrar na boate então uma adrenalina pura! (risos)<sup>52</sup>

<sup>49</sup> Entrevista com Neide, em 28.12.2005.

<sup>50</sup> Entrevista com Reginaldo, em 28.12.2005.

<sup>51</sup> Entrevista com Suzana, em 28.02.2006.

<sup>52</sup> Entrevista com Neide, em 28.12.2005.

A boate parecia exercer um certo fascínio sobre essas jovens, ao ponto de Suzana querer conhecê-la durante o dia, visto que não podia ir à noite. A proibição às “moças de família” não as impediu de freqüentá-las, muito pelo contrário; ir à boate parece ter se tornado um desafio para muitas mulheres que se sentiam atraídas em conhecer um espaço novo para elas.

Além da “Boate Chic” que, de acordo com seu proprietário, ainda funciona atualmente, existiram outras boates em Serrolândia no período estudado; dentre elas podemos citar a “Chaparral”, a “Cinderela”, e mais recentemente, por volta do final dos anos 1980, a boate de “Hugo”, como era conhecida. Infelizmente não conseguimos precisar a data de funcionamento desses estabelecimentos, devido ao choque de informações dos depoentes e pelo fato de não termos conseguido entrevistar seus proprietários. No entanto, encontramos uma citação no diário recolhido de uma entrevistada, em que a Boate “Chaparral” foi citada como espaço de lazer freqüentado por ela em 1979.

Como as boates disputavam entre si a presença dos jovens, a “Boate Chic” criava mecanismos para atrair um público mais “familiar”. Na entrevista com seu Miguel, ele contou com detalhes as formas utilizadas por ele para vigiar os freqüentadores da sua boate:

Aqui eu tenho dois tipos de luz, uma luz negra e uma luz clara, se eu chegasse e visse um rapaz encostado na parede e uma moça colada nele, naquele momento eu chegava aqui dentro e jogava a luz clara. Aí dava o que entender a ele que tinha coisa errada. Se ele não procurasse sentar com ela, eu ia lá e “meu amigo, me dê o prazer de sentar um pouco, fica a vontade, me dê o prazer de sentar um pouco”, pra ele se tocar. Naquela época a coisa era séria. Mas hoje o que a gente vê aí é que filha vai pra onde bem quer e o pai não pode dizer mais nada e cada qual cuide da sua vida.<sup>53</sup>

Essa informação foi confirmada por pessoas que freqüentavam a boate. A “Boate Chic” era de fato considerada de “família”, ao contrário da “Chaparral”, que era vista como mais “liberal”:

Porque a de Miguel foi boa, pode ter sido até da mesma época, mas ninguém podia namorar em pé, não podia dançar coladinho. E na Chaparral podia tudo, a diferença tá aí. (...) Miguel, ele olhava e se via alguém namorando em pé, beijar na boca de língua, nem pensar! Aí a galera preferia a Chaparral.<sup>54</sup>

A boate de Miguel, o que? Simplesmente, às vezes, você sentava na mesa e tomava uma cervejinha, uma coisa. Mais aí quando passava aquela música lenta você ia

<sup>53</sup> Depoimento citado.

<sup>54</sup> Entrevista com Neide, em 28.12.2005.

dançar. Miguel era realmente assim, se ele percebesse que a gente tava se agarrando muito, se esfregando como dizia ele, aí ele colocava aqueles sei lá, acho que é holofote, aquelas lâmpada, aí clareava... Ele mudava a iluminação. E às vezes ele chamava a atenção. Se acontecesse de a gente, por exemplo, se encostar em uma parede, por que às vezes a gente saía ali daquele âmbito dali, de dentro mesmo da boate e tinha ali, ali fora afastado um pouquinho e ele colocar a agente do lado de dentro e dá bronca. Ele dava bronca mesmo, dizia que a gente tava.... Principalmente se ele achasse que tava escandaloso, muito agarrado.<sup>55</sup>

Eu não freqüentei muito a Chaparral. É porque é uma boate que não era bem vista, né? Não era bem vista e tal, então a gente não freqüentava muito. Mas teve uma boate aqui que era muito boa, acho que era a Cinderela.<sup>56</sup>

É muito curiosa a existência de um espaço, que deveria ser de liberdade, ter se tornado um lugar de controle. O olhar vigilante dos pais foi substituído pela vigilância do dono da boate e diante disso, alguns jovens acabavam preferindo a “Boate Chaparral”, visto que nela havia mais liberdade para namorar. Outros, no entanto, não gostavam de freqüentá-la, por esta não ser bem vista socialmente. Independente dos resultados, seu Miguel continuava implacável na defesa do “ambiente familiar” da “Boate Chic”. Ele nos contou que após uma briga entre duas mulheres, algo incomum na sua boate, ele:

(...) Ai eu peguei ela pelo braço tirei e trouxe aqui pra fora e ela engrossou um pouco querendo voltar para freqüentar o movimento. Eu disse aqui não. Tem noventa dias de suspensão! Veio a mãe me pedir, veio os irmãos, entendeu? Ela veio chorando. Eu disse daqui pra lá. Aqui você não entra não, entendeu? Noventa dias de suspensão!<sup>57</sup>

Não é possível saber se de fato o dono da “Boate Chic” era tão rígido como ele se apresentou aqui. No entanto, como vimos acima, alguns depoentes confirmaram que ele controlava de forma veemente os comportamentos dos freqüentadores do seu estabelecimento. Mas é provável também que ao falar da sua boate como se fosse um “quartel militar” ou uma “escola tradicional”, ao ponto de dar suspensão nos insubordinados, ele estivesse defendendo uma imagem considerada por ele importante.

Além das boates que, como vimos, ocuparam um lugar importante no cenário das diversões em Serrolândia, outras formas de lazer também se apresentavam nos anos 1970 e 1980. Os parques e circos, que geralmente vinham de fora e ficavam algumas semanas na cidade, eram uma delas. Os passeios pelo “jardim” da cidade, situado na praça principal,

<sup>55</sup> Entrevista com Elizabete, em 20.02.2006.

<sup>56</sup> Entrevista com Reginaldo, em 28.12.2005.

também foi bastante lembrado como espaço de namoro e encontro de amigos. Contudo, as festas<sup>58</sup>, realizadas desde os anos 1960, constituíram uma das opções de lazer mais importantes presente na memória dos serrolandenses. Por não existir Clube na cidade, uma vez que este só foi construído na década de 1970, elas eram realizadas em espaços diversos como salões, escolas e boates.

Seu Miguel disse ter realizado várias festas em Serrolândia. Ele contratava “conjuntos”<sup>59</sup> de outras cidades para tocar em sua boate. O tipo de música mais apreciado, segundo ele, era a seresta. Como a boate era aberta ao público, ele tinha que criar formas de organização que possibilitasse a cobrança do ingresso:

É, eu ainda tenho as telas que eram botadas aqui daquele que (...) compra aqui e o pessoal, você via aquele bando de gente aqui na frente, e cada um ia passando e pagando seu ingresso, as vezes as mulher... tinha festa que eu não cobrava, por que eu acho errado cobrar. Festa que só, só tiver homem não tem festa. Em primeiro lugar as mulher, então tem que liberar pra elas. Homem entrar quando tiver bastante mulher lá dentro, tem deles que volta logo cá pra fora e diz oh a coisa aí tá boa, aí, aí o movimento aumenta. Eu fiz muita festa aqui e não tenho o que falar mal de jeito nenhum.<sup>60</sup>

A idéia de que as mulheres não deveriam pagar ingresso para participar das festas esteve presente durante muito tempo em Serrolândia. Em várias festas realizadas elas pagavam um ingresso com valor inferior ao dos homens, sendo que raramente pagavam o mesmo valor. Essa prática indica representações sobre os papéis sociais de gênero, reproduzindo a visão tradicional de que o homem deveria ser o provedor, estando sempre em melhores condições financeiras que as mulheres, o que nem sempre correspondia à realidade. Além disso, as mulheres eram vistas como elemento de atração dos homens para as festas, o que sugere uma representação destas como objeto.

Em 1969 chegou em Serrolândia um “conjunto” de música chamado “Los Cravos”, vindo de São Paulo, formado por seis componentes, sendo três deles naturais de Serrolândia e três daquela cidade. O conjunto foi formado originalmente em São Paulo e veio

---

<sup>57</sup> Depoimento citado.

<sup>58</sup> As festas a que nos referimos eram realizadas em espaços públicos ou privados, com cobrança de ingresso para aqueles que as freqüentavam. Além desse tipo de festa, havia também os “assustados”, que eram pequenas festas que ocorriam na casa de um dos organizadores, sem planejamento prévio. Esse tipo de diversão foi discutido no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>59</sup> O termo “conjunto” era utilizado para denominar as bandas de música, especialmente as dos anos 1960. De acordo com seu Miguel: “Naquela época ninguém falava assim banda né? Falava conjunto, entendeu?”

<sup>60</sup> Depoimento citado.

nesse ano para fazer uma turnê em Serrolândia e na sua micro-região. Geraldo, um dos componentes deste que reside atualmente em Serrolândia, lembrou emocionado:

Nós ficamos quarenta dias aqui em Serrolândia, chegamos na década de 1960, tocamos em Serrolândia em umas três festas, tocamos em Várzea do Poço, Tapiranga, Saúde, Caldeirão Grande, Jacobina, tocamos em Jacobina onde hoje é o Banco do Brasil, antigamente era a Dois de Janeiro. Foi uma festa assim muito maravilhosa, porque antigamente é... naquela época não tinha conjunto, tinha os caciques de Alagoinhas, mas o conjunto Los Cravos era um conjunto muito superior. (...) E nós quando chegamos mesmo em Jacobina, nós arrasamos, sabe por quê? Naquele tempo ninguém cantava inglês e o pessoal ficou tudo admirado.<sup>61</sup>

Geraldo demonstrou preocupação em afirmar a superioridade musical do conjunto em relação a outros existentes aqui na Bahia. Na entrevista, ele falou orgulhoso do sucesso que eles fizeram em Jacobina e em outras cidades, além de lembrar com detalhes as roupas usadas pelo conjunto:

Quando nós chegamos aqui nós usava o cabelo comprido, num era muito comprido batia no queixo, o pessoal admirava. E as moça ficava tudo entusiasmada com a gente por que tinha um bocado de moça aí. Quando nós ia tocar só tocava tudo igual. Era esse paletó bem comprido, era tudo com bota... é com aquele paletó... que usava de todas as cores, né? E calça preta. Ele era vermelho mas fazia vermelho, preto, que ele era todo brilhoso. Em Jacobina nós tocamos assim, quando nós tocamos em Jacobina, que tocou “Milionário” ave Maria o pessoal levantaram tudo, depois veio as músicas em inglês. (...) Que a festa não era pra terminar 4h, mas nós terminamos 4h (...) Mas o pessoal ia pro pé do palanque e o presidente da Dois de Janeiro veio falar com o empresário da gente pra nós tocar até mais tarde que ele pagava, aí nós tocamos até 8h do dia.<sup>62</sup>

As fotos subseqüentes são do conjunto Los Cravos e foram cedidas por Geraldo. Infelizmente não temos uma data precisa de quando elas foram feitas; no entanto, é muito provável que sejam da época em que o conjunto esteve em Serrolândia:

#### **FIGURA 4 – CONJUNTO LOS CRAVOS**

---

<sup>61</sup> Entrevista com Geraldo, em 08.04.2005.

<sup>62</sup> Idem.



**FIGURA 5 – CONJUNTO LOS CRAVOS**



Na primeira fotografia (Figura 1), o grupo está incompleto, visto que apenas cinco componentes aparecem, pois de acordo com Geraldo, um deles se ausentou por motivo de

doença. A Figura 2 faz pensar que eles estavam mais preocupados em posar para o fotógrafo do que em se relacionar com o público. As duas fotos confirmam o que Geraldo disse: eles se vestiam com o mesmo uniforme. Esse tipo de vestimenta estava muito próxima da forma como os *The Beatles* se vestiam. O grupo inglês, que fez sucesso mundial na década de 1960 e representou uma nova forma de fazer música, parece ter servido de inspiração para os Los Cravos. Além das roupas, outro detalhe presente na fotografia que lembra a banda inglesa é o nome do conjunto aparecer em um dos tambores da percussão. De acordo com Geraldo, o conjunto Los Cravos além de tocar *The Beatles*, também se apresentava com canções brasileiras do repertório de Renato e seus *Blues Caps*, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Jerry Adriani, Wanderley Cardoso, parecendo ter havido uma forte influência da Jovem Guarda na escolha do repertório do conjunto.

Mas o que mais nos interessa aqui é pensar qual a repercussão que este conjunto teve em Serrolândia, levando em conta que, de acordo com Geraldo e outros depoentes, os rapazes tinham comportamento considerado diferente, a exemplo do uso de cabelo comprido:

Aqui os pais não queriam que as filhas namorassem com a gente não, porque a gente era tudo de São Paulo e tava passando um tempo aqui, e a gente tudo um meio cabeludo, nesse tempo ninguém via cabelo grande. Mas mesmo assim nós namoramos com muitas aí, namorava escondido, não tinha jeito, né? Rapaz e moça...<sup>63</sup>

O fato de eles morarem em São Paulo e estarem de passagem pela cidade parece ter sido outro motivo de inquietação para as famílias. Isso indica que os pais, preocupados com as conseqüências de um namoro sem perspectiva de compromisso, estabeleciam uma relação entre namoro e casamento, discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

Contudo, parece-nos que os músicos faziam muito sucesso entre as mulheres. Algumas entrevistadas lembraram como a passagem do conjunto foi marcante para elas, contando que havia disputa pelos seus componentes por parte das mulheres.

Oh, Ave Maria. Tinha gente que ...Los Cravos, eles tinham um repertório bom danado, cantava aquelas músicas... (...) Quando chega uma coisa nova todo mundo quer ver, todo mundo quer conhecer, todo mundo quer ver. Eu sei que foi uma revolução em Serrolândia, e todo mundo namorava e todo mundo queria namorar com os homens, e era uma confusão. Eu sei que era um Deus nos acuda, foi um Deus nos acuda, os homens fizeram sucesso, cabelão.<sup>64</sup>

---

<sup>63</sup> Idem.

<sup>64</sup> Entrevista com Celeste, em 12.08.2005.



A relação dos rapazes do conjunto com as mulheres da cidade gerou muita fofoca na cidade de forma que, segundo Geraldo, algumas moças ficaram “faladas” por tê-los namorado:

Olha, quando nós namoramos que nós fomos embora elas ficaram faladas, mas nós não bulimos com ninguém, mas ficaram faladas. Elas andavam com a gente e tal, e quando foi no outro dia diziam que tinha mais de trinta calcinha delas que nós jogamos... mas tudo mentira (*risos*), tudo mentira. Ficaram com dor de cotovelo porque nós namoramos com elas, ficaram com dor de cotovelo os rapazes.<sup>65</sup>

Ao longo da entrevista Geraldo foi construindo uma visão idealizada do conjunto Los Cravos, destacando o sucesso com as mulheres, a qualidade musical, a aceitação e admiração por parte da sociedade serrolandense e uma afirmação desta como “civilizada”, formada por trabalhadores, distante das representações comuns na época em que se associava juventude com “sexo, drogas e rock’n’roll”:

Não, naquele tempo não. Nós não usava, nós nunca usamos drogas. Nós sempre fomos pessoas assim, tinha lugar, tinha clubes assim que quando nós via que tinha problemas nós não ia. Nós só tocava tudo igual, era uma banda civilizada. Os dois daqui e João meu cunhado era tudo funcionário público.<sup>66</sup>

Apesar de a maioria das festas realizadas em Serrolândia trazerem bandas (ou conjuntos) de fora, na cidade houve outras bandas que marcaram a memória dos moradores: Os Cardeais e Apocalipse.

De acordo com Eduardo<sup>67</sup>, Geraldo convidou-o para tocar em Os Cardeais, banda formada por ele (que pouco falou sobre ela em sua entrevista, visto que preferiu recordar o tempo de Los Cravos) na década de 1980. A banda tocava seresta e era formada por homens de meia idade, sendo que Eduardo era o único jovem. Não obtivemos muitas informações sobre esta banda, mas é provável que ela não tenha durado muito, visto que em 1986 Eduardo a deixou para formar uma outra chamada Apocalipse, que segundo ele durou de 1986 até 1990.

A banda Apocalipse teve uma atuação marcante na cidade, sendo formada por rapazes de algumas cidades como Alagoinhas e Feira de Santana e também por componentes de Serrolândia. O que mais marcou a experiência da banda na cidade foi sua relação com a política. De acordo com Eduardo:

---

<sup>65</sup> Depoimento citado.

<sup>66</sup> Depoimento citado.

Em 86 a gente começou. E isso eu boto que revolucionou um pouco a cidade porque a banda era realmente, não era só banda, os meninos da banda tinham uma relação forte com a política, com essa coisa do PT. Em 1980 foi quando o PT foi fundado, em 85, 86 os caras já tinham relação com a música e Cesar já compunha aquelas músicas “A revolução do pé rachado”, já participava, participava de festivais antes da banda, depois foi que, é... Participou de festival aqui em Jacobina, participou de festival em Várzea do Poço.<sup>68</sup>

A banda era formada predominantemente por homens, havendo apenas uma mulher que fez back vocal durante algum tempo. Eduardo relatou que a banda tinha uma boa relação com a cidade, embora lamentando um pouco a falta de valorização desta:

É um povo que, não que eles não aceitavam, mas eles achavam que aquilo era coisa de quem não tinha o que fazer, entendeu? Eu penso dessa forma, não vou encarar como preconceito, mas eu acho assim que muita gente pensava que aquilo ali era coisa de quem não tinha o que fazer, entende? Com certeza.<sup>69</sup>

Na década de 1980 percebemos algumas mudanças significativas em Serrolândia, principalmente relacionadas ao comportamento. Apesar da desvalorização do trabalho musical citado por Eduardo em sua entrevista, a banda parece ter sido mais bem recebida pelos pais que o conjunto Los Cravos em fins dos anos 1960.

Como dito anteriormente, na década de 1970 houve uma ampliação das formas de lazer na cidade. Em 1979 foi inaugurado o Clube<sup>70</sup>, que passou a realizar festas cada vez mais frequentadas pelas “moças” de família. O CRESS era administrado por uma Diretoria Executiva, formada por dez membros. Apenas uma mulher compunha esta diretoria e ocupava o cargo de Diretora de Assuntos Femininos<sup>71</sup>. Em entrevista esta ex-diretora do CRESS afirmou que apenas exercia função de secretária, fazendo atas, por exemplo. Na prática o Departamento de Assuntos Femininos nunca desenvolveu nenhuma atividade, não constando no Estatuto quais deveriam ser os seus objetivos ou por que havia um departamento específico para mulheres.

Mas além de participação cada vez maior nas festas na cidade, as mulheres de Serrolândia passaram a frequentar festas em outras cidades, muitas vezes com consentimento dos pais, outras burlando a vigilância deles. Várias mulheres mencionaram que passou a ser

---

<sup>67</sup> Entrevista com Eduardo, em 14.06.2006.

<sup>68</sup> Depoimento citado.

<sup>69</sup> Depoimento citado.

<sup>70</sup> Em julho de 1979 foi aprovado o seu primeiro estatuto. O nome do clube foi assim definido: CRESS - Clube Recreativo, Esportivo e Social de Serrolândia. Ver Estatuto do CRESS, 1979.

muito comum os amigos se reunirem para irem a festas de Carnaval, de São João e de outras comemorações em cidades vizinhas de Serrolândia, como Várzea do Poço, Jacobina, Miguel Calmon e Capim Grosso. Apesar da vigilância ainda presente na sociedade serrolandense, as mulheres estavam cada vez mais autônomas nas suas ações, tanto no trabalho e na educação como no lazer; elas se destacaram de forma intensa, por exemplo, em uma atividade considerada exclusivamente masculina: o futebol. É o que discutiremos no próximo tópico.

### **3.4 O FUTEBOL FEMININO EM SERROLÂNDIA: LAZER OU TRABALHO?**

No final da década de 1970 surgiu em Serrolândia um time de futebol feminino que ficou muito conhecido por ganhar alguns campeonatos na micro-região. De acordo com uma de suas jogadoras<sup>72</sup>, o time foi formado por volta de 1977 com alunas do Colégio Estadual<sup>73</sup> da cidade e tinha como técnico um professor do Colégio. No início dos anos 1980 o time deixou de pertencer ao Colégio, tornando-se independente e buscando realizar um trabalho mais profissional. Nesse momento o técnico Marcelo assumiu o papel de treinador, acompanhando o time por quase duas décadas. De acordo com ele:

Foi na década de... foi logo quando eu cheguei de Salvador, de 1982 em diante. Porque nós... porque quando veio, veio, que eu comecei treinando lá com elas. Eu já conhecia mas não treinava, que elas já vinham há muito tempo jogando sozinhas e tal. Quando se organizaram mesmo, que a gente pegou, que eu peguei e organizei, porque antes ficava a toa, não tinha noção de nada. (...) Ai depois tinha gente que, não tinha como ser técnico, mas ajudava. Tinha um jogo ai aparecia um lá que ficava gritando elas. Mas pra treinar mesmo de segunda a sexta-feira, ai foi comigo. Que ai a gente treinava direto. Ai, eu via também que o pessoal sabia jogar bola, ai peguei ainda uma parte de muita gente que tinha começado, né?<sup>74</sup>

Na fala de Marcelo aparece a idéia de que as mulheres do time, apesar de “saberem jogar bola”, não entendiam de futebol, tornando-se necessário o auxílio de um técnico. Durante um pequeno período uma mulher fez o treinamento do time, mas de acordo com Maria José, ela assumiu as funções de treinadora em um momento em que não havia homens disponíveis para treinar:

---

<sup>71</sup> Estatuto do CRESS, 1979.

<sup>72</sup> Entrevista com Maria José, em 29.12.2005.

<sup>73</sup> Na época o Colégio Estadual de Serrolândia era chamado Centro Educacional Florivaldo Magalhães Sousa.

Eu fui na década de 1980, não lembro precisamente o ano, mas eu fui treinadora e presidente. Eu acredito que assim uns seis meses. Não foi muito tempo não, porque eu deixei aí já passava pra outro. Porque eu só ficava quando não tinha nenhum homem pra treinar. Aí justamente quando as jogadoras perdiam o interesse, não queriam treinar, só queria jogar, eram teimosas. (...) Aí essa questão a gente assumia pra não deixar o time cair. O time tava evoluindo e aí. Eu lembro que eu era muito assim de reclamar, era reclamona na hora de dizer as coisas. As vezes as meninas zangavam comigo. Eu era muito perfeccionista, né? Reclamava muito do time: “Passa a bola! Vai na bola! Passa a bola, deixa de moleza!” Eu era assim exigente, talvez eu não fosse tão boa de bola, como era exigente. Reclamava demais no campo. Eu jogava e treinava ao mesmo tempo.<sup>75</sup>

Apesar de se considerar exigente, sua fala sugere que ela não se sentia capaz de assumir a função de treinadora. A opinião de que os homens são mais eficientes para dirigir times ou organizações esportivas, presente ainda hoje na nossa sociedade, parece ser compartilhada nesse caso pelas próprias mulheres. De acordo com Fabiano Devide, embora as mulheres estejam cada vez mais participando dos esportes como atletas, isso não se reflete nas organizações esportivas: elas quase não assumem cargos de lideranças, como o de treinadoras, e não participam da administração em federações, clubes e comitês. As poucas que assumem o cargo de treinadora “são vistas como perturbadoras do *status quo* do espaço “masculino” do treinamento”.<sup>76</sup>

Segundo Devide a associação dos esportes com o mundo masculino estaria relacionada às representações sobre o masculino e o feminino construídas historicamente. Em relação aos esportes afirma:

(...) As mulheres têm enfrentado muitas barreiras ao longo da história para conquistar seu espaço: sendo questionadas quanto a sua feminilidade, por terem de assumir uma postura competitiva, de combate, em busca da vitória, valores pouco associados às mulheres, mas valorizados em relação aos homens; tendo que lutar contra ideologias culturais, pseudocientíficas e religiosas, que as identifica com fragilidade e, quando atletas, com um desvio sexual, além da própria violência simbólica e do abuso sexual no esporte.<sup>77</sup>

Um dos problemas apontados como motivadores da exclusão ou seleção das mulheres no esporte é a forma como este é organizado. Os parâmetros de julgamento do desempenho dos atletas são geralmente baseados na estrutura corporal masculina, o que leva as mulheres a serem criticadas pela sua má atuação em determinados esportes, a exemplo do

---

<sup>74</sup> Entrevista com Marcelo, em 16.02.2006.

<sup>75</sup> Depoimento citado.

<sup>76</sup> DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, pp. 42-43.

<sup>77</sup> Idem, *ibidem*, pp. 42-43.

futebol, mediante a sua comparação com os homens. Para Devide “A construção cultural do corpo feminino no esporte foi feita seguindo um paradigma heterossexual, (...) a partir de diferenças biológicas”<sup>78</sup>. Desta forma, alguns esportes foram definidos como femininos e outros como masculinos<sup>79</sup>. Isso está relacionado à idéia de que o corpo da mulher é frágil e que alguns tipos de esportes podem prejudicá-la, comprometendo sua capacidade reprodutiva.

A participação das mulheres no esporte iniciou-se na Inglaterra no final do século XIX, quando elas praticavam o hóquei, considerado um esporte feminino. Porém no início do século XX, esta prática passou a ser criticada, sob o argumento da perda da feminilidade e do perigo de masculinização das mulheres<sup>80</sup>. Essa preocupação vai perpassar todo esse século, inclusive no Brasil, quando se desenvolveram campanhas na mídia contra a participação das mulheres no futebol.

A atuação das mulheres no futebol teve início na Europa por volta dos anos 1910. No Brasil é difícil sabermos exatamente quando esse tipo de esporte passou a ser praticado pelo “sexo frágil”. No entanto, segundo Fábio Franzini, tem-se notícia de que o primeiro jogo de futebol feminino disputado no Brasil ocorreu em 1913 “entre times dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo”. Em 1940 outro jogo marcou a história do futebol feminino: desta vez o confronto foi entre paulistas e cariocas no Pacaembu<sup>81</sup>. Apesar desses dados obtidos pelo autor em consulta à nossa “historiografia futebolística”, não há informações muito precisas sobre a história do futebol feminino ao longo do século XX no Brasil. Contudo podemos afirmar que este esporte se institucionalizou em meados da década de 1980, sendo sua primeira liga fundada no Rio de Janeiro em 1981<sup>82</sup>.

As tentativas de impedir que as mulheres “invadissem” os campos de futebol como jogadoras foram inúmeras. Segundo Franzini, nos anos 1940 a imprensa foi implacável na divulgação do discurso médico-científico, que condenava a prática das mulheres jogadoras de futebol. Esses discursos estavam baseados tanto na “fragilidade” feminina como na preocupação com as “futuras mães”, visto que alguns argumentavam que os esportes “inadequados” às mulheres poderiam causar sérias conseqüências à reprodução. Esses

---

<sup>78</sup> Idem, *ibidem*, pp. 44.

<sup>79</sup> Tênis, voleibol, críquete, natação e ciclismo – os dois últimos, desde que praticados moderadamente – eram os esportes recomendados para as mulheres pelo Conselho Nacional de Desportos em 1941. Ver FRANZINI, Fábio. “Futebol é ‘coisa para macho’?: pequeno esboço para uma história das mulheres no futebol” In *Revista Brasileira de História*. Vol. 25, nº. 50. São Paulo, jul/dez, 2005. pp. 315-328.

<sup>80</sup> DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, pp. 41-42.

<sup>81</sup> FRANZINI, op. cit., pp. 315-328.

argumentos não ficaram apenas no noticiário dos jornais; eles se tornaram concretos com a proibição da participação das mulheres em esportes considerados impróprios para elas em 1941, no Decreto que instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND)<sup>83</sup>. A partir desta lei, o CND definia quais tipos de esportes eram “recomendáveis” para as mulheres: para “proteger” a “natureza feminina”, o futebol foi um dos reprovados para elas. Não é possível saber quais foram as possibilidades de resistência a essa lei. Entretanto é provável que alguns jogos continuassem a ser realizados, visto que em 1965 houve uma nova proibição<sup>84</sup>. Desta vez, no entanto, o texto era mais claro: ficava proibida a prática do futebol de campo e de salão para mulheres, reservando-os como uma prática esportiva masculina. Esta proibição só foi revogada na década de 1980, quando foram criados departamentos de futebol feminino em vários clubes do país.

Apesar das proibições do futebol feminino no Brasil, é muito provável que assim como em Serrolândia, outras cidades tenham tido mulheres praticando o esporte “símbolo da masculinidade”, e embora sofressem os preconceitos discutidos acima, elas não deixaram de praticá-lo. Maria José e Marcelo falaram em suas entrevistas da associação das jogadoras com a masculinização em Serrolândia:

Tereza, tinha Tereza, Mariza, dizia: “Ó pra Marizão!” porque ela já tinha jeito de homem. “Cuidado pra vocês não ficarem com perna de homem, perna musculosa!” “Tá caminhando como homem, feito homem, perna máscula...”<sup>85</sup>

(...) falava que era coisa de homem, “Isso é coisa de homem, não sei o que” Tinha gente que apoiava, né? Tinha gente que ia pro estádio, gostava, apoiava. (...) Mas o pessoal falava mesmo, falava muito, falava. “Ah, esse negócio de mulher jogando bola, é coisa de homem e não sei o que”, “que as mulheres de hoje perderam a vergonha”. E aí outras falava, os pais, as mães falavam que ia trazer varizes, que aquilo ia dar varizes, que a mulher ia ficar deformada. (...) E muitas vezes tinha esse negocio que as mães falava muito, que tava virando homem, que o corpo ia ficar igual de homem e tinha caso até que dizendo que os seios iam ficar tudo quebrado porque a mulher corria. Rapaz era muita coisa que a gente... eu ouvia (...) O futebol, futebol feminino melhorou muito assim, em termos de discriminação, mas ainda há muita coisa.<sup>86</sup>

---

<sup>82</sup> DARIDO, Suraya Cristina “Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica” In *Revista Motriz / UNESP*. vol. 8, nº 2. Rio Claro, agosto/2002. pp. 43-50.

<sup>83</sup> FRANZINI, Fábio. “Futebol é ‘coisa para macho’?”: pequeno esboço para uma história das mulheres no futebol” In *Revista Brasileira de História*. Vol. 25, nº. 50. São Paulo, jul/dez, 2005.

<sup>84</sup> DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 44.

<sup>85</sup> Depoimento citado.

<sup>86</sup> Depoimento citado.

A associação entre futebol e masculinidade estava muito presente em Serrolândia, ao ponto de alguns pais e namorados das jogadoras tentarem proibir sua participação nos jogos:

Houve, na época assim de década de 80, de namorados que não queria que suas namoradas jogassem. Mas eles censuravam, que futebol ficou pra homem, não pra mulher. Não recordando a pessoa, mas existiu assim. E até alguns pais que censuravam que não queriam que as filhas jogassem futebol, que fosse estudar, cuidar de outras atividades, menos o futebol porque poderia se machucar e era mais voltada pra homem né? Mas a gente tava em frente, queria aproveitar o nosso talento e quebrar esse tabu.<sup>87</sup>

(...) O mais que eu lembro mesmo, tinha mesmo, tinha muitas meninas que, depois que, até no tempo, no meu tempo até de 1995 por ai assim, já tinha gente assim que ia jogar e os pais não queriam. (...) E tinha vez que era problema pra jogar, tinha vez que você fazia a escalação, quando era na sexta-feira, né? Quando era no sábado me disse: “Oh, fulana de tal não vai mais não, porque o pai não quer”, “A mãe disse que não vai não, porque o pai não sei o que”. Ai cortava. Ai as meninas ia lá a noite, com, ia sábado a noite que era pra domingo me dar a resposta, pra saber se ia ou não, e ai tinha vez que a gente saia cedo, ai chegava lá o pai não... Ai conseguia trazer, mas era esse sofrimento.<sup>88</sup>

Apesar dos entrevistados terem contado essas histórias sobre as discriminações sofridas pelas jogadoras, eles fizeram questão de afirmar que o time era bem aceito na cidade e que não havia rivalidade entre os times masculino e feminino. Na entrevista de Maria José, ex-jogadora do time, percebemos uma visão idealizada daqueles tempos tão importantes para ela, que afirmou que o time foi sendo construído com a colaboração das pessoas da cidade, de amigos, de políticos e principalmente com o esforço das próprias jogadoras:

Mas a gente tava lá. Eu era presidente, eu era treinadora do time, eu comprava bola com meu próprio salário. Ia em Jacobina e comprava uma bola de couro, bola oficial. Porque às vezes a gente treinava com uma bola simples, assim de borracha assim, não tinha uma bola específica de futebol. (...) a gente fazia assim alguma coisa pra angariar fundos, justamente pra comprar o nosso material. (...) Mas, a princípio cada cidade faz o seu timinho, a gente fala timeco, porque era pequeno não tinha recurso algum. Mas aí as próprias pessoas foram ajudando a gente né? Foram patrocinando, foram doando o uniforme pra gente, um amigo dava uma chuteira...<sup>89</sup>

De acordo com Maria José o primeiro nome dado ao time foi *Rolândia Esporte Clube* sendo que depois este se tornou *Jovelândia Esporte Clube*. O primeiro uniforme foi

<sup>87</sup> Entrevista com Maria José, em 29.12.2005.

<sup>88</sup> Entrevista com Marcelo, em 16.02.2006.

<sup>89</sup> Depoimento citado.

doado pelo prefeito da cidade no início dos anos 1980. A foto abaixo apresenta o time com esse uniforme, após um jogo entre o *Rolândia Esporte Clube* e o time da cidade de Santa Luz em 25.09.1983:

**FIGURA 6 – TIME DE FUTEBOL FEMININO DE SERROLÂNDIA**



Na fotografia as jogadoras se apresentam em pose típica dos times de futebol após as partidas em campo. Percebemos que as que estão de pé (com exceção da goleira), assim como o treinador, aparecem de braços cruzados, enquanto as que estão sentadas parecem mais descontraídas. No entanto, todas se mostram sérias.

As dificuldades eram muitas para manter as viagens para as cidades vizinhas, onde enfrentava suas equipes e, por ter ganho várias partidas, passou a ser considerado uns dos favoritos. De acordo com Marcelo, a melhor fase do Jovelândia Esporte Clube<sup>90</sup> foi entre os anos 1988 a 1993, quando o time passou a disputar campeonatos regionais que envolviam cidades maiores como Senhor do Bonfim, Riachão do Jacuípe, Coité. Na década de 1990 o

---

<sup>90</sup> De acordo com Maria José este foi o nome pelo qual o time passou a ser chamado a partir de 1984, quando elas ganharam o primeiro uniforme. Depoimento citado.



time conseguiu exportar uma de suas jogadoras para um time reconhecido nacionalmente<sup>91</sup>. O ex-treinador e a ex-jogadora falaram emocionados sobre o destaque do time serrolandense nas disputas em campeonatos:

O time feminino aqui ganhou mais títulos, ai por fora, do que o time masculino daqui, os times masculinos daqui de Serrolândia, todos. E tudo título fora de casa, entendeu? Tem lá de 30 pra lá, se você contar os troféus lá, eu acho que tem mais de trinta. Os que tão guardados e os que estão espalhados por ai que ninguém sabe onde é que ta, entendeu? (...) O pessoal já falava: “ O time de Serrolândia, o time de Serrolândia!” Jacobina tinha ... porque o clube lá pagava tudo, trazia jogadoras de Salvador pra o time de lá. E o time daqui a gente conseguia ganhar um campeonato só com o pessoal daqui mesmo de Serrolândia. Ate hoje lá o pessoal de Jacobina fala sobre isso.<sup>92</sup>

Depois foi que a gente foi evoluindo no futebol aí também ninguém... dificilmente um time vencia o nosso time. (...) Depois veio o time da Dois de Janeiro, de Jacobina, se tornou o nosso principal rival nosso. Aí também a gente já tava bem evoluídas, nós tinha um time bom, grandes jogadoras.<sup>93</sup>

O sucesso parece ter sido tanto que acompanhar o time em suas apresentações em outras cidades tornou-se uma forma de lazer em Serrolândia. Elizabete foi uma das jovens que vivenciou essa experiência:

Lembro que as vezes até a gente acompanhava (*o time*), ia para Piritiba, Santa Luz. Eu mesmo ia muito com... com a turma. Eu lembro bem que tinha Diana, ela jogava, se eu não me engano, aquela Laura de Ricardo. Era uma turma boa e, e elas iam na região toda jogar futebol. (...) Eu lembro que a gente foi pra um jogo em Santa Luz. Geralmente você ia durante o dia, e as vezes você ficava até a noite, quando vinha, vinha embora já era... (...) Eu acho que parece que era mais mulheres mesmo, ia o grupo que ia jogar e a gente ia junto.<sup>94</sup>

O futebol feminino em Serrolândia não era uma forma de lazer apenas para os torcedores e torcedoras interessados em seguir as trilhas do time. Ele parece ter-se constituído em uma forma de diversão também para as jogadoras, uma vez que nunca foram remuneradas e não eram reconhecidas como profissionais do esporte.

Apesar de todos os preconceitos sofridos pelas jogadoras, elas permaneceram jogando, indo na contramão das representações de feminilidade e masculinidade. Para Maria José, as mulheres jogadoras não perdiam a vaidade: “A gente jogava de bobé de dia,

<sup>91</sup> A jogadora morou um ano em São Paulo, jogando nos times Lusa Santana e Santos e um ano em Salvador no Euro-esporte.

<sup>92</sup> Entrevista com Marcelo, em 16.02.2006.

<sup>93</sup> Entrevista com Maria José, em 29.12.2005.

<sup>94</sup> Depoimento citado.

arrumando os cabelos pra ir pra festa à noite”<sup>95</sup>. Outras porém, não tinham esse tipo de preocupação. Enfim, elas assumiram identidades múltiplas, como qualquer outro grupo social. De acordo com Deive:

A associação da fisicalidade com a masculinidade foi construída historicamente e o conceito pode ser redefinido a partir de experiências de mulheres sobre o significado da atividade física e do esporte em suas vidas, tornando-se um aspecto fundamental na contestação das relações de poder entre os sexos, não devendo ser usado com um viés masculino para se interpretar experiências femininas, mas interpretar a fisicalidade como um termo plural, multifacetado, que pode auxiliar na construção subjetiva na qual mulheres e homens vivenciam seus corpos de diferentes formas no esporte e na atividade física.<sup>96</sup>

Ao analisar a participação das mulheres nos espaços públicos em Serrolândia, foi possível perceber que elas foram ocupando lugares importantes ao longo das décadas pesquisadas, a exemplo da educação formal. Entretanto, essa conquista feminina não se refletiu no trabalho, visto que a População Economicamente Ativa era predominantemente masculina nas três décadas pesquisadas e as mulheres inseridas no mercado de trabalho tinham remuneração inferior à dos homens. Contudo, elas assumiram identidades diversas, e foram conquistando sutilmente os espaços que lhes foram negados no passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

<sup>95</sup> Depoimento citado.

As representações sobre as mulheres em Serrolândia nos anos 1960, em geral, envolviam estereótipos razoavelmente definidos. Divididas entre “moças de família”, “moças faladas” e “putas”, as mulheres eram caracterizadas de acordo com o seu comportamento, mais ou menos aproximado do ideal da “santa”. Essas representações estavam relacionadas às dicotomias Eva / Maria e prostituta / “santa”, que teve sua origem no período medieval. No entanto, na prática percebemos que as fronteiras entre ser “moça de família” e “moça falada” não eram tão rígidas. Nem sempre as moças de família obedeciam às regras estabelecidas, ou as “moças faladas” faziam tudo o que se dizia delas, muitas se mantinham virgens, resguardando-se para o casamento.

A importância da virgindade é essencial para se refletir sobre essa sociedade, uma vez que, na construção de um ideal de mulher, havia uma supervalorização desta como símbolo da virtude feminina, resultando que as “moças” que a perdiam antes do casamento passavam a ser tratadas de forma pejorativa, não sendo mais consideradas ideais para o matrimônio. Exemplo disso é a existência de Processos Judiciais de Sedução, que além de averiguarem a virgindade física das mulheres, investigavam sua “virgindade moral”. Embora os discursos predominantes em relação às mulheres serrolandenses fossem de passividade e ingenuidade, podemos perceber que as práticas de algumas delas não correspondiam a esta imagem.

Nos discursos analisados, percebemos ainda uma vitimização das mulheres, que apareceram como ingênuas, ocorrendo uma inversão do discurso medieval, já que elas passaram de culpadas à vítimas, sendo os homens responsabilizados pela sedução. No entanto, a “culpa” deles era, em certo sentido, justificada, enquanto elas continuavam sendo vistas como inferiores, uma vez que eram consideradas fracas diante da tentação, devendo ser reprimidas.

As décadas de 1960 e 1970 no Brasil foram marcadas por movimentos de juventude que questionaram padrões vigentes, propondo o amor livre e o fim dos preconceitos, trazendo mudanças de grande relevância para a emancipação da mulher. A influência dessas idéias em Serrolândia foi muito pequena nesse período, devido à pouca

---

<sup>96</sup> DEVIDE, Fabiano Pries. *Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005, p. 53.

circulação de informações da época. Percebemos que, só a partir do final dos anos 1970, elas tiveram um peso significativo, quando a virgindade perdeu em parte a sua importância. Muitas “moças de família” começaram a se casar grávidas. Como passou a ser difícil identificar as virgens, os estereótipos “moça de família” e “moça falada” passaram a ser confundidos. Apesar das mudanças nas práticas femininas, as representações dicotômicas sobre as mulheres continuaram, de certa forma, presentes nos discursos.

A importância do casamento em Serrolândia como a principal finalidade da vida das mulheres apareceu na construção de um ideal da mulher “honesta”, esposa e mãe, próximo da “santa”. As mulheres que não se casavam eram vistas como rejeitadas, uma vez que não foram selecionadas para cumprir o seu papel principal. O namoro e o noivado foram considerados etapas obrigatórias para o casamento nessa sociedade. Ao se casarem as mulheres adquiriam um novo papel social, sendo esperado dela a aceitação dos deveres de esposa e mãe, pura e resignada, associada à imagem de Maria. As mulheres que fugiam desse padrão eram desmoralizadas, associadas à prostituta, sendo o adultério o que havia de mais vil para uma mulher nessa sociedade.

Na sociedade serrolandense dos anos 1960, os papéis feminino e masculino estavam bem definidos, sendo que as obrigações masculinas eram associadas ao público, e as femininas ao privado. Essa determinação apareceu em argumentos nos processos judiciais, nos quais não se admitia que o homem cuidasse dos filhos. Nesses processos, foi possível perceber um discurso misógino, no qual a defesa da mulher honesta era feita a partir da construção da imagem da antiesposa.

Percebemos que a partir da década de 1980, o casamento já não possuía a mesma importância que nas décadas anteriores, visto que houve uma diminuição do número de pessoas casadas, uma ampliação significativa das Uniões Consensuais e um aumento significativo do número de processos de Separação e Divórcio. Para as mulheres, embora o casamento continuasse sendo importante, já não era mais o principal objetivo de suas vidas: a profissão e a formação educacional tornaram-se cada vez mais priorizadas por estas.

O acesso à educação formal em Serrolândia era bastante limitado, sendo que o ensino formal ainda era privilégio de uma minoria. Esse problema atingia principalmente a população que morava na zona rural, que era predominantemente maior que a urbana no município. Contudo, havia uma predominância das mulheres nesta área: o quadro docente era formado predominantemente por professoras, profissão historicamente associada ao feminino no Brasil, tendo as alunas ocupado a maioria das vagas das escolas. O constante processo de

migração masculina e o fato das escolas só oferecerem o curso de magistério fez com que os homens se tornassem minoria entre as pessoas com cursos completos.

Apesar de as mulheres terem maior formação escolar em Serrolândia, estes dados não se refletiram no trabalho: elas estiveram parcialmente excluídas do mercado de trabalho formal, visto que a População Economicamente Ativa era predominantemente masculina nas três décadas pesquisadas e as que estavam inseridas no mercado de trabalho tinham remuneração inferior à dos homens.

As formas de lazer em Serrolândia se modificaram ao longo das décadas pesquisadas. Nos anos 1960 as diversões estavam mais associadas ao mundo rural, sendo que as que se destacavam eram as festas religiosas ou ligadas ao trabalho na “roça”. Na década de 1970 surgiram importantes espaços de lazer como o Clube da cidade e a primeira boate. Apesar de serem espaços criados para a diversão, neles havia um controle dos comportamentos da juventude. Na última década estudada percebemos uma maior participação das mulheres nos espaços de lazer, sendo que muitas passaram a freqüentar festas em outras cidades.

A partir da documentação analisada, foi possível perceber uma distância entre a norma e a prática, uma vez que os discursos, mesmo no final dos anos 1980, continuavam legitimando uma visão moralizadora sobre as mulheres, em que a prática aparecia como o oposto desse ideal.

## **FONTES E REFERÊNCIAS**

### **FONTES**

- 1. Arquivo Público Municipal de Jacobina**

**Seção Judiciária - Processos da Vara Cível:**

Processo de Desquite Amigável, nº 9165, 1966

Processo de Ação de Alimentos, nº 4845, 1967

Processo de Desquite Judicial, nº 4865, 1967

Processo de Investigação de Paternidade, nº 10554, 1968

**2. Arquivo do Fórum Jorge Calmon - Jacobina****Processos da Vara Cível:**

Processo de Desquite Amigável, nº 1851, 1967

Processo de Desquite Amigável, nº 5823, 1972

Processo de Desquite, nº 2795, 1973

Processo de Desquite Amigável, nº 7040, 1975

Processo de Investigação de Paternidade, nº 6919, 1975

Processo de Divórcio Consensual, nº 3735, 1978

Processo de Separação Judicial, nº 7849, 1978

Processo de Divórcio de 1979, nº 4177.

Processo de Divórcio Consensual, nº 8560, 1980

Processo de Divórcio Consensual, nº 8347, 1980

Processo de Separação Consensual, nº 8446, 1980

Processo de Divórcio, nº 4577, 1981

Processo de Separação Judicial, nº 8811, 1981

Processo de Divórcio, nº 4830, 1982

Processo de Divórcio, nº 5096, 1983

Processo de Divórcio Consensual, nº 5281, 1983

Processo de Divórcio, nº 9901, 1984

Processo de Divórcio, nº 9755, 1984

Processo de Divórcio, nº 5398, 1984

Processo de Separação Judicial, nº 5434, 1984

Processo de Separação Judicial, nº 5343, 1984

Processo de Separação Judicial, nº 9968, 1984

Processo de Separação Judicial, s/n, 1984

Processo de Separação Consensual, nº 9934, 1984

Processo de Separação Consensual, nº 5511, 1984  
Processo de Investigação de Paternidade, nº 5520, 1984  
Processo de Separação Consensual, nº 5890, 1985  
Processo de Divórcio, nº 6051, 1986  
Processo de Separação Judicial Litigiosa, nº 10.680, 1986.  
Processo de Divórcio Consensual, nº 10572, 1986  
Processo de Separação Consensual, nº 6130, 1986  
Processo de Separação Consensual, nº 5989, 1986  
Processo de Separação Consensual, nº 10469, 1986  
Processo de Separação Judicial Litigiosa, nº 10.680, 1986.  
Processo de Divórcio, nº 209, 1988  
Processo de Separação Consensual, nº 67, 1988  
Processo de Separação Consensual, nº 7082, 1988  
Processo de Divórcio, nº 141, 1990  
Processo de Divórcio, s/n, 1990  
Processo de Divórcio Consensual, nº 154, 1990  
Processo de Divórcio Consensual, s/n, 1990

**Processos da Vara Crime:**

Processo de Sedução, 1961  
Processo de Sedução, 1963  
Processo de Sedução, 1968  
Processo de Difamação/Calúnia, 1969  
Processo de Estupro, 1974  
Processo de Sedução, 1975  
Processo de Difamação/Calúnia, 1975  
Processo de Homicídio, 1975  
Processo de Sedução, 1976  
Processo de Sedução, 1977  
Processo de Sedução, 1977  
Processo de Difamação/Calúnia, 1977  
Processo de Homicídio, 1977  
Processo de Lesão Corporal, 1978

Processo de Sedução, 1978  
Processo de Sedução, 1979  
Processo de Sedução, 1979  
Processo de Sedução, 1980  
Processo de Estupro, 1980  
Processo de Sedução, 1980  
Processo de Queixa-crime, 1981  
Processo de Sedução, 1981  
Processo de Sedução, 1982  
Processo de Sedução, 1983  
Processo de Sedução, 1983  
Processo de Sedução, 1987

### **3. Fórum Manoel Pereira Lima – Serrolândia**

Livro de registro de casamentos civis, de 1960 a 1990, Serrolândia / BA

### **4. Arquivo das Paróquias de Serrolândia e Capim Grosso**

Livro de registro de casamentos religiosos, de 1960 a 1990, Serrolândia / BA

Livro de registro de casamentos religiosos, de 1960 a 1990, Capim Grosso / BA

### **5. Arquivo do Colégio Estadual de Serrolândia**

Livros de matrículas dos anos de 1964 a 1990

Atas consultadas – de 1964 a 1990

### **6. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

Censo Demográfico de 1960, sem informações.

Censo Demográfico de 1970, sem informações.

Censo Demográfico de 1980. IX Recenseamento Geral do Brasil - 1980, Vol. 1 - Tomo 3 - Número 13, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1983.



Censo Demográfico de 1991. X Recenseamento Geral do Brasil – 1991, Vol. 1 e 2 - Tomo 3 - Número 17, BAHIA. Rio de Janeiro: IBGE, 1991

## **7. Câmara Municipal de Serrolândia**

Atas das seções de 1962 a 1990.

## **8. CRESS - Clube Recreativo, Esportivo e Social de Serrolândia**

Estatuto do CRESS - Clube Recreativo, Esportivo e Social de Serrolândia, 1979.

## **9. Acervos Particulares**

Caderno de Confidências de 1978 - Maria Áurea Souza Vasconcelos Brito

Caderno de Confidências, escrito provavelmente em 1983 – Josefa Petronília dos Santos

Caderno de Confidências de 1989 - Gisélia Mota Santana

Ata de 1979

Diário, escrito entre 1977 e 1981 e em 1991.

Revista Capricho, nº 636, ago/1988.

Revista Carícia, nº 173, mar/1988.

Revista Carícia, nº 169, nov/1987.

Revista Carícia, nº 163, mai/1987.

Fotos Conjunto Los Cravos

Livro: “Relações sexuais no matrimônio”. HAZER, William C. Rio de Janeiro: Editora Universo, s/ data.

Poema de Coelho Neto, publicado no Diário da Bahia, em 07.02.1901.

## **10. Fontes Orais**

### **Relação dos Entrevistados (nomes fictícios):**

1. Ana, proprietária de um pequeno restaurante e aposentada, entrevistada em 10.04.05
2. Carmem, professora, entrevistada em 29.12.2005
3. Celeste, professora aposentada, entrevistada em 12.08.05

4. Conceição, dona de casa, entrevistada em 19.11.1998
5. Eduardo, músico, entrevistado em 14.06.06
6. Elizabete, professora, entrevistada em 20.02.2006
7. Geraldo, motorista, entrevistado em 08.04.2005
8. Joana, aposentada, entrevistada em 25.11.98
9. João, comerciante aposentado, entrevistado em 16.02.06
10. Judite, aposentada, entrevistada em 13.04.06
11. Marcelina, professora aposentada, entrevistada em 12.08.06
12. Marcelo, funcionário público, entrevistado em 16.02.06
13. Maria, oficial de Justiça aposentada, entrevistada em 06.04.05
14. Maria José, professora, entrevistada em 29.12.05
15. Marinalva, lavradora aposentada, entrevistada em 13.08.05
16. Miguel, proprietário de um bar, entrevistado em 17.02.2006
17. Neide, professora, entrevistada em 28.12.2005
18. Neuza, professora aposentada, entrevistada em 07.12.99
19. Paulo, proprietário de bar, entrevistado em 14.02.06
20. Regina, lavradora aposentada, entrevistada em 12.08.05
21. Reginaldo, representante comercial, entrevistado em 28.12.05
22. Rosa, dona de casa, entrevistada em 24.07.1998
23. Sandra, auxiliar de enfermagem, entrevistada em 29.12.05
24. Simone, professora e comerciante, entrevistada em 05.02.06
25. Suzana, professora, entrevistada em 28.02.06
26. Vera, costureira, entrevistada em 30.03.05

## REFERÊNCIAS

ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica In SOUZA, Laura de Mello e (org.) **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: UNESP, 1998.

AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta (orgs.) **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

AZEVEDO, Thales de. **As Regras do Namoro à Antiga**. São Paulo: Ática, 1986.

BADINTER, Elizabeth. **Um Amor Conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BELLINI, Lígia. **A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BESSA, Karla Adriana Martins. O crime de sedução e as relações de gênero In **Cadernos Pagu**, 1994.

BESSE, Susan **Modernizando a desigualdade. Reestruturação da ideologia de gênero no Brasil. 1914 – 1940**. São Paulo: Adusp, 1999.

BLOCH, R. Howard, **Misoginia Medieval e a invenção do amor romântico ocidental**. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

BOM MEIHY, José Carlos S. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOXER, Charles R. **A mulher na expansão ultramarina ibérica (1415-1815)**. Lisboa, Livros Horizonte, 1977.

**BÍBLIA SAGRADA**: Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

BRUSCHINI, Cristina e LOMBARDI, Maria Rosa. A bipolaridade do trabalho feminino no Brasil contemporâneo In **Cadernos de Pesquisa**, n°.110, São Paulo, jul/2000.

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Unesp, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História: ensaios de teoria e de metodologia**. Rio de Janeiro: Campos, 1997.

CAULFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. São Paulo: Editora da Unicamp/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2000.

\_\_\_\_\_. “Que virgindade é esta? A mulher moderna e a reforma do código penal no Rio de Janeiro, 1918 a 1940” In Acervo: **Revista do Arquivo Nacional**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, v. 9, n. 1-2, jan/dez 1996.

CEI (Centro de Estatística e Informações) BA - **Informações Básicas dos Municípios Baianos**: Região Nordeste – vol. 12, Piemonte da Diamantina. Salvador, 1994.

COSTA, Albertina de Oliveira & Bruschini, Cristina. **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

\_\_\_\_\_. **Entre a virtude e o pecado**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das práticas culturais In **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DARIDO, Suraya Cristina “Futebol Feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica” In **Revista Motriz / UNESP**. Vol. 8, nº 2. Rio Claro, agosto/2002.

DE CASTEELE, Sylvie Van y VOLEMAN, Danielle. Fuentes orales para la história de las mujeres In ESCANDÓN, C. R. (org.) **Gênero e História**. México: Instituto Mora/UAM, 1992.

DEL PRIORE, Mary (org.). **A Mulher na História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

\_\_\_\_\_. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

DELUMEAU, Jean, **História do Medo no Ocidente: 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e Mulheres no Esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

DIAS, Maria Odila L. S.. Teoria e Método dos Estudos Feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano in COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DOTTIN-ORSINI, Mireille. **A mulher que eles chamavam fatal: textos e imagens da misoginia fin-de-siècle**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

DUARTE, Luiz Carlos. “Representações da virgindade” In **Cadernos Pagu**, 2000, nº 14.

DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 1: A Antiguidade. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.

\_\_\_\_\_. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 3: Do Renascimento à Idade Moderna. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1991.

\_\_\_\_\_. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: O Século XX. Porto: Afrontamento. São Paulo: Ebradil, 1990.

\_\_\_\_\_. **Eva e os padres. Damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ESTEVES, Martha de Abreu. **Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no rio de Janeiro da Belle Époque**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FALCI, Miridan Knox. Mulheres do sertão nordestino. In. DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Quem pariu e bateu, que balance! : mundos femininos, maternidade e pobreza: Salvador, 1890-1940**. Salvador: CEB/UFBA, 2003. (Centro de Estudos Baianos, 152)

FÍGOLI, Moema Gonçalves Bueno. “Evolução da educação no Brasil: uma análise das taxas entre 1970 e 2000, segundo o grau da última série concluída” In **Revista Brasileira Estudos Populacionais**. Vol. 23, no.1. São Paulo Jan./Jun 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

FRANZINI, Fábio. “Futebol é ‘coisa para macho’? Pequeno esboço para uma história das mulheres no futebol” In **Revista Brasileira de História**. Vol. 25, nº. 50. São Paulo, jul/dez, 2005.

LAGRAVE, Rose-Marie. “Uma educação sob tutela: educação e trabalho das mulheres no século XX” In DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 5: o século XX. Porto: Afrontamento, 1990.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

LEAL, José Carlos. **A Maldição da Mulher**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1995.

LEITE, Márcia Maria da Silva Barreiros. **Educação, cultura e lazer das mulheres de elite em Salvador, 1890-1930**. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LIMA, Marta Maria Leone. **Magistério e condição feminina: um estudo sobre a identidade de gênero no ICEIA**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

LOURO, Guacira Lopes “Mulheres na sala de aula” In DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

LUZ, Adriana de Carvalho. **Mulheres e doutores: discursos sobre o corpo feminino. Salvador, 1890-1930.** 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MALUF, Marina & MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino In Nicolau Sevcenko (org.) **História da vida privada no Brasil: República da Belle Époque à Era do Rádio.** Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATOS, Maria Izilda. Estudos de gênero: percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. Campinas: **Cadernos Pagu**, Nº 11, 1998.

\_\_\_\_\_. “História das sensibilidades em foco, a masculinidade”. In **História, Questões e debates.** Ano 18, nº 34, jan/junho. Curitiba: APAH/UFPR, 2001.

MATTOSO, Kátia. **Bahia século XIX: uma província no Império.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. A revista da moça moderna”: relações de gênero e modos de ser femininos estampados nas páginas da revista Capricho (décadas 1950 –1960) In **Seminário Internacional Fazendo Gênero** 7, 2006, Florianópolis, Anais, 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada.** São Paulo: Contexto, 1992.

MONTEIRO, Tânia Penido. “Comunicação escrita sobre uma pesquisa oral” In **Educação e Comunicação**, Revista da FAEEBA, ano 3, número 3, jan./dez. 1994.

MORAIS, Marieta de. **História Oral e Multidisciplinaridade.** Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. “Proteção para quem? O código penal de 1940 e a produção da ‘virgindade moral’” In **Revista Labrys.** Brasília, v. 1/2, 2005.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O nascimento da bruxaria: da identificação do inimigo a diabolização de seus agentes.** São Paulo: Ed. Imaginário, 1995.

NUNES, Silvia Alexim, **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA, Eleonora Menicucci de. “Nosso corpo nos pertence: Uma reflexão pós anos 70” In **Revista Labrys**, Brasília, jan-jul/2005.

PAPA LEÃO XIII. **Rerum Novarum** In MONTFORT Associação Cultural. [www.montfort.org.br/index](http://www.montfort.org.br/index). Acesso em 17.10.2006.

PAPA PIO XI. **Casti Conubi** In Capela Nossa Senhora da Conceição. [www.capela.org.br/Magisterio/conubii](http://www.capela.org.br/Magisterio/conubii). Acesso em 17.10.2006.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas - uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

\_\_\_\_\_. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração In **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 23, nº 45, jul/2003.

\_\_\_\_\_. (org). **Práticas proibidas: práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX**. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

PEREIRA, Áurea Pimentel. **Divórcio e Separação Judicial**. Rio de Janeiro: Renovar, 1989.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

\_\_\_\_\_. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PORTELLI, Alessandro. “O que faz a história oral diferente” In **Projeto História: PUC-SP**. São Paulo. Nº 14, Fev/1997.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

\_\_\_\_\_. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. “As mulheres na historiografia brasileira”. In SILVA, Zélia Lopes da (org.) **Cultura histórica em debate**. São Paulo: Unesp, 1994.

\_\_\_\_\_. “Trabalho feminino e sexualidade” In DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

\_\_\_\_\_. “Relações de gênero e classe operária no Brasil, 1980-1930” In **Caderno Espaço Feminino**, UFU, nº. 1, jan/jun, 1994.

REIS, Diomedes Pereira dos. **Serrote de Ontem, Serrolândia de Hoje**. Salvador: Press color. 1994.

RIOS JÚNIOR, Jairo Soares. “Formas de bem morrer: intimidade fúnebre em Serrote (memórias de um mundo rural)” In **Cadernos do CEOM – Chapecó: Argos**, 2002.

SANTANA, Nélia. **A prostituição feminina em Salvador (1900-1940)**. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SANTOS, Fábio. **Nem tabaréu/ao, nem doutor/a: o/a aluno/a da roça na escola da cidade – um estudo sobre identidade e escola**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador.

SARDÀ, Amparo Moreno “Em torno al androcentrismo em la história”. **Cuadernos inacabados. El arquetipo viril protagonista de la história.** Exercícios de lecturas no androcentrica. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1991.

SARDENBERG, Cecília, VANIN, Iole Macedo e ARAS, Lina M<sup>a</sup> B. de. **Fazendo Gênero na Historiografia Baiana.** Salvador: NEIM/UFBA, 2001. (Coleção Baianas 6).

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil na Pesquisa Histórica” In **Educação e Realidade.** Porto Alegre, 16 (2): jul./dez., 1990.

\_\_\_\_\_. “História das Mulheres” In Burke, Peter (org.), **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. “Prefácio a Gender and Politics of history”. **Cadernos Pagu**, nº 3. Campinas/SP: 1994.

SILVA, Joseli Maria. “Cultura e Territorialidades Urbanas: uma abordagem da pequena cidade” In **Revista de História Regional,** Ponta Grossa PR, V. 5, nº 2, 2000.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In.: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Dominós da História. Ensaios de Teoria e Metodologia.** Rio de Janeiro: Campus. 1997.

\_\_\_\_\_. Violência simbólica, saberes masculinos e representações femininas. **Revista Estudos Feministas.** Vol. 5, nº 1. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana. 1890-1920.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

\_\_\_\_\_. “Pisando no ‘sexo frágil’” In **Revista Nossa História,** ano 1, nº 03, jan/2004.

STOLCKE, Verena. “Sexo está para gênero assim como raça está para etnicidade?” **Estudos Afro-asiáticos,** 20, jun. 1991.

THOMSON, Alistair. “Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias” In **Projeto História:** PUC-SP. São Paulo. Nº 15, Abril/1997.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços urbanos In **Revista Projeto História.** nº 13, São Paulo: jun/1996.

VAINFAS, Ronaldo **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VAN DE CASTEELE, Sylvie y VOLEMAN Danielle. Fuentes orales para la história de las mujeres In ESCANDÓN, C. R. (org.) **Gênero e História.** México: Instituto Mora/UAM, 1992.



VASCONCELOS, Tânia M. P. “Do castigo ao prêmio: concepções de infância e educação numa comunidade do interior (1940-1970)” In **Revista da FAEEBA**, Salvador, v. 14, n 24, p 175-191, jul/dez., 2005.

\_\_\_\_\_. **Meninos do Serrote entre a Inocência e a Maldade: práticas e representações acerca da infância numa comunidade do interior (1940-1970)**. Monografia (Especialização em História), UEFS, Feira de Santana, 2000.

VENTURA, Zuenir. **1968 O ano que não terminou**. São Paulo: Círculo do Livro, 1988.

## **ANEXO A – PERGUNTAS E RESPOSTAS AO CADERNO DE CONFIDÊNCIAS DE 1983**

### **PERGUNTAS:**

1. Qual o seu nome?

2. Dia, mês e ano em que você nasceu?
3. Tens namorado?
4. Qual o nome dele?
5. Você o ama?
6. Ele já falou que te ama?
7. **Onde você gostaria de esta agora?**
8. **Como você reagiu ao seu primeiro beijo?**
9. Qual a sua reação a se ver traída por o homem que você ama?
10. **O que você acha do amor?**
11. **Qual o momento mais feliz da sua vida?**
12. O que você sente quando está feliz?
13. **O que deseja ser no futuro?**
14. **O que você entende de sexo?**
15. **Você já teve relação sexual?**
16. **Você seria capaz de se casar sem amor?**
17. **O que você acha mais importante em um homem?**
18. **O que você mais admira em uma mulher?**
19. **Como você vê o mundo hoje?**
20. Como você encara o seu dia a dia?
21. **Você já amou alguém de verdade?**
22. **Você já sofreu por amor?**
23. **Você acredita em amor à primeira vista?**
24. **O que você acha do aborto?**
25. Você tem alguma esperança dentro de você?
26. Você tem algum sonho para ser realizado?
27. **Você se acha uma mulher atraente?**
28. Qual o seu cantor preferido?
29. Qual a sua cantora preferida?
30. Qual o seu ator preferido?
31. Qual a sua atriz preferida?
32. Você gosta de música?
33. Qual o tipo de música que você gosta, clássica ou popular?
34. Qual a sua cor preferida?
35. **Você já pensou em se casar algum dia?**
36. **O que você entende por “ser mãe”?**
37. Você tem alguma amiga íntima?
38. Você gosta de conversar, dialogar com seus amigos?
39. **O que você sente quando está sendo observada por um homem?**
40. Você já ajudou alguém a superar algum problema?
41. **Você gostaria de ser hippe?**
42. **Você gosta de viajar?**
43. O que você sente quando ver seu artista preferido na TV?
44. **Você já acampou com sua turma alguma vez?**
45. **Com quem você gosta de dialogar mais, “seu pai” ou “sua mãe”?**
46. Qual o seu esporte predileto?
47. Você já sentiu uma atração forte por alguém?
48. Qual a novela que você mais gostou?
49. O que você acha de Roberto Carlos?
50. Você gostaria de ser uma estrela de cinema?

51. **O que sente ao ler uma história de amor com final triste?**
52. **Você já declarou amor a alguém?**
53. **Alguém já se declarou a você?**
54. Você já foi em alguma ilha?
55. **Você já se viu em sonho em uma praia deserta com o seu namorado?**
56. O que você entende por sensação?
57. **Você gostaria de ter filhos?**
58. Se fosse menino que nome você daria?
59. Se fosse menina que nome você daria?
60. Você já pensou em ser uma humorista profissional?
61. Você gosta do programa “Os trapalhões”?
62. Qual deles você gosta mais?
63. **O que você entende por paixão?**
64. **Você acha que paixão é o mesmo que amor?**
65. Sua melhor amiga lhe trai, como você encara essa situação?
66. Você gosta da “natureza”?
67. Você já assistiu algum concerto?
68. O que você acha do “Ballet”?
69. **Como você se sente quando dois rapazes estão disputando o seu amor?**
70. **Você gosta de discoteque?**
71. **Qual o seu hobby?**
72. **Você acha que a distância pode separar duas pessoas que se amam?**
73. Você acha que o passado volta?
74. Como vão suas relações amorosas?
75. **O que você acha do divórcio?**
76. **Seria capaz de fugir?**
77. **Você se sente realizada?**
78. **O que achas do beijo?**
79. **Qual o carinho que você mais gosta?**
80. Vamos finalizar?

#### **RESPOSTAS RELACIONADAS AO TEMA ESTUDADO:**

**Questão 7: Onde você gostaria de esta agora?**

1. (MULHER - 19 anos) Em Rio de Janeiro.
2. (MULHER - 25 anos) Com ele (*namorado*).
3. (MULHER - 23 anos) São Paulo ou Brasília.
4. (MULHER - 18 anos) Em São Paulo.

5. (MULHER - 19 anos) Em uma praia, com ele.
6. Não respondeu.
7. (MULHER - 21 anos) Aqui mesmo em Serrolândia.
8. (MULHER - 19 anos) São Paulo e Brasília.
9. (MULHER - 20 anos) Junto com meu amor.
10. (MULHER - 20 anos) Em um lugar onde eu pudesse ouvir pássaros cantar.
11. (MULHER - 19 anos) Nos braços dele.
12. (MULHER - 20 anos) Com ele.
13. (MULHER - 22 anos) Ao lado do homem que amo.
14. (MULHER - 19 anos) Com meu amor.
15. (MULHER - Não consta idade) Ao lado de alguém.
16. (MULHER - 19 anos) Dormindo, pois estou com um sono da desgraça.
17. (MULHER - 22 anos) Nos braços de Tonho, é claro!
18. (MULHER - 20 anos) Juntamente com o meu amor.
19. (MULHER - 33 anos) Ao lado dele.
20. (MULHER - 16 anos) Dormindo ou em Rio de Janeiro.
21. (MULHER - 19 anos) Ao lado da pessoa que amo muito.

**Questão 8: Como você reagiu ao seu primeiro beijo?**

1. Fiquei um pouco sem jeito.
2. Nervosa.
3. Foi tudo misterioso.
4. Fiquei um pouco levante e cai.
5. Fiquei numa boa parecia que era a maior felicidade, mas toda arrepiada.
6. NR
7. Nervosa.
8. Foi emocionante.
9. Fiquei muito emocionada.
10. Normalmente.
11. Fiquei muito nervosa.
12. Fiquei muito emocionada.
13. Fiquei nervosa e feliz.
14. Prefiro não responder.
15. Normalmente.
16. Me senti nas nuvens!
17. Me subiu um fogo tão grande...
18. Me senti emocionada e uma sensação incrível.
19. Fiquei geladinha.
20. Não sei porque nunca beijei ninguém.
21. Um pouco nervosa e trêmula e super emocionada.

**Questão 10: O que você acha do amor?**

1. O amor é uma coisa maravilhosa, incomparável quando se sabe o que é o amor.
2. É bom quando é correspondido.
3. É algo maravilhoso!
4. O amor é lindo, mas quando os dois se amam.
5. É uma batalha muito pesada, mas se torna tudo fácil quando os dois se amam.
6. NR

7. Para quem sabe amar é uma boa.
8. Coisa maravilhosa quando se é correspondida
9. É algo muito importante na vida da gente.
10. Algo que a gente sente que a felicidade existe.
11. NR.
12. O amor é a coisa mais linda do mundo, sem o amor ninguém vive.
13. É uma palavra pequena, mas o que sentimos é grande.
14. É uma coisa linda que acontece em nossa vida.
15. Algo maravilhoso.
16. É a melhor coisa que dois seres podem sentir.
17. Amor é fogo que arde sem se ver, é ferida que dói e não se sente.
18. Amor é algo maravilhoso, é tudo de bonito que pode existir na face da terra.
19. Ótimo, beleza.
20. Quando é correspondido é maravilhoso.
21. É uma coisa que modifica o ser humano por completo.

**Questão 11: Qual o momento mais feliz da sua vida?**

1. Até agora foi quando eu fiz a primeira comunhão; quando estou prevendo o meu futuro ao meu modo.
2. Quando estou ao lado da pessoa que eu amo.
3. Quando estou pensando em quem amo.
4. Quando estou pensando em minha vida.
5. Quando me sentir humilhada por alguém que amo.
6. NR.
7. Quando estou pensando em minha vida.
8. O momento em que estou sendo amada por o homem que amo.
9. Sinto muito, mas não posso falar.
10. Quando estou junto com minha família e amigos.
11. Quando estou com ele numa boa.
12. Quando estou com o homem que amo e com meus amigos.
13. Foi minha formatura.
14. Foi a festa dos meus 15 anos.
15. Quando estava namorando alguém.
16. Quando conheci meu primeiro amor.
17. Quando estou na buquinha do meu amor.
18. Quando estou nos braços do meu amor.
19. Quando eu nasci.
20. Quando faço um passeio fico feliz.
21. Quando sinto que as pessoas que me cercam me amam, e quando penso em quem amo.

**Questão 13: O que deseja ser no futuro?**

1. Uma advogada ou uma dona de casa.
2. Uma atriz.
3. Médica pediatra.
4. Ser feliz é a coisa que eu mais desejo no futuro.
5. Uma pessoa que não ...(*ilegível*) ninguém ... todos. Pretendo ser amante.
6. NR.

7. Ser muito feliz.
8. Ser boa esposa para o homem que amo.
9. Uma atriz.
10. Uma pessoa feliz.
11. Uma boa mãe e esposa
12. Ser muito feliz com o homem que amo.
13. Assistente social e uma boa esposa e mãe.
14. Atriz assistente social.
15. Uma boa esposa.
16. Uma psicóloga famosa.
17. Uma boa esposa e mamãe coruja.
18. Ser psicóloga e boa esposa.
19. Ser mãe, ser feliz.
20. Ser mãe e uma boa esposa e advogada.
21. Uma pessoa compreensiva e que encontre compreensão e exerça uma profissão simples, mas feita com todo carinho.

**Questão 14: O que você entende de sexo?**

1. É uma transação legal entre duas pessoas que se amam, que se curte.
2. Até o momento nada.
3. É uma coisa fundamental.
4. É um troço inexplicável , só curtindo para saber, depois te falo.
5. Nunca experimentei mas já, já eu te falo.
6. NR.
7. Não explicar.
8. Coisa para ser praticada com muito amor.
9. Não tantas coisas.
10. Não posso lhe explicar porque nunca pratiquei.
11. Acho que é um complemento da vida.
12. É uma transação legal entre duas pessoas que se amam.
13. É uma coisa para ser praticada com amor.
14. Quando a gente sabe usá-lo é uma coisa muito legal.
15. Uma coisa que faz parte do amor.
16. É a coisa mais linda que Deus deixou.
17. É algo que todos nós necessitamos.
18. Encaro o sexo com a maior naturalidade, é lindo.
19. É gostoso e lindo.
20. É uma coisa normal entre duas pessoas que se amam.
21. É uma coisa linda, é puro quando dois seres se amam e se curtem pra valer.

**Questão 15: Você já teve relação sexual?**

1. Não.
2. Não.
3. Nunca!
4. Sim!
5. Não.
6. NR.

7. Não.
8. Está louca?
9. Hora mais que ideal.
10. Não.
11. Nunca
12. Não.
13. Não.
14. Não.
15. Não.
16. Claro que não sua louquinha.
17. Por enquanto não.
18. Não.
19. Não. Mas deve ser legal.
20. Não.
21. Não, mas pretendo.

**Questão 16: Você seria capaz de se casar sem amor?**

1. Não, isso é um ato muito vulgar.
2. Não.
3. Quem sabe.
4. Não, mas o amor pode se acabar depois, ninguém sabe o dia de amanhã.
5. Não pretendo casar com quem não amo.
6. NR.
7. Não.
8. Não sei, talvez seria.
9. Quem sabe.
10. Não.
11. Nunca.
12. Não, nunca seria capaz disso, ok?
13. Nunca! Só me casarei por amor...
14. Nunca, casar sem amor é uma loucura!!!
15. Não.
16. Pode ser que sim...
17. Jamais.
18. Não teria coragem de me casar sem amar o homem o qual iria fazer parte da minha vida.
19. Depende.
20. Não, prefiro ficar para titia.
21. Não, seria horrível viver com uma pessoa apenas para completar um espaço, tanto para ele como para mim.

**Questão 17: O que você acha mais importante em um homem?**

1. O seu caráter, sua capacidade, o seu modo de agir.
2. O caráter.
3. A sinceridade, a beleza.
4. O físico, o modo de agir, a personalidade.
5. O físico, o jeitinho de beijar, etc.
6. NR

7. A personalidade.
8. O seu caráter, sua dedicação à mulher que ama.
9. O seu olhar e seu físico.
10. Sinceridade.
11. O jeitinho carinhoso.
12. O físico, sinceridade e caráter.
13. O físico, a sinceridade e a personalidade.
14. Seu físico e sua fidelidade.
15. O físico.
16. O seu modo de ser e agir.
17. A sinceridade e seu modo de ser.
18. A personalidade e a sinceridade
19. A personalidade.
20. O olhar, o físico, o modo de falar, agir, pensar, caráter, etc.
21. O caráter, a maneira de se expressar, o físico, e principalmente se ele é carinhoso.

**Questão 18: O que você mais admira em uma mulher?**

1. Eu admiro o jeito dela encarar as coisas da vida.
2. A Sinceridade.
3. Não posso dizer nada sobre isso.
4. A honestidade.
5. O respeito, etc
6. NR.
7. O respeito, etc
8. Fidelidade.
9. Não quero falar mesmo.
10. A honestidade.
11. O respeito.
12. A Sinceridade e beleza.
13. O comportamento e a honestidade.
14. A compreensão ao ser amada e sua honestidade.
15. A honestidade.
16. O dom de ser mãe.
17. A sua personalidade.
18. A compreensão e a responsabilidade.
19. Comportamento.
20. Comportamento e lealdade.
21. Fidelidade, elegância e simplicidade.

**Questão 19: Como você vê o mundo hoje?**

1. Eu vejo muito mudado, mas as pessoas é quem faz a seu modo.
2. Não sei explicar.
3. Bastante tumultuado.
4. Muito complicado e bastante difícil de viver.
5. Desgraçado.
6. NR



7. Não sei explicar.
8. Uma loucura total.
9. Não sei explicar.
10. Não sei explicar.
11. Eu vejo muito estranho.
12. Está muito mudado, mas é assim que as pessoas querem.
13. Muito evoluído, legal para quem sabe viver.
14. Um mundo completo de amor e egoísmo também.
15. Uma loucura.
16. Muito desenvolvido para meu gosto.
17. Muito poluído, a droga está sendo o ponto culminante entre os jovens.
18. Muito cheio de maldade.
19. Maravilhoso.
20. Um mundo cheio de complicações, mas até que sou um pouco feliz.
21. Um pouco tumultuado com seres que mais do que nunca precisam de amor para amanhã o mundo ser melhor.

**Questão 21: Você já amou alguém de verdade?**

1. Sim, foi um amor louco, bom, eu estava nas nuvens.
2. Sim.
3. Já.
4. Já sim e foi a coisa mais linda deste mundo.
5. Já sim.
6. NR.
7. Sim.
8. Não, nunca amei, mas bem que gostaria.
9. Sim.
10. Claro que sim, quem neste mundo nunca amou.
11. Não.
12. Sim muito.
13. Sim, amei demais.
14. Sim, e ainda amo.
15. Não.
16. Acho que sim.
17. Nem só amei, como o amo.
18. Amei e continuo amando-o muito.
19. Não.
20. Sim.
21. Sim, como ainda o amo muito.

**Questão 22: Você já sofreu por amor?**

1. Sim e muito.
2. Sim.
3. Sempre quando existe fofocas.
4. Um pouco.
5. Já sim.
6. NR.

7. E como!
8. Não por que nunca me apaixonei.
9. Sim.
10. Sim.
11. Sim.
12. Muito.
13. Sofri muito.
14. Já e muito.
15. Muito.
16. Um pouco.
17. Claro queridinha.
18. E como! Continuo sofrendo como sempre.
19. Não.
20. Até demais.
21. Sim, muito e ainda soffro.

**Questão 23: Você acredita em amor à primeira vista?**

1. Sim, já me aconteceu, eu fiquei muito baratinada.
2. Sim.
3. Claro! Você não acredita?
4. Claro que sim, porque não?
5. Acredito.
6. NR.
7. Muito.
8. Depende.
9. Sim.
10. Não.
11. Acredito sim e muito.
12. Acredito, pois já me aconteceu.
13. Acredito sim.
14. Porque não?
15. Sim.
16. Porque não?
17. Olha, tenho dúvidas.
18. Às vezes!
19. Não.
20. Sim, foi um amor maravilhoso, mas eu não tenho certeza.
21. Sim, nunca aconteceu comigo, mas o amor é a mágica que não precisa de mágica para acontecer.

**Questão 24: O que você acha do aborto?**

1. Horrível, matar um inocente que não sabe de nada da vida e que não pediu pra nascer.
2. NR.
3. É uma coisa terrível!
4. Horrível, eu por exemplo não seria capaz de abortar.
5. Acho que não seria fácil.
6. NR.

7. Horrível.
8. Uma falta de respeito.
9. É natural.
10. Horrível.
11. Detesto.
12. Horrível.
13. A pior coisa que uma mulher pode fazer.
14. Um assassinato.
15. Eu não sou a favor.
16. É algo que eu não seria capaz de fazer, pois é um crime.
17. Um crime.
18. Uma mulher que tiver a coragem de abortar para se ver livre da criança é o maior crime.
19. Sou contra, acho um crime.
20. Uma coisa horrível, eu não faria isso nunca.
21. NR.

**Questão 27: Você se acha uma mulher atraente?**

1. Não, acho que não.
2. Não.
3. De maneira alguma.
4. Não, pelo menos é o que eu penso.
5. Não.
6. NR.
7. Não.
8. As vezes toda mulher é atraente no meu ponto de vista.
9. Me acho sim.
10. Não.
11. Não.
12. Acho que não.
13. Não.
14. Mais ou menos.
15. Não.
16. Nunca parei para pensar nisto.
17. Me acho tão feia.
18. Não me preocupo com isso.
19. Não sei te responder, morou?
20. Acho que não.
21. NR.

**Questão 35: Você já pensou em se casar algum dia?**

1. Sim, acho que toda moça sonha com o casamento.
2. Não.
3. Já sim.
4. Claro que sim, não foi o que eu fiz.
5. Claro, é o que eu vou fazer logo.
6. NR.

7. Sim.
8. Sim. Toda mulher tem esse desejo, não é?
9. Sim.
10. Não.
11. Sempre penso.
12. Várias vezes.
13. Acho que é o sonho de toda mulher.
14. Qual a moça que não pensa em se casar algum dia?
15. Toda hora.
16. É o sonho de todas as jovens.
17. É o sonho de todas as donzelas, não achas?
18. Acho que é o ideal de todas as moças.
19. Penso toda hora.
20. Sim.
21. NR.

**Questão 36: O que você entende por “ser mãe”?**

1. Ser mãe é amar o seu filho, saber educá-lo, dar o amor que ele merece.
2. Nada.
3. Sá sabe falar quem já é mãe...
4. Nada, pois ainda não cheguei a ser.
5. Ainda não sei, mas a mãe é o maior tesouro do mundo para mim.
6. NR.
7. É uma coisa muito (*ilegível*).
8. Não sei porque ainda não tive esta hora.
9. É lindo.
10. É uma coisa muito linda, mas que pode trazer muita tristeza.
11. Acho que ser mãe é uma coisa maravilhosa e tb ser mãe é compreender o filho, perdoar e aceitar, é isso que eu acho.
12. Eu acho que ser mãe é uma sensação incrível.
13. Deve ser algo maravilhoso.
14. É compreender e ser compreendida.
15. Idem 11.
16. É padecer num paraíso...
17. Ser mãe é tudo é maravilhoso.
18. Ser mãe é tudo de lindo que Deus deixou.
19. É tudo de bonito que existe neste mundo de meu Deus.
20. NR.
21. NR.

**Questão 39: O que você sente quando está sendo observada por um homem?**

1. Coro, fico vermelha, mas continuo andando.
2. Fico nervosa.
3. Importante.
4. Fico meio tímida.
5. Sinto nervoso.
6. NR

7. Sinto-me feliz.
8. Nada de especial.
9. Importante.
10. Não me sinto bem.
11. Sinto-me feliz.
12. Depende da observação.
13. Alegro-me.
14. Fico meio desconfiada.
15. Importante.
16. Não gosto desse tipo de coisa.
17. Fico tímida.
18. Fico na minha. E não me preocupo com esse tipo de coisa.
19. Sinto nada, nem tô aí.
20. Fico vermelha, mas depois me contendo.

**Questão 41: Você gostaria de ser hippie?**

1. Não, é uma coisa incrível, mas eu não tenho vontade.
2. Não.
3. Dependendo...
4. Não sei do futuro.
5. Não sei
6. NR.
7. Não sei
8. Acho horrível esta vida.
9. Não sei.
10. Não.
11. Não.
12. Não.
13. Nunca.
14. Porque não?
15. Não.
16. É o meu sonho.
17. É o meu maior sonho.
18. Gostaria.
19. Sei lá.
20. É bonito, mas não tenho vontade de ser.

**Questão 42: Você gosta de viajar?**

1. Adoro, se eu tivesse grana eu ia dar uma volta no Brasil inteiro.
2. Claro.
3. Se gosto...
4. Adoro.
5. Conforme as viagens.
6. NR.

7. Sim.
8. Dependendo da viagem, sim.
9. Adoro.
10. Adoro.
11. É meu sonho.
12. Gosto muito, eu acho que viajar é uma coisa maravilhosa.
13. Gosto de conhecer os lugares.
14. Adoro.
15. Adoro.
16. Dependendo do lugar par onde vou.
17. Muito.
18. Adoro.
19. Gosto.
20. É a coisa que eu mais gosto nessa vida é viajar.

**Questão 44: Você já acampou com sua turma alguma vez?**

1. Não, mas é um dos meus tantos sonhos.
2. Não.
3. Nem turma eu tenho!
4. Depois falaremos sobre isto. Você sabe que não.
5. Não.
6. NR.
7. Não.
8. Já, muitas vezes.
9. Não.
10. Não.
11. Não me lembro.
12. Não.
13. Sim.
14. Não me lembro.
15. Não.
16. Já, é algo maravilhoso.
17. Mais ou menos.
18. Ainda não chegou o momento oportuno.
19. Não meus amores!
20. Não mas é um sonho meu.

**Questão 45: Com quem você gosta de dialogar mais, “seu pai” ou “sua mãe”?**

1. Minha mãe.
2. Minha mãe.
3. A última personagem.
4. Minha mãe.
5. Minha mãe.
6. NR.

7. Minha mãe.
8. Minha mãe é claro.
9. Minha mãe.
10. Minha mãe.
11. Minha mãe.
12. Minha mãe é claro.
13. Minha mãe.
14. Minha mãe.
15. Minha mãe.
16. Mamãe é claro.
17. Mamãe é lógico.
18. Com meu pai, para me abrir prefiro com minha mãe.
19. Com minha mãe.
20. Minha mãe.

**Questão 51: O que sente ao ler uma história de amor com final triste?**

1. Sinto uma emoção enorme e com dó das personagens.
2. Emocionante.
3. Sinto-me comovida.
4. Muita emoção.
5. Sinto como era acontecendo para mim ver, fico emocionada.
6. NR.
7. Muito triste.
8. Raiva.
9. Muita emoção.
10. Me sinto muito triste também.
11. Eu não gosto, pois é chato.
12. Sinto muito triste.
13. Detesto, fico com raiva.
14. Arrependimento de tê-la lido.
15. Eu tenho vontade de mudá-lo.
16. Não é nada agradável.
17. Fico chateada.
18. Não sinto nada.
19. Não gosto.
20. Sinto emoção e fico arrepiada.

**Questão 52: Você já declarou amor a alguém?**

1. Não.
2. Não.
3. Essa não, bicho!
4. Desisto dessa.
5. Não.
6. NR.

7. Não.
8. Jamais!
9. Não.
10. Não, prefiro sentir esse amor só para mim.
11. Não.
12. Acho que sim.
13. Já.
14. Não.
15. Não.
16. Para que isto?
17. Sim.
18. Graças a Deus que não.
19. Sim.
20. Não.

**Questão 53: Alguém já se declarou a você?**

1. Sim.
2. Sim.
3. Dizendo esse alguém.
4. Sim.
5. Muitos.
6. NR.
7. Sim.
8. Já sim, várias vezes.
9. Sim.
10. Sim.
11. Já.
12. Sim.
13. Sim.
14. Não.
15. Sim.
16. Não me lembro.
17. Quando ele está aqui é o que mais ouço.
18. Sim.
19. Já.
20. Não.

**Questão 55: Você já se viu em sonho em uma praia deserta com o seu namorado?**

1. Sim, muitas vezes.
2. Sim.
3. Não.
4. Sim.
5. Não.
6. NR.



7. Não.
8. Para ser franca não.
9. Sim.
10. Sim.
11. Não.
12. Já.
13. Não.
14. Não.
15. Não.
16. Não. Mesmo que tivesse visto não seria nada agradável.
17. Sim.
18. Não gosto de sonhar.
19. Isso é besteira.
20. Sim.

**Questão 57: Você gostaria de ter filhos?**

1. Sim.
2. Sim. Um casal.
3. Sem essa! Quando casar quem sabe?
4. Sim.
5. Gostaria.
6. NR.
7. Gostaria.
8. Não sei.
9. Sim.
10. Não
11. É o meu melhor sonho.
12. Sim. Um casal.
13. Sim.
14. Claro que Sim.
15. Sim.
16. Eu gostaria muito.
17. Sim, é o que mais quero.
18. É o meu sonho.
19. Claro até agora.
20. Sim.

**Questão 63: O que você entende por paixão?**

1. É uma muito forte que pode se transformar em amor.
2. Uma coisa muito triste.
3. Nunca me apaixonei.
4. Nunca nem aconteceu.
5. Uma coisa irreal
6. NR.

7. Uma coisa irreal.
8. Bobagem, coisa que só sente adolescente.
9. Isto sempre acontece.
10. Não sei, nunca me apaixonei.
11. Uma coisa péssima.
12. Uma coisa muito forte.
13. É gostar de alguém, mas não amar.
14. Uma forte atração que a gente sente por uma pessoa.
15. Muito horrível.
16. É uma atração passageira, muito diferente do amor.
17. Idem ao 16
18. É algo passageiro .
19. É triste.
20. É uma coisa muito forte que vem de dentro da gente.

**Questão 64: Você acha que paixão é o mesmo que amor?**

1. Não.
2. Sim.
3. Se paixão for amor é legal, pois está além do amor.
4. Claro que não.
5. Sempre acho que são um pouco diferente.
6. NR.
7. Não.
8. Tem grande diferença.
9. Sim.
10. Sim.
11. Não.
12. Acho que sim.
13. Não. Podemos nos apaixonar várias vezes, mas amar só uma vez.
14. Depende dela.
15. Acho que não.
16. Não.
17. Não.
18. Não. Amor é algo seríssimo.
19. Sim.
20. Não.

**Questão 69: Como você se sente quando dois rapazes estão disputando o seu amor?**

1. Me sinto lisonjeada, mas no fundo no fundo me sinto mal.
2. Me sinto importante.
3. Me sinto orgulhosa.
4. Sinto muito orgulho.
5. Me sinto triste mas procuro todo jeito de não magoar, fico com quem mais amo, o que aconteceu comigo uma certa vez.

6. NR.
7. Sinto muito orgulho.
8. Muito mal.
9. Sinto orgulhosa.
10. Divertido.
11. Me sinto muito importante.
12. Me sinto importante mais não fico com nenhum.
13. Escolho o que mais me agradar.
14. Me sinto constrangida.
15. Idem 11.
16. Não dou a mínima.
17. Por enquanto ainda não pensei nisso.
18. Sei lá.
19. Me sinto charmosa e muito romântica.
20. Me sinto muito mal.

**Questão 70: Você gosta de discoteque?**

1. Sim.
2. Sim.
3. Nem sempre.
4. Não frequênto.
5. Nunca frequêntei.
6. NR.
7. Sim.
8. Este é dos meus passatempos prediletos.
9. Adoro.
10. Às vezes.
11. Muito.
12. Um pouco , gosto mais de música lenta, tá ok?
13. Gosto demais...
14. Gosto muito.
15. Claro.
16. Eu gosto muito, é uma boa mesmo.
17. Muito.
18. Gosto.
19. Mais ou menos.
20. Detesto.

**Questão 71: Qual o seu hobby?**

1. Ouvir música, ler.
2. Dançar.
3. Futebol. É delícia, beleza pura, é uma boa.
4. Ouvir música.
5. Música.
6. NR.

7. Ouvir música.
8. Ouvir música e ler.
9. Música.
10. Música.
11. Idem 08.
12. Ouvir música e futebol.
13. Ouvir música.
14. Ouvir música, namorar e ler livros.
15. Ouvir música, etc.
16. Ler romances de amor.
17. Falar de namorado.
18. Roer unhas e ler.
19. Ouvir música.
20. Ouvir música.

**Questão 72: Você acha que a distância pode separar duas pessoas que se amam?**

1. Não, se o amor for verdadeiro supera tudo.
2. NR.
3. NR.
4. Claro que não.
5. NR.
6. NR.
7. Claro que não.
8. Sim.
9. NR.
10. NR.
11. Não há distância.
12. Acho que não, se o amor for verdadeiro não separa nunca.
13. “Quando dois corações se amam, não há distância que os separe...”
14. Se se amarem de verdade não há distância que os separe.
15. Não.
16. Quando existe amor de verdade a distância nunca é demais.
17. Quando existe amor não
18. A distância nunca separa as pessoas que se querem bem.
19. Não.
20. Não se elas se amarem.

**Questão 75: O que você acha do divórcio?**

1. Acho bom, quando duas pessoas não conseguem mais se entender.
2. NR.
3. NR.
4. Dependendo do motivo que leve é bom.
5. NR.
6. NR.

7. Uma boa.
8. Desde que o casal não viva bem, sou a favor.
9. NR.
10. NR.
11. Não gosto.
12. Eu acho errado o divórcio, não gosto nem de ver falar.
13. Sou contra. Pra que se casar então?
14. Não sei lhe explicar.
15. Uma coisa terrível.
16. Eu sou contra o divórcio, pois se o casal casou tem que assumir até o fim esse casamento.
17. Sou contra.
18. Se o casal chegar a conclusão que não há mais amor entre eles é a melhor solução.
19. Acho normal.
20. Normal.

**Questão 76: Seria capaz de fugir?**

1. Não sei.
2. NR.
3. NR.
4. Não.
5. NR.
6. NR.
7. Não
8. Não, pois homem nenhum merece tão grande sacrifício.
9. NR.
10. NR.
11. Não.
12. Não, nunca pensei nisto.
13. Sei lá...
14. Não sei do futuro.
15. Nunca passou pela minha cuca.
16. Não quero nem pensar nisto.
17. Nem morta, filha!
18. Não, pois tenho medo de quebrar a cara.
19. Não meu bem, pois tenho medo de enfrentar a barra.
20. Não pensei nisso.

**Questão 77: Você se sente realizada?**

1. Não.
2. NR.
3. NR.
4. Não.
5. NR.
6. NR.

7. Não.
8. Se estivesse com quem eu desejo, claro que sim.
9. NR.
10. NR.
11. Não.
12. Acho que falta muito para que eu me sinta realizada.
13. Ninguém se realiza.
14. + ou -.
15. Não.
16. Eu acho que ninguém se sente uma pessoa realizada, pois estamos sempre em busca.
17. Por enquanto não.
18. Não.
19. Nem morta filha.
20. + ou -.

**Questão 78: O que achas do beijo?**

1. O beijo é uma demonstração de amor, carinho, amizade.
2. NR.
3. NR.
4. É uma sensação incrível.
5. NR.
6. NR.
7. Muito bom.
8. Sensação maravilhosa, ou seja, o melhor do namoro.
9. NR.
10. NR.
11. Beleza, beleza.
12. Acho uma coisa maravilhosa, namorar sem ser beijada, acho que não tem gosto nenhum o namoro.
13. É a melhor sensação do namoro.
14. Uma coisa maravilhosa, uma sensação ótima.
15. Uma coisa muito gostosa.
16. É uma forma de demonstrar o que sentimos por alguém.
17. São duas almas que se cruzam no silêncio.
18. O beijo é uma das formas de mostrar o que sentimos por alguém.
19. Jóia, beleza pura.
20. Uma sensação incrível.

**Questão 79: Qual o carinho que você mais gosta?**

1. Não tenho exceção.
2. NR.
3. NR.
4. Não tenho preferência.
5. NR.
6. NR.

7. Não sei.
8. Idem 4.
9. NR.
10. NR.
11. Vários.
12. Não tenho preferência.
13. Todos.
14. Idem 13.
15. Todos.
16. Abraços e beijos.
17. Todos...
18. Carícias que não sejam ousadas.
19. Beijos, abraços.
20. Beijos.

## **ANEXO B - RESPOSTAS AO CADERNO DE CONFIDÊNCIAS DE 1989**

### **Questão 7: O que é sexo para você? Você ainda acha a virgindade importante?**

1. (MULHER - 14 anos) Pra mim o sexo é uma coisa linda quando feito com amor é uma descoberta legal, mas hoje sexo tá virando produto e isso não é legal. Para mim sim, mas não a do físico e sim a da mente, ou seja, a pureza da mente.
2. (MULHER - 15 anos) É uma coisa muito linda e boa (poderia ser) pois infelizmente algumas pessoas tão usando-o até para ganhar dinheiro, absurdo! Acho importante a pessoa ser pura de coração, pois tem virgens que são impuras e não virgens que são puras.
3. (MULHER - 19 anos) É uma das coisas mais bonitas que existe, é a origem da vida, mas deve ser feito com amor e respeito e não como uma “descarga de tensões”. A virgindade é importante quando tem sentido, mas pode ser impura quando se torna uma forma de medir o valor de uma mulher por um simples hímen intacto, não tem nada a ver.
4. (HOMEM - 18 anos) O sexo de feito de maneira saudável, feito entre pessoas que se gostam ai sim vale a pena, pois além de ser a maneira mais bonita de dar vida ao ser, é a maneira de mostrarmos um pouco do carinho existente dentro de nós, mas a única maneira de explicar é praticando!
5. (MULHER - 16 anos) Sexo é uma coisa muito bonita, se for feito entre duas pessoas que se gostam, que se respeitem e que tenham consciência do que é realmente o “sexo”. E quanto a virgindade, deixa de ser importante a partir do momento que a decisão de ser ou não virgem é tomada sob pressão (de família, religião ou sociedade).
6. (HOMEM - 23 anos) Deus criou o homem e a mulher para amar e o sexo é importante entre duas pessoas que se amam. Acho que todas devem valorizar e respeitar o sexo.
7. (MULHER - 15 anos) Eu acho o sexo uma coisa linda que só deveria ser praticado quando houvesse amor e respeito entre ambas as partes. Sobre a virgindade eu fico com idem 1.
8. (MULHER - 17 anos) Só em saber que é uma coisa também feita por Deus percebe-se a sua importância, pena que raramente alguém o usa pensando nisso e sobre virgindade concordo com o idem 5.
9. (MULHER - 21 anos) AMOR E EROTISMO não fazem mal a ninguém mas confundem tudo e sexo tá sendo usado e abusado sem a mínima consciência da entrega a dois; quando há AMOR vale mesmo. Quanto à virgindade aprovo, não só pelo fato de ser raro uma “virgem”,

porque é legal ELE ser o primeiro e eterno. Há virgens por aí e não virgens isso não faz oposição, depende da cabeça de cada uma.

10. (MULHER - 14 anos) É uma coisa muito bonita que só deve ser praticada quando houver amor, respeito, consciência entre duas pessoas. Agora a virgindade é pura e bonita para quem dar valor, importância, não adianta dizer que é virgem se tem uma mente suja, aí não é virgem, mas sim quem enfrenta crítica de toda sociedade e amigos, porque dizem que é careta pessoa virgem. Eu acho bonita, essa é minha opinião e ninguém mudará, não quero dizer que vou ficar toda minha vida virgem, mas que dou importância e no momento certo haverá e no tempo certo acontecerá.

11. (HOMEM - 21 anos) O sexo é bonito. Aliás, na natureza não há nada feio. O sexo não pode ser classificado como uma coisa feia ou suja. Sabendo usá-lo direito de forma que venha satisfazer um ao outro, também tomar alguns cuidados saber com quem praticar como praticar. Virgindade não é muito importante.

12. (MULHER - 17 anos) Sexo é uma coisa maravilhosa mas quando feito como amor, muitas pessoas sujam, até comercializam. Virgindade admiro muito a mulher que saber preservá-la até o momento exato.

13. (HOMEM - 22 anos) Sexo para mim é vida Portanto deve ser feito com amor. A virgindade é uma coisa pura e muito importante. Mas não é tudo, pois há muitas mulheres não virgens, mas puras de coração, que dão exemplo de comportamento a muita gente “virgem”.

14. (HOMEM - 13 anos) Se for feito numa legal, é massa. Virgindade para mim é uma legal se a pessoa virgem não se sentir mal.

15. (MULHER - 20 anos) É o fundamental de uma boa convivência com a pessoa amada, virgindade acho bonito e romântico.

16. (HOMEM - 19 anos) O sexo pra mim é uma (*ilegível*) de amor e respeito e principalmente a sinceridade. Não acho que seja o ato de maior prazer das pessoas. Quanto a virgindade não temos vendo tanta importância hoje em dia.

17. (HOMEM - 15 anos) A meu ver, é importante mas não é tudo, é bom, muito prazeroso e ajuda a firmar uma relação. É uma coisa para mim que não é de vital importância.

18. (HOMEM - 21 anos) Sexo pra mim é troca de energia, carinho com a pessoa amada ou desejada. E a virgindade é importante.

19. (HOMEM - 16 anos) Sexo é uma coisa muito bonita quando feito com amor. Quanto a virgindade é importante quando se tem.

20. (HOMEM - 17 anos) O sexo é importante quando é feito por duas pessoas que se amam. Quanto a virgindade hoje em dia não temos vendo tanta importância.

21. (MULHER - 11 anos) Acho que sexo é a maneira de duas pessoas transmitir amor e carinho! Quanto a virgindade eu acho super importante quando se tem!

#### Questão 8: Qual a sua opinião sobre o amor?

1. O amor é uma coisa quase inexplicável por que as vezes confundimos com paixão. Também existe vários tipos de amor, amor ao amigo, aos pais e irmãos, a um namorado e etc. (por isso não dá pra explicar direito).

2. Sentimento que pode ocorrer com a gente, mas infelizmente pode vir a obsessão (pra algumas pessoas que confundem isso com amor) mas pra ser amor tem que ser muito bonito e puro, ainda não amei.



3. É o sentimento maior que qualquer pessoa pode sentir, por isso indescritível.
4. Amar não é apenas sentir afeto por outra pessoa. Amar é saber entender, saber conversar, aceitar as opiniões da pessoa amada, o amor é algo inesplicável, pois quando ele pinta as pessoas ficam malucas!
5. Amor é tão difícil de falar, pois é algo tão profundo, tão puro e que está tão escasso hoje em dia. Amar alguém não é só sentir carinho por alguém, não é querer ser dono da pessoa ou querer que ela esteja sempre a sua disposição. Amar acima de tudo é saber respeitar, saber entender as opiniões, as idéias, os objetivos e tantas outras coisas que se passa na cabeça do ser humano.
6. O amor é algo muito importante. São poucas as pessoas que sabem o verdadeiro sentido do amor. Amaí uns aos outros disse “Jesus”, esse é o maior mandamento o AMOR.
7. Deus, precisa explicar mais?
8. A minha resposta sobre quem é Deus diz tudo (O amor é tudo, quem não ama não vive, vegeta).
9. AMOR se iguala a respeito, descoberta e muito carinho. Deus é amor e muita gente simplesmente o vê como o “me ajude na hora H”. Quando existe, transforma tudo e todos numa única ala - a paz.
10. O amor é paciente, verdadeiro, desinteressado, amigo, respeitoso, sabe desculpar, sabe pensar, fiel, puro, inocente, prepara o sexo, renuncia sempre, aceita regras, liberta, dialoga, corrige educa e muitas coisas que ocupara muito espaço.
11. Amor é algo muito difícil hoje em dia, mas ainda existe, como dizia o poeta Amor não vai cair de moda enquanto restar pessoas vivas.
12. O amor é cego... É surdo, é mudo, é paralítico, é esclerosado, é entrevado, é imbecil, é bobo. Mas mesmo assim amamos e é lindo.
13. Amara ao próximo é muito bonito e muito bom. Mas amar a alguém como parceiro pro resto da vida como dizem eu não posso te responder porque nunca amei, por enquanto.
14. O amor, de todas as formas é lindo. E eterno...
15. Amar não tem explicação.
16. Dentre todas as maravilhas criadas por Deus, o amor é superável, mas a humanidade não sabe como usá-lo.
17. O amor é um sentimento existente dentro de todos nós, esperando para ser libertado por alguém que possua sua chave.
18. O amor é lindo quando se ama realmente e por tempo indeterminado.
19. Muito bonito quando é verdadeiro.
20. O amor é algo inesplicável.
21. Amor é quase uma coisa inesplicável. Acho que há vários tipos de amor como: parentes, amigos e uma pessoa especial!

### Questão 13: O que você acha das mães solteiras?

1. Acho que nem sempre elas tem culpa disso então não devemos descriminá-las, pelo contrário aconselha-las que não deixe acontecer de novo.
2. Não tenho preconceitos contra elas, mas as acho irresponsáveis, elas deveriam ter tido mais cuidado, mas algumas não tem muita culpa, a sociedade preciona demais.

3. São mulheres como quaisquer outras, penas levam um peso nas costas, que é o preconceito da sociedade que só sabe criticar. Admiro as que tem coragem de assumir tudo de cabeça erguida.
4. Em primeiro lugar temos que lembrar que são seres humanos, e por isso não é nada demais ser mãe solteira, enfim, nos temos que aceitar, acolher, porque por trás da mãe há uma criança inocente.
5. Em primeiro lugar são seres humanos igual a qualquer um de nós, mas algumas são inconsequentes, pois se trata da vida de uma criança, que em muitos casos elas se esquecem. Mas dou a maior força aquelas que assume seus filhos, enfrentando tudo e todos.
6. Humanos, e que deve ser respeitada e aceita por todos, aí estar o porque da prostituição a falta de aceitação pela sociedade.
7. As vezes são encaradas como prostitutas, mas eu penso totalmente ao contrário e dou o maior apoio. Já pensou se ela se casasse com um marido violento que a ameaçasse a batê-la e partir com o filho da mesma?
8. Concordo com o nº 6 e acrescento um pouquinho, se existe a mãe solteira significa que tem um pai que não teve caráter suficiente para assumir uma mulher e uma criança.
9. “Um erro na vida não significa uma vida de erros”. Elas confiaram e foram enganadas, ingênuas; mas com força poderão alcançar a vitória, um erro como por exemplo, poderá ser o surgimento de preparo para a caminhada certa e realizadora.
10. Não significa que porque é uma mãe solteira é uma pecadora, uma marginal, uma vagabunda, uma pessoa que não presta, que usa drogas, que se prostituem. As vezes acontece isso por falta de orientação e apoio da sociedade e da família.
11. Não há nada de mal em ser uma mãe solteira. A vida tem essas coisas, e geralmente acontece o pai carga a mãe e a mãe carga o pai.
12. Hoje em dia vemos tantas mães solteiras. Não tenho preconceito contra elas, pois são seres humanos como nós.
13. Das que tem cabeça e se redime do erro, acho umas heroínas. As que não pensam e insistem em errar: acho que merece o nosso apoio pois são seres humanos.
14. Ela não tem culpa, só estava fazendo o que muitas de vocês fazem.
15. Eu acho uma loucura e um sofrimento e uma aventura que eu não quero, só se for coisa do destino, mas eu não sou contra dou a maior força e ajudaria qualquer uma nesta batalha.
16. Falta de pensar em assumir um fato desses. Acho que deveriam analisar pra não vir a sofrer no caso de algumas que as vezes não se acham em condição.
17. Não acho nada demais, pior seria se ela forçasse o não nascimento do seu filho.
18. São seres humanos também, talvez de uma geração de vida mais difícil, mas pobres que apelam para uma sobrevivência de modo diferente.
19. Idem 13.
20. Idem 06.
21. Antes de tudo são seres humanos (mulheres) que as vezes não tiveram instruções e inconsequentemente foram levada a este ponto! Poriço, não devemos discriminá-las e sim respeitá-las!

**Questão 14: Você é a favor do aborto? Porque?**

1. Não, eu acho um crime, acho que se não quer a criança se previna antes, pois na verdade é matar, é tirar uma vida que foi gerada.

2. Depende do caso, se aborta e nem se importa e pode voltar a fazer, sou contra, mas muitas vezes acontece e ela não recebeu o apoio de ninguém, e não é corajosa o suficiente para aguentar a barra. Mas acho um crime.
3. Não, de qualquer forma é um crime, uma vida não pode pagar pelas consequências de um ato irresponsável. Os meios de evitar estão aí.
4. Não, é crime! Isso basta?
5. Sou contra. Pois se trata da vida de um ser humano, que não tem culpa da irresponsabilidade de sua mãe.
6. O aborto é um crime, está em jogo a vida, mas muitas vezes acontece isso por falta de aceitação dos pais, amigos e tá mesmo por falta de compromisso do sujeito.
7. Sou contra quando é praticado com marginalidade e quando não se previniu. Com tantos métodos preventíveis. A favor quando gerado através de estupro, doenças, etc.
8. Sou super contra, existe vários modos de evitá-lo. É triste um pequeno ser pagar as consequências causadas por pessoas grandes, burras e imprudentes.
9. É crime. O ser que tá dentro de alguém é indefeso. Há uma solução, conscientizar as futuras mães para se prepararem espiritualmente para saber que geraram um ser, que terão vida e sofrerão as causas de um aborto. Se preparem confiando em Deus.
10. Sou contra. Mas quando a pessoa não tem apoio de ninguém, não tem condição financeira suficiente para dar alimentação à criança, e não preparo para ser mãe, é melhor um aborto porque mais tarde sofreria a criança e a mãe.
11. Não, eu não sou. Acho isso uma super covardia de ambas as partes. Ninguém tem o direito de tirar vidas.
12. Sou contra se for feito por vaidade, mas se for por necessidade, totalmente a favor.
13. Não! Porque é “crime”...
14. Não na maioria dos casos.
15. É um crime e covardia de qualquer pessoa, merece morrer!
16. Aborto na minha opinião é um grave e maldoso crime.
17. Não, pois não sou um assassino, mas toda a regra tem suas exceções, por exemplo, num caso de estupro.
18. Não, devemos encarar de modo mais responsável o que fazemos, porque assim estamos traindo a continuidade da vida.
19. De maneira alguma. E acho um crime.
20. Não, é um verdadeiro crime.
21. De jeito nenhum, acho o pior dos crimes pois o nenem não tem culpa de nada! É um crime contra um inocente!

**Questão 17: Qual a sua opinião sobre o namoro?**

1. Namoro é uma troca de descoberta, de experiência, uma coisa bonita que acontece muitas vezes assim... naturalmente.
2. É duas pessoas se conhecerem melhor, uma aprendendo com a outra, mas para ter um namoro legal, é preciso ser compreensão carinho e fidelidade.
3. É uma coisa muito gostosa namorar, se curtir, trocar experiências e emoções. Mas ultimamente as pessoas estão com um medo de se envolver e preferem apenas “ficar com”... eu acho isso muito vazio.
4. Poderei explicar melhor através de atos e carícias.
5. É uma descoberta mútua aonde há troca de experiências, de carícias. É algo bastante gostoso quando se sabe que há compreensão, carinho e fidelidade (que é algo super-difícil hoje em dia).

6. É bonito quando se dá um respeito mútuo entre os dois, quando ambos tentam conhecer-se melhor.
7. Idem 3. Mas seria melhor quando ambos se atraíssem de verdade.
8. No namoro é essencial que você se sinta capaz de confiar, capaz de dialogar, de entender, de respeitar, combinar mesmo com as grandes diferenças e o mais importante, encontrar alguém que corresponda e te inspire tudo isso. “Acho que nunca tive um namoro de verdade”.
9. Saber ter e respeitar opiniões um do outro. É ir naturalmente juntos ao encontro de descobertas agradáveis e gratificantes. É emocionante!
10. Antes de ser namorados é preciso ser amigos para chegar a um bom relacionamento.
11. Olha, o namoro é uma maneira de conhecer melhor a pessoa de quem você gosta, e quando se acha uma pessoa que corresponde a você melhor ainda.
12. Namoro é a realização dos dois lado. Para que você também se sinta capaz de compreender e ser compreendida, dialogar e conhecer melhor.
13. É uma coisa legal! Através deles conseguimos nos conhecer melhor. Afinal de contas é através do namoro que chegamos ao noivado e casamento que são coisas muito mais sérias.
14. Legal quando se curte o outro.
15. Ótimo!
16. O namoro é sentir o prazer de esta com quem entenda, goste, confie, e esteja sempre ao nosso lado nos dias de paz e de luta.
17. Uma coisa muito boa, o que deve ser desfrutado ao máximo. Não me entenda mal meu conceito não é de namorar a doído, e sim curtir com a pessoa que se gosta.
18. Todo namoro é um modo melhor de se conhecer as pessoas, se descobrir se realmente se amam, pois é o primeiro passo para um casamento.
19. O namoro hoje muita gente não leva a sério. Namoram só por passa tempo.
20. Descara. É duas pessoas se conhecerem melhor.
21. Acho que é a maneira de conhecer alguém especial pra você!

**Questão 18: Você acha que no namoro há um determinado tempo para maior intimidade?**

1. Acho que não, só depende da maturidade deles, mas devem saber o que estão fazendo.
2. Sim, se acontecer tudo de vez perde a graça, tem que ser aos poucos, pois “A pressa é inimiga da perfeição!”
3. Depende do casal, mas eu acho que o mais importante é o respeito e compreensão mútua. Nunca por está na moda, pra não ser careta. Perde a emoção.
4. Claro!
5. Sim
6. Eu acho que essas intimidades deve ser aproveitado no casamento e não no namoro para não criar mais prostituição.
7. Sim, para mim, para mim é claro, porque hoje em dia há casais de namorados que no primeiro encontro já vão para a cama.
8. Precisa-se ter grande segurança no que se está fazendo, tudo tem sua hora certa.
9. Não é bem uma questão de tempo, e sim confiança também, as descobertas com as duas ações juntas, e terão que está conscientes “parar” sem avançar o sinal.
10. Idem 3.
11. Sim, eu acho que há tempo para tudo.
12. Sim
13. As vezes
14. Idem ao 1.

15. Claro que sim!
16. Acho que sabendo-se penetrar na vida da pessoa com maior rapidez cria-se intimidade.
17. Isto depende, mas possivelmente há.
18. Não é necessário um determinado tempo para uma certa intimidade pois as coisas acontecem sem mesmo namorar.
19. Nem sempre...
20. As vezes.
21. Acho que não!